VOL - LXXVII
(77)
1895-1.º

A Inversão Sexual



77/1 EMC

815

Adelino Silva

N.º 1

A Inversão Sexual

Dissertação inaugural

apresentada á

Escola Medico-Cirurgica

do Porto

Porto
Typographia Gutenberg
43, rua dos Caldeireiros, 43
—
1895

77/1 ENC

ESCOLA MEDICO-CIRURGICA DO PORTO

CONSELHEIRO-DIRECTOR

DR. WENCESLAU DE LIMA

SECRETARIO

RICARDO D'ALMEIDA JORGE

Corpo Docente

PROFESSORES PROPRIETARIOS

1.ª Cadeira—Anatomia discriptiva geral	João Pereira Dias Lebre.
2.ª Cadeira—Physiologia. . . .	Antonio Placido da Costa.
3.ª Cadeira—Historia natural dos medicamentos e materia medica	Illidio Ayres Pereira do Valle.
4.ª Cadeira—Pathologia externa e therapeutica externa. . . .	Antonio Joaquim de Moraes Caldas.
5.ª Cadeira—Medicina operatoria .	Candido Augusto Correia de Pinho.
6.ª Cadeira—Partos, doenças das mulheres de parto e dos recem-nascidos	Dr. Agostinho Antonio do Souto.
7.ª Cadeira—Pathologia interna e therapeutica interna. . . .	Antonio d Oliveira Monteiro.
8.ª Cadeira—Clinica medica. . .	Antonio d'Azevedo Maia.
9.ª Cadeira—Clinica cirurgica . .	Eduardo Pereira Pimenta.
10.ª Cadeira—Anatomia pathologica	Augusto H. d'Almeida Brandão.
11.ª Cadeira—Medicina legal, hygiene privada e publica e toxicologia	Ricardo d'Almeida Jorge.
12.ª Cadeira—Pathologia geral, semeiologia e historia medica .	Maximiano A d'Oliveira Lemos.
Pharmacia.	Nuno Dias Salgueiro.

PROFESSORES JUBILADOS

Secção medica	Dr. José Carlos Lopes. José d'Andrade Gramacho.
Secção cirurgica.	Visconde de Oliveira. Pedro Augusto Dias.

PROFESSORES SUBSTITUTOS

Secção medica	João Lopes da Silva Martins Junior. Vaga.
Secção cirurgica.	Vaga. Roberto Belarmino do Rosario Frias.

DEMONSTRADOR DE ANATOMIA

Secção cirurgica.	Vaga.

A Escola não responde pelas doutrinas expendidas na dissertação e enunciadas nas proposições.

(*Regulamento da Escola* de 23 d'abril de 1840, art. 155.º)

A meus páes

A meu irmão

A

M. E. G. S.

AO EX.mo SNR.

VISCONDE DE MELICIO

Aos meus particulares amigos

João Rodrigues Valente Perfeito

e

Antonio Joaquim d'Oliveira

Ao

Meretissimo secretario da Escóla

e abalisado professor d'hygiene

Ill.mo e Ex.mo Snr.

Dr. Ricardo d'Almeida Jorge

Aos meus illustres professores

Ill.mos e Ex.mos Snrs.

Dr. José Carlos Lopes

Dr. Antonio d'Oliveira Monteiro

Dr. Pedro Augusto Dias

Dr. Antonio d'Azevedo Maia

Dr. Eduardo Pereira Pimenta

Aos

MEUS COMPANHEIROS DA REDACÇÃO DO «DEBATE»

SAMUEL MAIA

ALFREDO DE MAGALHÃES

DINIZ NEVES

Á Memoria

DOS

meus antigos condiscipulos e amigos

José da Silva Guimarães

José Augusto de Campos Brito

Antonio Arnaldo Taveira

Aos meus condiscipulos

e em especial a

Antonio Luiz Pereira d'Aguiar

Dr. Joaquim Pinto Coelho

José Augusto Villas Boas

José Procopio Soares Pinto

José Joaquim Vieira Filho

Dr. Augusto da Cunha Rolla

Dr. Pedro Celestino Goulart de Medeiros

Julio Cezar da Victoria

Antonio Pedro Saraiva

Dr. Alexandrino Gonçalves de Souza

Aos meus amigos

E EM ESPECIAL A

Jayme Ayres da Cruz Fernandes.
Julio Barbosa Nunes Pereira.
João Pereira Gomes.
P.e José Telles Sampaio Rio.
Dr. João Monteiro Guedes.
Arthur de Magalhães Pinto Ribeiro.
José Ferreira Pinheiro Junior.

Ao meu presidente

o Ill.mo e Ex.mo Snr.

Dr. Agostinho Antonio do Souto

MERETISSIMO LENTE DE PARTOS

"Dont ne m'a retardé l'opinion de ceux qui disent que c'est une chose vergogneuse et sale de traicter de cette matiére, et que la lecture d'un tel livre peut induire quelque libidineux désir en lá pensée de ceux qui le liront. Mais nul ne le lise qui n'en áura á faire. Nous desirons empecher le mal: si, ce faisant, nous ne pouvons fuir le scandale volontairement pris, cela ne nous doit pas etre imputé, ainsi á la pernicieuse volonté de ceux qui d'eux-mêmes cherchent á se scandaliser sans sujet.„

(J. Duval. — Traité des Hermaphrodites. Rouen, 1612, pag. 58.)

"Aucune misère physique ou morale, aucune plaie, quelque corrompue qu'elle soit, ne doit effrayer celui qui s'est voué á la science de l'homme et le ministère sacré du médicin, en l'obligeant á tout voir, lui permet aussi de tout dire.„

(Tardieu. — Des attentats aux mœurs.)

1.ª PARTE

Amor normal e pathologico. — Sexualidade em geral. — Leis da attracção dos sexos. — Syndroma inversão. Sua definição.

CAPITULO I

Nos tempos primitivos, o amor, era uma lei geral, não tinha ainda fóros de paixão. A terra procreava fecundada pelo orvalho celeste.

«O casto ceu, diz o poeta na sua linguagem symbolica, enamora-se da terra que se prepara com seus abraços. A chuva cae então como do seio d'um esposo, e vem beijar a terra, que produz o pasto dos rebanhos e o trigo das searas, alimento do homem. Este orvalho nupcial dá ás arvores a sua força e a sua verdura». (1)

Foi este o primeiro periodo do amor, o periodo embryonnario; depois, tornou-se em instincto, em necessidade physiologica. Os machos perseguiam as femeas, o homem procurava incessantemente a mulher para possuil-a. O homem prehistorico não tinha tempo para amar, luctava para viver e essa lucta era bastante terrivel para lhe roubar os momentos que poderia consagrar ao amor. Só conhecia o seu lado physiologico e isso lhe bastava.

---

(1) Virgilio. — Georgicas, I. II, v. 324.

Quando depois d'uma caçada muitas vezes terrivel a que se via obrigado para matar a fome, satisfeito o appetite gastrico se lhe dispertava o sexual, arremessava de si as pelles que o cobriam, e descobrindo o corpo pelludo, rolava-se urrando de prazer sobre a femea que o esperava palpitante de terror, tremente de medo. (1)

Depois, o instincto tornou-se em sentimento, o amor propriamente dito nasceu.

Em face do mundo pacificado, senhor de elementos menos revoltos, o homem, já affinado por uma civilisação primitiva, poude descançar o olhar em volta de si. «Viu a natureza nascente com toda a sua belleza primaveril, suas flores entreabertas, suas montanhas de corôas gigantescas e grandiosas, seus rios d'aguas mugidoras e torrentosas, seus mares de vagas formidaveis, seu sol de ardentes raios, e por cima de tudo isto a luz immensa dando a vida, a força, a belleza á materia immortal e grande. O homem sentiu e amou. Amou o que o surprehendeu e admirou da natureza que o cercava; e arrastado para a mulher pelo laço da reproducção e a força primitiva da conservação da especie, esforçou-se por dotal-a das qualidades brilhantes que encontrou nos outros seres». (2)

II

O amor tornou-se portanto n'este periodo um sentimento e uma necessidade.

O sentimento não viria sem a satisfação carnal, o

(1) G. Saint-Yves — A Litteratura amorosa.

(2) G. Saint-Yves — Local citado.

approximamento dos dois sexos n'um como que beijo de mucosas genitaes.

E' este o amor verdadeiro dos antigos a que chamaremos perfeito e harmonico.

Os poetas, e mais particularmente os da antiguidade, deixaram-nos d'elle magnificas pinturas.

Radha invoca-o no poema de Jayadéva, quando incita o amante aos prazeres do amor.

Salomão parece fazer echo ao poeta de Gitagovinda, cantando no cantico dos canticos, n'um crescendo de enthusiasmo, o mesmo amor mystico e sensual:

«As juntas das tuas coxas são como uns colares, que foram fabricados por mão de mestre, diz elle.

«O teu umbigo é uma taça feita ao torno, que nunca está desprovida de licores. O teu ventre é como um monte de trigo cercado d'açucenas.

«Os teus peitos são como dois cabritinhos gemeos filhos de cabra monteza.

«O teu pescoço é como uma torre de marfim. Os teus olhos são como as piscinas de Hesebon, que estão situadas á porta da filha da multidão. O teu nariz é como a torre do Libano, que olha para Damasco.

«A tua cabeça é como o monte Carmelo: e os cabellos da tua cabeça são como a purpura do Rei atada, e tinta duas vezes nos canaes dos tintureiros.

«Quão formosa, e quão engraçada és, ó Carissima, nas delicias!

«A tua estatura é assimilhada a uma palmeira, e os teus peitos a dois cachos d'uvas. «Eu disse: Subirei á palmeira, e colherei os seus fructos: e os teus peitos serão como dois cachos d'uvas, e o cheiro da tua bôcca como o dos pômos.

«A tua garganta é como o melhor vinho, digno de ser bebido pelo meu Amado, e ruminado entre os seus labios e os seus dentes.

«Eu sou para o meu Amado, e elle para mim é que se volta.

«Vem, Amado meu, saiamos ao campo, moremos nas quintas.

«Levantemo-nos de manhã para ir ás vinhas, vejamos se a vinha tem lançado flor, se as flores produzem fructos, se as romãs estão em flor: ali te darei os meus peitos.

«As mandragoras deram o seu cheiro. Nós temos ás nossas portas toda a casta de pômos: eu tenho guardado para ti, Amado meu, os novos e os velhos.» (1)

E' isto que se deve considerar como amor harmonico, amor perfeito e partilhado, amor, emfim, em que entram com quantidades eguaes o coração e os sentidos.

III

Mahomet foi dos profectas que melhor comprehendeu o amor. Considerou-o como uma necessidade carnal e immaterial que constantemente atormentava o coração de todos os homens.

Povoou o seu paraizo de houris, formosas como anjos, que, com caricias d'uma ardencia enebriante e d'uma voluptuosidade indefenivel, faziam reviver o ardor declinante dos sentidos, dando-se em coito eterno aos eleitos.

(1) Cap. VII—Trad. de Figueiredo.

Permittiu e glorificou o amor na terra, e prometteu-o no outro mundo aos que morressem na graça d'Allah.

Ali haveria, dizia elle: «Virgens com a fronte cingida por eternas rosas, d'olhos mais claros que os nossos sóes de verão, e tão suaves, tão meigos, que um só olhar das suas pupillas embriagaria Yblis submisso e perdoado.» (1)

Jesus, ao contrario, banniu o amor carnal da sua religião e repelliu como vergonhosas as voluptuosidades ephemeras que davam os sentidos. Aos seus eleitos prometteu as alegrias puras de toda a alliança material.

Descreveu-lhes uma Jerusalem celeste, onde se ajoelhariam diante dos tabernaculos perfumados de myrrha e incenso em que veriam as virgens mysticas e os Immaculados resplandecendo brancas aureolas, e ouviriam a hosannah eterna cantada pelos cherubins sobre harpas d'ouro.

Seriam desembaraçados dos sentidos e um raio d'amor partido do coração do Crucificado, para quem convergiriam todos os corações como raios d'um flamejante sol, bastaria para mergulhal-os por toda a eternidade n'uma ineffavel fruencia d'onanismo divino. A contemplação directa de Jehovah, o Unico, o Todo Poderoso, a eterna Belleza, seria sufficiente para alimentar o amor.

IV

Foi d'esta theoria religiosa que despreza os gosos physicos do amor e quer tornal-o um sentimento abso-

(1) Leconte de Lisle—Poemas tragicos.

lutamente separado da terra, um sentimento em que falla a alma e se calam os sentidos, que nasceu o amor platonico.

É evidentemente uma concepção excessivamente elevada, excessivamente nobre do amor. Os poetas dedicaram-lhe os mais puros enthusiasmos.

O amor platonico, com effeito, deu origem a um poema de rara belleza e d'uma elevação que nunca mais foi excedida.

Um rapasito de nove annos encontrou-se n'uma igreja de Florença com uma menina d'uma meiguice e d'uma belleza incomparaveis. Eram ambos da mesma edade. Nunca lhe fallou, não lhe disse sequer o nome, todavia o seu coração palpitou d'amor, uma alegria immensa lhe invadiu todo o ser.

«N'este momento, diz elle, o espirito da vida que habita no mais recondito do meu coração agitou-se tanto que se manifestou terrivelmente nas minhas pulsações. E, tremendo todo, disse! *Ecce Deus fortior me qui veniens dominabitur mihi.*

«Immediatamente o espirito animal que habita na alta camara onde os espiritos sensitivos levam as suas precepções, começou de maravilhar-se vivamente, e, dirigindo-se mais particularmente ao espirito da vida, soltou estas palavras: *Apparuit jam beatitudo vestra.* Então o espirito da natureza que reside onde se leva o nosso alimento, poz-se a chorar, e por entre as lagrimas disse: *Heu niser! quia frequenter impeditus ero deinceps.* Desde então o amor foi sempre o senhor da minha alma » (1)

(1) Dante — Vida Nova.

Sem esperança de possuir um dia essa mulher, amou-a do mais profundo, do mais puro, do mais ideal da sua alma. É o exemplo do amor mais espiritual que o cerebro humano tem phantasiado. Platão nem mesmo sonhou poder existir este amor.

Passado tempo a pequena, então já mulher, morreu em todo o apogeu da belleza.

O amante chorou-a como só sabem chorar os amantes felizes quando perdem a ventura, e encerrou o amor que lhe dulcificava a existencia, perlando-a dos gosos immateriaes que se lhe evolavam da alma, no coração, como o avarento ávido de riquezas e sempre tremendo que o roubem, aferrolha em caixa forte o ouro que o seduz.

Revigoráva o amor na lembrança da amada, guardando-lhe a recordação, que lhe era como o fogo sagrado que um dia havia de illuminar e fazer brotar do seu seio as chammas celicolares da poesia.

Como o astronomo, mergulhado na contemplação do vastissimo campo dos ceus, não vive senão para a estrella que viu brilhar uma noite na objectiva do seu telescopio, palheta d'ouro perdida pela mão do grande lapidario que segue na vasta abobada do firmamento como uma scentelha da fabula; assim elle não trabalhava senão por aquelle amor que lhe permittia elevar-se nas suas contemplações até ao vertice maravilhoso onde reside a belleza soberana, aquella que não tem nem começo nem fim, que não conhece o crescimento, nem a decadencia, que não tem nem forma nem rosto.

A mulher era Beatriz.

O homem era Dante

V

Não é facil explicar o que seja o amor platonico.

Não se póde identificar com a amisade, porque n'aquelle existe o ciume que falta n'esta. Não é mais do que um amor por assim dizer em embryão, incompleto, contentando-se apenas com a satisfação dos sentidos.

A satisfação do instincto genital estaria completamente posta de parte.

Tal é a concepção de Moll.

Nem todos os auctores porém estão d'accordo; uns negam a existencia do amor platonico, outros affirmam-n'a, mas dão-lhe uma outra interpretação, admittindo que não é mais do que o amor vulgar em que os desejos sexuaes não pódem ser satisfeitos, em virtude de razões d'ordem moral e social.

Poderá ser assim, mas o que se não percebe bem, é a necessidade da distincção entre o amor sem obstaculos e o amor com elles. Parece-nos até que todo o verdadeiro amor quer encontrar no caminho obstaculos a vencer, para se robustecer arredando-os.

Ninguem, parece-nos ainda, chamará platonico a um amor que não conseguir logo sacrificar no altar de Venus.

Em amor, não ha o *chegar, ver e vencer* de Cezar, ha antes a paciencia, a insistencia e o trabalho de conseguir ser-se amado.

Se pois descermos das regiões ethereas muito dadas aos poetas, para a realidade das coisas, não podemos considerar o amor platonico senão como um sen-

timento imperfeito, um absurdo e uma chimera, uma falsa interpretação d'um sentimento verdadeiro.

O amor compõe-se de dois elementos: um physiologico, uma necessidade; outro psychologico, um sentimento.

O seu equilibrio mais ou menos perfeito é que produz a harmonia no amor.

Se n'um ha hyperthrophia e n'outro atrophia temos o amor platonico que já não é um amor normal, completo, hygido emfim.

Não póde dar ao homem

... la volupté supreme
De chercher dans un autre un but autre que lui
E de ne vivre entier qu'en vivant en autrui. (1)

Ha por conseguinte uma ruptura de equilibrio, não é portanto mais que um amor pathologico.

VI

O amor partilhado dilata a alma ao mesmo tempo que lhe prepara uma alegria tranquilla e suave.

«Amo-te, diz a bella Musarion a Phanias, e o meu amor é meigo como o sôpro do zephyro; agita-me ligeiramente o coração, não excita tempestades; não me cáusa tormentos mas vivida alegria». (2)

Mas nem sempre assim succede.

(1) Lamartine — La chute d'un ange. Primiere vision.

(2) Musarion — canto III.

São raras as vezes que permanece sentimento; quasi sempre se transforma em paixão.

E' este desencadeamento do amor, esta obsessão enorme, indomavel, que se apossa do homem levando-o aos maiores sacrificios, aos maiores crimes, aos actos mais vergonhosos, ás mais temerosas insidias e ás mais cobardes acções, que nos propomos estudar n'este nosso modesto trabalho.

Não faremos no entanto um estudo completo de todas as modalidades da paixão amorosa. O nosso trabalho limitar-se-ha apenas a estudal-as na inversão sexual.

Um homem ama, não importa a quem. Seja o objecto amado o ente mais abjecto; nada vale, ama sempre. Não lhe valem desgostos, deshonra, penuria; ama sempre, amará sempre, apezar d'isso e a pezar seu. A razão demonstra-lhe que o seu amor é uma loucura imperdoavel; que é um escarro lançado á fronte da sociedade um amor de tal natureza, pôrco, immundo, como a vasa dos canos e o estrume dos monturos; prova-se-lhe até á evidencia que a sociedade se ri d'elle, se lhe affasta como de objecto impestado, que os que lhe são caros o desprezam, elle responderá: — Que importa!

Ama e não póde impedir-se d'amar.

Porque?

Não o sabe. Ama, porque ama e não póde fazer outra coisa. E' uma paixão que se parece com a ideia fixa do alienado, ou melhor ainda com a obsessão do degenerado.

O infeliz obsediado não sabe como lhe sobreveio essa ideia, todavia não póde desembaraçar-se-lhe.

Persegue-o por toda a parte, obriga-o a commetter os actos mais estravagantes.

Quer seja uma obsessão amorosa ou homicida, é sempre o resultado d'uma ruptura do equilibrio cerebral.

A vontade está paralysada, a razão amordaçada; só a obsessão fica senhora do campo e ordena imperiosamente.

O amante obsediado não é a maior parte das vezes, como veremos mais para diante, senão um desiquilibrado, um degenerado hereditario e o amor pathologico um syndroma episodico

CAPITULO II

Existe um instincto para a conservação do individuo e outro para a conservação da especie.

O primeiro, traduz-se pela fome e chama-se *estimulo visceral.*

O segundo, pelo amor e chama-se *instincto sexual.*

Tudo cede á necessidade do amor physiologico.

O polen, levado pelo vento, vae, nos dias em que o ar embalsama, nos variados perfumes das tardes, noites e manhãs quando o gorgear das aves delicia e a tepida briza nos sussurra encantos d'amor, fecundar os orgãos femeas das flores que se abrem para o absorver n'um extasi que só as flores teem, n'uma embriaguez que só ellas sentem.

O atomo copülla a molecula sua irmã e os pequeninos vermes, na relva, esperguiçam-se de volupia.

A ave tem a sua femea que tanto ama e requesta; o peixe no seio das aguas, nos pontos mais reconditos da profundidade do oceano, os seus extasis voluptuosos, as suas copulas; emfim o cão, a serpente, o cor-

deiro, o touro, todos os animaes, desde o mais pequenino até ao mais gigante, amam para reproduzir-se, porque o instincto do amor é o instincto da reproducção.

O homem, como todos os outros animaes, sente a mesma necessidade imperiosa de amar.

No dia seguinte a uma grande batalha, Napoleão, visitando uma extensa planicie onde os mortos eram a montes, teve a seguinte reflexão:

—Uma noite de Pariz reparará a falta de tudo isto.

Napoleão, na sua brutalidade de conquistador, definiu bem o afan com que a humanidade emprega todas as forças para não extinguir-se, cumprir com os seus deveres physiologicos.

O homem, porém, não é somente um ser dotado de necessidades physiologicas, é tambem um ser pensante, um *rozario pensante*, como muito bem disse um sabio do seculo passado; um ser muito complexo, em summa.

A bêsta, no tempo do cio, procura a satisfação natural e physiologica da sua necessidade sexual, sem refinamentos nem artificios; terminada ella, volta pacificamente para os seus prados, florestas e pastagens, sem procurar excitar os sentidos satisfeitos com prazeres novos, inesperados, mais vivos.

O homem ao contrario arrastado pelo attractivo dos prazeres sensuaes, busca sempre multiplical-os, prolongal-os, dividil-os. Põe ao serviço d'estes a imaginação muitas vezes esquentada, e é vel-o depauperar-se brutalmente da sua satisfação, a que muitas vezes não preside a esperança de creação d'um organismo novo.

E' d'esta sobre-excitação dos sentidos esgotados, d'esta procura incessante de sensações novas, que nasceram todos os erros e loucuras genesicas que se de-

ram em Sodoma, onde os homens tinham horror pelas mulheres e as mulheres pelos homens a ponto de que as filhas de Zeboin se recusaram a casar com dois mancebos dormindo todas as noites juntas e despertando pela manhã cançadas; (1) Pasiphae se entregava ás luxurias d'um touro; Sapho corrompia as virgens de Lesbos, Anacreonte cantava o ephebo Bathyllos; Messalina se misturava nos bordeis com as mais hediondas prostitutas; Nero se apaixonava pela ferida d'um ennucho; e tantos outros.

II

E' preciso portanto para que o instincto sexual não se *inverta*, para que o papel physiologico do amor seja completamente cumprido, que as duas leis seguintes se realisem.

A primeira, chamada *lei da differenciação dos sexos* enuncia-se d'esta fórma:

A constituição anatomica do individuo é que faz o sexo; o orgão cria a funcção.

D'outro modo:

E' d'uma conformação especial dos orgãos genitaes, a que prezide um centro cortical apropriado, substratum organico do instincto sexual, que resulta a sexualidade.

São as reacções reciprocas d'este centro que a aperfeiçoam imprimindo um feitio especial, á fórma geral do corpo, ao modo d'actividade physiologica, á

(1) Catulle Mendés – Zohar.

mentalidade; determinando a sensação do appetite sexual.

A segunda tambem chamada *lei geral da attracção dos sexos* enuncia-se assim:

Genesicamente, os sexos de nomes contrarios attrahem-se, os do mesmo nome repellem-se.

Estas duas leis são absolutamente necessarias, pois da sua execução depende a realisação dos fins da natureza concretizados na reproducção.

A segunda, o proprio enunciado a demonstra.

A primeira já carece de demonstração, porque, por um lado apresenta a sexualidade como uma harmonia necessaria e por outro attribue a todos os seus factores uma origem puramente organica, discutivel e discutida.

III

Em ultima analyse os elementos do que se convencionou chamar sexualidade são: o estado physico, o modo d'actividade funccional, o estado psychico e as impulsões sexuaes instinctivas.

Todos estes elementos formam entre si um todo perfeitamente harmonico, perfeitamente indissociavel.

A sua origem organica deprehende-se, de que basta alterar o estado organico, para que elles tambem se alterem. Se desapparece, desapparecem.

E' isto que se conclue do estudo dos typos sexuaes e da sua evolução e teratologia.

Os caracteres sexuaes são de duas especies: *primordiaes* e *secundarios*.

O caracter primordial do sexo masculino consiste na

existencia do orgão espermatogeno, o *testiculo*. O do sexo feminino na existencia da glandula ovular femea, o *ovario*.

Um centro nervoso adequado, descoberto ultimamente, prezide respectivamente á funcção de cada um d'estes orgãos.

Encontra-se no cortex cerebral nas proximidades do centro olfativo.

Como tal centro se adapta correspondentemente no funccionamento aos dois sexos, é o que hoje ainda se não sabe.

A histologia e a histochimica nada dizem a tal respeito, o que de resto, pouco vale em problemas d'estes.

Se em physiologia e em histologia fosse preciso descer ás mais pequeninas minuciosidades, perscrutar os mais reconditos actos, demonstrar anatomicamente os muito subtis phenomenos, por vezes partes integrantes d'outros mais importantes, quantas theorias mortas!

Em psychophysiologia, acerca do mechanismo da acção dos centros nervosos uns sobre os outros na sua reacção reciproca e mesmo na acção dos centros nervosos sobre os centros cerebraes ou inversamente, o que ha de positivo? Nada.

Hypotheses, simples hypotheses.

Tudo muito bonito, dizendo pouco mais ou menos aquillo que pensamos, satisfazendo-nos em parte, pela rama, mas na essencia muito pouco, muitissimo pouco.

É o que acontece acerca do centro sexual. Sabe-se que existe, viu-se. Não se sabe como funccionalmente se differenceia conforme o sexo, todavia admitte-se a sua intervenção como primordial na sexualidade, assim

como em physiologia a existencia de muitos outros que ainda se não viram.

Umas vezes o desejo sexual é dispertado pela reacção do centro cortical respondendo a excitações d'origem peripherica e caminhando centripetamente em consequencia da turgencia e hyperhemia das glandulas genitaes e annexos, da secreção espermatica e excreção ovular; outras, pela irritação d'um centro visinho, provocada pela lembrança, representação d'imagens, conversação, leitura, vista, cheiro, que contrareagindo sobre o centro do instincto sexual se reflecte por via centrifuga nos orgãos genitaes.

Qualquer que seja a dynamica genesica, poderemos sempre dizer que a glandula e centro estão perfeitamente ligados para seu completo funccionamento, do mesmo modo que uma roda de qualquer mechanismo, para poder trabalhar normalmente, carece de estar ligada a um eixo.

IV

Os caracteres morphologicos secundarios distinctivos dos sexos, tambem não estão menos traçados.

Geralmente e não sempre, porque ha excepções ainda que raras, basta a apparencia exterior d'um individuo, a estatura, forma geral do corpo, proporções das partes, costumes, ossada, feições, tegumentos, systhema pilloso, tecido adiposo, para nos informar do sexo.

Em quanto na mulher a estatura é relativamente pequena, as formas bem lançadas, os contornos arredondados, o esqueleto fraco, menos desenvolvido, as feições delicadas e no geral glabras; o homem é de

estatura elevada, forte, desenvolvido, musculoso, rude nas feições, barbado, brusco e anguloso nas suas linhas estheticas.

A mulher possue seios desenvolvidos, cabelleira muito farta. O homem é exiguo de seios, minguado na cabelleira.

Na mulher o panniculo adiposo é abundante, a pelle branca e setinosa; é-lhe peculiar a graça dos movimentos e proeminencia das nadegas. No homem tudo ao contrario, tudo invertido.

Sob o ponto de vista physiologico a differença sexual é tambem manisfesta. Não queremos dizer que as funcções se exerçam de modo differente conforme os sexos, mas apenas referir a sua menor intensidade no organismo femea, o que de resto se comprehende bem, relacionando o caso com a exiguidade da constituição anatomica da mulher.

Isto porém nem sempre assim é, basta lembrar-nos das mulheres *viragos* e dos homens *maricas*.

Psychologicamente a anthitese manifesta-se. No homem a sensibilidade moral é menos desenvolvida que na mulher; emquanto um é frio, reservado; o outro é affectivo e franco.

Um guia-se pela razão, pelo raciocinio; o outro pelos prazeres, pelas paixões de momento, pelas suas sensações.

A mulher possue uma necessidade constante d'affeição, a bondade, a doçura, a ternura engenhosa, está sempre prompta a sacrificar-se, sempre disposta a comprehender e pensar os golpes do amor proprio e do coração. São os seus dons naturaes, as suas qualidades

innatas do sentimento que o homem não possue, que só poderá adquirir pela educação e pelo esforço.

Intellectualmente a mulher é inferior ao homem.

O homem raciocina sem difficuldade, sabe conduzir uma experiencia, reflecte sem esforço, é dotado d'espirito critico, deduz as leis dos factos, analysa, perscruta, inventa, busca o *porque* das coisas.

A mulher é uma distrahida, repugna-lhe um longo trabalho d'observação, fatiga-a uma reflexão prolongada, não tem espirito critico, conhece os factos mas não sabe deduzir as leis, aceita geralmente as coisas como ellas são, não as analysa, não as perscruta; não inventa, destroe.

Com relação ao caracter, no homem ha firmeza de vontade, fixidez d'opiniões, inflexibilidade de principios e tenacidade de convicções.

Na mulher, fraqueza de vontade, instabilidade d'opiniões, accommodamento aos dogmas.

V

Cada sexo ainda que obedecendo a um sentimento na essencia identico como é o da procreação, ama e comporta-se differentemente em amor. A attracção sexual cujo caracter primordial consiste no impulso do homem para a mulher e reciprocamente, apresenta tambem caracteres secundarios.

O instincto, no homem, manifesta-se mais pela actividade, na mulher, pela passividade.

No homem, é a violencia do desejo que domina todo o ser, busca a mulher, persegue-a, conquista-a,

violenta-a. Deseja mais que ama, lucta para obter favores e determina-se na escolha, pelas vantagens physicas que lhe dá a feminilidade; procura a belleza delicada, a pureza das linhas, a graça, o encanto, o pudôr.

A mulher, ama mais que deseja, deixa-se conquistar, enamora-se da coragem, da firmeza de vontade, da decisão, da audacia.

Emquanto o homem procura a belleza de formas, a harmonia de perfeições, a seducção da plastica, sem se importar com a robustez; a mulher adora esta em primeiro lugar, despreza os typos effeminados e a cobardia, amando a ousadia, a entrepidez e a virilidade.

Cada um ama precisamente o que lhe falta.

Não é sempre a belleza regular e completa que ateia as grandes paixões. Para uma inclinação verdadeiramente apaixonada é necessaria uma condição que não podemos exprimir senão por uma metaphora pertencente á chimica. As duas pessoas devem neutralisar-se uma á outra, como um acido e um alcali formam um sal neutro. Toda a constituição sexual é uma constituição incompleta; a imperfeição varia com os individuos.

N'um e n'outro sexo cada ser não é senão uma parte do todo, incompleta, imperfeita. Mas essa parte póde ser mais ou menos consideravel conforme as naturezas.

Assim cada individuo encontra o seu complemento natural n'um certo individuo do outro sexo que representa d'algum modo a fracção indispensavel ao typo completo, que o acaba, e neutralisa os seus defeitos, e produz um typo exacto da humanidade no novo indi-

viduo que deve nascer; porque é sempre á constituição d'este ser futuro que tudo se dirige incessantemente.

Os physiologistas sabem que a sexualidade no homem e na mulher tem graus innumeros: a virilidade póde descer até ao horroroso gynandro e ao hypospodias; do mesmo modo que ha entre as mulheres graciosos androgynos; os dois sexos podem attingir o hermaphrodismo completo, e estes individuos que occupam o justo meio entre os dois sexos e não fazem parte de nenhum, são incapazes de se reproduzir.

Para a neutralisação de suas individualidades uma pela outra, é necessario que o grau determinado de sexualidade n'um certo homem corresponda exactamente ao grau de sexualidade n'uma certa mulher; afim de que estas duas disposições parciaes se compensem justamente uma á outra.

E' assim que o homem mais viril hade procurar a mulher mais mulher, e reciprocamente.

Os amantes medem por instincto esta parte proporcional necessaria a cada um d'elles, e este calculo inconsciente acha-se com as outras considerações no fundo de toda a grande paixão. Assim quando os amorosos fallam n'um tom pathetico da harmonia das suas almas, deve entender-se as mais das vezes a harmonia das qualidades physicas proprias de cada sexo, e de natureza a dar origem a um ser completo, harmonia que importa muito mais do que o concerto das suas almas, o qual muitas vezes depois da cerimonia se resolve n'um flagrante desaccordo.

Juntam-se a isto as considerações relativas mais remotas que repousam sobre este facto: que cada um se esforça em neutralisar pela outra pessoa as suas fra-

quezas, as suas imperfeições e todos os desvios do typo normal, com receio de que se perpetuem no filho futuro, ou se exaggerem e tornem deformidades.

Quanto mais fraco é um homem sob o ponto de vista da força muscular, mais ha de procurar mulheres fortes; e a mulher procederá do mesmo modo.

Mas como é uma lei da natureza que a mulher tenha uma força muscular mais fraca, está egualmente na natureza que as mulheres prefiram os homens robustos.

A estatura é tambem uma consideração importante.

Os homens baixos teem uma inclinação decidida pelas mulheres altas e reciprocamente...

A aversão d'uma mulher alta por homens altos está no fundo dos planos da natureza, afim d'evitar uma raça gigante, quando a força transmittida pela mãe fosse excessivamente fraca para assegurar uma longa duração a essa raça excepcional.

Se uma mulher alta escolhe um marido alto, entre outros motivos para fazer melhor figura na sociedade, os seus descendentes é que terão de expiar essa culpa...

Até nas diversas partes do corpo cada um procura um correctivo aos seus defeitos, aos seus desvios, com tanto mais cuidado quanto mais importante é essa parte.

Assim as pessoas de nariz achatado contemplam com prazer inexprimivel um nariz aquilino, um perfil de papagaio; e assim do mais.

Os homens de fórmas delgadas e esguias, d'esqueleto comprido, admiram uma mulher roliça e baxia.

O mesmo succede emquanto ao temperamento; cada um prefere o opposto ao seu; e a sua preferencia é sempre proporcionada á energia do seu proprio temperamento.

Isto não quer dizer que uma pessoa perfeita em qualquer ponto goste das imperfeições contrarias; mas supporta-as mais facilmente do que outros as supportariam, porque os filhos acham n'estas qualidades uma garantia contra imperfeição maior. Por exemplo, uma pessoa muito branca não sentirá repugnancia por um tom amulatado; mas aos olhos de uma pessoa amulatada um rosto de brancura deslumbrante ha de parecer divinamente bello.

Ha casos excepcionaes em que um homem póde enamorar-se d'uma mulher excessivamente feia: em conformidade com a lei da concordancia dos sexos atraz já citada, quando o conjuncto dos defeitos e irregularidades physicas corrigem as do homem. Então a paixão attinge geralmente um grau extraordinario... O individuo obedece em tudo isto, sem o suspeitar, a uma ordem superior, a da especie; d'ahi a importancia que elle liga a certas coisas, as quaes como individuo, poderiam e deviam ser-lhe indifferentes.

Não ha nada tão singular como a seriedade profunda, inconsciente, com que dois individuos novos de sexo differente, que se veem pela primeira vez, se observam um ao outro; o olhar inquisidor e penetrante que trocam, a inspecção minuciosa que todas as feições e todas as partes das suas respectivas pessoas teem de soffrer. Esta investigação, este exame, é a *meditação do instincto sexual* sobre o filho que poderiam crear, e a combinação dos seus elementos constituitivos. O resultado d'esta meditação ha de determinar o grau da sua inclinação e dos seus desejos reciprocos.

Assim o instincto sexual medita a geração futura e

a grande obra de Cupido, que especula, se intromette e actua sem cessar, é de preparar a constituição d'ella. Em face dos grandes interesses da especie, toda, presente e futura, a vantagem dos individuos ephemeros pouco vale: o deus está sempre prompto a sacrifical-os sem dó. Porque o instincto sexual é relativamente aos individuos como um immortal é para os mortaes, e os seus interesses são para os dos homens como um infinito é para o finito.

VI

Continuando no estudo dos caracteristicos secundarios differenciaes, diremos que, na constituição mental, o homem é muito differente da mulher.

Aquelle é um ser intellectual, esta um ser instinctivo.

Um representa o espirito, outro a natureza.

O cerebro do homem é mais volumoso e pesado, desenvolvido em espessura principalmente ao nivel das regiões que presidem á vida intellectual, das anteriores.

Na mulher é mais pequeno, menos pesado, desenvolvido no sentido antero-posterior, principalmente ao nivel das regiões que presidem á vida do sentimento, das posteriores.

Anatomica e psychologicamente pode-se pois dizer que o homem é um frontal, a mulher um occipital.

CAPITULO III

Estudámos os caracteristicos secundarios que differencèiam a mulher do homem, estudámos os caracteristicos primordiaes dos dois sexos, e vimos que, o que caracterisa primordialmente o sexo masculino é o testiculo; o feminino, o ovario.

Veremos agora que para o acto genital ser normal, é preciso essencialmente que os orgãos genitaes se encontrem normalmente constituidos e no seu periodo regular d'actividade funccional.

Todas as modificações, todas as alterações que se deem no apparelho reproductor, quer estas sejam consequencia das quatro phases da vida: infancia, adolescencia, virilidade e velhice; quer a phenomenos puramente physiologicos como a puberdade e a menopausa; quer a uma deformação congenita, hermaphrodismo em todos os graus, ou adquirida, feminismo, ou ainda a uma ablação artificial como são a castração e a ovariotomia — repercutem-se poderosamente sobre o organismo, modificam a personalidade physica.

O typo sexual ou se confirma ou se perverte, acompanhado sempre pelas modificações, physica, physiologica, moral e genesica.

Modifiquem-se anatomicamente os caracteres primordiaes e os secundarios acompanhal-os-hão.

Para que isto melhor se comprehenda estudaremos primeiro a evolução sexual normal e em seguida a anormal ou pervertida.

II

O homem é por assim dizer asexuado nos primeiros annos da sua vida; não vive, vegéta. As suas unicas preoccupações, todas as suas actividades visam um fim — a conservação individual.

Como Virchow disse, a creança não é mais que *um ser spinhal*. O typo sexual é indeciso e neutro, ainda que se inclina um pouco para a forma feminina. Os orgãos genitaes são rudimentares.

Mais tarde na segunda infancia os caracteres phisicos que distinguem um sexo do outro são ainda pouco apparentes, todavia inicia-se já o typo futuro.

As formas do corpo desenham-se pouco a pouco, apparecem os gostos, rudimentam-se as occupações.

Os rapazes escolhem brincadeiras que lhes são peculiares, como cavalgar bengalas a guiza d'animaes, zurzir essas imaginarias cavalgaduras com chicotes, tocar tambor, infileirar soldados de chumbo, vestir fardêtas infantis, etc.

As meninas brincam com bonecas e, juntando-se com as irmãs ou amigas, ás visitas, aos jantares, á mamã, etc.

Isto não são mais que tendencias, reflexos de sensações obscuras.

A evolução dos orgãos genitaes principiou.

Na puberdade o sexo aperfeiçoa-se, o amor desperta.

Nem sempre porém assim succede. Randohr, descobriu em algumas creanças indicios do amor pelas mulheres, manifestados por ciumes e desejos de possuil-as.

De resto, é coisa muito sabida, que muitos homens contam entre os episodios da sua infancia, o amor pelas mulheres, phenomeno que por alguns psychophysiologistas tem sido considerado como um signal de genio. Effectivamente, Dante amou aos nove annos, Canova aos cinco e Byron, aos oito, (1) esteve seriamente apaixonado por Mary Duff.

Na puberdade o subito desenvolvimento do apparelho gerador, imprime uma feição profunda ao conjuncto do ser. Opera-se uma revolução radical, um novo ser determinado succede ao antigo.

Não vive para alimentar-se, vive para reproduzir-se.

No homem os testiculos tornam-se maiores e começam a seggregar a esperma, as visiculas, a prostata, o penis, participam d'este crescimento e adquirem o volume que deverão conservar.

Na mulher os ovarios tornam-se mais volumosos, tomam a forma bossellada; o utero alarga-se especialmente no fundo, a menstruação estabelece-se.

Como phenomeno sympathico: no homem cobre-se-lhe a cara de cabellos, a voz torna-se varonil, a larynge desenvolve-se rapidamente.

(1) Karl Else — Lord-Byron.

Na mulher, arredondam-se-lhe os seios, o mamilo salienta-se e rosa-se-lhe a areola.

Emquanto no primeiro as transformações são todas exteriores, na segunda, são quasi totalmente interiores, assim o corpo conserva a brancura e assetinado da pelle, o arredondado das formas e polpudo dos membros, que caracterisam a infancia.

No homem a necessidade d'amar manifesta-se por um ardor expansivo que lhe suavisa o coração; na mulher por uma tristeza concentrada que muitas vezes a faz verter perladas lagrimas.

N'um, as provocações apaixonadas, as demonstrações exteriores, os amores ardentes; n'outro, a languidez e a decencia, o pudor e o acanhamento, a calma do rosto, a impassibilidade apparente, véos espessos sabiamente mantidos até que a felicidade os levante.

O homem ama a principio sem saber quem ama, ama todas as mulheres antes d'amar uma.

A mulher, ao contrario, cria um ser ideal a quem concede todos os encantos que a sua imaginação pode inventar; é n'este que concentra todo o seu amor, este que procura junto de si, que vê á noite nos seus sonhos de ventura, doce illusão que muitas vezes dá lugar a uma triste realidade!

Para ella a solidão é uma necessidade, quer-se só com os seus pensamentos.

Para elle a sociedade das mulheres é imprescendivel; procura-as, deseja-as, persegue-as e envolve-as nos seus olhares, abraça-as atravez do espaço, aspira os perfumes que se lhes evolam da carne, estremece ao seu menor contacto.

Tendo todos os sentidos dirigidos para o amor, em-

bebido nos prazeres que este lhe prepara, não procura diminuil-os nem dissimulal-os.

O amor não lhe é mais que um fim, emquanto que para a mulher é um meio de ser mãe; porque, por assim dizer no coração d'uma donzella, existe como que o embryão d'uma joven mãe.

A união sexual aos olhos da mulher, é menos talvez a satisfação d'um desejo que a origem d'uma esperança, porque ama, muito tempo antes que exista, a creança que um dia deve alimentar ao seio e o homem amará sómente depois de ter nascido.

Na virilidade accentuam-se e coordenam-se mais os caracteres da puberdade. Cada sexo conhece a sua missão genesica; a sua reproducção está assegurada.

Na velhice, os caracteres sexuaes secundarios enfraquecem pouco a pouco.

Os sexos não se distanciam tanto, portanto a sua vitalidade genesica diminue.

Proximos os sexos, atrophiadas as glandulas, que, não possuindo mais sua excitabilidade, permanecem silenciosas.

E' isto que se passa na evolução sexual normal.

III

Passemos agora ás excepções, aos casos teratologicos.

Suppunhamos uma viciação na conformação anatomica dos orgãos genitaes, qualquer que seja a sua causa. O resultado é facil de prever.

Não só produz uma perturbação na funcção, isto é,

a indifferença ou mudança de direcção do instincto, mas reflecte-se sobre as formas plasticas e até sobre a actividade psychica.

Umas vezes é congenital como nos casos de anorchidia, hypospadias, exaggeração de dimensões do clitoris, hermaphrodismo apparente ou verdadeiro; outras é adquirida, isto é, feita com um fim therapeutico, experimental, ou outro qualquer.

Não podemos, porque nos escaceia o tempo, entrar aqui em largas considerações sobre estes vicios que até certo ponto se distanciam da indole do nosso trabalho, todavia sempre diremos que, tanto as viciações congenitaes dos orgãos sexuaes, como as adquiridas, se repercutem por completo sobre todo o organismo de modo a modifical-o physica e moralmente.

Assim, no hermaphrodismo, vemos, alem da inclinação amorosa para um e outro sexo, uma mistura de formas masculinas e femininas, uma vóz ora aguda, ora grave, e sob o ponto de vista da mentalidade, uma especie de fusão das faculdades d'ambos os sexos.

Na viciação adquirida, por exemplo, nos castrados, nos eunuchos, encontramos do mesmo modo a modificação physica e psychologica; assim o eunucho é gordo, de face cheia, formas arredondadas, seios desenvolvidos, vóz mulheril, pelle glabra, fraco de forças e de intelligencia. Sua degradação moral é notavel. E' falso, mentiroso, máu e cobarde.

Esta relação, por assim dizer intima, que existe entre os caracteres primordiaes do instincto sexual e os secundarios, de modo que basta alterar um para que os outros se modifiquem, não é exclusiva do homem, encontra-se nos animaes.

E' por isso que não é raro castral-os para lhes domar e modificar os instinctos.

Um cavallo rebelde depois de castrado amansa. Os capões não teem nunca as pennas flamantes e variegadas em côres e brilho, do gallo, nem o ar brigão e a voz d'esse sultão autocrata do gallinheiro.

Ao contrario, alguns adquirem instinctos femininos, imitam o cacarejar das gallinhas, chocam os ovos e tratam dos pintos.

E' muito sabido tambem pelas boas donas de casa que o melhor meio de engordar um gato ou um porco, é castral-os.

Ao inverso do que acontece nos machos, as femeas masculinisam-se quando se lhes faz a ablação dos ovarios.

Se os extrahirmos a uma gallinha, adquire nas pennas as côres flamantes do gallo, cresce-lhe a crista e arroga-se os seus ares brigões.

Muitas vezes não é necessario que a glandula sexual seja extrahida, basta que esteja atrophiada, degenerada, para que a sexualidade se resinta.

N'esses individuos alteram-se-lhes as formas, as feições, o systhema pilloso, a vóz, e mesmo a bacia e as faculdades intellectuaes. Se são machos, effeminam-se, se femeas, masculinisam-se.

Chevalier diz que, não obstante não saber se nas autopsias das viragos se teem constatado lesões degenerativas dos ovarios, os factos precedentes legitimam essa hypothese.

Pela nossa parte achamos muito rasoavel esta opinião de Chevalier, porque assim como no homem a ablação ou atrophia dos orgãos genitaes o effemina

pronunciadamente, quem nos diz que, se observarmos *post-mortem*, porque não o podemos fazer completamente em vida, os orgãos genitaes d'uma virago, não iremos encontrar uma lesão no ovario que motivasse o excesso de robustez, a masculinisação?

Estes trabalhos, porém, parece-nos não estarem feitos, porque nos livros que consultamos nada se diz a este respeito.

Todavia, uma observação comprovativa seria preciosa.

CAPITULO IV

Nas paginas 17 e 18 d'este nosso trabalho enunciamos as duas leis seguintes:

A constituição anatomica do individuo é que faz o sexo,—o orgão cria a funcção.

Genesicamente, os sexos de nomes contrarios attrahem-se, os do mesmo nome repellem-se.

Nas paginas subsequentes tentamos demonstral-as, agora vamos tentar completal-as.

Chevalier apresenta no seu livro a seguinte lei que não é mais que o complemento da segunda atraz citada; é a *terceira lei da attracção sexual:*

Os sexos de nomes contrarios attrahem-se tanto mais quanto menos se parecem, ou quanto mais accusada é a sua sexualidade propria. Os sexos do mesmo nome repellem-se tanto menos quanto menos se parecem, mais se affastam, menos accusada é a sua sexualidade.

A zoologia e a anthropologia derramam bastante luz sobre este modo de ver, mostrando-nos que a dif-

ferenciação dos caracteres sexuaes secundarios é tanto mais pronunciada quanto mais elevado o grau de evolução dos seres e das raças, e tanto menos, quanto menor é esse grau.

A' medida que o animal se eleva na escala dos seres, veem-se separar os typos sexuaes, affastarem-se pouco a pouco; as formas hermaphroditas succeder ás asexuadas, a bisexualidade ser substituida pela unisexualidade, finalmente esta affirmar-se, aperfeiçoar-se mais e mais.

Esta evolução é bem manifesta na especie humana.

Os caracteres que constituem o typo feminino ou viril, é só nas raças e nas classes mais elevadas e mais civilisadas, que adquirem o seu completo desenvolvimento.

E' um facto geral e bem conhecido que a mulher, pelas formas plasticas e faculdades intellectuaes, se approxima mais do homem nos tempos primitivos e selvagens, que nos povos actuaes e civilisados; mais nas classes inferiores, operarias, pobres, que nas superiores e ricas; mais nas aldeias, que nas cidades. A historia e a ethnographia bem o provam.

Deodoro encontrou nos Scythas a egualdade dos sexos.

Segundo os escriptores d'então, as mulheres batiam-se ali com tanta ou mais coragem que os homens.

Ao contrario, nos gregos e romanos, a proeminencia physica e intellectual do homem era consideravel.

No Dahomey onde a civilisação está atrazadissima, onde ha pouco tempo ainda acabaram os sacrificios humanos, se é que acabaram, a mulher bate-se como o homem, ha um exercito composto de mulheres que

constitue a *guarda real das amazonas de Dahomey*, muito mais temivel em força, destreza e coragem, em denodo e ousadia, que o dos dahomeyanos.

Os homens estão subordinados ás mulheres em certas tribus afaganistas, na ilha de Java e, entre os Morotokos, na America do Sul.

Em Cuba, acompanham os homens á guerra, sendo esta ilha hespanhola a parte do globo onde teem mais regalias.

A mulher das cidades é muito mais effeminada que a do campo. E' bem conhecida a effeminação da mulher de Lisboa que está em perfeito contraste com a do povo, quasi viril. Isto não acontece só em Portugal, em todos os paizes, as mulheres das capitaes são mais effeminadas que as de quaesquer outras cidades do mesmo reino.

Na Normandia estão de tal forma mais musculinisadas que se approximam immenso do homem.

Em Portugal, nos nossos campos, nas nossas aldeias, a mulher identifica-se immenso com o homem, faz os mesmos serviços que elle, chega mesmo a ser mais robusta.

Os seios atrophiam-se-lhe muitas vezes, á medida que o vigor dos musculos augmenta; os cabellos tornam-se-lhe menos bastos, menos sedosos, menos desenvolvidos.

Se estas modificações são devidas á differença do meio, aos costumes, ás condições de vida, ou transmittidas por hereditariedade, é o que se não sabe, nem importa saber; o que é verdade é que existem e isso nos basta.

Apoiando-nos pois nos factos, podemos formular

mais uma lei que consideraremos como complemento da terceira, enunciada antecedentemente:

A differenciação dos sexos pelos seus caracteres sexuaes secundarios, será tanto mais perfeita, quanto mais civilisado o meio em que a humanidade habita. Uma sexualidade profundamente accusada é uma prova de progresso.

Resulta d'esta lei que o homem d'hoje, o homem civilisado, deveria ser muito mais regular no seu modo d'amar, de reproduzir-se, que o de ha seculos, o homem selvagem; e que a verdadeira direcção dada á educação, seria reforçar a dissimilhança, favorecer o antagonismo dos sexos.

Assim aconteceria effectivamente se as condições sociaes da actualidade, as necessidades da vida, a ambição do dinheiro, a vaidade, as intoxicações e as degenerescencias de toda a especie, não deformassem o amor moderno.

II

Postas as leis que atraz enunciamos, parece á primeira vista que o instincto sexual, sendo uma impulsão necessaria e fundamental, devia ser impeccavel, não existir o mais pequeno desaccordo entre o desejo e os outros factores da sexualidade.

Mas não é assim; essa presumpção é falsa e os factos dão-lhe o mais completo desmentido.

Como em tudo, na sexualidade ha concordancia e discordancia com as leis que a regem; assim, muitas vezes um individuo, sob o ponto de vista dos seus or-

gãos genitaes, pertence a um sexo e sob o das suas impulsões, ao opposto.

Um ser morphologicamente femea, é psychicamente macho, a mulher é attrahida para a mulher.

Um ser morphologicamente macho é psychicamente femea, o homem é attrahido para o homem.

Dois elementos contradictorios portanto, um psychologico, outro physico, se accummulam no mesmo individuo.

No estado normal, como vimos, a sexualidade completa, constante e estavel, vem de baixo, é determinada pelo orgão, ha predominancia do physico sobre o moral; no anormal, a sexualidade, aqui variavel e inconstante, vem de cima, é determinada pela acção do centro cerebral, portanto puramente psychica no principio e organisando-se depois consecutivamente, não por uma metamorphose do apparelho genital, mas por uma modificação bastantes vezes notavel nas formas exteriores.

Emquanto que na sexualidade normal ha uma predominancia do physico sobre o moral, aqui é o moral que impera; o individuo é ferido por esta especie de hermaphrodismo immaterial, a unidade do *eu* está destruida, é como se tivesse dois sexos em vez d'um, ou nascesse com elle um terceiro sexo.

Eis em poucas palavras descripto na sua accepção mais geral o syndroma *inversão*.

Resta agora ver se todos os auctores o teem comprehendido da mesma maneira e como o comprehenderemos.

III

A aberração contra natureza é tão velha como a humanidade, o que não é velho, é o estudo feito sobre as suas modalidades.

Antigamente estudava-se a anomalia independentemente dos individuos que eram atacados e, todos os casos que se encontrassem, entravam nos dominios da pederastia e do tribadismo.

Não se conhecia senão uma fórma a depravação.

Foi Westphal o primeiro que estudou o estado mental dos individuos dados a aberração contra natureza, ligando-lhe muita importancia e ajuntando assim á antiga e unica concepção de aberração-vicio, uma outra, a de aberração-doença, servindo-se para marcar melhor a opposição entre as duas formas, d'uma expressão nova, *die contraere sexualempfindung*, que significa *sentido sexual contrario*.

Muitos nomes têem sido propostos pelos diversos auctores que têem tratado d'este assumpto.

Entre outros citaremos os seguintes:

Sentido genital, *instincto sexual contrario*, *inverso*, *pervertido*, *invertido*.

Attracções, *impulsões*, *sensações sexuaes contrarias*, *inversas*, *pervertidas*, *invertidas*.

Attracções de sexos similhantes.

Sensação crusada da individualidade sexual.

Sexualidade contraria.

Perversão, *interversão do instincto sexual*.

Tamassin e Cantarans, foram os primeiros que lhe deram o nome de *inversão do instincto sexual*.

Hoje é conhecida pela designação de *inversão sexual*, que lhe foi dada por Charcot e Magnan.

IV

Como se define inversão sexual?

Todos os auctores desde Westphal, que foi o primeiro que se occupou d'este assumpto, têem-a definido como consistindo *no amor d'um individuo pelo seu proprio sexo independentemente da vontade e sem alteração dos orgãos genitaes.*

Este amor estranho seria congenital, innato, imposto pela hereditariedade. Seria um symptoma d'um estado psychopathico anormal e raro, mostrando-se sómente na cathegoria de doentes a que se dá o nome de degenerados.

Segundo Chevalier esta definição é insufficiente por que só se applica a uma das modalidades da anomalia contra natureza, aquella em que ha vicio e degeneração hereditaria.

Como porém ha anomalias sem isso, como são as produzidas pela perversidade, pela suspensão de desenvolvimento, por deformação organica, por uma doença mental, um estado de degeneração, e adquiridas; é preciso dar uma definição mais geral, que possa abranger todos os casos.

E' intuitivo que a inversão se dá desde que o commercio voluptuoso se effectue. Quer o facto seja attribuido a um vicio ou uma doença, executou-se. A causa é differente, mas o resultado é o mesmo.

A tuberculose é umas vezes hereditaria, outras adqui-

rída, mas n'um e n'outro caso é sempre tuberculose.

O mesmo deve succeder na inversão.

Será pois, segundo Chevalier, *inversão sexual:*

O amor mais ou menos exclusivo entre dois ou mais individuos do mesmo sexo, com indifferença, antipathia, ou repulsão pelo sexo opposto, qualquer que seja a causa.

Até ao presente é esta a definição mais completa.

2.ª PARTE

Historia da inversão sexual: Tempos primitivos. — Sociedade grega. — Republica romana. — Imperio romano. — Era christã e sua influencia. — Edade media e tempos modernos até ao seculo 18.º — Invertidos historicos dos ultimos seculos. — Conclusões.

CAPITULO I

Foi na parte na Chaldeia que confinava ao norte com a Mosopotamia e comprehendia o paiz de Ur, patria de Abrahão, que se iniciou a prostituição contra-natureza. Este povo selvagem que se acolhia nas montanhas e vivia da caça, que apascentava o gado e creava as religiões, que observava os astros e inventava a sciencia, entregava-se bastas vezes a uma vida sensual de debochado de que a Biblia e Herodoto tracejaram as modalidades.

A's palavras «Invoco a deusa Milita!» — a prostituição sagrada por mais extraordinaria, inverosimil e monstruosa que pareça, campeava sem peias.

Babylonia foi indubitavelmente um foco intenso de corrupção, mas o que é difficil de provar é que fosse a unica que pouco a pouco levou os seus vicios á Phenicia, Ilha de Chypre, Egypto, Grecia e Italia.

O vicio é tão velho como o mundo e assim o comprehendeu o Creador que, irritado pela perversidade dos homens, tentou destruil-os, para destruil-a.

O diluvio renovou a face do universo, mas a corrupção reappareceu com o homem, que se encarregou de continuar a espalhal-a e desenvolvel-a.

Foi principalmente no povo eleito e escolhido por Deus, no povo hebreu, que o mal grassou mais intensamente.

Eis como no Genisis se tracejam os costumes do tempo do patriarcha Abrahão:

«1—Sobre a tarde chegaram os dois anjos a Sodoma, e a tempo que Loth estava assentado ás portas da cidade. Tanto que elle os viu, levantou-se e sahiu a recebel-os, e prostado por terra os adorou.

2—E disse-lhes: Vinde vos peço, meus senhores, para casa de vosso servo, e ficae n'ella; lavae os vossos pés; e pela manhã continuareis o vosso caminho. Os quaes responderam:

Não: mas nós ficaremos na praça.

3—Loth apertou com elles instantemente, para que fossem para sua casa; e depois que entraram n'ella, lhes preparou um banquete: e fez cozer uns pães asmos, e elles comeram:

4—Mas antes que se fossem deitar, os habitantes da cidade, desde os meninos até aos velhos, e todo o povo junto vieram cercar a casa.

5—E chamaram por Loth, e lhe disseram: Onde estão aquelles homens, que entraram esta noite em tua casa? Faze-os sahir para cá, para os *conhecermos*.

6—Sahiu Loth a fallar-lhes; e fechando nas suas costas a porta, lhes disse:

7—Não queiraes, vos rogo, meus irmãos, não queiraes fazer tal maldade.

8—Eu tenho duas filhas, que ainda são virgens;

eu vol-as trarei, e abusae d'ellas como vos agradar, com tanto que não façaes mal algum a estes homens, porque se acolheram debaixo da sombra do meu telhado.

9—Mas elles disseram: Retira-te para lá. E acrescentaram dizendo: Tu entraste aqui como estrangeiro; será talvez para nos julgares? A ti pois te trataremos nós ainda muito peor do que a elles: E arremessaram-se sobre Loth, com grande violencia: e ja estavam a ponto de arrombar a porta.

.....

.....

24—Fez pois o Senhor da parte do Senhor chover sobre Sodoma e Gomorrha enxofre e fogo vindo do Ceu.

25—E destruir estas cidades e todo o paiz em roda; todos os habitadores das cidades, e toda a verdura da terra.» (1)

O castigo celeste feriu os culpados, mas não o mal que continuou alastrando, como Moysés o dá a entender nos seus livros:

«.....

«22—Não usarás de macho, como se fosse femea, porque isto é uma abominação.

«.....

«24—Não vos manchareis com nenhuma d'essas torpezas, com que se teem contaminado todas as gentes, que eu expulsarei á vossa vista.

«.....

«29—Todo o homem que commetter alguma d'essas abominações, perecerá do meio do seu povo.» (2)

---

(1) Genisis — Cap. 19.º — Trad. de Figueiredo.

(2) Levitico — Cap. 18.º — Trad. de Figueiredo.

«.....

«13—Aquelle que dormir com macho, abusando d'elle como se fôra femea, ambos commettem coisa execravel, morram de morte; o seu sangue recaia sobre elles».

«.....

27—O Senhor te ferirá d'ulcera do Egypto e a parte do teu corpo por onde saem os escrementos será atacada de sarna e comichões que não poderás curar.» (1)

Os hebreus, oriundos da Chaldeia, haviam d'alli trazido os costumes da vida pastoril e com elles a prostituição contra natureza, que existiu, desde epochas remotas, entre a raça judia e os pastores chaldeus. Esta prostituição era fundamentalmente antypathica á religião de Moysés, d'aqui os freios que tentou pôr áquelle povo perverso e corrompido, inscrevendo a sangue nas tabuas da lei terriveis penalidades.

II

Um levita de Ephraim tomou no paiz de Bethlem uma concubina que peccou com elle e o deixou logo para voltar á casa paterna. Por sua desgraça o levita foi alli buscal-a outra vez; á volta, aceitando a hospitalidade que lhe offerecera um ancião de Guibha, entrou em casa d'elle para pernoitar com os seus dois jumentos, a concubina e um escravo.

Os viajantes lavaram os pés, segundo era costume, comeram e beberam. Mas quando já se tinham deitado,

(1) Levitico — Cap. 20.º

os habitantes de Guibha, descendentes da tribu de Benjamim, cercaram a morada do velho e batendo á porta, disseram ao dono da casa:

—Entrega-nos o homem que pernoita em tua casa para o *conhecermos*. (ut aburtemur eo).

O ancião chegou á porta e disse aos filhos de Belial:

—Meus irmãos, não queiraes commetter similhante abominação; este homem é meu hospede e eu devo protegel-o. Tenho uma filha virgem, e o meu hospede uma concubina. Se é da vossa vontade, entregar-vol-as-hei ambas, para que as conheçaes, mas supplico-vos que não vos mancheis com um peccado contra-natureza.

Aquelles insensatos persistiram nas suas infames exigencias, até que o levita de Ephraim lhes entregou a concubina, da qual abusaram toda a noite. No dia seguinte morreu. O levita vingou-se. Todo o povo d'Israel tomou parte n'este aggravo e se armou contra os benjamitas que foram completamente exterminados.

O resto da tribu culpada nunca mais teria tido posteridade, se as outras, que tinham jurado não darem nunca as suas filhas áquelles adoradores de Belial, não tivessem feito prisioneiras as filhas de Jabes em Galaad, nem roubado as filhas de Silo, em Chanaan, para repovoarem o paiz que aquella guerra deixara deserto. Os benjamitas casaram com estrangeiras e idolatras.

Foram estas que estabeleceram o culto de Molok e Bel-Phegor, em Israel, como fizeram mais tarde as concubinas de Salomão.

Estes cultos não eram mais que a prostituição

contra-natureza, d'um e d'outro sexo, posta ao serviço da divindade. Os padres, ligados aos templos eram moços sem barba, de corpo depillado, ungidos de oleos perfumados, prostituindo-se em honra do deus.

O culto de Molock, deus dos Moabitas, não era menos obsceno.

Na Phenicia e em Chypre encontram-se tambem nos templos, padres pederastas conhecidos sob o nome de Kaleleim.

III

A mythologia pagã sanccionou em seus deuses e heroes o uso da pederastia. Jupiter amou Ganymedes, Apollo a Jacintho. Hercules e Hylas, Achilis e Patrioclo, excederam os limites da amizade.

O vencedor d'Heitor matou no altar de Apollo o joven Troillus, porque recusara ceder aos seus desejos.

Os Scythas revestiam-se d'habitos femininos e entregavam-se a todos os trabalhos d'este sexo, isto é attribuido, por Herodoto, a uma vingança de Venus pelo abuso de peccados contra natureza, por Hypocrates, á equitação, que perturbava a circulação dos orgãos sexuaes produzindo o seu atrophiamento.

Herodoto assegura que a doença dos Scythas se transmittia de paes a filhos.

Sprengel (1) falla de pretendidos sabios entre os Scythas, que, tornados irritaveis pela continencia a que se viam condemnados, cahiam em violentas convulsões sempre que lhes agradava, ou quando o exigia a supers-

(1) Histoire de la Medicine. Trad. Jourdan.

tição de seus concidadãos. As palavras inintelligiveis que pronunciavam durante esse estado faziam-os considerar como prophetas. Os gregos chamavam-lhes *enaros*, *anandreis*, ou porque a doença os obrigava a evitar as relações com mulheres, ou porque a sensibilidade excessiva lhes exaggerava violentamente a constituição e os tornava inaptos para o acto gerador. Cita Reinegg que, na sua descripção do Caucaso, se exprime:

«A mais notavel de todas as tribus nomadas do Kuban é a dos Nogays ou Mongutays. Os que d'ella fazem parte distinguem-se pelo caracter mongolico que se lhes encontra no organismo.

Os homens são obesos, corpolentos; as pómulas muito salientes, os olhos encovados, a barba raramente semeada.

Quando estão emagrecidos pela doença, ou quando avançados em edade, a pelle de todo o corpo enruga-se-lhes, a barba desapparece inteiramente e ficam muito semilhantes ás mulheres. Tornam-se incapazes de cumprir com o seu dever gerador e os seus sentimentos e actos cessam de ser os do sexo a que pertencem. Obrigados a fugir da convivencia com homens, procuram a das mulheres com quem se identificam (1) Julio Klaproth, (2) o filho do eminente chimico, notou os mesmos factos nos Nogays do Caucaso, e reconheceu a exactidão da descripção dada por Hypocrates a que já nos referimos. Chotomski (3) affirma que ha muitos

(1) Beschreibung der Kaukasus. Saint Petersburg.

(2) Reise in der Caucasus und nach Georgiur. Berlim.

(3) Citado por Daremberg na sua traducção de Hypocrates.

tartaros no Caucaso atacados da doença dos Scythas por abusos de equitação.

Parece que ha boas razões para crer que os Scythas machos da antiguidade e seus descendentes, os habitantes actuaes do Caucaso, são particularmente sujeitos á impotencia sexual, e que este estado se acompanha de modificações physicas e moraes taes, que os individuos attacados parecem mulheres, adquirem os caracteristicos e instinctos do sexo feminino.

Sprengel (1) declara que, em virtude da excitação local devida á equitação constante, estão não só sujeitos ás perdas resultantes da fricção, mas á pratica do onanismo desaforado. Este habito é sem duvida nenhuma aggravado pela sua vida nomada e grau consideravel de difficuldades na pratica do acto sexual; porque as mulheres raramente os acompanham nas suas expedições e campanhas.

Os primeiros Gaulezes e mesmo os povos Oscos da Italia, abandonavam-se muitas vezes, depois dos festins, a orgias de libertinagem e sodomia. E' isto que contam Deodoro e Ausono.

Michelet chega mesmo a descrevel-os: «ageis dissolutos rolando-se ás cegas, ao acaso, nos prazeres infames.»

Aristoteles affirma que o vicio foi auctorisado pela lei na ilha de Creta, para prevenir o augmento muito consideravel da população.

Atheneo fala da sodomia dos cretenses, mas attribue-a aos *Chalcidiens* d'Eubea.

(1) Apologia d'Hypocrates.

IV

Concluindo, se nos perguntarem quaes as causas de taes aberrações nos povos primitivos, será facil a resposta. A suas crenças, a sua natureza primitiva, os seus cultos monstruosos.

O pudor é-lhes desconhecido.

A mulher uma mercadoria, um objecto de trafico, uma moeda em circulação, um brinde e um instrumento de trabalho. Sentem por ella o maximo desprezo. Julgam-na inferior, cobarde, indigna.

Adoram a valentia e a temeridade, a ousadia e a entrepidez. Estas só as encontram no seu sexo, é pois para este que se volta o seu amor.

Alem d'isto, accrescem os inconvenientes das guerras constantes, as suas aventuras nomadas que os impedem de crear raizes n'um terreno fixo.

A mulher não tem pudor nem dignidade. Entrega-se nos altares e nos festins, nas orgias e lupanares, nos templos e nas estradas, mas nem assim é procurada.

Offerece-se e ninguem a quer, dá-se e todos a recusam.

Volta-se então tambem para o seu sexo e cria uma nova especie d'amor divinisado por uma poetisa grega celebre, de que tomou o nome.

CAPITULO II

Comprehende a sociedade grega.

O que constitue a feição predominante d'este grande periodo, é a influencia notavel que as doutrinas philosophicas reinantes, tomam sobre os costumes, nas classes superiores e intelligentes e na massa do povo.

Nos gregos e depois nos romanos, numerosos philosophos ensinavam que o amor é um deus livre cujas funcções unicas são produzir a união e concordia. (1) Se os deuses na sua sabedoria concederam ao homem o amor physico, foi simplesmente tendo em vista o prazer; o goso dos sentidos não é um meio, é um alvo, um fim; o casamento não deve ser aconselhado e praticado senão para prevenir a extinção da especie humana.

De mais, a mulher, assim como o professavam Hypocrates e Aristoteles, muito antes da misogynia dos padres da igreja, era considerada como escrava do ho-

(1) Atheneo – Banquete dos Sabios.

mem, d'uma essencia inferior; uma irregularidade na natureza incapaz de comprehender o ideal d'uma ligação duradoura.

Resulta d'isto que com a civilisação aperfeiçoou-se e engrandeceu-se o mal.

O homem desprezando a mulher, mantendo-se affastado d'ella, fez com que os dois sexos chegassem á indifferença

A mulher voltou-se então para si mesma e a par e passo do amor anti-natural do homem pelo seu sexo, nasceu, como consequencia logica, o não menos anti-natural das mulheres entre si

II

Na Grecia, o vicio tomou rapidamente um desenvolvimento excessivo. A pederastia campeava infrene e se Solon regulou e organisou a prostituição feminina em Athenas, foi para pôr cobro ao gosto dissoluto dos athenienses.

Todos os dias em Athenas e Corintho negociantes d'escravos vendiam jovens e bellos mancebos, o que a ninguem indignava por o habito ter convertido em lei os mais dissolutos costumes.

As escolas de philosophia converteram-se em antros de deboche, os gymnasios em focos d'amor grego.

Athenas possuia templos em honra d'Eros, protector do amor entre os homens.

Atheneo conta-nos que Charmos, amante d'Hipias, erigiu um altar a Eros, á entrada do gymnasio da academia.

Venus Urania tinha tambem muitos templos em Athenas. As officinas de barbeiro e os banhos publicos foram as origens principaes do uranismo. (1) Nos gymnasios e pórticos em que a admiração da belleza masculina tomava muitas vezes a fórma d'amor com todos os requesitos da paixão; nos exercicios corporaes, as corridas, os concursos de força e agilidade, os jogos e os combates, emfim todos os sports athleticos, em que os mancebos se espunham semi-nús aos olhos d'um povo lubrico como poucos, brancos e rosados, á custa de cosmeticos, banhos e drogas, musculosos e puros de fórmas, á custa d'exercicio — havia como que uma cultura inesgotavel d'alimentação do vicio, um como que fecundissimo deposito d'instigações á depravação que já não precisava d'ellas.

Admiradores enthusiastas da belleza physica, os gregos comprehendiam-n'a sob todas as formas, admittiam mesmo a belleza hermaphrodita. D'ahi ao vicio não havia mais que um passo e apressaram-se a dal-o. Segundo Plutarco o amor grego é um filho legitimo do gymnasio. Effectivamente disse a verdade.

Platão diz muito explicitamente no seu Phedro que nos gymnasios, davam-se commumente contactos corporeos de natureza sexual entre os gymnastas.

Aristophanes nas suas Nuvens, dá a entender o mesmo.

Ao lado dos gymnasios tinham os gregos as escolas phylosophicas, outros antros de deboche.

Socrates amou Alcibiades.

Alcibiades era um d'aquelles jovens gregos que

(1) 3.ª parte — Cap. I — nota.

excitavam pelas suas graças corporaes e seductora physionomia, as paixões ignobeis.

Andavam vestidos de pannos riquissimos para chamarem a attenção e darem-se a conhecer, e recebiam, a cada passo, o ruidoso testemunho da immoralidade publica.

Em vez de serem humilhados eram exaltados, personificavam o triumpho da corrupção.

Quando Alcibiades se fez retractar, digamol-o assim, sob as suas duas phases, nú e recebendo a corôa nos jogos olympicos, nú e vencedor no regaço da flautista Nemêa, as hetarias de Athenas formaram uma liga para desterrar aquelle Adonis, que lhes fazia uma terrivel concorrencia.

Havia como que uma lucta constante entre as hetarias e os phylosophos.

Citemos a esse respeito alguns trechos d'um dos dialogos de Luciano:

—"Aristhenetes, o mais infame dos philosophos, dizia Drose, foi quem m'o arrebatou.

—Como! exclama Chelidonia, pois foi esse rosto enrugado e sombrio, essa barba de bode, esse homem que vemos passar no Pecile acompanhado sempre de rapazitos?!...

Drose então refere-lhe que Aristhenetes havia tres dias se apoderára do seu amante Clinias, um innocente, dizia ella, que o perverso seduziu com a promessa de o elevar á cathegoria dos deuses, e que n'este momento está pervertendo, obrigando-o a lêr os *Colloquios* obscenos dos antigos phylosophos.

—N'uma palavra, concluiu ella, a fortaleza está sitiada—Animo! exclama Chelidonia, com enthusiasmo.

Defendel-o-hemos até á ultima! Vou escrever no muro do Ceramico esta nova: — *O philosopho Aristhenetes é o corruptor de Clinias*».

Pausanias trata d'uma maneira bastante nitida da pederastia no *Banquete de Platão*. Procura dar a este amor um caracter elevado, e declara mesmo que os que trocarem o amor d'Eros d'Urania, pelo das mulheres, não pensam senão na vulgaridade. Resalta tambem do monologo de Pausanias, que n'essa epocha os menores eram muito pouco protegidos contra as tentativas de seducção dos pederastas idosos. Chega mesmo a pedir leis que regulem o amor dos homens com o seu sexo, prohibindo a seducção das creanças do sexo masculino não como anti-natural, mas como precoce. «Não estariam ainda na edade de comprehender o amor. Não se saberia quem se ama,» diz elle.

Epaminondas foi amante de quasi todo o batalhão sagrado de Thebas. Apoz a sua morte gloriosa no campo da batalha de Mantinea, dois jovens guerreiros não querendo sobreviver-lhe, suicidaram-se sobre o seu cadaver.

Segundo Xenofonte, na famosa retirada dos dez mil, foi permittido a cada soldado levar comsigo um ephebo.

III

Na ilha de Creta roubavam-se os mancebos mais bonitos, como hoje se raptam as mulheres formosas. Era considerada deshonra para um rapaz da boa sociedade não ter amantes do seu sexo.

As odes de Anacreonte encerram um grande nu-

mero de documentos muito preciosos para o estudo do assumpto de que nos occupamos.

Na sua ode á Andorinha, Anacreonte queixa-se de que o canto matinal d'essa ave afugente *Batyllo* dos seus sonhos.

N'uma outra, dá-nos o retrato de *Batyllo:*

«Os seus cabellos são negros e brilhantes, o seu pescoço é de marfim, as suas coxas são tão bellas como as de Pollux.»

«Entre ses cuises fines
«Ses cuisses pleines de joie
«J'accomplis avec pudeur une impudeur
«Qui aspire dejá ven l'amour» (1)

Mais adeante encontra-se na mesma ode uma outra passagem que se refere mais directamente á pederastia:

Ton art est bien jaloux,
Car son dos si joli
Ce qu'il a de meilleur, il le cache.» (2)

Um poeta mais recente, Theocrito, celebrou tambem nos seus idylios d'amor, o uranismo.

No idylio 12.º pergunta:

«Virás, Aitos muito amado? Após tres noites a terceira aurora conduzir-te-ha finalmente? O' mancebo, o desejo faz de nós os velhos um só dia!... Aquelle em que os deuses do amor nos podem favorecer!»

(1) Hössli — Trad. de Anacreonte.

(2) Hössli — id.

Qualquer que seja a opinião que se tenha dos poetas que cantaram o uranismo, é sempre licito perguntar se eram invertidos, ou apenas descreviam os costumes do seu tempo, as paixões que tinham ante os olhos.

Para nós é-nos indifferente que o poeta tenha sido ou não um uranista.

Lessing, escreveu:

«O dever do poeta é adoptar o tom do seu seculo.»

«Horacio não poude ter sobre o amor uma opinião differente dos seus contemporaneos.»

«O poeta deve, para despertar sensações, parecer experimental-as... Deve portanto ter esvasiado todos os copos e abraçado todas as mulheres que canta nas suas poesias?»

E' justamente nos gregos, que se constata a pederastia e o respeito pela mulher estarem quasi em rasão inversa: este é pouco estimado, aquella muito.

Os moralistas modernos que aproveitam todas as occasiões para pregar contra a *enorme desmoralisação* do contacto moral facil dos sexos, que lhe attribuem todas as depravações e vicios modernos, que não são, sabe-se muito bem, se não já uma attenuação bem manifesta dos vicios e depravações da antiguidade, encontram na historia da inversão sexual grega um completo desmentido ás suas imaginativas theorias, tão anachronicas como prejudiciaes, como mais adeante demonstraremos.

Moncaut (1) no seu livro diz, que o pudôr entre os gregos, era protegido no grau mais elevado. Em ne-

(1) Historia do amor na antiguidade.

nhuma parte do mundo a separação dos sexos era tão rigorosa como na Grecia.

Nos antigos gregos o amor normal era rarissimo.

Poucas vezes um homem sacrificava a sua existencia por uma mulher, emquanto que o despego da vida por um homem era commum.

Não obstante porém o amor pelo seu sexo, não descuravam a propagação da especie.

A isso os obrigavam as leis de Lycurgo que prohibiam o celibato.

Em Athenas e Corintho, o celibatario, não tinha direito a honras funebres.

IV

O *amor grego* devia necessariamente conduzir ao *amor lesbio*.

Sapho, de Mytelene, inventa este amor e proclama-o superior áquelle a que até então tinham rendido culto as mulheres. Sapho nem sempre fôra d'essa opinião, porque na sua mocidade havia casado com um rico insular de Andros, chamado Cercala, de quem teve uma filha, que do nome de sua mãe se chamou Cleis. Enviuvando, porem, chegou a presuadir-se, por uma estranha aberração da imaginação e dos sentidos, que cada sexo devia concentrar-se em si mesmo e consumir-se n'um amor esteril.

Sapho era poetisa e philosopha ao mesmo tempo, e as suas poesias e discursos attrahiram-lhe um grande numero de partidarias, especialmente entre as mulheres, que escutaram demasiado as suas lições.

Ainda que Platão a tenha favorecido com o epitheto de bella, ainda que Atheneu repita este epitheto fiando-se na auctoridade do illustre philosopho, é mais provavel que Maximo de Tyro, que nol-a pinta negra e extremamente baixa, se conformasse com a tradição mais authentica.

Ovidio descreve-a de outro modo, e a erudita Madame Dacier accrescenta ao retrato d'aquella illustre lesbia, que tinha os olhos excessivamente vivos e brilhantes.

De resto, Horacio, dando-lhe o epitheto de *mascula*, repetido por Ausonio no mesmo sentido, conforma-se com a opinião mais geralmente seguida, de ser esta celebre poetisa hermaphrodita, como os factos parecem provar.

E' indubitavel que Sapho, filha d'uma illustre familia de Lesbos e proprietaria de avultados bens de fortuna não se prostituia a peso d'ouro.

No entanto tinha em sua casa uma escola de prostituição, onde as jovens do seu gyniceu aprendiam de tenra edade um emprego extra-natural dos seus nascentes encantos.

Inutilmente se pretende rehabilitar os costumes e doutrinas da celebre lesbia, philosopha e poetisa; basta a famosa ode que se encontrou nos fragmentos das suas poesias, para demonstrar aos mais incredulos que se a bella, ou horrenda Sapho não era hermaphrodita, era pelo menos tribade. Diz Lilio Gregorio Giraldi n'um dos seus dialogos:—*Diversis amoris est diffamata, adeo ut vulgó tribus vocaretur.*

Esta ode, obra prima da paixão hysterica, revela perfeitamente a abrasadora febre, o extase, a perturba-

ção, a languidez, a desordem e até mesmo a derradeira crise d'essa paixão, mais delirante, mais desenfreada que todos os outros amores. Ignora-se o nome da predilecta lesbia a quem a ode é dirigida.

Vamos traduzir em prosa esta composição poetica para lhe conservarmos mais fielmente todo o colorido.

Eis a famosa ode:

«Feliz quem junto de ti, só por ti suspira! quem goza o doce prazer de te ouvir fallar; quem merece um só dos divinos sorrisos dos teus labios! Nem os deuzes na sua eternal felicidade podem egualar-te! Mal te vejo, sinto correr de veia em veia uma chamma subtil por todo o corpo, e nos doces transportes em que a alma se me perde não sei encontrar nem palavras nem voz! Tolda-me a vista uma nuvem confusa; nada ouço, mergulho-me em suave languidez, e pallida, sem alento, delirante, estremeço, caio e... morro!»

Tem havido quem pretenda attribuir a Phaon a honra dos sentimentos ou sensações que Sapho exprime n'esta ode verdadeiramente admiravel, que tanto nos faz deplorar a perda das suas obras. No entanto desde o principio até ao fim da ode é evidente que é dirigida a uma pessoa do sexo feminino. Temos de resignar-nos a não conhecer aquella a quem foi dedicada, que fazia parte, decerto, do pessoal da escola de Sapho, que teve por discipulas, amantes ou amadas: Arnictene, Atis, Anactoria, Telesila, Cidno, Eunica, Gongile, Anagora, Mnais, Phyrrina, Cirne, Andromeda, Megara, etc.

Qualquer que seja a que inspirou a ode sublime, cuja conservação se deve ao rhetorico Longino, esta composição poetica que offerece uma descripção fiel e

verdadeira do delirio saphico, foi recolhida pela sciencia medica da antiguidade como um monumento de diagnostico d'esta affecção. Barthelemy, na sua *Viagem de Anacharsis*, limita-se a dizer que Sapho «amou as suas discipulas em excesso, porque não podia amar d'outra maneira».

A natureza, effectivamente, tinha indicado n'ella o sexo masculino, desenvolvendo o feminino. O amor incestuoso de seu irmão Caraxo, a rivalidade que encontrou na cortezã egypcia Rodopiza e sobretudo o triumpho indiscutivel d'esta rival, levaram Sapho, segundo se diz, á investigação philosophica d'outra maneira d'amar.

Vivia pois, em companhia das suas lesbias, esquecida de que os homens protestavam contra a sua escola, quando Venus lhe enviou Phaon em castigo da sua estranha aberração. Sapho amou-o apenas o viu, mas não podendo lograr que o seu amor fosse correspondido, atirou-se ao mar, cheia de desespero, do cume do rochedo de Leucade, para extinguir com a vida no seio das ondas a chamma da sua invencivel paixão!

Infelizmente havia já demasiadamente instruido as suas discipulas para que estas renunciassem aos seus primeiros amores, e a sua philosophia, que não era senão a quinta essencia do amor lesbio, nunca deixou de ter proselytos, principalmente entre as cortezãs. Algumas d'ellas para escaparem á seducção dos homens que julgavam amaveis, precipitaram-se tambem do despenhadeiro de Leucade, para se curarem d'uma paixão, que Sapho considerava como uma vergonha e uma escravidão impropria d'um espirito livre.

Fez escola. E' frequentissimo este vicio entre as

cortezãs gregas, prostitutas legaes e tocadoras de flauta nos festins.

Luciano nos seus *Dialogos das Cortezãs* deixou-nos uma descripção tão viva como audaciosa dos costumes da decadencia pagã. Os exemplos abundam nas obras do pornographo.

Ás *auletridas* ou prostitutas livres, mantinham entre si um amor lesbio dos mais impetuosos e desenfreados. Estas mulheres, exercitadas desde a mais tenra edade na arte da sensualidade, chegavam em breve a desordens e excessos a que a sua imaginação pervertida arrastava os sentidos. A sua vida inteira era como que uma lucta perpetua de lascivia, como que um estudo assiduo da belleza physica.

A' força de verem a sua propria nudez e de a compararem com a das companheiras, vinham a affeiçoar-se a este espectaculo e inventavam gosos estranhos sem o concurso dos seus amantes, que muitas vezes as deixavam frias e insensiveis.

Luciano conta nos seus *Dialogos* as queixas da bella Carmide ao ver-se enganada pela sua querida Philemacia, a quem amava e cubria de presentes ha sete annos

Estes depravados costumes eram tão communs entre as tocadoras de flauta, que muitas d'ellas costumavam reunir-se em festins, onde nenhum homem era admittido, e n'elles se divertiam e amavam sob a invocação de Venus Peribasia. N'estes festins, que se chamavam *callipygios*, perante esse tribunal de mulheres quasi nuas e entre taças de vinho coroadas de rosas, realisava-se tambem o concurso de belleza, como

nas margens do Alpheu em tempo de Cypselo, sete seculos antes da era christã.

Cypselo, desterrado de Corintho, edificou uma cidade e povoou-a com habitantes da Arcadia. N'esta cidade consagrada á Ceres de Eleuzis, Cypselo estabeleceu jogos ou concursos de belleza, aos quaes todas as mulheres eram chamadas a concorrer, sob o nome de *Chrysophosas*. A primeira que obtinha a victoria chamava-se *Herodice*. Desde a sua fundação estes memoraveis concursos renovaram-se com esplendor cada quinquenio, e as *Chrysophosas*, ou portadoras de ouro, vinham submetter-se em multidão ás apreciações dos juizes que difficilmente podiam conservar a sua calma imparcialidade. Não havia outros concursos publicos do mesmo genero na Grecia, bem que a belleza alli fosse exaltada e adorada até; as cortezãs porém compraziam-se em imitar nas suas secretas reuniões a estranha fundação de Cypselo, fazendo ao mesmo tempo de juizes e de partes, n'estes concursos voluptuosos que se celebravam á porta fechada.

As auletridas, mais do que todas as hetarias, gostavam de ver-se e de julgar-se assim, e assim preludiavam tambem os mysterios dos seus estravios favoritos.

Alciphronte, apezar de toda a sua gravidade, conservou-nos o quadro d'uma d'estas festas nocturnas em que as tocadoras de flauta e as bailarinas disputavam não só a palma da belleza, mas até os laureis da voluptuosidade.

Mr. Richard, na sua traducção das *Cartas de Alciphronte*, não fez mais que extractar a famosa epistola de Megara a Bacchis. No entanto Publicola Chausard

foi menos timido e a sua traducção, que em parte reproduzimos, não chega ainda assim ao desplante e á audacia do texto grego.

A auletrida Megara escreve á hetaria Bacchis, referindo-lhe os promenores de um festim magnifico a que as suas amigas Thessala, Tryalis, Myrrina, Philomena, Cryisis e Euxippe assistiram:

«Que banquete magnifico! Quero que a narração d'elle te encha de um sincero pesar de não teres assistido. Que canções, que danças, que episodios! As taças beijaram-se com delirio até ao romper da aurora! Manjares delicados, vinhos esquesitos, perfumes, corôas... tudo havia ali...

«Um bosque de loureiros copados era a sala do festim. Nada ali faltava senão a tua presença.»

«Megara não nos diz quem era a rainha d'este festim, e pode bem suppor-se que uma das assistentes o dava em honra da sua predilecta para celebrar os seus amores.»

«Breve se originou uma disputa que não fez senão augmentar o nosso prazer, continua escrevendo Megara. Tratava-se de saber qual das duas, Tryalis ou Myrrina, era mais rica n'esse genero de belleza que faz dar a Venus o nome de Callipygia. Myrrina desata o cinto, deixando cair as roupas interiores: a sua tunica era transparente, por isso ao voltar-se foi como se nos mostrasse os lyrios da pelle atravez da limpidez d'um crystal. Em seguida imprimiu ás nádegas um movimento precipitado e olhando para a frente sorria ao ver o desenvolvimento das voluptuosas formas que se agitavam. Então como se a propria Venus houvesse recebido a homenagem, começou de soltar não

sei que doces gemidos que ainda n'este momento me commovem e fazem estremecer. Tryalis não se dá por vencida, e adeanta-se dizendo:

—«Eu não preciso de me envolver n'um veu; quero apresentar-me aqui como n'um exercicio gymnastico, pois que este genero de combates não admitte desfarces.»

«Disse, e a roçagante tunica veio cair-lhe aos pés.»

«E voltando-se para Myrrina:

—«Vê estas formas, a alvura e suavidade d'esta pelle e as folhas de rosa que a mão da propria Venus espalhou sobre estes contornos graciosos, modelados sem acanhamento nem exaggerações. Em suas amorosas convulsões estas espheras não teem o tremor das de Myrrina, mas sim um movimento parecido com o doce estremecimento das ondas.»

«E dizendo, renova as suas lascivas crispações com tanta agilidade que um applauso universal lhe outorga as honras do triumpho. Outros combates houve ainda, disputou-se novamente a belleza, mas nenhuma de nós ousou competir com o firme, igual e delicado ventre de Philomena, que ignora ainda os trabalhos de Lucina.»

De ordinario, as cortezãs mais desaforadas, não consentiam que as suas orgias secretas fossem reveladas aos olhos dos homens. As que não se deixassem levar, por curiosidade ao menos, a tão escandalosos excessos de depravação, eram tidas como ridiculas entre as suas companheiras, e muitas vezes este resto de pudor tornava-as suspeitas de certas enfermidades que por vergonha tinham de occultar-se.

V

Evoquêmos uma scena voluptuosa d'esses tempos gloriosos do amor grego. Tem tanta poesia, evola-lhe tanto encanto, que não resistimos ao desejo de reproduzil-a.

As formosissimas creanças, que serão dentro em pouco tempo cortezãs celebres em toda a Grecia e até mesmo nas ardentes regiões da Azia, estão reunidas em numero de cem, na clareira de um bosque de myrthos e das arvores symbolicas do louro Apollo, onde se eleva como um divino exemplo da belleza a estatua de Venus Callipygia. As juvenis gregas, sentadas tres a tres na relva florida, erguem os olhos para Lysistrata, ainda ha pouco hierodula em Corintho, que as ensina e as interroga; e cada uma d'ellas, mais perfeita que todas as virgens, se a companheira que lhe ficava ao lado não fosse tão formosa e gentil como ella, tem defronte de si um quadro de madeira preta, onde vae traçando em caracteres brancos as lições da illustre educadora, porque n'aquelles collegios d'amor as jovens mais bellas são cuidadosamente iniciadas em todas as artes encantadoras, para que possam dentro em pouco ser dignas companheiras dos poetas e sophistas amaveis, e dos brilhantes chefes do exercito, bellos e magnificos como os deuses.

Lysistrata pergunta:

—Entre os meios de dar alegria e prazer aos homens qual é na vossa opinião o melhor? Responde tu, primeiro, Ipsêa, de Mileto!

Ipsêa levanta-se, purpurina como as rosas. Debaixo

d'um amplo chapeu de palha da Thessalia, engrinaldado de violetas, correm-lhe em ondas os cabellos como uma torrente de ouro, e a sua bocca é uma flôr prestes a desabrochar. A tunica mostra no peito uma ligeira entumescencia. A creança tem apenas dez annos.

—Que Cytherêa, a filha das ondas me dê coragem e inspiração! disse ella. Eu julgo que nada é mais agradavel aos ávidos olhares dos homens do que uma mulher bem vestida.

—Tens razão até certo ponto. Os adornos femininos fazem nascer o desejo, que é o preludio do prazer. Mas essa difficil arte do adorno d'uma mulher formosa em que consiste? Não te perturbes, Ipsêa, e procura responder!

—Debaixo da calypha, feita de fios imperceptiveis, brilham os anneis de cabellos louros que palpitam como borboletas d'ouro. As que tiverem orelhas pequenas e bem feitas devem adornal-as com uma perola comprida; as que as tiverem um pouco maiores não precisam senão d'uma pedra fina collada sobre a pelle. Os collares largos e arrendados convéem aos peitos amplos, que têem os seios um pouco descidos. Quanto ao vestido, não posso deixar de recommendar o kyparis, essa camiza curta que desce até ao meio das coxas, a tunica cymberica feita d'um leve estofo, o vestido côr d'açafrão, aberto do colo até aos punhos, o strophion que faz levantar o pescoço, o peplos, que se traz no hombro esquerdo, ou a anaboladione bordada a ouro, que treme e fluctua como um nevoeiro dourado pelo sol. Muitas preferem os cothurnos tyrios, que descobrem a nudez rosada do pé. Eu voto pelos crepides de agulhetas de prata que apertam no tornozêlo. Mas a scien-

cia do toucador exige cuidados muito mais mysteriosos. Nunca será digna do nome de hetaria aquella que não untar o rosto com a pomada que se chama desipon feita de mél da Corsega e de gordura d'ovelha; que não enegrecer as sobrancelhas com chumbo; que não esfregar os dentes com musgo de Chio, ou com pedra pómes reduzida a pó levissimo. E' preciso perfumar as mãos com essencias do Egypto, as faces e os seios com perfumes da Phenicia, os cabellos com verbenas e os sovácos com serpão.

Acabando de recitar a sua lição, Ipsêa senta-se novamente, commovida, receiando haver omittido algum promenor importante.

Mas a sábia educadora tranquilisa-a com um olhar, que é um cumprimento.

Em seguida dirige-se a outra alumna.

— Responde agora tu, Eucharis, de Amathunta.

Eucharis levanta-se. Os cabellos contidos por uma larga fita assimilham-se a um leve e brilhante capacete, onde se espelha a luz do sol. Os olhos escuros da joven mostram uma adoravel lucidez debaixo das fartas e sedosas sobrancelhas. E como tem quatorse annos, os dois bicos dos seios virginaes levantam como pontas de frechas o linho flexivel da sua tunica elegante.

— Que Eros me proteja, Eros que sorri complacente aos coros das nymphas amorosas! disse ella. Eu julgo que nada ha para encantar os homens como o som da lyra, acompanhando as bellas ódes e as danças graciosas.

— E' verdade que a musica, o dôce encanto das almas, produz nos mortaes uma suave languidez muito propicia ao amor. Mas a arte mysteriosa dos rythmos

e do canto conhecel-a bem, Eucharis, e podes dizer-nos os seus innumeraveis modos?

—São muito numerosos com effeito, graças aos musicos sagrados que os deuses inspiram.

Todavia, eu espero poder responder cabalmente dentro de algumas horas...

Não poude proseguir o seu discurso, por causa d'uma gargalhada, que soou como um esvoaçar de rôlas. Aquella que assim riu, foi Phryné, de Thespias. Tem desesseis annos, o seu rosto assimilha-se a uma rosa desabrochada, os seus olhos vivos e scintillantes dão muito mais luz ao dia do que a que d'elle recebem.

Tem este costume, a graciosa creança, a cada passo interrompe com gargalhadas as mais graves lições das suas companheiras.

Lysistrata encara-a com severidade.

—Phryné disse ella, porque não imitas a sensatez das tuas companheiras? Queres obrigar-me, apesar da minha bondade habitual, a infligir-te algum justo e severo castigo?

—Pelo riso de Aphrodita, quando viu atravez das malhas da rede de ferro o rosto enegrecido de Hephaistos! creio que estamos perdendo aqui um tempo precioso, replica Phryné, rindo cada vez mais. Não é nem o adorno feminino nem a musica que extasiam os homens e as mulheres!

—O que é então? exclama todo o grupo das alumnas, n'um ardente tumulto.

—Por Eros! E' o beijo! disse Phryné.

Lysistrata interveio.

—Não nos interrompas assim, porque fazes mal, creança. E' verdade que o beijo, tal como o celebra-

ram, depois de o haverem praticado, Sapho, de Lesbos, e Corinna, de Tanagra, é a arte suprema e a suprema alegria.

Mas como lhe conhecerás tu os mysterios creança! Tu que não coraste ainda, a não ser nos teus sonhos deliciosos? No entanto, queremos ouvir-te. Dize-nos então, se por ventura os aprendeste, os artificios e as delicias d'essa caricia incomparavel!

Phryné respondeu:

—Se o beijo, que nenhuma outra caricia eguala, póde ser explicado, não é por labios que falem.

—Pois bem, disse Lysistrata, segue-me aos bosques de myrthos floridos. Eu quero avaliar por mim propria até onde chega a tua sciencia. Mas cautella! Serei desapiedada em proclamar a tua derrota!

Depois d'estas palavras, a educadora e a educanda entraram juntas no bosque perfumado.

Quando voltaram, a vermilhidão do poente tremia já nos ramos, onde d'ahi a pouco iam começar a adormecer os ninhos.

—E então? perguntaram as educandas. Phryné foi vencida? Estava em erro? Sabia bem o que dizia?

—Phryné tinha razão! E' o beijo!, disse Lysistrata, docemente humilhada e languida.

CAPITULO III

Comprehende a sociedade romana durante a republica.

O mundo aziatico e o grego vencidos, vingaram-se do povo romano vencedor, cedendo-lhe os vicios.

Foi n'este periodo que a inversão esteve no seu auge.

A principio os romanos luctaram muito com a falta de mulheres, alem d'isso nos seus tempos de guerreiros nomadas e conquistadores, nas suas vagabundagens atravez de terras e costumes, tinham, ao mesmo tempo que revigoravam a fibra no manejo das armas, robustecido e desenvolvido o vicio n'um culto superstícioso de satyros. Nada respeitavam; tudo era seu. Mulheres, honra, brio, dignidade, nada significavam.

E todavia foi um grande povo!

A civilisação latina constitue a edade d'ouro do vicio.

Os historiadores e poetas satyricos accummularam provas d'isso. Virgilio, Horacio, Tibullo, Cicero, Ca-

tullo, Martial, Juvenal, Tito-Livio, Tacito. Suetonio, Terencio, Plauto, Propercio, Petronio e outros, cantaram, descreveram e estigmatisaram o vicio. Gritos d'amor, confissões e desejos formulados, ali se misturam aos gritos d'indignação, traços d'observação e documentos.

Os *Epithalamios* de Catullo, os *Epigrammas* de Martial, o *Satyricon* de Petronio, as *Satyras* de Juvenal, são muito notaveis pela quantidade d'informações preciosas que nos fornecem.

Estes auctores representam a litteratura pornographica de Roma. Descrevem o mal, pintam, recamadas de poesia, floretadas d'estylo, as scenas messalinicas da depravação romana, escorçam as orgias sardanapalicas de imperadores impando de sensualidade e vicio, entram nos gyneceus crapulosos e pervertidos onde se prostituem Cezares e incestam filhas de imperadores, tomam parte no deboche, teem amantismos condemnaveis de invertidos—e nas suas obras, n'essas paginas tantas vezes monumentos d'uma litteratura incomparavel, repositorios d'uma intelligencia vastissima e d'uma potencia descriptiva e observadora de primeira ordem, não se encontra, nem indignação pelo mal, nem pesquiza das suas causas, da sua natureza.

Não veem se não a obscenidade; o modo d'evital-a desconhecem-n'o, não tentam mesmo procural-o. Além de Juvenal que nas suas *Satyras* verbéra sem dó nem piedade os libertinos do seu seculo, mais ninguem condemna o vicio que é quasi uma instituição em Roma.

II

A prostituição feminina campeava abertamente em Roma. O direito civil só a prohibia em casos excepcionaes, limitando-se a moderar o seu abuso; era unicamente á moral publica, á philosophia, que competia corrigir os costumes e reprimir a libertinagem. Mas, como nol-o faz comprehender Cicero, a philosophia e a moral eram por egual indulgentes com os máus habitos, que por sua antiguidade se tornavam quasi respeitaveis.

Tolerado assim tão complacentemente o commercio natural dos dois sexos entre si, não reprimiam a inversão sexual, o peccado *contra naturam*, inventado pelos fáunos do Lacio, se é que não estava auctorisado no mundo desde os primeiros seculos.

Esta depravação vergonhosa que as leis civis e religiosas da antiguidade, excepto as de Moysés, não tentaram combater, nunca chegou a ter tanto desenvolvimento como nos tempos da civilisação romana. Aos olhos do legislador, era, todavia, uma fórma tolerada de prostituição ou escravidão. Os homens *ingenuos* ou livres não deviam portanto submetter-se a ella; os escravos, porém, os libertos, os estrangeiros, podiam dispôr de si mesmo, alugando-se ou vendendo-se, sem a lei ter que ingerir-se nas condições de similhante trafico. Quanto aos cidadãos ou *ingenuos*, compravam ou alugavam á vontade o que melhor lhes parecia, não sendo possivel estabelecer-se fiscalisação legal em virtude da natureza do trafico: uns contractavam como homens livres, os outros como escravos; estes soffriam a prostituição, aquelles impunham-n'a.

Entre os homens livres, porém, as cousas passavam-se d'outro modo, e a lei, guarda da liberdade de todos, intervinha algumas vezes para castigar o attentado commettido contra a liberdade de cada um; tal era pelo menos, a ficção legal. Só n'estas circumstancias é que um cidadão não tinha o direito de alienar a sua liberdade ao ponto de submetter-se a um acto vergonhoso para ella.

No quinto seculo da fundação de Roma, L. Papyrio, surprehendido em flagrante com o joven C. Publio, foi condemnado a prisão e multa por não saber respeitar o caracter d'um *ingenuo* ou homem livre. Pouco tempo depois, o mesmo C. Publio foi tambem, castigado por delicto identico!

O povo não permittia que os cidadãos se comportassem como escravos. Letorio Mergo, tribuno militar, levado á assembleia do povo por ter sido surprehendido com um *cornicularío* (corneta) do seu *regimento*, foi unanimemente condemnado a prisão.

A violação d'um homem considerava-se crime ainda mais grave que a d'uma mulher, porque revelava mais insolencia e sobretudo maior perverção.

Esta especie de violação não era punida com pena de morte, senão quando commettida em homem livre. Um centurião chamado Cornelio, réu d'este crime, foi executado em presença do exercito. Todavia, esta penalidade não foi applicada em virtude de lei especial, senão na segunda guerra punica, quando certo Caio Escantinio foi accusado por C. Metéllo de tentativa de estupro no filho d'este patricio. O senado promulgou então uma lei chamada *escantinia* contra os sodomitas, na qual, porém, só se tratava dos homens livres, não

se pondo côbro nem correctivo algum a esta especie de prostituição, que se tornou como que o patrimonio de escravos e libertos.

Tal foi entre os romanos a unica jurisprudencia a que deu lugar a inversão sexual, até que a religião christã introduziu uma legislação nova no paganismo, purificando-a ao calôr da sua moral severa.

Sob o imperio das ideias pagãs, existira no estado de tolerancia, e a lei nem sequer se dignara levantar o véu que a encobria aos olhos da consciencia publica, quando, porem, o Evangelho começou a reforma dos costumes, o legislador christão reconheceu o direito e ao mesmo tempo o dever de reprimil-a.

III

Em Roma, a prostituição masculina era quasi tão geral e ardente como a feminina.

Os *pœdicones* ou pederastas eram muito numerosos em todas as classes e escolhiam as suas victimas nos escravos, libertos e estrangeiros.

Estes prostituidos tinham um grande numero de denominações:

Pœdico, pœdicator — Pederastas. Meritorii pueri — Rapazes d'aluguer.

Cinœdi — Cinedos. Pathice — Pacientes. Ephebi — Ephebos, adolescentes.

Amasii — amantes. Etc., etc.

Conheciam-se facilmente pelo pórte. Não tinham nem barba nem pellos. Untavam a pelle d'oleos perfumados. Usavam os cabellos compridos e cuidadosamente annelados. O seu ar era cynico, o olhar obliquo; as

roupas de côres vivas e espectaculosas, preferindo muito a verde, que chegou a caracterisal-os dando-lhes o nome de *galbanati.*

Um grande numero d'estes infelizes eram desde a mais tenra edade destinados á prostituição pelas mutilações que lhes faziam soffrer.

Havia tres especies de eunuchos: os *castrati* que não tinham nada do seu sexo; os *spadones*, que só eram impotentes e os *thlibiæ* a que se atrophiavam os testiculos por meios cirurgicos.

Domiciano prohibiu estas mutilações e prostituição, pelo que Martial o felicitou.

Os invertidos sexuaes conheciam-se em Roma entre si pela erecção do dedo medio (*signum infame.*) Este foi considerado portanto *infame* e os romanos nunca ahi uzaram anneis.

Os barbeiros eram os principaes correctores do amor; as suas lojas completos antros de deboche masculino.

As familias patricias tinham o costume de dar aos filhos, a partir do dia da puberdade, um joven escravo que lhes partilhava o leito e era destinado a satisfazer seus primeiros impetos voluptuosos.

Estes escravos, chamados *internuculus*, usavam longos cabellos fluctuantes. No dia do casamento o joven romano, querendo indicar que seria fiel á esposa, mandava cortar-lhes os cabellos.

A habitação dos pederastas em Roma era na rua dos Toscanos, vicus tuscus: *In tusco vico, ibi sunt homines qui ipsi sese venditant.* (1)

(1) Plauto, Curcul, 490.

Como hoje, os invertidos sexuaes dividiam-se em duas classes, os *activos* e os *passivos*.

IV

Os banhos de Roma foram um dos fócos principaes da desenvolução enorme da prostituição saphica e pederasta. Homens e mulheres, vendo-se ahi completamente núus, tendo continuamente deante dos olhos o espectaculo da mais impudica exposição de corpos esplendidamente modelados, sentindo-se tocados e friccionados pelos banheiros, iam pouco a pouco inventando uma serie de prazeres novos e até então desconhecidos, a cuja realisação consagravam a vida inteira, gastando-se e consumindo-se na impura Capua dos banhos publicos.

Cada qual levava para ahi os seus escravos, homens ou mulheres, eunuchos ou *spadones*, para guardar a roupa, e ao mesmo tempo servir-lhes nos varios misteres do toucador: barbear, pentear, ministrar os perfumes, as tinturas, etc. Esta mistura de sexos, esta diversidade de contactos e profissões devia necessariamente conduzir á voluptuosidade e depravação. Além d'isso os donos do estabelecimento tinham tambem escravos idoneos e dispostos para toda a especie de serviços, agentes miseraveis da sensualidade, que se alugavam para differentes usos.

Na sua origem os banhos eram sombrios, de tal modo escuros que homens e mulheres podiam lavar-se juntos sem se reconhecerem, a não ser pela voz; em breve porém o luxo e a claridade os invadiram, a luz en-

trava em torrentes, o marmore encaracolava-se em artisticos arabescos, voluptuosas estatuas.

As mulheres juntavam-se em formosos grupos d'amigas ou apaixonadas e levando as escravas mais lindas, lá iam, todas juntas nas piscinas nacaradas, exposicionar os corpos nus, centuplicando em mil posições mais ou menos lascivas a sua formusura tantas vezes estonteadora. Os contactos multiplicavam-se, os desejos estuantes d'uma mocidade louca e gentil cresciam com elles, a noção do pudor perdia-se, e uma fome ardente de prazer, um vulcão prenhe de lavas, irrompia d'entre aquella catadupa de corpos d'alabastro, que se confundiam n'um pandemonio de membros entrelaçados e tremulos de volupia.

Era ali o sanctuario do *amor lesbio*, que a sensualidade romana levou muito mais longe que as discipulas de Sapho.

As mulheres que se dedicavam a esta depravação eram designadas, como na Grecia, pelo epitheto de *lesbias*, quando não accrescentavam cousa alguma aos preceitos da philosophia feminina de Lesbos.

Tomavam, porém, o nome de *fellatrices*, quando procuravam ao homem prazeres immundos e infames, na satisfação dos quaes manchavam abominavelmente a bocca. E como se isto não bastasse ainda, aquellas miseraveis ensinavam a sua arte infame ás creanças e escravos, que d'isto receberam tambem o epitheto de *fellatores*.

Esta impureza de tal modo se generalisou em Roma, que um poeta satyrico exclamava horrorisado:

—Oh nobres descendentes de Venus! Dentro em pouco tempo não haverá labios bastante limpos para poderdes dirigir á deusa as vossas preces!...

Martial escreveu a este respeito alguns epigrammas que a nossa penna se recusa a traduzir; taes abominações elles descrevem!

Esta infame aberração da luxuria, de tal modo se havia propagado em Roma no tempo dos imperadores, que Plauto e Terencio se referem ao vicio dos *fellatores* como uma coisa muito simples e muito vulgar, havendo até uma comedia, os *Attelanes*, onde recorrendo á mimica para fugir ás escabrosidades do dialogo, os actores davam a entender por varias pantomimas, os mysterios vergonhosos dos *fellatores*.

Quando adiante tratarmos do estudo contemporaneo da inversão sexual, teremos occasião de voltar a este assumpto apresentando até alguns casos curiosos.

V

O *amor lesbio*, como já atrás demonstramos, contava muitas iniciadas em Roma. Tito-Livio, Juvenal, Ovidio e Martial deixaram paginas scintillantes de verdade, que descrevem os deboches femininos nas Saturnaes e festas á *Bôa Deusa*, celebradas em segredo pelas mulheres, nos banhos publicos e *commessationes* ou festins nocturnos.

«A bezerra não se enamora da bezerra, nem a jumenta da jumenta. O carneiro e o veado esposam as suas femeas, e é assim que as aves tambem fazem; entre os seres animados nenhuma femea está livre do amor pela femea.» (1)

(1) Ovidio — Metam., IX, 730.

Cœlius, Martial, chamam-lhes *Tribades;* Plauto, *Subigatrices;* Arnobo, *frictrices.*

Martial deixou-nos um epigramma a uma virago lesbia, que é uma maravilha. Damos a sua traducção franceza:

«Joindre ensemble oses tu deux femmes sein à sein
Où Venus ambigue, un homme représente;
Un monstre formé as de l'enigme thébain
Digne, où mâle n'estant, d'adultère on attente.» (1)

VI

A lingua erotica latina era muito rica e estava muito aperfeiçoada; tinha tomado da grega tudo aquillo de que podia apropriar-se sem prejudicar a sua indole propria; desenvolvia-se e augmentava sem cessar, prestando-se a todas as phantasias libidinosas dos seus poetas eroticos; repellia os neologismos barbaros e empregava frequentemente as allusões e as reticencias, de modo que fazia passar para o seu vocabulario, os da guerra, da marinha e da agricultura.

De resto, tinha apenas um pequeno numero de palavras technicas, de raiz exotica as mais d'ellas, que lhe fossem proprias, e preferia desviar da sua primitiva accépção as palavras mais honestas e usuaes, marcando-as com o sello da libertinagem por meio d'um tropo frequentes vezes engenhoso e poetico.

Mas esta lingua, que não conhece reticencias nas

(1) Trad. por J. Duval, Traite des Hermaphrodites, 1612.

elegias de Catullo, nos epigrammas de Martial, nas historias de Suetonio, nas fabulas de Appuleyo, apenas se fallava nas reuniões licenciosas, ou nas expansões particulares intimas, de amigo para amigo, d'amante para amante, pois está averiguado um facto extraordinario, é que os mais desaforados libertinos, os que menos decentes podiam considerar-se nos seus trages e costumes, se envergonhariam de proferir em publico uma palavra obscena ou mal soante. Este pudor de linguagem empedia-os frequentemente de parecer o que eram.

Os nomes empregados entre os amantes de ambos os sexos nos seus momentos de ternura e carinho não eram menos decentes, decorosos e innocentes.

Assim as saphicas chamavam ás amantes: *querida joia, pomba, mel, ambrosia, menina dos meus olhos* (*occulissimus*), *sua alegria*, e nunca empregavam interjeições impudicas; os poetas aos ephebos: a *sua rosa*, *a sua rainha, a sua deusa, estrella, pomba, luz, etc.*

O mais usado todavia, tanto por um como pelo outro sexo era: *Amabo!* grito apaixonado que resumia o protesto de amor eterno de uma vida inteira!...

Logo que duas pessoas se ligavam com relações intimas, davam-se reciprocamente os nomes de irmão e irmã *(frater e soror)*, denominação d'um terno carinho que era commum entre as lesbias desde a mais humilde até á mais altiva.

«Quem te prohibe de tomares uma *irmã?*» diz uma heroina de Petronio.

E n'outro logar diz um homem a outro homem: «Cedo-te meu *irmão.*»

Mas se os romanos eram admiraveis de decencia e

de pudôr na linguagem, não o eram nos gestos e na audacia deshonesta dos actos.

Muitas das aventuras libertinas negociavam-se na via publica por meio de signaes.

Havia differentes dialectos na pantomima amorosa. Ordinariamente a expressão mais eloquente d'esta linguagem lasciva brilhava n'um olhar. Os olhos fallavam-se e entendiam-se vantajosamente, tanto mais quanto uma vista perspicaz com espontaneidade de espirito seguia ou se anticipava mesmo ás fulgurações da pupilla. Quando os olhos não se comprehendiam, os movimentos dos labios e dos dedos vinham então em auxilio dos amantes, com signaes mais intelligiveis, mas já muito menos decentes para pessoas, que ás vezes se teriam envergonhado de fazer uso da palavra.

Assim o signal geralmente adoptado entre os amadores da prostituição masculina consistia na erecção do dedo medio, em cuja base se agrupavam os outros dedos da mesma mão, figurando os obscenos attributos de Priapo.

Estes movimentos impudicos executavam-se com tão prodigiosa rapidez que passavam desapercebidos para os indifferentes. O dedo medio foi manchado na Grecia com a nota d'infame, porque os camponezes serviam-se d'elle para conhecerem se as gallinhas tinham ovo, circumstancia ridicula que deu origem a uma palavra pouco decente por que eram designados os pobres rusticos.

Em Roma tambem este dedo foi considerado infame e, como já n'outro logar dissemos, nenhum romano usava anneis no seu dedo medio.

«Mette bem a ridiculo, Sextilo, diz Martial, mette

bem a ridiculo aquelle que te chamar *cinœdus*, apresentando-te erguido o dedo medio.» A apresentação do dedo indicava ao mesmo tempo a pergunta e a resposta na linguagem tacita d'aquelles infames libertinos.

Tinham, porem, um outro signal ainda em que o dedo infame mudava de jogo, consistia em leval-o á cabeça ou á testa, coçando-as com elle.

«O que ha a notar no impudico, diz Seneca, na sua carta LII, é o seu modo de andar, é o jogo que executa com a mão, é o dedo que leva á cabeça, e as palpebras entumecidas.»

Juvenal auctorisa-nos a suppôr que este signal de coçar a cabeça com o dedo havia substituido na linguagem gesticulada a erecção do dedo medio sobre a mão fechada:

— «Vêde, diz elle, vêde afluir de toda a parte a Roma todos os effeminados, que coçam a cabeça só com o dedo.»

CAPITULO IV

Aos imperadores, á funesta influencia dos seus costumes depravados, ao seu mau exemplo e instigações, deve attribuir-se o espantoso progresso da corrupção da sociedade romana, corrupção que veio emfim a desorganisal-a, preparando o triumpho obtido pela moral christã. Essa moral sã e pura tinha tido já alguns precursores na philosophia do paganismo, mas os seus conselhos careciam de força e de alcance, porque não emanavam da auctoridade religiosa, porque não procediam do dogma, porque eram estranhos ao culto.

A religião dos deuses falsos parecia desmentir constantemente as theorias philosophicas, que tendiam a tornar o homem melhor, ensinando-o a deixar-se dirigir pela propria estima e a merecer tambem a estima alheia.

Esta religião toda material e sensual não podia satisfazer os espiritos elevados e os nobres corações que o Evangelho ia encontrar dispostos a comprehendel-o.

Era, porém, mister alguns seculos de trabalho perseverante e mysterioso nas almas, para as apropriar de certo modo á nova fé e moral austera do christianismo.

Todos os excessos de luxo, todas as desordens das paixões, todos os refinamentos do prazer, foram o resultado d'uma excessiva civilisação, que não tinha um freio religioso, e que não aspirava a outro fim senão á satisfação do mais brutal egoismo; e nunca se levou mais longe esse egoismo brutal, do que na epocha dos Cezares, que foram, por assim dizer, a sua monstruosa personificação.

«O vicio chegou ao seu cumulo,» dizia tristemente Juvenal, espantado das infamias que denunciava nas suas satyras. Em vinte passagens da sua collecção este incorruptivel estoico maldiz as torpezas do seu tempo e recorda com saudade as austeras virtudes dos romanos da republica.

«Eis a extrema decadencia a que chegámos, diz elle amargamente. E' verdade que levámos as nossas victorias aos confins da Hibernia.

«Submettemos recentemente as Orcades e a Bretanha, onde as noites são tão curtas. Mas o que fez o povo vencedor na cidade eterna, não o fazem os vencidos.»

II

Os imperadores romanos, senhores absolutos dos homens e das coisas, mas escravos das suas paixões, entregaram-se a todas as formas de vicios e prostitui-

ram-se publica e vergonhosamente com eunuchos, libertos e escravos.

Julio Cezar, um epileptico, abre a serie.

O velho Curion, n'um dos seus discursos, denominou-o *o marido de todas as mulheres, e a mulher de todos os maridos.*

A primeira parte d'este sangrento epigramma refere-se ao grande numero de mulheres que seduziu, entre as quaes se contam muitas rainhas estrangeiras. Depois da conquista das Galias, os soldados cantavam em côro no dia do seu triumpho:

«Cidadãos, guardae as vossas mulheres, porque trazemos o libertino calvo. Gastaste na Galia em emprezas amorosas todo o ouro que tomaste em Roma.»

Effectivamente Cezar era immensamente prodigo com as suas amantes. A Servilia, mãe de Bruto, durante o primeiro consulado, offereceu elle uma perola que havia custado seis milhões de sestercios. (1)

A segunda parte do epigramma é, segundo alguns, um exaggero manifesto, porquanto, compulsando a historia, não se encontra novamente na vida de Cezar o uso do peccado *contra naturam* que lhe attribuem ter commettido com o rei Nicomedes. Esta vergonhosa proesa levantou tão escandaloso ruido, que o nome do conquistador ficou manchado aos olhos de todo o mundo com um indelevel opprobio.

A calumnia apoderou-se de certo d'um facto, que não fôra afinal mais de que um episodio de crapula, que teria passado desapercebido, se os culpados não fossem homens tão notaveis como Cezar e Nicomedes.

(1) Proximamente duzentos e dez contos de reis.

Cicero conta n'uma das suas cartas que Cezar fôra conduzido por uma escolta de guardas pretorianos á camara do rei da Bythinia, que se deitava alli coberto de purpura n'um leito d'ouro, e que o illustre e glorioso descendente de Venus não tivera escrupulo de prostituir a sua virgindade nos braços do referido Nicomedes *(floremque œtatis a Venere orti in Bythinia contaminatum)*.

Desde esta infame complacencia, Cezar tornou-se alvo das mais acêrbas ironias, que soffreu pacientemente, sem desmentir o boato, nem sequer responder a elle. Umas vezes, Dolabélla chamava-o em pleno senado concubina d'um rei e colchão do leito real, outras o velho Curion dardejava contra elle os injuriosos epithetos de *lupanar de Nicomedes* e *prostituta bythiniana*.

Um dia como Cezar se arvorasse em defensor de Niza, filha de Nicomedes, Cicero interrompeu-o com um gesto de desgosto, dizendo-lhe:

—«Põe similhante assumpto de parte. Demasiado sabemos tudo o que recebeste de Nicomedes e o que lhe deste a elle tambem.»

D'outra vez um certo Octavio, que tinha plena liberdade de dizer o que lhe aprouvesse, porque passava por louco, saudou Cezar com o titulo de rainha e Pompeu com o de rei. Caio Memenio contava a quem queria ouvil-o, que vira o joven Cezar, servindo á mesa de Nicomedes, confundido com os eunuchos do rei. Finalmente, quando Cezar subia ao capitolio, depois da submissão das Galias, os soldados cantavam alegremente em redor do carro triumphal:

«Cezar submetteu as Galias; Nicomedes submetteu Cezar. Cezar triumphou por haver submettido as Ga-

lias, mas Nicomedes não triumpha, apesar de haver submettido Cezar.»

Quanto a nós parece-nos não haver grande exaggero na classificação de Cezar como invertido. Se não fosse culpado ter-se-hia defendido de tão constantes e graves accusações.

O seu silencio e a sua epilepsia provam bastante em favor dos seus vicios.

III

Octavio não ficou atraz de Cezar, emquanto ao impudor e á sensualidade. A sua reputação, segundo Suetonio, foi manchada na sua juventude por mais d'um opprobio. Sexto Pompeu apodou-o d'effeminado. Marco Antonio lançou-lhe em rosto haver comprado a preço da sua deshonra a adopção de seu tio.

Lucio, irmão de Marco Antonio, sustentava que Octavio, depois de haver entregado a flor da sua innocencia a Cezar, a vendera segunda vez em Hespanha a Hircio por 300:000 sestercios. (1)

Tiberio, cuja propensão para a embriaguez, o levava aos vicios mais abominaveis, presava-se, no entanto, de reformador dos costumes romanos.

Confirmou as severas leis que o seu predecessor fizera contra o adulterio e restabeleceu a antiga usança de ser votado por uma assembleia de parentes e por unanimidade de votos o castigo das mulheres que tivessem faltado á fé conjugal. Quanto aos maridos, que

(1) Dez contos e quinhentos mil reis.

fechavam os olhos ao escandaloso comportamento das suas mulheres, obrigava-os sómente a repudiar essas impudicas. Desterrou para ilhas desertas as patricias que se haviam feito inscrever nos registos da prostituição, para se entregarem sem risco ás maiores desordens. Desterrou tambem de Roma os jovens libertinos de condição livre, que para obterem o direito de apparecer no theatro, ou na arena, haviam requerido voluntariamente a nota de infamia. Em compensação, porem, e pela parte que lhe dizia respeito, nenhum caso fazia das austeras prescripções da sua jurisprudencia, e parecia até mesmo dar tratos á imaginação para inventar e commetter crimes e torpezas, que ninguem antes d'elle teria ousado imaginar.

Os seus actos de supremo magistrado do imperio offereciam continuamente as mais estranhas contradicções com os vicios da sua vida particular. Um dia no senado apostrophou severamente Sexto Galbo, velho prodigo e libidinoso, que já havia sido castigado por Octavio, e poucos momentos depois, á sahida, convidou-se elle proprio para ceiar em casa do velho libertino, com a condição de que em nada se alterariam os costumes da casa.

N'outra occasião trabalhando na reforma dos costumes, passou dois dias e uma noite á meza com Pomponio Flaco, e L. Pison, aos quaes recompensou pelas suas infames complacencias, nomeando, um governador da Syria, outro perfeito de Roma, e chamando-os nas suas cartas credenciaes, *os seus mais deliciosos amigos de todas as horas.*

O povo poz a este imperador a alcunha de *Caprineo*,

alludindo ao mesmo tempo aos seus costumes de bóde e á sua residencia habitual na ilha de Caprêa.

Tiberio levou tão longe os seus desvarios, excessos e torpezas, que nos vemos obrigados a não referil-as e até certo ponto a não as crêr. Tinha creanças de tenra idade, que chamava *peixinhos, ut natanti sibi inter femora versarentur ac luderent, lingua morsuque sensim appetentes, atque etiam, quales infantes firmiores, necdum tamen lacte depulsos, inguini seu papillæ admoveret*, genero de prazer a que a sua idade e temperamento o inclinavam especialmente.

Por este motivo, tendo-lhe alguem legado o quadro de Parrhasio, em que Atalante prostitue a bocca ao prazer de Meleagro, e dando-lhe o testamento a faculdade de escolher entre o quadro e um milhão de sestercios, o velho impudico preferiu o quadro, collocando-o como um objecto sagrado no seu quarto de dormir.

Dizem tambem que um dia durante um sacrificio, se enamorou da belleza d'um mancebo que levava o incenso, e apenas deu tempo para que se acabasse a cerimonia, com o desejo de satisfazer a sua sordida paixão, a que teve de prestar-se tambem um irmão do thuribulario, tocador de flauta que agradou egualmente ao infame imperador; e como pouco depois um dos irmãos censurasse ao outro o opprobio commum, o tyranno ordenou que os castigassem, e por sua indicação quebraram as pernas a ambos.

Caligula, menos reservado ainda do que Tiberio, a quem procurava imitar, amou desenfreadamente Marco Lepido, o comico Mnester e outros muitos com quem tinha um commercio reciproco grosseiro e brutal. O

seu prazer era sempre o mesmo, não procurava augmental-o com requintes de voluptuosidade.

A glotoneria, muito mais que a luxuria era a inspiradora dos desvarios da sua imaginação. Em assumptos de gastronomia procurava o extraordinario e o monstruoso. O amor nem mesmo era um pretexto das suas prodigalidades.

De resto, Caligula fez esquecer as libertinagens com as suas engenhosas crueldades, enormes exacções e assombrosas delapidações.

Fundou um lupanar no proprio palacio dos Cezares, onde innumeras matronas e ingenuos occupavam cellas.

O imperador mandava os seus *numenclatores* ás praças e templos da cidade, afim de convidarem á libertinagem os mancebos e velhos dissolutos.

IV

Nêro nos primeiros tempos fingia uma certa reserva, ao dar-se aos excessos das suas paixões luxuriosas, que os poucos annos podiam talvez desculpar.

Logo porém que este monstro imperial deitou para longe a mascara, que occultava as suas horriveis propenções, evidenciaram-se-lhe todos os vicios e excessos de libertinagem a mais inacreditavel.

Logo que anoitecia, disfarçava-se com um trajo vulgar para percorrer as tabernas e outros lugares suspeitos. Vagueava pelas ruas como um perdido, insultando as mulheres, provocando os homens e atropellando quantos lhe resistiam. Segundo elle, era este

o melhor meio de estudar, conhecer o povo, e aprender a viver como um bom cidadão.

Em breve se cançou, porém, d'estes disfarces para occultar os seus costumes, e começou a gostar de os patentear ao publico, sem se importar, nem com o escandalo, nem com os vituperios. Ia ceiar publicamente, umas vezes no Campo de Marte, outras, no Grande Circo, fazendo-se servir por todas as prostitutas de Roma e por flautistas estrangeiras.

E ainda não é tudo. Todas as vezes que Nero ia a Ostia pelo Tibre, ou navegava em redor do golpho de Bayas, estabeleciam-se ao longo da praia casas de prostituição onde o convidavam a deter-se.

Tacito, Suetonio e Aurelio Victor, fallam das infamias de Nero, mas recusam-se a descrevel-as circumstanciadamente, tão torpes eram.

Suetonio depois de contar varias proezas de Nero com alguns *ingenuii*, muito pela rama, torna-se mais explicito sobre o seu casamento com Esporo.

Esporo era um mancebo de incomparavel belleza. Nero enamorou-se d'elle, e desejando que em vez d'homem fosse mulher, teve a execravel phantasia de lhe mudar o sexo, mandando-o mutilar *(ex sectis testibus etiam in mulierem transfigurare conatus.)*

Depois d'este barbaro processo, assignalou-lhe o dote, poz-lhe o veu nupcial como a uma noiva, e celebrou pomposamente a cerimonia do casamento, recebendo-o por esposa no meio d'uma numerosa concorrencia, que applaudiu aquella infame e deshonrosa mascarada.

Houve alguem, no entanto, que teve a proposito

d'esta farça um bom dito, que poderia ter-lhe custado muito caro:

—Teria sido uma grande felicidade para o genero humano, se Domicio, pae do Nero, tivesse casado com uma femea d'esta especie!

A historia deixou no olvido o nome do malicioso critico.

Nero esteve por muito tempo enamorado de Esporo, que trazia sempre vestido de imperatriz e com quem andava em publico, sem vergonha da sua propria ignominia.

Viajou pela Grecia em companhia d'aquella imperatriz sem sexo, prostituta que não era mulher, mancebo que não era homem, e de regresso a Roma, apresentou-se com elle n'uma liteira nas festas Sigilarias, onde a cada instante se beijavam á vista do publico, paciente e desmoralisado.

Nero jactava-se de poeta e deixou-se arrastar pelas ficções da poesia, a inverosimeis caprichos de furor erotico. Costumava imitar as metamorphoses dos deuses, vestindo-se com pelles d'animaes, e atirando-se, umas vezes vestido de lobo, outras de leão, de touro ou de cysne, sobre mulheres e homens atados de antemão, aos quaes arranhava, mordia ou mutilava, segundo os caprichos da sua feroz lascivia.

Exaltado por esta febre de luxuria, persuadia-se de que os deuses propicios o tinham transformado em mulher e entregava-se ao liberto Dyophoro, imitando os gritos d'uma donzella enamorada, victima da paixão e ardor do seu amante.

Um monstro como Nero não chegou ao cumulo da

torpeza, sem fazer recair sobre a humanidade inteira todo o desprezo que de si proprio sentia. Nero estava convencido de que não havia homens absolutamente castos ou isentos do peccado da luxuria e dizia que a maior parte d'elles sabiam dissimular o vicio e occultal-o com extrema habilidade. «Assim, accrescenta Suetonio, perdoava todos os outros defeitos áquelle que lhe confessava francamente a sua lubricidade.»

Depois de Esporo, Nero ainda esposou um actor mimico e um eunucho, o primeiro como homem e o segundo como mulher.

Petronio Arbiter foi o organisador e digno companheiro das suas orgias.

Bruno Bauer considera, com alguns visos de verdade, como uma pura invenção dos seus inimigos, um grande numero de factos imputados a Nero por Suetonio, Dio-Cassius e Aurelio Victor.

Por outro lado Dio-Cassius attribue ao pholosopho Seneca, professor de Néro, o vicio pederasta d'este ultimo.

V

Galba apesar do seu nome, que significava homem gordo e avantajado, era muito fraco, e esta mesma fraqueza accusava a infamia dos seus actos. Nas suas affeições eroticas, dava sempre a preferencia ao homem, moço ou velho, contanto que fosse robusto.

Quando Icilo, um dos seus antigos concubinos lhe foi annunciar em Hespanha a morte de Néro, conta-se que não contente de o abraçar dando-lhe alviçaras da boa noticia, indecente e publicamente o mandou lavar

e o levou d'alli para o seu leito, onde dormiu com elle toda a noite.

Othon, que não deu tempo a Galba para *gosar a sua juventude*, como diziam os soldados, passeando pelos acampamentos a sua cabeça na ponta d'uma lança, era um discipulo e um complacente de Nero, e fôra sempre, desde a mais tenra idade, prodigo e libertino, frequentador de todos os lupanares e amigo de todos os excessos. Na idade da ambição consagrou-se para ganhar credito a uma liberta, que tinha muito dinheiro, e fingiu estar namorado d'ella apezar de ser muito velha. Foi por este meio que conseguiu insinuar-se nas bôas graças de Nero, a quem prestou ignominosos serviços. Pouco depois, malquistava-se com o imperador por causa de Popêa, que ambos disputavam, e Othon teve de ceder ao direito do mais forte.

E' de crer que os seus costumes se fossem corrompendo mais com os annos, e o modo de vida do tyranno, póde apreciar-se pela descripção do toucador, que prova os seus gostos effeminados:

« Fazia tirar todo o cabello do corpo, e punha na cabeça quasi calva cabellos comprados, collocados com tal arte que ninguem descobria a fraude. Escanhoava todos os dias a cara com excessivo cuidado e esfregava-se com pão molhado, costume que havia contrahido desde que lhe despontara o buço, para nunca ter barba».

Proclamado imperador apenas teve tempo para algumas orgias, por se ver obrigado a sair logo ao encontro de Vitellio que vinha disputar-lhe o imperio. Othon suicidou-se depois de tres derrotas successivas, apesar do seu aspecto effeminado e enfermiço não prometter tanto valor.

Vitellio foi um dos favoritos de Tiberio durante o tempo que este rezidiu em Caprea, onde dirigiu as obscenidades d'aquelle imperador. Depois continuou por muito tempo a deshonrar-se com similhantes infamias, até chegar á idade do *touro velho*, como elle costumava dizer gracejando, vindo a ser successivamente o impuro familiar de Caligula, Claudio e Nero.

Enamorou-se d'um liberto chamado Aziatico, seu antigo companheiro d'infamia em Caprea, que lhe fugia constantemente sem conseguir que o amante o esquecesse. Vitellio encontrava-o, umas vezes vendendo vinho aos arrieiros, outras luctando com os gladiadores, mas, ao vel-o, o liberto sentia-se envergonhado das recordações da mocidade. Tornou finalmente a encontrar aquella victima rebelde e procurou attrahil-o por meio de presentes e d'outras seducções, até que deu a Aziatico o titulo de cavalleiro e o fez governador d'uma provincia.

Tito, que havia alcançado em Roma uma terrivel reputação, costumava prolongar até á meia noite as suas orgias com os mais dissolutos dos seus familiares, rodeava-se a todos os momentos d'uma multidão de licenciosos e d'eunuchos, n'uma palavra, era um temido, um outro Nero. De repente porém mudou de costumes, ao subir ao throno imperial e reinou como um philosopho.

Domiciano foi tambem um uranista, apesar porém dos seus vicios occupou-se da reforma dos costumes, reclamou a applicação de muitas leis que haviam cahido em desuso.

Nerva tambem foi dado aos prazeres antiphysicos.

Os imperadores romanos que se lhe seguiram, en-

tregaram-se egualmente ao uranismo. Como caracteristico dos costumes d'aquella epocha, Fernando Gregorovius, revela o facto d'um homem como Trajano sacrificar ao amor contra natureza.

Seu successor Adriano occupa n'este assumpto um lugar especial. O seu favorito era um mancebo de notavel belleza chamado Antinoo, que durante uma viagem do imperador ao Egypto se suicidou no Nilo. Não se sabe bem como explicar esta morte. Não resta duvida nenhuma de Antinoo ter sido amante do imperador, muitos romancistas taes como Taylor e O. Lesike o contaram. O mobil do suicidio é que ainda não foi esclarecido. Não se sabe se foi para evitar algum desgosto a Adriano muito supersticioso, ou se este lhe exigiu esse sacrificio. As opiniões dos auctores antigos, sobre este ponto, estão muito divididas. O que se sabe é que Adriano venerou a sua memoria chorando como uma mulher. Fundou em sua honra a cidade de Antinoos. Parece portanto, que havia entre elles um amor perfeitamente correspondido.

Suppõe-se mesmo que Antinoo se suicidou desgostoso das inconstancias de Adriano. Em todo o caso, Antinoo, foi honrado pelo imperador, depois de morto, como um deus. Talvez Adriano, só depois da sua morte, reconhecesse o amor que lhe tinha o seu favorito.

Commodo, segundo Lampridio que escreveu consultando historiadores gregos e latinos hoje perdidos, foi impudico, libidinoso, cruel e malvado, chegando a manchar a bocca em vis e hediondas torpezas.

No entanto á volta da expedição do Egypto, onde acompanhava seu pae, compartilhou as honras do triumpho com Marco Aurelio.

Proclamado imperador apóz a morte de seu pae, Commodo continuou a sua vida de libertinagem cada vez mais desregrada.

No dia da sua entrada em Roma, emquanto o povo olhava com enthusiasmo para o seu bello semblante, (1) elle não tirava os olhos do seu concubino Anthero que vinha no mesmo carro, e durante a cerimonia voltava-se a cada instante para beijar este vil e infame personagem. Estas repugnantes caricias continuaram em pleno theatro com applauso dos espectadores.

Commodo além de depravado era um alcoolico. Depois das suas excursões aos bordeis mais infames e bodegas mais immundas, recolhia de madrugada em companhia de Anthero e d'outros mancebos impudicos, cambaleando de bebado. Anthero foi mandado assasinar pelos perfeitos do palacio, para se subtrahirem aos caprichos tyrannicos do infame favorito.

Commodo para se consolar d'esta perda mais se entranhou nos deboches e extravagancias.

Recolheu-se no palacio para onde recrutou trezentas mulheres, escolhidas indistinctamente pela belleza entre as matronas e prostitutas, e trezentos mancebos, escolhidos egualmente entre a nobreza e povo, e não menos notaveis de que as mulheres pela perfeição voluptuosa das suas formas. Ahi entregava-se juntamente com todos, a orgias medonhas da carne onde a volupia era cultivada até á quinta essencia da depravação.

(1) Não tinha aspecto effeminado. O seu olhar era doce e vivo ao mesmo tempo. Tinha os cabellos loiros e annellados. Quando o sol lhe dava de chapa, a cabeça de Commodo resplandecia como se tivesse uma grande porção de pós dourados.

HERODIANO.

Amava com singular preferencia os mancebos que tinham tomado como nome de guerra, n'essas orgias, as designações vergonhosas das partes d'um e d'outro sexo. Quando algum se lhe apresentava com um d'esses nomes obscenos, beijava-o com delirio, e não o largava sem haver saciado a sua furiosa luxuria!

Entre seus familiares, estimava especialmente um liberto a quem chamava *Onon*, burro, alludindo a certa analogia obscena que o assimilhava a este animal. *Onon*, segundo o historiador, devia á natureza uma grande exaggeração do membro, que para Commodo tinha a maior importancia. O imperador enriqueceu este afortunado liberto e nomeou-o grande sacerdote do templo d'Hercules.

Commodo gostava de vestir-se de mulher e imitar os requebros e vóz feminina. Em compensação porem costumava tambem vestir-se d'Hercules, cobrindo os hombros com uma pelle de leão.

—«Coisa estravagante e ridicula, diz a este respeito Herodiano, vel-o assim fazer ao mesmo tempo alarde da fraqueza da mulher e da força do leão!»

Nos festins costumava misturar escremento com os manjares mais delicados e não hesitava em comer, para obrigar os outros a seguir-lhe o exemplo.

Para eterna fama da sua ignominia, o monstro inscrevia solemnemente nas actas publicas de Roma tudo quanto fazia de vergonhoso, impuro e cruel, n'uma palavra, todas as suas proezas de gladiador e libertino.

Commodo foi mais cruel que Domiciano e mais impuro que Nero.

VI

O imperio de Heliogabalo é verdadeiramente a ultima convulsão do paganismo agonisante, revolvendo-se com desespero no ascoroso tremedal do mundo antigo.

O verdadeiro nome de Heliogabalo era Abito. O nome que adoptou designava o seu ministerio de sacerdote do sol.

A sua depravação sensual, os seus vicios espantosos não lhe advieram da embriaguez do poder; quando a sorte o bafejou e os arminhos de reinante lhe foram entregues já estava desmoralizado, enveterado no vicio. O imperio encontrando-o corrompido ao culto invertido do deus phenicio, o que lhe deu foi mais crueldade, cynismo demasiado para o que já tinha.

Foi durante o inverno que passou em Nicomedia, antes de estabelecer-se em Roma, que Heliogabalo soltou as redeas ás suas paixões infames d'um modo tão cynico e escandaloso, que até os soldados tinham vergonha do imperador que haviam escolhido, e que viam confundido com a gentalha mais vil e infame que elles proprios desprezavam.

«Todas as suas occupações, diz Lampridio, consistiam em escolher emissarios encarregados de procurar por toda a parte e de conduzir á côrte, homens de certas condições favoraveis a seus gostos depravados.»

Xyphilino explica quaes eram essas condições, que a natureza havia repartido mais largamente entre um pequeno numero de previlegiados. Os que se julgavam dignos de se apresentarem ante o indigno imperador

figuravam nas indecentes pantomimas que fazia representar, e nas quaes elle proprio desempenhava um papel de deusa da fabula. Era sobretudo affeiçoado a pôr em acção os torpes amores de Venus, e para representar este personagem do bello sexo com maior verosimilhança, pintava a cara e ungia todo o corpo com oleos aromaticos. Reproduzia muitissimas vezes a scena principal do Juizo de Páris e n'esta representação deixava cair de subito a tunica aos pés e apparecia completamente nú á vista de todos, levando com fingido pudôr uma das mãos ao peito para occultar as pomas e outra aos attributos viris, que tapava completamente *(posterioribus eminentibus in subactorum rejectis et oppositis)*.

Heliogabalo escolhia no theatro e no circo os seus companheiros de libertinagem entre os athletas mais robustos e os gladiadores mais membrudos e esforçados. Foi alli que se enamorou de Protogenes, Gordio e Hierocles que tomaram parte em todas as suas torpezas.

Por este ultimo teve uma paixão tão grande, que lhe dava os beijos mais ascorosos e repugnantes. (*Hierocle vero sic amavit ut eidem oscularetur inguina*).

Mandou construir no seu palacio banhos publicos e banhava-se sem decoro algum entre a gente do povo, afim de descobrir por si proprio as qualidades particulares que admirava nos homens. Percorria tambem as estradas e as margens do Tibre, procurando os que elle chamava *monobeles*, isto é, homens completos.

Heliogabalo elevou ás primeiras dignidades do imperio certos personagens, que só tinham como titulo á munificencia imperial, a magnitude hyperbolica dos seus attributos viris.

Andava sempre cuidadosamente barbeado e para isso gostava de usar a mesma navalha que tivesse escanhoado as partes pudendas d'algum dos seus mancebos.

«Não ha ninguem, diz Xyphilino, que possa fazer a enumeração das execraveis torpezas que fez aos outros, ou que os outros fizeram no seu corpo.

Se os appetites sensuaes de Heliogabalo eram immoderados, a sua imaginação depravada tinha ainda maior poder e actividade. Por exemplo, o que o imperador procurava sempre com uma curiosidade impaciente era um novo modo de manchar os olhos, os ouvidos, o corpo e a alma, manchando ao mesmo tempo o pudor dos demais.

Nas ceias escandalosas que offerecia aos seus mancebos e gladiadores, as taças, as amphoras e outros utensilios da meza, tinham sempre formas eroticas ou imagens obscenas.

Este imperador hermaphrodita quiz ter muitas mulheres legitimas e muitos maridos.

Não tomava amantes, diz Xyphilino, para satisfazer qualquer necessidade, mas sim para imitar os excessos e as loucuras dos seus concubinos.»

Casou na qualidade d'homem, elle que o não era, como diz Xyphilino, com Cornelia Paula, na esperança de ter filhos. Breve porém a repudiou, para contrahir varios casamentos sedomitas em que representava de mulher e se fez nomear matrona e imperatriz.

«Trabalhava em bordados de lã, usava roca muitas vezes e esfregava os olhos com pomada. Escanhoava a cara, tendo o maior cuidado em que não lhe apparecesse cabello algum n'ella para melhor parecer mulher,

e recebeu deitado no leito os senadores, que foram visital-o. Seu marido era um escravo natural da Caria, chamado Hierocles, e carreiro de profissão (1)

Heliogabalo vira Hierocles um dia em que cahindo do carro lhe mostrara o rosto imberbe e o cabello annellado. Hierocles tinha effectivamente abundantes cabellos louros, a tez lisa e de grande alvura, feições finas e delicadas e um olhar brilhante; mas reunia a estas apparencias femininas um corpo de gigante e umas formas athleticas.

Heliogabalo apoderou-se d'elle immediatamente, fel-o banhar, porque vinha coberto de pó e suor, installou-o no seu dormitorio e no dia seguinte deu-lhe solemnemente a mão d'esposa.

«Fazia-se maltratar por seu marido, conta Xyphilino, comprazendo-se com as suas injurias e pancadas, e o marido fazia-lhe esta vontade ás vezes com tal violencia, que o imperador ou imperatriz, ou o quer que era afinal aquella ignominia humana, mostrava aos cortezãos, no rosto, as nodoas lividas das pancadas. E não vá imaginar-se que o amava com um capricho passageiro e fraco, mas sim com uma paixão forte e constante, que em vez de se revoltar contra o duro tratamento que d'elle recebia, se submettia sempre docil e ternamente.

No enthusiasmo da sua paixão pelo *marido*, tel-o-hia proclamado Cezar, se sua mãe e avó não se tivessem energicamente opposto áquelle acto de impudica demencia.»

Hierocles teve no entanto um rival, que fez vacillar

(1) Xyphilino.

por um momento o seu favor junto de Cezar. Este novo miseravel era Aurelio Zotico, denominado o *Cosinheiro*, porque seu pae o havia creado nas cosinhas do palacio. Zotico, porém, em breve renunciou ao mister paterno para se dedicar ao da lucta, no qual se avantajava em vigor e boa apparencia a todos os athletas, com que media as suas forças nos jogos do circo. Os intendentes do circo reconheceram com grande admiração o merito singular d'aquelle robusto luctador e apoderaram-se d'elle para o conduzirem a Roma com pompa triumphal. Pelos elogios que d'elle fizeram a Heliogabalo, o imperador desejou ardentemente vel-o e nomeou-o desde logo seu camareiro.

A impaciencia com que o imperador o esperava manifestou-se do modo mais indecente, quando o novo camareiro foi introduzido no palacio á luz dos archotes.

«Quando o infame principe o viu, escreve Xyphilino, empregando os mesmos termos da narração de Dio-Cassius, approximou-se d'elle com o rosto incendido em rubor, e como Zotico, ao saudal-o, o chamasse *Senhor*, segundo o uso palaciano, o imperador fazendo gestos de pieguice, como uma mulher amimada, e contemplando-o com olhares lascivos, disse-lhe:

«—Não me chames senhor, porque sou senhora!»

«Foram banhar-se juntos, e tendo-o o imperador achado tal como o haviam descripto, cêou nos braços d'elle como se fora sua amante.»

Cheio de ciumes contra este rival, Hierocles teve a habilidade de fazer com que os copeiros lhe ministrassem uma bebida, que lhe tirou todo o vigor viril, e o deixou de todo impotente.

Heliogabalo, que não teve a menor suspeita do crime de que Zotico fora victima, começou a ter por elle tanto desprezo e colera, quanta fora a affeição que até então lhe havia consagrado. Esteve tentado a arrojal-o ás feras, e por muito feliz se deu o pobre Zotico, em meio da sua desgraça, de se ver apenas despojado de todas as honras e expulso não só do palacio imperial, mas de Roma e até mesmo da Italia.

Heliogabalo teve tambem a ideia de casar os deuses entre si e para isso juntava as estatuas, deitava-as em camas e collocava-as em posições lubricas, unidas por faxas de linho. Em seguida celebrava orgias em honra d'esses casamentos phantasticos, onde se prostituia entregando-se a todos os desvarios do seu cerebro doente.

A Heliogabalo succedeu Gallieno, que só vivia para o seu ventre e para o prazer, imitando ás vezes os excessos do seu antecessor.

Caro, predecessor de Diocleciano levou a infamia ao extremo de prostituir-se a si proprio. Tinha por perfeito do pretorio um velho corrector de lupanares, chamado Matroniano a quem se prostituia, por secretario, um impuro com quem dormia a sésta, por amigos, os homens mais pervertidos. Manchou-se com os vicios mais infames, n'uma palavra, foi um invertido perfeitamente caracterisado.

VII

Resumindo:

Cezar, primeiro imperador, foi um epileptico; Tiberio, Nero e Commodo, sanguinarios e crueis até ao excesso; Nerva e Galba, mysticos, supersticiosos ou

fracos d'espirito; Vitelio, um glotão e um alcoolico; Galieno, glotão e devasso; Adriano, um desiquilibrado; Heliogabalo, um doido; Caligula, um doido furioso; e ao lado de todos estes typos excessivos, Octavio, um homem de gosto, e Cezar, um genio.

O quadro é completo de degeneração. A hereditariedade e a consanguinidade prepararam o terreno que as demasias do poder, as cortezanias palacianas, o meio e as circumstancias cultivaram infelizmente tão abundantemente.

Do estudo das antecedentes paginas uma verdade incontestavel salta logo á vista: as causas da depravação dos costumes da antiguidade foram as opiniões da philosophia e da moral, a auctoridade absoluta do senhor sobre o escravo.

O vicio differe nos gregos e nos Romanos.

Os primeiros, artistas de primeira ordem, pozeram os sentidos ao serviço da religião e da arte.

Os segundos, praticos e despotas, submetteram a religião e a politica ás suas paixões.

Emquanto que n'aquelles era levantado o culto da belleza e do ideal, se lhe erguiam templos e monumentos nas estrophes immorredoiras dos seus poetas; n'estes campeavam a brutalidade e grosseria sempre promptas a disvirtuar os mais louvaveis intentos, as mais poeticas concepções.

Uma desculpa porem tem Roma. E' a sua vida campal longe da mulher e da civilisação e principalmente a invasão enorme d'um povo d'estrangeiros inquinados de corrupção até á medulla.

CAPITULO V

Os cultos diversos do paganismo não eram mais do que symbolos e mysterios da prostituição.

O Christianismo propondo-se a destruil-os fundando sobre as suas ruinas um culto unico fundamentado n'uma moral humana e divina, devia ruir desde logo o colosso que lhe resistia, reformando os costumes, antes de reformar o dogma.

Os primeiros apostolos prégaram a continencia e a castidade. Jesus Christo viveu sobre a terra casta e virginalmente, apezar de haver absolvido a mulher peccadora e de haver convertido Magdalena, apezar de haver libertado pelo arrependimento as desgraçadas victimas do demonio da carne. Eram coisas desconhecidas na sociedade pagã aquella moral pura e suave, aquella pratica de virtudes, que podem chamar-se sensuaes, aquelle perdão celestial, que tinha sempre o privilegio de lavar as manchas mais inveteradas.

As doutrinas dos antigos phylosophos foram batidas até ao ultimo reducto e ensinado que o amor physico era um meio e não um fim.

S. Paulo, inspirado pelo evangelho, tinha de fazer o que Moysés não havia conseguido, e applicou-se de alma e coração a expulsar da egreja nascente o espirito da prostituição.

«Não vivaes nos festins da embriaguez, dizia elle nas suas Epistolas aos romanos, nem nas impudicicias, nem nas sensualidades, nem nos menospresos, nem nas invejas, mas revesti-vos de Nosso Senhor Jesus Christo, e não queiraes contentar a vossa carne, segundo o prazer da sensualidade.»

No decurso do seu apostolado, S. Paulo perseguiu com inflexivel rigor o peccado da carne, no qual julgava combater a propria essencia do paganismo.

E' verdade que S. Paulo conhecia perfeitamente o excesso de que eram capazes os pagãos em questões d'incontinencia. O apostolo tinha vivido por muito tempo nas sensualidades para apreciar bem a sua fatal influencia. Assim, desde a sua primeira epistola aos romanos, dirige-lhes energicas censuras pelos seus vicios abominaveis, que denomina *paixões d'ignominia* e representa-os horrorosamente manchados de luxuria.

Os que escutavam as prégações de S. Paulo não eram os ricos voluptuosos dados ás delicias e aos prazeres, mas sim pobres plebeus que nada sabiam d'aquelles monstruosos refinamentos da libertinagem asiatica, levada a Roma com os tropheus dos povos vencidos.

O auditorio do apostolo eram os barqueiros do Tibre, os mendigos das ruas, os vendedores de peixe e d'hortaliças, os escravos fugidos e alguns miseraveis libertos. N'aquella escoria da população saida dos arrabaldes da cidade eterna, estava, porém, a geração nova, que se creava para uso da prostituição mercena-

ria. O apostolo dirigia-se especialmente ás victimas desgraçadas da corrupção paterna, ou dos senhores, procurando, não envergonhal-os, mas aconselhar-lhes que renunciassem ao seu genero de vida para se consagrarem ao serviço do verdadeiro Deus, que só queria as almas e não os corpos.

—Puzestes os vossos membros, dizia elle, ao serviço da impureza e da iniquidade para commetterdes iniquidades. Applicae-os, pois, agora ao serviço da justiça para vos sanctificardes.

Muitos retorquiam-lhe:

—Mas como poderêmos impôr silencio aos nossos desejos e appetites mais ou menos imperiosos?!

—Orando, jejuando, meditando, e fazendo penitencia. São estes os mais efficazes remedios contra as rebelliões da carne.

—E se a nossa paixão for indomavel?

—Se fordes debeis para guardar a continencia, casae-vos. Mais vale casar que arder no fogo da concupiscencia.

O matrimonio christão era, pois, o supremo preservativo que S. Paulo aconselhava contra as tentações da carne.

Não era porém muito partidario d'este sacramento, porque na sua epistola aos Corinthios lê-se:

«Quem casa sua filha, faz bem; mas quem não a casa ainda faz melhor.»

Verdade seja que depois reconsiderou um pouco quando escreveu:

«A mulher é a gloria do homem, porque o homem não sahiu da mulher, a mulher é que sahiu e procede do homem.

N'um outro lugar enumera os diversos graus d'impureza porque póde passar o corpo, manchando-se tambem em gráus diversos.

«As obras da carne, diz elle, são a fornicação, a impureza, a impudicicia e a luxuria.»

Cada um d'estes peccados foi explicado e definido pelos Padres da Egreja e pelos theologos:

A fornicação é o commercio d'um homem livre com uma mulher livre, o acto carnal consummado fora do matrimonio. A impureza é o habito de sordidas sensualidades, o vicio dos prazeres obscenos. A impudicicia é a sodomia, ou qualquer acto contra natureza. A luxuria, finalmente, é o desenfreiamento completo da sensualidade.

II

S. Paulo dizia:

...«Cada um de vós saiba conservar honrada e santamente o vaso do seu corpo, sem ceder aos movimentos da concupiscencia, á imitação dos gentios que não conhecem Deus.»

«Quem semeia na sua carne, da sua carne colherá a corrupção; e quem semeia no espirito, do espirito colherá a vida eterna.

Prégou sempre a castidade e a continencia como meio contra a devassidão, como o prova a sua epistola aos Corinthios.

De resto, todos os apostolos estavam d'accordo com S. Paulo para condemnar o paganismo nas suas devassidões, no que não faziam mais que conformar-se com os sentimentos dos prophetas e com a lettra da Biblia.

Os evangelistas, porém, mostraram-se menos energicos contra os peccados da carne.

S. João dividiu em duas cathegorias distinctas os actos espirituaes e corporaes, de modo que não podessem confundir-se.

—«Quem nasceu da carne, é carne, e quem nasceu do espirito, é espirito», disse elle.

Talvez isto fosse uma desculpa caritativamente offerecida aos peccadores carnaes que quizessem purificar-se nas aguas do baptismo. Seja como fôr, a doutrina de S. Paulo, mais austera e menos equivoca, foi geralmente adoptada pelos padres da Igreja e pelos concilios.

—«Odiaes como um vestido immundo, tinha dito S. Judas, tudo o que tiver alguma cousa de corrupção da carne.»

D'este horror pela incontinencia, devia inevitavelmente sair o celibato christão.

III

S. Justino dizia nos seus dialogos:

«O amor da castidade tem tanta força entre os christãos, que muitos passam toda a vida sem nenhuma relação carnal e são virgens na edade de sessenta annos, sem que nem o temperamento nem o clima, façam fraquejar a sua continencia.»

S. Cypriano escreve no seu *tratado da pudicicia*.

«Sabem, que os prazeres carnaes começam com a esperança de grandes alegrias e terminam com grandes illusões, que fazem com que nos envergonhemos

de nós mesmos. Esses prazeres precipitam-nos com furor em toda a brutalidade dos seus movimentos, induzem-nos a toda a classe de crimes, conduzindo-nos ao horror e á abominação d'essas relações monstruosas, que passam, do sexo a que a natureza nos inclina, ao nosso proprio sexo e descem ao dos animaes, inventando mil e mil execrações voluptuosas, em que a imaginação não póde deter-se sem vergonha.»

S. Gregorio accrescenta: «Não se contentam com a castidade do corpo para a mortificação de todas as sensualidades, sabendo que a verdadeira virgindade deve abster-se até da ideia do peccado.»

Definida assim a castidade dos christãos, instigados estes pelos apostolos do seu credo, a uma continencia absoluta, votaram-se ao celibato.

Quaes as consequencias d'isto?

A formação de varias seitas em que se praticava o amor contra natureza.

Nos *Nicolaitas*, não resta a menor duvida que a sodomia intervinha nas suas praticas sob o manto da fraternidade christã. Os padres da egreja que fallaram dos *Nicolaitas* com tanto ardor como indignação, Santo Ignacio, S. Clemente de Alexandria, Santo Ireneu, Santo Epiphanio, etc., não conheceram o inicio d'esta seita, referiram-lhe apenas á tradição oral. Segundo muitos d'elles, o diacono Nicolau a quem Santo Ireneu qualifica formalmente de mestre dos *Nicolaitas*, planeou a sua heresia para se vingar dos apostolos, e especialmente de S. Pedro, que o censurára de haver novamente chamado para junto de si sua mulher, depois de a ter abandonado para guardar continencia.

Nicolau, no intuito de justificar a sua fraqueza, co-

meçou a ensinar descaradamente que para alcançar a vida eterna era necessario manchar-se cada qual com toda a especie de impurezas. Os argumentos, em que apoiava esta monstruosa doutrina, não diminuiam em coisa alguma a sua responsabilidade. Pretendia o heresiarcha que uma carne manchada devia ser mais agradavel a Deus, porque os merecimentos do Redemptor tinham então maior ensejo de se exercitarem n'ella para a fazerem digna do paraiso.

Outros, defendendo Nicolau, declararam, que este havia vivido castamente sob o tecto conjugal, sem ter outro commercio carnal que não fosse o de sua mulher legitima, que lhe havia dado muitas filhas e um filho. Este foi bispo de Samaria e as filhas morreram virgens.

Quanto aos atroses preceitos que se lhe attribuiam, Nicolau não era culpado senão de haver empregado uma expressão amphibologica, dizendo *abusar da carne*, em vez de *mortificar a carne*.

Os seus discipulos tomaram ao pé da lettra esta locução viciosa, e não se privaram effectivamente de abusar da carne, sob a responsabilidade do piedoso diacono, que nunca tivera similhante coisa em vista.

Conta-se que a mulher de Nicolau era muito formosa, e que o diacono tinha grandes ciumes d'ella. Os apostolos tanta vez lh'os censuraram, que para a subtrahir a esses sarcásmos perpetuos, a levou a uma assembleia de christãos e auctorisou-a em vóz alta, a tomar por marido aquelle que mais lhe agradasse. A lenda não diz se a mulher se aproveitou da auctorisação.

Seja como fôr, viu-se na conducta do diacono uma excitação á libertinagem e uma indulgencia plenaria concedida aos gosos sensuaes. Os primeiros *Nicolaitas*

não trataram de relacionar com os dogmas a sua heresia licenciosa, nada mudando no ensino christão, pregando apenas, de exemplo, o esquecimento de todo o pudor sexual.

Mais tarde para justificar a sua separação da egreja, combateram a divindade de Christo, e sustentaram que as mais torpes sensualidades eram boas e santas, uma vez que o Filho de Deus teria podido approval-as tomando, como tomou, um corpo terrestre e sensivel.

Pouco depois sem abandonarem as suas praticas obscenas, formaram novas seitas sob os nomes de *Fibionitas*, *Stracioticos*, *Leviticos* e *Borboritas*. Estas, cujas abominações descreveu S. Epiphanio no fim do seculo IV, tinham todas o mesmo objecto:—a satisfação dos appetites carnáes e o retrocesso dos instinctos da natureza. Perpetraram-se secretamente até ao seculo XII, em que procuraram sair da obscuridade, caindo, porém, n'ella para sempre.

O seculo II da era christã viu tambem desenrolarem-se as monstruosas abominações dos *Cainitas* e *Adamitas* muito superiores ás dos *Nicolaitas* na sua hediondez.

O nome do fundador do *Cainismo* não é conhecido, mas ha razão para crer que era um dos mais audazes gnosticos, que não temia affagar as mais perversas inclinações da humanidade, para fundar um dominio impuro sobre um credulo rebanho d'escravos. Os *cainistas* tinham por dogma a rehabilitação do mal e o triumpho completo da materia sobre o espirito. Interpretavam, pois, a seu gosto os livros santos e honravam como victimas injustamente sacrificadas os mais exe-

craveis typos da iniquidade humana, marcados com o sêllo da reprovação divina, desde Cain até Judas.

Cain, sobretudo, tinha a triste honra de excitar no mais alto grau a admiração d'estes sectarios, justificando assim a morte de Abel.

Reconhece-se n'esta odiosa doutrina uma inspiração do arianismo persico, applicada á leitura da Biblia e do Evangelho. Os seus sequazes vangloriavam-se de imitar os horrorosos vicios que attribuiam a Cain, e que encontravam nos habitantes de Sodoma e Gomorrha. Protestavam contra a destruição d'estas cidades malditas, e lisonjeavam-se de poder reedifical-as um dia, sob os auspicios de Cain, que personificava para elles o principio do mal, ou o Arimano de Zoroastro.

Os padres da egreja enganaram-se talvez ácerca da heresia que combatiam, e conheciam a fundo, porque é difficil crer que similhantes torpezas fossem acceites pelo povo, e se houvessem manifestado no seio das puras crenças christãs. Os *cainitas* não negavam a divindade de Christo e a sua obra de redempção. Mas como conciliar esta crença com o culto da abominação e do mal?

«Não havia impureza corporal, com que se não manchassem, diz Bayle, que não fez mais que analysar os escriptos de Tertuliano, de Theodoredo, Santo Ireneu e Santo Epiphanio, nem crime em que não encontrassem direito de participação na communidade christã, porque segundo os seus abominaveis principios, o caminho da salvação era diametralmente opposto aos preceitos da egreja. Imaginavam que cada sensualidade era presidida por algum genio, e por

isso, quando tentavam praticar alguma acção deshonesta, invocavam nominalmente o genio que inspirava e protegia aquella deshonestidade.»

Esta definição do culto dos *cainitas* prova que estes sectarios não haviam ainda perdido os seus habitos de idolatria pagã, substituindo apenas os deuses pelos genios. Os seus livros perderam-se completamente e é muito para sentir a perda principalmente da sua famosa *Ascensão de S. Paulo ao ceu*, especie de apocalypse, em que a visão de S. Paulo revelava a estes hereges a mais absurda theoria de impurezas.

Seja como fôr, não pode duvidar-se que os *Cainitas* foram mais ou menos dados aos vergonhosos extravios do amor anti-physico, e para attrahir as mulheres a esta seita, que as desprezava, uma mulher chamada Quintilia lembrou-se de crear uma heresia na propria heresia, prégando um *Cainismo* para uso das mulheres. Este, menos infecto que o de Sodoma, descendia de Sapho em linha recta, mas figurava talvez tambem no livro da missão de S. Paulo. Graças a Quintilia, que não era provavelmente mais que uma cortezã, esta sub-seita teve grande acceitação na Africa, especialmente em Carthago, onde chegou a lançar profundas raizes.

Os *Adamitas* faziam remontar a sua doutrina ao primeiro homem para nada terem de commum com os *cainitas*. Ainda assim, a doutrina da seita, inspirada pelo primeiro homem, não desprezava a mulher, como os herdeiros de Cain e de Sapho. O fundador d'esta seita foi um certo Prodico, que havia sido carpocratense, mas que não approvava o mysterio imposto por Carpocrates ao acto carnal. Segundo Prodico, o que

era bom nas trevas não podia ser mau á luz do dia, e por este motivo teve a audacia de prescrever *copulas publicas entre os dois sexos*, para nos servirmos das expressões com que Bayle traduziu o texto de Theodoredo: —*publicé scortari.*

S. Clemente d'Alexandria imputa as mesmas infamias á seita de Carpocrates, que, segundo elle, devia ter estabelecido os seus dictames para *cães, bodes e porcos.*

A vida bestial dos *Adamitas* devia produzir necessariamente entre aquelles seres degradados, um esquecimento completo do seu sexo, e um anniquilamento dos sentidos. Assim, quando ás vezes voltavam á sociedade dos seus similhantes, sem consentirem, ainda assim, em vestirem-se como os outros homens, fingiam não pertencer a nenhum sexo, e pareciam insensiveis á vista e ao tacto da carne.

«São homens com os homens, diz S. Clemente d'Alexandria, e mulheres com as mulheres, querendo ser dos dois sexos.»

Os ultimos imperadores romanos reprimiram rigorosamente estas desordens, e os filhos de Constantino, concluindo em nome da moral christã o que Alexandre Severo tinha iniciado em nome da mais sã philosophia, restabeleceram a antiga lei *scantinia*, que estabelecia a pena de morte para todo o peccado contra natureza.

CAPITULO VI

E' assáz difficil fazer um resumo historico das perversões sexuaes da edade media e dos tempos modernos até ao fim do seculo XVIII.

Segundo Hoffmann a pederastia tinha muitos adeptos n'essas epochas. Mantegazza sustenta que se desenvolveu em França por occasião das crusadas. Fillippe o Bello manifestou-se com vigor contra essas praticas, processando os Templarios, contra os quaes havia graves accusações de deboches contra natureza. O primeiro delactor foi Squin de Flexiau, antigo commendador da ordem; não se sabe, porém, até que ponto fundamentou as suas accusações.

E' interessante de notar um uso que costumava acompanhar a recepção dos neophytos. Estes eram obrigados a abraçar quem os recebia «n'uma determinada parte do corpo extraordinaria ou inconveniente, desnudada para tal fim»; viam-se assim, por pudor, reduzidos a guardar silencio. Hen-Am Rhym, (1) d'onde ex-

(1) Le livre des Mystéres — 1869.

trahimos este detalhe; duvida da realidade d'este costume, admittindo que o deboche era constantemente praticado pelos Templarios.

Mais tarde os francezes accusaram os italianos de terem introduzido á pederastia em França, com o sequito de Catharina de Medicis. O auctor desconhecido do pamphleto intitulado *le Cabinet du Roi* affirma-o nitidamente: — «L'atheisme, sodomie et outre sinistres ou puantes academies que l'etranger a introduites en France...» Catharina, para servir os interesses da sua politica, empregou as mulheres, mantendo na côrte uma grande quantidade de damas d'honor que foram cognominadas *o esquadrão volante* da rainha.

Brantome deixou-nos o retracto de muitas, nas suas *Dames Galantes*. O vicio não tardou em entrar n'esse conjuncto em numero de dusentas ou tresentas, e que nunca se separavam, nem de dia, nem de noite. Do mesmo modo, diz Sauval, que os homens tinham achado um meio de passar por mulheres, estas encontraram outro de se transformar em homens. Paris e a côrte regurgitava de lesbias que os maridos consentiam nos seus *menages* com tanto que vivessem sem ciume.

II

Segundo a *Aurea Monita* da ordem dos Jesuitas, cuja autenticidade é ainda duvidosa, os peccados da carne e particularmente a sodomia, figuram entre as causas da expulsão, com a restricção de que os superiores podiam ser absolvidos.

Weber, censura-lhes muitas vezes esta paixão para

o amor vicioso, e traça no seu livro um bello quadro da vida dos claustros, que teve occasião d'observar pessoalmente, perto do final do seculo 18.º No convento d'Eberach havia castrados que desempenhavam o papel de meninos do côro. O devertimento favorito dos monges era *parodiar um casamento*. «Esta brincadeira, diz Weber, era talvez anodyna; admittimol-a, mas não affirmamos a sua existencia n'essa epocha, porque nunca lhe assistimos á execução. «O que não podêmos esquecer, são os *olhares de fáuno* que os monges, principalmente italianos, deitavam sobre os bellos mancebos que abraçavam, como Jupiter devia abraçar Ganymedes e Socrates a Alcibiades.» Para Weber, foi a lei do celibato editada por Gregorio 7.º que fez cahir rapidamente o clero catholico no mais vergonhoso deboche. Bem que Hegel considere o celibato ecclesiastico como menos contrario á natureza que aos bons costumes, não é menos verdade que tal edito podia favorecer o desenvolvimento do amor entre os homens.

III

A pederastia na edade media alastrou como uma larga nodoa negra sobre o universo inteiro.

No Oriente sob o imperio de Bajaset I, o visir Alipachá, sentia-se enamorado de mancebos christãos, elevava-os a pagens por causa da sua belleza e entregava-se com elles aos mais requintados actos de dévassidão. Muitas guerras contra os christãos não tiveram outro fim além de renovar o fornecimento de mancebos bonitos e bem feitos para o deboche dos turcos.

Um grande numero de poetas orientaes, turcos ou persas, cantaram o amor uranista. Hœssli, reuniu no seu livro um grande numero de poesias e communicações sobre este thema. A maior parte dos factos que citamos, são d'ahi extrahidos.

O poeta turco Ruscheni teve por amante um bello mancebo chamado Chysr. O sabio Ssaadi Tschelebi, reputado pela virtude, deixou entre as suas poesias a seguinte, dirigida a um rapaz:

«A prateada lua da tua belleza illumina o mundo; teus olhos negros fazem-me perder a razão, etc.»

O celebre caligrapho Ssaji, passava por entreter relações com um bonito mancebo a quem teria dado toda a fortuna.

Os poetas persas tambem celebram muita vez o amor uranista. Sadi é auctor de numerosas poesias em que dirige supplicas a um amante. Em seguida á morte do seu amado, Sadi lamenta-se:

«Que os meus olhos não tornem mais a ver o mundo onde não voltarás, ó meu amante! Porque não desapparecerei comtigo debaixo da terra sobre a qual agora a minha cabeça repousa, orvalhando de lagrimas a tua tumba...»

No momento de se separar do homem amado exclama:

«Amargo e doce é o beijo da despedida sobre os labios do amigo, etc.»

O que dá uma importancia particular a estas poesias é que Sadi viveu proximo do anno 1300. O poeta procura introduzir no amor anti-physico um elemento moral.

Hafiz, outro grande poeta persa, morto em 1394,

o *Anecreonte da Persia* como lhe chama Ramdohr, dirigia a maior parte dos seus poemas aos amantes, com quem manteve relações da sensualidade mais completa.

Citemos um trecho das suas obras:

«...eu varrerei o sobrado da tua casa com os cilios dos meus olhos.»

«O vento osculará os anneis dos teus cabellos, e de ciume, o mundo tornar-se-me-ha sombrio.»

«O' bem amado! o luar brilha sobre o teu rosto, e a covinha da tua barba occulta um inexgotavel manancial de paixões!...

Mewlaua Rumi, um outro poeta persa muito conhecido, morto em 1273, deixou egualmente, entre outras, uma poesia referente á pederastia e de que aqui damos algumas linhas, traduzidas por Ruckert:

«A rosa é o symbolo supremo do amor, eu quero offerecer a rosa ao amigo do meu coração.

... A rosa traz na sua haste o espinho silencioso, porque nunca as dores abandonam o amor.»

IV

Ao contrario da litteratura oriental, a occidental só trata mais explicitamente da inversão d'uma maneira racional e mais ou menos scientifica, no ultimo quartel do seculo 18.º Antes mencionava muito parcamente os factos sem lhes tirar illações. Bocacio, Machiavel e Aretino, trataram-a nas suas obras, Casanóva, nas suas *Memorias*, Voltaire, no seu *Diccionario phylosophico.*

Ultimamente o seu estudo scientifico teve algum

incremento nas obras de Wieland, Hermann Klencke e principalmente nas de Ramdohr e Meiners.

Ramdohr exprime-se muito nitidamente sobre o amor entre homens, alliando a uma grande sagacidade, uma incontestavel experiencia. Não só examina detalhadamente as opiniões dos antigos gregos e outros povos sobre a pederastia, mas informa-nos ainda sobre a frequencia do uranismo n'aquella epocha e no fim do ultimo seculo, comprovando-a com exemplos frisantissimos. Não admitte que a sympathia sexual deva existir unicamente entre dois sêres capazes de contribuir para a propagação da especie; segundo a sua opinião a inclinação sexual pode manifestar-se em dois individuos do mesmo sexo.

Hœssli emprehendeu em 1836, uma apaixonada campanha para justificar o amor homosexual. Sua obra *Eros*, já por nós citada, compõe-se de dois volumes; apezar da sua extensão que lhe difficulta a leitura, encerra, sob o ponto de vista bibliographico, materiaes preciosos.

Por esse tempo julgou-se nos tribunaes da Suissa um processo d'estrondo. Um homem muito considerado havia, sem causa conhecida, morto um mancebo; foi por este facto condemnado á pena de morte. Hœssli, convencido que se tratava d'um assassinato motivado por ciume, tomou a peito esclarecer o caso que por todos era considerado obscuro. Dirigiu-se então a Zschocke, que escreveu uma novella, na qual, uma rapariga, disfarçada em rapaz, despertava uma violenta paixão n'um homem. Mas, como não era isso o que Hœssli queria, viu-se então obrigado a escrever o seu livro.

Em 1844, Kaan publicou a sua *Psychopathia sexual*, em que estudava a pederastia e o onanismo, mas mais particularmente este ultimo.

Em 1847, Boismont, Michêa e outros auctores assignalaram muitos casos de perversão em França.

Em 1849, Michêa, chamou a attenção sobre amor homosexual por occasião d'um caso de violação d'um cadaver. Em 1852, Casper fez muitas communicações sobre a pederastia, n'um jornal que redigia.

Schopenhauer conhecia a inversão sexual e sobre ella elaborou algumas theorias.

Em 1860 appareceram as primeiras brochuras de Ulrichs, primitivamente assignadas pelo pseudonymo *Numa Numantius*. E' a este auctor que devemos o termo *uranista*, por nós adoptado para designar o amor sexual dos homens entre si. Os seus escriptos são muito notaveis de verdade e observação; foi talvez um pouco longe de mais nas suas conclusões, pois chegou a pedir o casamento entre pessoas do mesmo sexo, sustentando que havia tanto direito para isso como para o casamento normal. Como defendendo a causa dos uranistas defendia a sua, pois era invertido tambem, pôz, como jurisconsulto notavel que era, o seu saber ao serviço dos collegas na perversão, pedindo em 1865 conjunctamente com o professor Tewes, de Graz, ao congresso de direito allemão, a revogação, em toda a Allemanha, dos artigos condemnativos da homosexualidade. Em 1867, repetiu o pedido no congresso de Munich; mas parece que para evitar escandalos, não deixou pôr o assumpto em ordem do dia. Ulrichs era por vezes demasiado livre na sua linguagem, apaixonado nas suas considerações, por isso os

seus livros perderam um pouco do valor que deveriam ter se fossem mais cuidados.

Em 1870, um editor allemão lançou no mercado uma publicação periodica destinada a tratar da inversão sexual. O seu titulo era *Uranus*. Sahiu unicamente um fasciculo.

Algum tempo antes, um dos mais eminentes psychiatras allemães, Griesinger, tratou do uranismo na lição d'abertura do curso que em 1869 fez na clinica psychiatra de Berlim.

Alguns annos depois, um novo impulso foi dado ao estudo da inversão, por Westphall, que como já dissemos, foi o primeiro que empregou essa palavra. Considerava-a como uma affecção congenital e insistia em que os doentes tinham perfeita consciencia do caracter morbido do seu estado. A's publicações de Westphall seguiram-se principalmente na Allemanha, muitos trabalhos sobre o mesmo assumpto e que foram publicados nos *Archiv für Psychiatrie* redigidos por Westphall.

O livro de Krafft-Ebing, a que no decurso d'este livro nos referimos bastas vezes, appareceu em 1891, e contem indicações preciosas. Em 1876, Stark fez ao congresso de alienistas da Allemanha do sul, uma communicação baseada n'um grande numero de novas observações. Depois os trabalhos multiplicaram-se tanto na Allemanha como no estrangeiro. Um dos casos mais notaveis foi publicado por Charcot e Magnan. Em 1885, Magnan publicou o seu trabalho sobre a perversão sexual, pouco tempo depois das lições professadas por Lacassagne, de Lyon.

Em 1886, Tarnowsky publicou um livro contendo

um grande numero de documentos sobre a perversão e as aberrações sexuaes.

E' impossivel citar os nomes de todos os auctores modernos que se tem occupado d'este assumpto.

Limitar-nos-hemos portanto a enumerar alguns: Morselli; Leonpacher; Hollænder; Kriese; Chevalier com o seu magnifico trabalho ultimamente publicado; Golenko, russo; Ritti, Cantarano, Tamassia e Lombroso, italianos; Serieux, Kiernan, Schrenk-Notzing e Moll, allemães. Os trabalhos mais modernos publicados em livro, são os de Krafft Ebing, Chevalier, Moll e Moreau.

A litteratura romantica tambem se tem occupado do uranismo. Tolstoï estuda-o na *Sonata de Kreuzer*, Ungern-Sternberg nos seus romances que tiveram um largo periodo de celebridade, e o poeta Wiese no seu drama intitulado: *Os amigos.*

A litteratura portugueza tambem possue um romance intitulado=*O Barão de Lavos*=em que o distincto escriptor Abel Acacio, seu auctor, descreve com bastante clareza, proficiencia e estylo primoroso, a paixão d'um fidalgo dissoluto pelo seu ephebo, que o obriga a abandonar familia, desperdiçar fortuna e perder a dignidade.

Mais tarde declinando a virilidade, o invertido, d'activo tornou-se passivo, e gastava os seus ultimos recursos pagando a homens que o saciassem.

V

O uranismo encontra-se por toda a parte. N'uns paizes mais em evidencia que n'outros, mas nenhum até hoje se tem conservado immune.

Em Napoles, á noite, na rua de Toledo, mancebos offerecem-se aos passeantes, e as alcoviteiras encarregam-se de arranjar rapazes ou raparigas. Outro tanto acontece na Russia e na Turquia.

O Oriente é tambem um fóco poderoso de pederastia, Maltzahn, relata n'um dos seus livros que, nos arrabaldes de Kaaba, os rapazes offerecem-se aos estrangeiros; e um outro viajante, cujo nome não nos occorre, conta que n'uma das suas viagens ao Cairo, desejando comprar dois escravos e achando o preço pedido muito caro, o mercador lhe retorquira:

—E' que não mettes em conta o prazer que te procurarão!...

Lenz menciona, no seu livro de viagens, intitulado *Tombouctou*, os maus costumes dos principaes personagens do imperio, que possuem moléques castrados. São tirados d'entre os filhos dos escravos, e estes habitos acham-se de tal modo generalisados, que ninguem se lhes exime; os europeus são os unicos que se admiram da desfaçatez e descaro com que se falla e trata d'estes assumptos.

Segundo Krauss, a pederastia é muito vulgar presentemente na China. Na cidade de Tschang-Theu pollulam os alcoviteiros dos pederastas, conhecidos pelo nome de *catamiti*. Na provincia são principalmente os escravos que desempenham esse papel. Em Pekin constituem uma classe áparte. N'esta cidade existem estabelecimentos onde rapazes de 11 a 12 annos são educados para o serviço da prostituição. No theatro veem-se os mais distinctos cidadãos tendo junto de si os *amasii*, isto é, os seus amantes favoritos. As orgias bestiaes que muitas vezes ahi se passam, são

de tal força, d'uma sensualidade e desprendimento de pudor tão completo, que nem por sombras se podem comparar ás da antiga Roma.

Um individuo que por muito tempo habitou no Japão e conhece bem os usos e costumes d'aquelle paiz, affirma que a pederastia é ahi muito apreciada. Os seus principaes adeptos são os alumnos dos collegios e os soldados casernados. E' todavia menos publica que na China.

Tarnowsky diz que a notabilidade e riqueza do musulmano, se avaliam pelo numero de rapazes que tem ao seu serviço. De resto os factos relativos á pederastia no Oriente e na Africa são muito numerosos.

O que se observa no Oriente tambem se pratica nas regiões exoticas.

Mantegazza, de que estrahimos um grande numero de detalhes, dá a este respeito informações preciosas nos seus *Estudos anthropologicos sobre o amor no homem*. Segundo elle, em certas regiões do Mexico, houve em tempo casamentos entre homens. As communicações de viajantes sobre a existencia de pederastas na California e Nicaragua, são positivas. Segundo Mantegazza, quando se descobriu a America, encontraram-se pederastas entre os habitantes de Panamá, o que demonstra a existencia da pederastia nos povos primitivos. De resto todos os dados que temos sobre a America nos mostram que a pederastia era ali já conhecida antes da chegada dos europeus. O mesmo aconteceu no Perú. Em Madagascar existem dançarinos vestidos de mulher que praticam a pederastia. Segundo Westphall o mesmo phenomeno se dá nos indios. Existe entre elles uma classe d'homens que não podem resis-

tir ao desejo de se vestir de mulher e praticar todos os actos só a ellas dados.

Virey, na sua *historia natural do genero humano* publicada em Paris em 1824, refere que a homosexualidade existe nos povos selvagens da America do Norte.

Hammond no seu livro *l'Impuissance sexuelle*, cita um facto analogo nos descendentes dos Azteques do Novo Mexico. Cada ramo d'estas familias forneceria, sob o nome de *Mujerado*, um dos seus, para ritos religiosos em que a pederastia desempenha um papel importante. O *mujerado* recebe uma educação particular: pela masturbação e passeios continuos a cavallo, provoca-se-lhe uma impotencia paralytica. Obtem-se assim uma atrophia do penis e dos testiculos e uma especie de effeminação analoga á que se observa nos eunuchos.

Os pellos da barba caem, a voz adquire uma tonalidade mais elevada, de maneira que em ultima analyse o *mujerado* apparenta tendencias femininas e classifica-se completamente na cathegoria das mulheres.

CAPITULO VII

Estudaremos agora a serie de personalidades que no decorrer dos ultimos seculos foram accusadas d'inversão sexual; fazendo-o não queremos por maneira nenhuma empanar o brilho da sua memoria, mas fazer resaltar apenas a caracteristica pathologica das suas perversões. Fundamentaremos as nossas opiniões em provas que iremos tirar á historia dos factos e ao criterio inconcusso das summidades scientificas.

Muitos auctores, biographando personagens historicos, calam sempre a sua vida sexual, tantas vezes importante sob o ponto de vista medico-social; d'aqui o incompleto das informações, os poucos dados cedidos á posteridade para poder balisar uma opinião segura.

A lista dos invertidos que apresentamos é incompleta, bem o sabemos, mas como apenas queremos ser verdadeiros ainda que defficientes, para não lançar labeus a memorias tantas vezes augustas, citaremos só os personagens de que temos informações claras alicerçadas em auctoridades na materia.

II

Henrique 3.º rei de França, que reinou (1) entre 1574 e 1589, foi considerado, com razão, um uranista. Todos os tractados d'historia deixam transparecer bem nas suas paginas essa certeza.

O rei vivia cercado d'um numeroso grupo de favoritos, designados *mignons*, cuja effeminação era universalmente conhecida. Dava bailes no palacio em que se apresentava vestido de mulher envergando roçagantes sêdas e seguido por uma côrte de damas d'honor que não eram mais que ephebos por elle sustentados e vestidos com *toilettes* femininas. A esses bailes não assistiam mulheres. Henrique 3.º fazia isto descaradamente, não occultando a ninguem a sua perversão.

Era um sadista (2) e como tal flagelava a meudo os *mignons* nos dias que chamava *de penitencia*. N'um quadro que appareceu depois da sua morte, o rei vestido em costume de guerra, estava frizado como uma mulher e cercado de numerosos objectos pertencentes á *toilette* feminina.

Eduardo 2.º d'Inglaterra, foi uranista e elevou os seus favoritos aos mais elevados empregos.

Jacques 1.º d'Inglaterra, filho de Maria Stuart, conhecido tambem sob o nome de Jacques 6.º, rei da Escocia, é considerado pelos uranistas como um dos seus antigos ornamentos.

---

(1) Carlos XI (1560-1574), predecessor de Henrique, era pederasta. Catharina de Medicis, mãe d estes dois reis introduziu a pederastia em França.

D'AUBIGNÈ

(2) Sadismo—Combinação da crueldade com a sexualidade.

O caracter de Jacques era decididamente anormal; imperavam n'elle o amor do absolutismo ligado á cobardia e á fraqueza, o interesse pela sciencia, ao pedantismo infantil.

Teve numerosos favoritos que o dominavam exercendo uma influencia consideravel no governo; entre elles figurava em primeiro plano Jorge Villiers, duque de Buckingham, muito notavel pela belleza physica e procedimento indigno que arrastou o rei a praticar actos que levantaram no povo inglez um descontentamento geral.

Jacques emquanto rei da Escocia, já manifestara tendencias para a inversão não podendo esconder a paixão por mancebos de bella presença que attrahia com bellas promessas e por quem se deixava completamente dominar. Arran e Lennox foram durante esse tempo os seus principaes favoritos.

Rodolpho II de Habsbourg, que reinou em Allemanha entre 1576 e 1612, foi um invertido. Era um apathico; não tinha, nem energia, nem força de caracter. Prendiam-n'o caprichos e phanthasias de toda a natureza; era assim que, no seu museu de Hradschin, amontuara numerosas curiosidades naturaes e artisticas, livros, pedras preciosas, antiguidades. Passava todo o tempo nos jardins e cavallariças, e tinha uma ideia exaggerada, doentia, da importancia das suas funcções. Na realidade, os favoritos era que governavam; seus creados de quarto, de costumes infamissimos, quem tinha maior preponderancia no governo do paiz; sem a sancção d'esses personagens importantes á custa da sua hediondez, nada se podia conseguir. Era com esses miseraveis que os principes e homens de estado se

viam obrigados a privar quem lhes dava as leis, os elevava e desthronava, os nomeava e demittia. O reino era dos favoritos, o rei um manequim que detestava as mulheres e adorava os ephebos. (1) E' indiscutivel que este rei teve filhos bastardos em elevado numero, o que nos demonstra que nem sempre odiou o sexo fragil; (2) o que se não sabe é o nome das mulheres com quem manteve relações intimas, sabendo-se perfeitamente os dos seus numerosos favoritos.

Ireland compara Rodolpho II com Luiz de Baviera, de que mais adiante fallamos.

III

Estudemos agora alguns papas.

Paulo 2.º constitue um phenomeno extremamente curioso.

O fundo do seu caracter era formado por uma vaidade sem limites. Presumido a mais não ser, tinha em tanta conta a sua belleza physica que não hesitava em declarar, em quanto cardeal, que se fosse eleito papa, se havia de cognominar o *formoso*. Chorava frequentemente e tinha uma grande paixão pelas pedras preciosas que lhe ornamentavam em demasiada quantidade os habitos sacerdotaes, sempre roçagantes e d'uma riqueza meridional e a thiara luxuosissima de papa opulento. A sua facilidade em chorar era tão grande, vertia tão frequentemente grandes quantidades de la-

(1) Ireland.

(2) Os uranistas podem de vez em quando ter relações com mulheres sem que isso indique ausencia d'amor pelos homens.

grimas, que os contemporaneos cognominaram-o: Nossa Senhora da Piedade.

Tudo quanto vimos de dizer demonstra-nos a sua effeminação e não o seu uranismo. Seria pois ir demasiado longe o attribuirmos-lhe definitivamente habitos d'invertido.

Weber sustenta que Paulo 2.º deixou uma filha.

Se porém hesitamos em classificar como uranista Paulo 2.º, já não podemos fazer o mesmo a seu successor Sixto 4.º que foi um perfeito invertido.

Weber sustenta que um grande numero dos seus favoritos foi elevado ao cardinalato; chegou mesmo a permittir que os cardeaes se entregassem á mais desaforada sodomia durante o verão.

E' a proposito d'este papa que Weber cita os versos seguintes:

Roma quod inverso delectaretur amore
Nomen ab inverso nomine fecit Amor.

O distico é muito obsceno para poder ser traduzido; Roma ás vêssas lê-se *amor*.

Sixto era muito sanguinario e cruel; um dos seus maiores prazeres consistia em assistir das janellas a duéllos sangrentos e mortaes.

O papa Julio 2.º foi um pederasta. Geiger, oppõe-se a esta affirmação dando-a como pouco fundamentada; mas não nega os seus costumes pouco edificantes. Para Moll, está perfeitamente demonstrado que Julio 2.º foi dos cardeaes a quem Sixto 4.º deferiu o pedido de praticar sodomia no verão.

Miguel Angelo contemporaneo de Julio 2.º e que este chamou para Roma, é egualmente accusado de

inversão sexual e não irreflectidamente, acreditamol-o. E' um facto indescutivel que na vida d'este grande artista não se encontra um unico amor pela mulher. Ha quem cite Vittoria Colonna, mesmo são raros os biographos que não a tragam a terreno para demonstrar o amor normal do artista, todavia o alicerce em que sustentam as suas affirmações é muito facil de ruir, porque segundo a auctoridade de Grimm, o melhor biographo de Miguel Angelo, essas relações não passaram d'uma pura e sincera amisade. Quando Miguel a conheceu já ambos não eram novos; Vittoria nunca foi para elle mais que uma princeza.

Ha quem tenha procurado descortinar nas poesias do grande esculptor, passagens em favor do seu amor pelas mulheres. Esse criterio parece-nos errado, porque nada mais insufficiente para demonstrar a inclinação intima d'uma organisação poetica, que perscrutal-a atravez de mil poesias todas diversas, dedicadas aos assumptos mais heterogeneos, mais desencontrados. Admitte-se que se possam conhecer os sentimentos amantes d'um poeta para com uma determinada entidade, quando os versos lhe são dedicados, o nome d'ella resalta nas suas poesias d'envolta com os mais delicados e suaves epithetos em que transparece a paixão. Ningem pode dizer que Miguel Angelo amava as mulheres por ter escripto algumas poesias que lhes eram dedicadas. Se escrevesse, embora só uma, a uma determinada mulher, então sim. O mesmo que se dá para com as mulheres, dá-se para os homens.

Se Miguel Angelo tivesse escripto poesias em que tratasse dos homens na generalidade, ninguem o podia apodar d'uranista; mas não o fez, dedicou-as a um

homem só que distinguiu entre muitos e a quem se ligou por uma intimidade bem suspeita.

E' assim que as suas relações com Tommaso de Cavalieri, joven pintor e nobre italiano, são classificadas como sexuaes.

Este era, segundo Grimm, excessivamente bello e tinha tal imperio sob o grande esculptor que conseguia tudo quanto queria; além d'isso era novo e Miguel um velho, o que mais compromette este ultimo.

Não parece a Grimm, (1) nem a nós, que relações entre individuos de edade tão diversa e de mais a mais tão intimas, podessem existir tanto tempo sem a menor parcella de sexualidade.

Além d'isso a seguinte poesia d'Angelo a Cavalieri mais fortalece a nossa opinião:

Um doce brilho eu vejo argenteo em teu olhar
E meus olhos sem luz, ficam de o fitar!...
Seguindo-te na vida ao mesmo passo a esteira
A vida que me peza até sinto ligeira.
Nas tuas azas levado em busca da illusão,
Eu tenho a mesma crença e só uma ambição.
Como exiges de mim caminho com valor
Sentindo frio ao sol e no inverno calor.
Firmo na tua vontade a minha humilde á tua
E do meu pensamento és tu a minha lua!
A tua alma traduz a minha inspiração
Por isso eu reproduzo o sonho, a creação,
E' então que no Céu, ó santo, assim te rogo,
Entre raios de sol brilhantes como o fogo. (2)

(1) Hermann Grimm — Vida de Miguel Angelo, vol. 1 °, 5.ª edição.
(2) Traducção do nosso amigo Antonio d'Albuquerque.

Se aqui não se encontra a consagração d'um amor exclusivamente sensual, tambem não se pode ver a de uma amizade pura de todo o contacto da volupia.

Grimm, de resto, compara as relações de Miguel Angelo e Cavalieri, ás de Socrates com Alcibiades. Segundo Moll, cuja opinião é fortalecida por uma carta de Cavalieri a Miguel Angelo, este era um invertido; seria até mesmo muito para estranhar que n'uma tão estranha intelligencia não existisse um pouco de sensualidade. Ora, não se conhecendo a Miguel Angelo um unico amor de mulher, é claro que elle desviou a sua sexualidade n'outro sentido. Um uranista affirmou uma vez a Moll (1) que eram bem manifestas, em todas as obras de Angelo, as suas tendencias uranistas; o que podia acontecer era escaparem aos não iniciados, o que é vulgar.

Razzi, contemporaneo do papa Leão X, foi tão debochado e desregrado na sua inversão que o cognominaram *il Sodoma*. Ainda hoje é assim designado em numerosas obras. Passam como certas as suas relações sexuaes com Leão X, considerado pederasta que o elevou á dignidade de cavalleiro.

Razzi é pouco conhecido fóra da Italia, mas os italianos consideram-n'o como um dos seus mais imminentes pintores, collocando-o ao lado de Leonardo de Vinci. Nas suas obras, compostas quasi todas de frescos, esboçava-se bem a vida desregrada e dissoluta do artista (2); havia como que uma falta de virilidade que escorçava a effeminação do pintor. (3)

Effectivamente Razzi era um effeminado.

(1) Moll — Inversão sexual.
(2) Fiorillo — Historia da pintura — vol. 1.°
(3) Wischer — A arte e os artistas em Italia

IV

Muret humanista bem conhecido foi um invertido. Os factos da sua vida, de que nos dá conta Foisset (1) não deixam nenhuma duvida a esse respeito. Em 1552 leccionava, em Paris philosophia e direito civil, trabalho que lhe grangeou um consideravel numero de discipulos todos de menor idade. Accusado por este tempo de tendencias homosexuaes foi encerrado na Chatelet, onde desesperado, deliberou deixar-se morrer de fome, o que executaria se os seus amigos não lhe dessem a liberdade. Partiu então para Toulouse e ahi continuou com as suas lições. Accusado novamente de inversão, foi condemnado á fogueira com o seu cumplice, um mancebo chamado Luc-Menge-Fremiot, pelo edito de 1554. Muret conseguiu salvar-se fugindo para Italia, onde numerosas vezes foi accusado de sodomia, principalmente em Veneza e em Padua. Apesar d'isso, é indiscutivel que foi um sabio; muitos homens eminentes da Italia lhe deveram os seus conhecimentos.

Shakespeare, o grande escriptor inglez, tambem não se salva do apodo de uranista. Como prova cita-se o soneto offerecido ao duque de Southampton, em que o poeta falla uma linguagem apaixonada, atravez da qual resalta bem a sensualidade e o desejo da posse. A poesia é dedicada a um effeminado, um anormal, um androgyno emfim. Eil-a:

Tu roubaste á mulher as graças e a belleza
E do meu coração és unico Senhor;

(1) Foisset — Biographia universal

Androgyno te fez no sexo a Natureza
Teus caprichos eu sei, ad'vinho o teu amor!...

Teu olhar sensual, olhar claro e vibrante,
Enche de luz, de côr, o objecto amado;
E homem ou mulher, por elle é fascinado,
Pois dois sexos tu tens, e nos dois és amante.

Ainda que a intenção da Natureza fôsse
O fazer-te mulher; por ti ella amorosa
Doou-te a mais por mim da minha essencia dôce!

Essencia que não póde o vencer-te sequer.
Inutil meu capricho Adonis da mulher
Guarda-me ao menos sã, a tua alma formosa. (1)

Bodenstedt, attribue o tom amoroso d'este soneto ao grande culto da amizade que existia no tempo de Shakespeare.

Os homens ligavam-se por tal modo entre si que não era d'admirar permutarem phrases d'amor. Bodenstedt explica isso pela influencia pederosissima que n'essa epocha exerciam em Inglaterra os poetas gregos e latinos.

Quanto a nós parece-nos que a explicação de Bodenstedt mais vem reforçar a accusação d'uranismo; porque nos poetas gregos e latinos era rarissima a amisade que se conservava estranha á sensualidade; alem d'isso não nos parece muito crivel que se empreguem

(1) Expressamente traduzido do inglez, para este livro, pelo nosso amigo Antonio d'Albuquerque.

para com amigos expressões amantes transparecendo desejos mal reprimidos, se lhes diga como Shakespeare ao duque de Southampton:

...dois sexos tu tens, e nos dois és amante,

sem que por detráz não esteja uma outra causa que não a amizade.

V

Winckelmann, o grande critico, foi tambem accusado d'uranismo, por causa d'algumas das suas cartas dirigidas ao conselheiro Friedrick Reinhold von Berg, de Livonia, seu particular amigo desde que o avistara.

Winckelmann, esse grande artista, dirige-se a Berg, da seguinte maneira:

«Encontrei no vosso bello corpo, uma alma creada para a virtude; o dia em que nos separarmos será um dos mais dolorosos da minha vida.»

«Como uma terna mãe chora inconsolavel o filho querido, assim eu deploro, ó meu doce amigo, nossa separação com todas as lagrimas da minha alma.» (1)

«Meu amigo bem amado e tão bello, todos os nomes que eu poderia dar-te não são bastante doces nem chegam á altura do meu amor... Abraço tua imagem e morro.» (2)

Winckelmann foi assassinado n'uma hospedaria de Trieste, vindo o seu assassinato corroborar ainda mais a opinião de que era uranista. Archangi, o assassino,

(1) Carta de 9 de junho de 1762.
(2) Carta de 10 de fevereiro de 1764.

era seu conhecido d'ha pouco, o que não obstava a que vivessem ligados de modo que parecia se conheciam de ha longos annos. Além d'isso Archangi era um homem boçal, estupido, que não podia offerecer o menor interesse intellectual ao grande critico.

O principe Henrique, irmão de Frederico o Grande, passava por ser um pederasta.

Na *Historia secreta da côrte de Berlim* e nas *Cartas* de Mirabeau, encontram-se passagens muito concludentes.

Assim na pagina 69 lê-se:

«Un ancien serviteur du prince Henri, habile à servir la passion de son maitre pour la pédérastie, devint tout d'abord son favori et fut fait ensuite chanoine à Magdebourg ou le prince etait évêque.»

E mais adiante a paginas 92:

«L'aristocratie de l'armée sait que chez le prince Henri les Ganymèdes ont toujours pris et prendront toujours toutes les decisions.»

Existem ainda muitas origens em que se poderiam ir buscar fundamentos confirmativos do uranismo do principe Henrique, mas estes nos bastam.

As suas relações com a mulher eram de tal modo tensas que vivia separado d'ella e quando se encontravam na côrte não se fallavam.

Byron, foi por varios escriptores, apodado de invertido. Como andava sempre acompanhado por uma rapariga vestida de rapaz, (1) foi ahi que os seus inimigos — porque os genios sempre os teem, basta crearem invejosos — balisaram as suas calumnias.

(1) Lord Byron por Karl Else 3.ª edição, 1886. pag. 65.

O conde Platen, dizem os seus contemporaneos que era pederasta.

Dedicou muitas poesias aos homens nas quaes cantava o amigo e o creado que lhe servia o vinho; foi isto e muito mais que lhe creou a reputação.

Ha tambem quem diga que esta opinião acerca de Platen é falsa, garantindo que a accusação de pederastia nasceu d'uma mesquinha vingança de Heine a quem Platen chamara um dia judeu. Effectivamente foi Heine quem primeiro o accusou publicamente de pederastia; nos seus *Banhos de Lucques*, encontram-se passagens relativas a esse assumpto.

A polemica entre estes dois grandes homens indiscutivelmente, em que um se defendia e outro atacava, causou viva emoção na Allemanha. Platen chegou mesmo a querer processar Heine, mas os amigos dissuadiram-o d'isso, temendo a sua irremediavel queda na opinião publica, porque Heine apresentaria provas.

Uma das poesias de Platen mais incriminadas é a seguinte:

Só tu me preparaste horas d'inferno;
Mas que o ceu não queira vingar-me um dia,
Pois lagrymas sem fim teu olhar terno,
Ao invocar meu nome verteria.

Portanto combatendo esta illusão,
Irmão, eu por fraqueza vou dizer-te:
Amigo meu eu quero defender-te,
Não me detem chymerica razão.

Verdade é que não sou bom defensor,
Muit'embora os meus olhos tu occupes
Advogando por ti — prazer ou dôr.

Porem emquanto tu os preoccupes
Elles só poderão dizer-te — Amôr,
Mas tu n'elles lerás sómente dôr. (1)

VI

Entre as personalidades historicas manifestamente uranistas, citaremos ainda Luiz II, o desventurado rei da Baviera. E' positivo que foi uma victima da inversão sexual. Detalhes importantes se encontram a este respeito no magnifico livro de Ireland *O poder e a loucura*, baseado sobre factos incontestaveis e encerrando um completo estudo psychologico sobre o rei.

A inversão sobreveio-lhe antes da loucura, a sua frieza e aversão pelas mulheres eram bem conhecidas, manifestava-as em qualquer occasião; ao contrario, entretinha correspondencia assidua com homens, com quem trocava a miudo expressões que só se usam entre amantes apaixonados e ternos.

Tem-se fallado muito ácerca do amor de Luiz de Baviera pelos homens, mas nunca isto chamou a attenção das pessoas competentes n'este estudo, o que constitue um argumento, diz Ireland, em favor das tendencias uranistas do rei. E' segundo esta ordem d'ideias que é preciso interpretar os maus tratos que infligia a

(1) Traducção do nosso amigo Antonio d'Albuquerque.

determinadas pessoas do seu sequito, o que se explica talvez pelo instincto de crueldade commum a todos os sadistas. Nos ultimos tempos da sua vida Luiz II sentia grande prazer em ver soffrer os outros.

As pessoas que tomaram parte nos desvios sexuaes do rei, vivem ainda, ellas poderão portanto, se quizerem, elucidar melhor este assumpto que não deixa de ser muito interessante.

Parece tambem que o amor psychico que o rei votava a certas pessoas do sexo masculino era independente da satisfação physica dada pelo acto sexual.

Entre os uranistas historicos citam-se ainda Carlos VII da Suecia, Guilherme d'Orange e um certo numero d'outros personagens que teem desempenhado algum papel na historia.

VII

D'esta longa revista anthropologica muitas conclusões se destacam.

A primeira é que um grande numero d'homens superiores, muitos dos grandes vultos da historia, apresentaram anomalias contra natureza, sem que pareçam ter-se prejudicado as suas brilhantes qualidades e atrophiado o genio. Os casos de Cezar, de Leão X, Frederico e outros são uma prova flagrante.

A segunda, é que nada prova que o vicio esteja mais espalhado nos nossos dias que na antiguidade.

Apesar da licença dos costumes nos grandes centros de população, a nossa sociedade moderna, como muito bem diz Lacassagne, teria muito que fazer para chegar ao grau de depravação das sociedades grega e romana.

Antigamente praticava-se o deboche ás escancaras, havia mesmo leis que o protegiam, fomentavam; hoje não, basta fallar-se n'um acto de depravação sexual para indignar todos os ouvidos, fazer soltar phrases de nojo em todas as boccas.

Digam o que disserem, a moralidade tem progredido com a civilisação.

A terceira conclusão é que a anomalia se encontra em todos os tempos e todos os logares, em todas as idades e latitudes, em todas as sociedades seja qual fôr o seu typo ethnico, religião ou moral. Não se deixa monopolisar nem circumscrever.

E' impossivel consideral-a, como muitos queriam, como um producto da civilisação avançada, uma invenção consciente das raças superiores.

A humanidade sob o ponto de vista do vicio não o vae inventando e aperfeiçoando pouco a pouco. Por uma só vez, deu ao instincto sexual todas as sensações naturaes ou artificiaes possiveis, e, desde a idade das cavernas, não lhe restou mais que imaginar. As sociedades morrem, as religiões desapparecem, as condições sociaes modificam-se, só o vicio original do homem subsiste, sempre e por toda a parte identico.

3.ª PARTE

Uranismo. — Sua definição e estudo contemporaneo.

CAPITULO I

A maior parte dos auctores, principalmente os antigos, dão aos homens que teem relações sexuaes com o seu sexo o nome de *pederastas* e ao acto que praticam a designação de *pederastia*. *Pederasta* vem do grego e significa *amante de rapazes!* Era d'este modo que os gregos designavam os amadores de rapazes d'uma maneira geral, quer se tratasse do acto genital, quer de simples amisade.

Os romanos desviaram o termo da significação primitiva e applicaram-n'o para designar o grupo particular de individuos que *membrum in anum immittunt*.

Hoje, os auctores, ainda não estão bem d'accordo sobre o valor das palavras *pederastia*, *sodomia e bestialidade*.

Assim, para alguns allemães e francezes, as relações sexuaes d'um individuo com um animal, constituem a *sodomia ou bestialidade*.

Para outros a *pederastia* é synonimo de sodomia,

isto é, do coito anal qualquer que seja o sexo do individuo passivo.

A medicina legal tem, porém, necessidade d'uma linguagem clara, nitida, comprehendida e admittida por todos e ainda mais que n'outros assumptos aqui devem os termos ser precisos e adequadamente empregados, visto os nossos codigos não darem definições.

A nossa maneira de fallar não pode ser vaga ou conjectural em assumptos que se prendem com o judicial, não pode haver interpretações ambiguas ou empregarem-se termos mal definidos; é preciso haver precisão para se não marginarem equivocos.

Por causa d'um pudor mal cabido, d'uma pudicicia bastas vezes hypocrita, estes assumptos só teem vindo ao campo scientifico com uma certa timidez. Os auctores, aquelles mesmo que se creem emancipados de toda a ideia religiosa, temem o apodo de pornographos ou de inconveniencia scientifica, e diffundem-se furiosamente em objurgatorias contra o vicio que qualificam de abominação, monstruosidade, infamia, etc., como se o caracter verdadeiramente extraordinario d'estes factos em todas as sociedades e em todas as epochas da historia, não devesse attrahir a attenção do psychologo e do medico legista, a fim de elucidarem estes casos complexos e saber se os individuos que apresentam similhante aberração não seriam doentes, herdeiros victimas d'uma deformação congenital, ou de certas condições sociaes que tenham favorecido a eclosão d'esta paixão, emfim alienados a que seja preciso tratar.

II

A inversão sexual pode mostrar-se nos dois sexos. No homem chama-se *Uranismo;* na mulher *Lesbianismo.*

Expliquemo-n'os.

Antes de Westphall, o celebre psychiatra de Berlim morto ha pouco pela morphinomania ter descripto d'um modo bastante notavel o syndroma *inversão sexual,* já um magistrado allemão, Karl Ulrichs, um *invertido,* escrevera varios romances sobre o mesmo assumpto, estudando-se a si, advogando a sua causa.

Ulrichs era muito erudito, não offerecendo nenhuma apparencia de desordem intellectual, muito competente em estatistica e bastante conhecido no mundo da politica e da magistratura como auctor de numerosas obras scientificas.

N'uma serie de brochuras que publicou entre 1864 e 1869, e que tiveram grande exito, sustentava que um numero avultado d'homens, proximamente quinhentos, haviam sido impellidos pelo facto d'uma constituição nativa, ao amor exclusivo pelo seu sexo, e chamoulhes *uranistas* (d'Uranus). (1)

(1) Não ha Aphrodite sem Eros. Mas existem duas deusas; a antiga Aphrodite nascida sem mãe: ella é filha d'Uranus e damos-lhe por isso o nome d'Urania; a Aphrodite mais nova é a filha de Zeus, e de Dioné; chamamos-lhe Pandemos.

O Eros da primeira devia portanto chamar-se Uranus, o da segunda Pandemos...

O amor d'Eros Pandemos é aquelle com que amam os homens ordinarios, ao contrario o de Eros Uranus não escolhe nenhuma parte feminina, só procura a masculina, é o amor pelos rapazes.

E' por isto que os individuos animados d'este amor se dirigem ao sexo masculino.

Banquete de Platão — Cap. 8 e 9.

«O uranista, escreve elle, é uma zombaria da natureza; sua organisação physica é a d'um homem, os seus instinctos de mulher.»

«As nossas maneiras masculinas, continua, são artificiaes. Somos como as mulheres do theatro na envestida ao homem.»

Para explicar este enigma suppunha que a alma d'uma mulher se encontrava envolvida no corpo d'um homem, *anima mulieris in corpore virili inclusa*, datando esta transmutação do primeiro periodo embryonario, antes da differenciação dos orgãos sexuaes.

O uranista não experimenta nenhuma sensação de volupia em face d'uma mulher por mais bella que seja e lhe reconheça a belleza.

Possue todos os attributos da virilidade, os seus orgãos sexuaes, o penis e o testiculo, estão perfeitamente integros sob o ponto de vista das suas funcções e conformação exterior.

Muitas razões mostram que a inclinação que experimenta para o homem não tem nada de commum com a amizade.

Trata-se antes d'uma impulsão do instincto genital que normalmente attrahe o homem para a mulher.

Os orgãos genitaes representam aqui um importante papel.

O uranista excita-se vendo as partes sexuaes d'outro homem ou representando-as mentalmente na memoria.

O seu fim unico é a pratica do acto sexual com outro homem não importa o meio.

Os factos precedentes mostram perfeitamente que

não ha aqui mais do que uma fórma anormal do instincto sexual.

Mas ainda temos mais.

O ciume que acompanha este amor contra natureza.

Nunca se encontra na amizade verdadeira; o amigo sincero nunca vê com maus olhos, com olhares ciumentos, a creação d'uma amizade nova. Aqui, o ciume impera como senhor absoluto. Como no amor do homem pela mulher, ou da mulher pelo homem, o uranista quer possuir sem partilha a pessoa amada, guarda-a como um objecto de valor inestimavel, desconfia do mais pequenino olhar d'estranhos, segue-lhe todos os passos, perscruta-lhe todos os pensamentos.

III

A attracção d'um homem por outro pode manifestar-se de diversas maneiras.

Em certos casos é um homem que excita um individuo do seu sexo. E' esta mesmo a unica causa do uranismo no sentido mais restricto da palavra.

N'outros, ao contrario, sente-se attrahido umas vezes para o homem, outras para a mulher e finalmente para ambos os sexos ao mesmo tempo. E' a isto que se chama *hermaphrodismo psycho-sexual*.

Em todos os invertidos sexuaes ha sempre dois individuos: um que tem a direcção, outro a subordinação, a obediencia, a execução; um é o activo, outro o passivo.

O uranismo comprehende os pederastas, os onanistas, os sadistas, etc., que só se entregam a estas

perversões com individuos do mesmo sexo a que pertencem.

Muitos auctores ainda hoje confundem o uranismo com a pederastia; não deve ser, porque esta representa unicamente o grupo de individuos que *immissio penis in anum*

E' portanto um caso particular de uranismo.

CAPITULO II

Do mesmo modo que o amor do homem pela mulher se encontra em todas as camadas sociaes, o uranismo não é especialidade de nenhuma classe, encontra-se no nobre e no plebeu, no rico e no pobre, no ignorante e no intelligente.

As classes mais elevadas da sociedade são as mais atacadas, o que até certo ponto nos deve admirar, porque sendo as mais instruidas e portanto as mais civilisadas, deviam ser as menos predispostas á inversão, attendendo a que a differenciação dos sexos será tanto mais perfeita quanto mais civilisado o meio em que a humanidade habita.

Essa admiração, porém, não tem razão de ser, se nos lembrarmos que o uranismo é tanto mais commum, quanto maior a predisposição nervosa, nos meios mais cultos muito maior que nos pouco cultivados.

Mantegazza diz que a inversão não se limita exclusivamente á chamada escoria das sociedades, mira mais alto, dá mesmo muito mais percentagem em individuos

bem reputados sob o ponto de vista da sua instrucção, riqueza e posição social.

Tem muita razão Mantegazza, senão vejamos.

Uranistas instruidos temol-os ás dezenas, quer se procurem no jornalismo, na sciencia, ou nas artes.

Vemos por ahi: Jornalistas creando cenaculos de litteratos, sempre meninos imberbes, effeminados, languidos, glabros de corpo como de intelligencia, aos quaes a simples vista d'uma mulher faz subir a côr ao rosto e a d'um homem espadaudo crear appetites sensuaes que se concretizam em longos olhares dirigidos ás partes menos castas da organisação animal. Uns, são folhetinistas de folhetins que nunca escrevem, outros, poetas de versos que nunca fazem.

Publicistas e historiadores, intelligencias tresandando a savaquinho e bedum, obsecados por imagens boçaes de vendedores de jornaes, que idealisam em sereias nos sonhos d'erotismo lá pelo dia, porque antes noctambulisam.

Pintores amorosos d'imberbes a quem fixam, seduzem com promessas, e gabam a formosura, nos cafés e nos theatros, tendo longos apertos de mãos, largas tremuras de sensualismo na voz.

Nos titulares tambem a inversão sexual é commum.

Não ha ninguem que não conhecesse, pelo menos de nome, esse titular lisbonense notavel pelos discursos sobre emigração clandestina e pandegas de fadistões valentes acarretados em typoias para o Dafundo, Cintra e outras partes.

Ainda é recente o julgamento da rua de Traz, em que um fidalgote vicioso foi exauctorado.

Todos sabem da obsessão em perseguir militares

ás portas dos quarteis para se lhes sugeitar a um passivismo repugnante, d'um certo titular do Porto.

II

Os uranistas podem ter as mais diversas profissões. Uns são advogados, outros medicos, theologos, philologos, commerciantes, officiaes, escriptores, actores, operarios, jardineiros, artistas, etc., etc.

Ha certas profissões que fornecem mais que outras, sem que todavia até hoje se tenha, a este respeito, conseguido obter uma estatistica aproveitavel.

O que se sabe é que os actores, escriptores, floristas, estofadores, cosinheiros, cabelleireiros e costureiros, dão um contingente muito avultado á inversão.

Parece que cedendo á sua natureza effeminada, muitos uranistas se sentem compellidos a tomar profissões que são a maior parte das vezes apanagio das mulheres, em virtude da sua habilidade na decoração de quartos, confecção de vestidos, etc.

De resto, percebe-se bem a razão porque gostam tanto da profissão de costureiros; é porque alcançam assim grande successo junto dos homens, devido á voz de falsête que conseguem modular e á graça com que executam os movimentos femininos.

Os actores que desempenham papeis de mulher e que teem voz de soprano ou contralto bem timbradas, são suspeitos.

A carreira das armas não attrahe o invertido não obstante gostar de militares. Os militares uranistas são raros, no entanto a historia aponta-nos dois casos interessantes, os de Julio Cesar e Carlos XII.

Nós mesmo conhecemos ha tempo, em Lisboa, dois uranistas marinheiros d'uma esquadra allemã e um soldado d'artilheria. Eram todos passivos.

III

O uranista mais novo que Moll poude observar tinha 16 annos e o mais idoso 64.

Nós, o mais novo que vimos tinha 15 annos incompletos e era caixeiro desempregado, o mais velho 54 e era carroceiro.

E' todavia muito commum, segundo o que varios auctores affiançam e mesmo algumas observações nossas demonstram, que os uranistas digam ter-lhes apparecido a inversão muito mais cedo, aos 10, 12 annos e mesmo antes dos 6.

Actualmente não é muito raro encontrarem-se de menos de 16 annos, o que na realidade não é de espantar, se nos lembrarmos que nos individuos predispostos para a inversão, o instincto sexual se desenvolve muito mais depressa que nos normaes.

Não quer porem dizer este apparecimento precoce do instincto pervertido, que a sua duração seja mais curta que a do instincto sexual normal; o que póde é attenuar-se um pouco, mas não desapparece mais cedo.

Moll conta, por exemplo, o caso d'um homem de 68 annos, que até aos cincoenta praticava actos homosexuaes pelo menos duas vezes por dia e d'ahi por deante passou a pratical-os só uma, sem o que se via constantemente obsediado pelos desejos do uranismo.

E' até muito conhecido de todos nós, que indivi-

duos bastante idosos continuem quotidianamente a satisfazer os seus instinctos pervertidos.

O titular de Lisboa a que já nos referimos e muitos velhos que por ahi vivem, são um bom exemplo d'isso.

IV

O uranista é na generalidade um typo normal physica e anatomicamente.

A sua perversão é psychica e manifesta-se pela unica pratica d'actos sexuaes anormaes.

Tem-se por varias vezes tentado procurar-lhes no corpo, modificações que podessem estar em relação com a perversão sexual, e alguma coisa se tem conseguido n'esse sentido.

Encontraram-se, por exemplo, atrophiamentos do penis, hypertrophias grandes e diminuição do volume dos testiculos que podiam introduzir-se facilmente no canal inguinal.

Ultimamente Féré no numero da «Revista de Cirurgia» do mez d'abril d'este anno, conta o caso d'um individuo cujo uranismo era devido a um encurtamento do freio de penis. Operou-o e seis mezes depois o doente que sentia uma aversão invensivel pelas mulheres, poude realisar o primeiro coito normal com todas as sensações normaes, nunca mais foi obsediado por sonhos eroticos e teve a hypersthesia genital que o impellia a actos contra natureza.

Estes factos porem são raros, podem mesmo considerar-se como excepções, porisso poderemos continuar affirmando que o uranista é na maior parte das vezes

um individuo normal sob o ponto de vista physico e anatomico.

As suas erecções são geralmente vigorosas, apresentando o membro viril a mesma direcção que nos outros homens sãos.

Não é porem para estranhar que em alguns uranistas falte a erecção, porque tambem não estranhamos que o homem que abusa muito do coito com a mulher, a não tenha. N'um e n'outro caso dá-se o mesmo, isto é, o esgotamento pelo uso immoderado.

Os pêllos das partes genitaes dos invertidos são tão desenvolvidos como os dos individuos normaes. Mas já assim não acontece nos outros do corpo, que são curtos e pouco abundantes, havendo até muitos casos em que estão reduzidos a verdadeira pennugem. Não admira e mesmo está em correlação com o caracter quasi sempre effeminado dos uranistas.

Apresentam tambem um desenvolvimento consideravel das glandulas mamarias, o que, de resto, é condição muito natural da effeminação. Kraft-Ebing, conta no seu livro um caso em que os seios d'um uranista de 13 a 15 annos se desenvolveram tanto, que apertados vertiam leite. Hammond tambem na sua obra sobre a impotencia sexual escreve que um *mujerado* lhe disse o mesmo.

Parece-nos muito duvidoso este facto e mesmo Hammond o confessa, porque nos invertidos não se encontra precisamente o desenvolvimento das glandulas propriamente ditas, mas apenas uma accummulação de gordura n'essa região, que dá ás mamas o aspecto arredondado de seios de mulher.

V

Os uranistas distinguem-se tambem pela sua paixão, activa ou passiva, pela musica e pelas artes.

Coffignon cita até a paixão pela musica como uma das suas particularidades de caracter mais notaveis.

Não vamos muito longe d'esta interpretação. Alguns uranistas que conhecemos, entre os quaes avultam artistas de merito, confirmam o que diz Coffignon.

Para elles a musica e a pintura são artes divinaes, um ceu aberto de impressões agradaveis, um empyreo de delicioso encanto. E' todavia para a musica que mais se inclinam, ella quem mais os prende, quem lhes faz por assim dizer soltar o *eu* do corpo e fazel-o volitar no espaço, librar nas azas pandas da phantasia, ao mundo dos sonhos, d'envolta com sensações enebriantes em que só ha sensualismo.

Não veem na musica só as inspirações do bello, como na pintura não vêem só a alma do artista.

Vão mais longe: á inspiração do bello juntam uma sensação de volupia, á alma do artista, um pensamento intimo de sensualidade.

Aliam a volupia, a sensualidade, a tudo, mesmo ás coisas mais heterogeneas.

Até certo ponto se admittiria isso, se essa queda para os pensamentos voluptuosos, essa obsessão da ideia sensual, fosse normal, os puxasse para o cumprimento dos seus deveres sexuaes normaes, mas não é assim.

A pintura d'uma mulher nua a nada os inspira; quer seja um bello quadro, ou uma obra de fancaria,

tem sempre o mesmo valor diminuto, quasi não admittem que se gaste tempo em pintar essas coisas. Agora se lhes fôr apresentado um quadro representando um homem nú, robusto, forte, másculo, manifestando todas as saliencias d'uma musculatura de ferro, é vêl-os atturdidos, boquiabertos, enlevados!

Sonharão com elle, masturbar-se-hão com a imagem d'esse homem no pensamento e quando praticarem todos os actos homosexuaes, será sempre elle que terão gravado na memoria.

Se são pintores, todos os seus quadros em que só avultarão virilidades másculas, representarão scenas lubricas e phantasias desnudadas do encanto feminil; os homens lembrarão sempre na physionomia o homem nú da mente do pintor, do mesmo modo que nos quadros dos grandes mestres da pintura, a cabeça das virgens costuma lembrar as das suas apaixonadas.

Se são musicos, buscarão sempre na imagem que os obsedia, a inspiração das suas melhores peças, d'onde nascerá um conjuncto d'harmonias estranho como o seu espirito, discordante como a sua aberração.

A musica não tem para elles a mesma significação que para os homens normaes. Emquanto para estes é a poesia do futuro, o modo encantador de nos dulcificar a alma, poetisando ainda mais, se assim se póde dizer, os bellos poemas da antiguidade, as bellas tradições d'antigas eras, os bellos sonhos do presente; para aquelles, de traz das suas notas, envoltas nos seus compassos, buriladas pelas suas cadencias, irisadas pelas suas bellezas, só veem phantasticas scenas de luxuria nas epochas que a musica descreve e onde o homem, só o homem, possuia e era possuido.

As passagens mais maviosas lembram-lhes os extasis de volupia que seguem o orgasmo; as mais fortes, o desespero de não poderem remover os obstaculos impeditivos do seu desejo; as tristes, o desgosto da repulsa, da indifferença; as alegres, o contentamento, a ventura da posse do objecto querido; finalmente todas as interpretações mais exquisitas e inesperadas que se podem dar á musica e sempre no sentido da obsessão que lhes crucia a mente: a da pratica unica e exclusiva do acto sexual com outro homem.

Os uranistas são tambem ás vezes poetas notaveis e, do mesmo modo que os normalmente constituidos procuram para heroinas dos seus poemas, entidades que mais ou menos se coadunem com o objecto da sua paixão, assim buscam consagrar a obsessão que os domina, poetisando-a tentando tornal-a attrahente aos seus olhos, e personificam em entidade sublime o homem dos seus sonhos d'erotismo.

VI

Logo que se dá a perversão sexual observa-se, na maior parte dos casos uma mudança completa no modo de andar, no caracter, nos costumes, emfim em todo o modo de ser dos uranistas. Este phenomeno constitue o que por todos os psychophysiologistas é chamado *effeminação*.

A tendencia que um individuo tem para effeminar-se apparece, ás vezes, mesmo na infancia. Exemplifiquemos: X. que tem actualmente 28 annos, nunca expe-

rimentou a menor inclinação sexual para a mulher. Durante a infancia o seu maior prazer era brincar com bonecas, passear vestido de menina e fazer trabalhos d'agulha, como meia, crochet, etc. Presentemente ainda se entretem com isso nas horas vagas dos negocios. Gosta muito de cosinhar, engommar, etc., e se lhe fosse permittido usaria vestes femininas. Não usa barba nenhuma e tem horror ao mais pequenino pello que cuidadosamente manda rapar pelo barbeiro. Quando quer, imita perfeitamente a mulher no timbre da voz e gosta immenso de representar, preferindo sempre os papeis femininos para que tem muita habilidade. Sob o ponto de vista physiologico e psychico não nos repugna admittir esta effeminação desde a infancia, achamos até muito natural que assim aconteça.

Longet sustenta que á medida que os orgãos se desenvolvem, desenvolvem-se-lhes tambem as funcções.

No caso citado a perversão era congenital e foi-se aperfeiçoando com a idade á medida que os orgãos se foram desenvolvendo.

D'um orgão pervertido só poderá nascer uma funcção pervertida e a effeminação é uma consequencia d'essa perversão, porque, como no principio dissemos, os sexos do mesmo nome attrahem-se tanto mais quanto menos se parecem nos seus caracteres secundarios.

Os uranistas são ás vezes tão effeminados que ficamos surprehendidos. Não gostam senão do homem robusto, varonil, valente, para a satisfação dos appetites homosexuaes.

A' primeira vista parece haver aqui um contradicção. Mas não é assim. A mulher, ser debil, feminino por natureza, procura no homem a robustez e a virilidade; o

uranista, macho nos orgãos sexuaes, completamente feminino no moral e no resto do corpo, só ama o homem espadaúdo, valente e temido, porque só esse lhe dá prazer.

E' precisamente quando os invertidos se vestem de mulher que se lhes conhecem melhor os stigmas da effeminação.

Um individuo normal, por mais que se disfarce, por maiores artificios que empregue em querer passar por mulher, só muito difficilmente poderá conseguil-o.

Com o uranista já assim não acontece, disfarça-se perfeitamente. Quem não estiver costumado, confunde-os perfeitamente principalmente em photographia.

Taylor publicou na *Medical Jurisprudence*, (1) uma observação, que prova até que ponto se podem apropriar da vida do sexo contrario.

Trata-se d'uma celebre actriz ingleza, Elisa Edwards que representou em muitos theatros da Europa e só foi reconhecida como homem depois da sua morte. Desde a mais tenra mocidade só usava vestuarios femininos. Trazia os orgãos genitaes ligados ao corpo por um apparelho especial de tal modo, que se lhe não reconheciam á primeira vista. Este uso encontra-se presentemente em alguns uranistas, a acreditarmos o que escreve Moll.

E' muito sabido entre nós o costume que teem os invertidos, principalmente os passivos, d'ir aos bailes publicos do carnaval, disfarçados em mulheres.

Espartilham-se, põem seios de borracha, pintam as sobrancelhas, os labios e as pómulas, usam brincos de

(1) 1873 — vol. 2.º

molas nas orelhas, chinellas afiambradas e muito decotadas de mulher, nos pés. A barba sempre muito escanhoada e o cabello comprido e frizado tantas vezes postiço, augmentam a confusão. Teem requebros de prostituta quando intenta agradar, palavras de convite segredadas ao ouvido, rodopios de saias para esposicionamento de pernas; são dengosos, languidos, recorrem finalmente a todos os expedientes persuasorios para conseguirem o seu fim. Uns andam mascarados e querem ser conquistados como mulheres, outros de cara descoberta, anchos da sua effeminação quando alguem os confunde.

Esta especie d'uranistas que se mostram pelos bailes publicos é a mais baixa, a mais ordinaria. A outra, a mais elevada, que rasteja pelos salões e ante-camaras, que sóbe até aos altos poderes da sociedade moderna, como subiu aos da antiga, é mais reservada, mais cautelosa; procura sempre o escuro do incognito e quando se entrega, experimenta a confiança do conquistado, no receio da descoberta.

E' contra esta que mais nos insurgimos, é sobre ella que sentimos estrugir a voz da nossa indignação.

Que o ignorante tenha uma doença e não busque cural-a por falta de conhecimentos ou recursos pecuniarios, admitte-se, mas que uma pessoa illustrada, muitas vezes intelligente, faça d'uma doença um vicio só porque lhe agrada, e assim vá contaminando a sociedade, do mesmo modo que um pequenino bacillo de tuberculose pode, reproduzindo-se, contaminar um pulmão inteiro, é o que nos repugna, nos enoja.

Não é pela ignorancia d'uma probabilidade de cura que esse individuo se não emenda, não é porque des-

conheça o seu vicio é uma aberração repugnantissima, não senhores, considerado ocioso, um vencido da vida, digamos assim, a quem o menor trabalho molesta, a mais pequenina mudança de costumes perturba, é constantemente obsediado pela mesma ideia a que não busca fugir, porque lhe agrada, é moda emfim.

Pode haver uma degeneração hereditaria, e mesmo quasi sempre assim acontece, mas o degenerado cura-se por meio d'uma medicação conveniente.

O medico não pode com segurança seleccionar os invertidos sexuaes do resto da sociedade só pelo aspecto exterior, não pode chegar junto d'um individuo e dizer-lhe:

—Você é um uranista, mas posso cural-o.

E' preciso que o doente o procure, lhe confesse todos os seus defeitos, os seus vicios.

Se não o quizer fazer logo, pela vergonha que tantos teem em dizer os seus desvios sexuaes que attribuem sempre a perversidade e não perversão, tente affastar a ideia que o obsedia, desvie-se do menor contacto com homens, empregue n'este sentido o que lhe restar de actividade psychica, que talvez colha resultado. E' claro que isso não virá de repente, mas pouco a pouco; mas pode vir, e um doente deve agarrar-se a todas as probabilidades de cura.

Agora, saborear o vicio, tornando-o por assim dizer parte integrante da felicidade, é perigosissimo, não só para a sua individualidade, como tambem para o moral e hygienico da sociedade.

E' por isso que abrindo-lhes o portico magestoso da sciencia medica onde tantos teem achado allivio,

onde a entrada é franca e a esperança muita, nós julgamos auctorisado a verberar com toda a força da nossa indignação, com todo o asco que nos causa o vicio sórdido e repugnante, os que se mantem no charco em que se affundam sem buscar o mais pequenino ponto fixo em que apoiar o seu desejo de vida nova.

VII

A maior parte dos uranistas, para que a similhança com a mulher seja mais perfeita, usam a barba e bigode escanhoados.

Na vida intima conservam ainda os costumes mulherengos. Dormem em leitos com docel, adornam os quartos com as mais insignificantes bijouterias femininas, cozem, fazem meia, finalmente todos os affazeres cazeiros da mulher.

As estatuetas e quadros que preferem representam homens varonis, scenas em que se glorifica a força physica masculina e a sua bella plastica em nú.

Amam extraordinariamente a dança, sentem quasi uma verdadeira paixão por ella, preferindo sempre dançar com homens.

Tem uma quéda especial para trabalhos d'agulha e não é raro permutarem entre si offertas d'este genero.

A lettra approxima-se immenso na forma, da caligraphia da mulher. O seu estudo graphologico e por mais d'um ponto interessante, trazemol-o entre mãos e talvez mais tarde lhe daremos publicidade.

A vóz e a linguagem representam tambem na vida dos uranistas um importante papel.

E' effeminada, de falsête, imitando, por vezes, tão naturalmente a mulher que quasi nos confundimos.

Umas vezes adquirem espontaneamente esta facilidade de fallar em falsête, outras pelo contrario é-lhes a principio extremamente difficil.

Não se comprehende bem, á primeira vista, a necessidade d'esta tonalidade de vóz, porque não a procuram nos homens normaes e vigorosos para que se sentem attrahidos. O mais provavel é que o mesmo impulso instinctivo que leva á effeminação as outras particularidades do caracter, influa do mesmo modo sobre a vóz.

O contagio moral tambem prepondera bastante e a vóz effeminada pode ser adquirida por espirito d'imitação.

E' principalmente quando estão sob o dominio da embriaguez e nas suas reuniões intimas, que empregam o falsête.

Ha uranistas que não teem a vóz effeminada; distingue-se-lhes dos outros homens, pela lentidão do dizer e altura do som, que é fraco.

O seu modo de andar é muito typico. Caminham saltitando e saracoteando-se. Voltam-se frequentemente para tráz acompanhando com o corpo o movimento do pescoço e curvando-se um pouco para diante. Quando passam por junto d'um individuo que lhes agrada, a ondulação dos quadris e dos hombros augmenta, indireitam-se, voltam-se a meúdo, praticam emfim todos os meneios communs em mulher que se julga apreciada por alguem que a vê. Não é raro tambem abaixarem-se como que para apanhar um objecto, voltando as costas á pessoa que lhes fica perto e provocando assim contactos menos aceados.

VIII

As principaes particularidades de caracter dos uranistas são: a indiscrição e a tagarelice, o capricho e a tendencia para a mentira. D'aqui a grande difficuldade em termos informações exactas sobre elles.

Um, escreveu uma vez a Moll:

«Acredite-me, as mulheres mais hystericas e mentirosas encontram-se entre nós, porque somos mulheres e não o negamos.»

Como se pode explicar esta tendencia para a dissimulação?

O uranista tem muitas vezes horror da sua doença, tenta por todos os meios encubril-a a estranhos e mesmo a iniciados, vê-se portanto obrigado a recorrer a um tecido de mentiras para velar as faltas, dissimular os desvarios.

Não é raro que muitos se confessam attrahidos para este ou aquelle individuo, mas negam sempre ter com elle as menores relações sexuaes.

Estas explicações, porém, ainda não dizem tudo; a verdadeira razão do seu caracter dissimulativo devem-n'a ás tendencias hystericas e femininas.

Mas como nem todas as mulheres são mentirosas, e um numero consideravel de hystericas amam a verdade, devemos admittir que ha uranistas incapazes de mentir, o que não tem duvida nenhuma.

Ha-os que só confiam a pessoas muito intimas e muito discretas os seus desvarios sexuaes, mas quando o fazem são sinceros, verdadeiros.

Onde se encontra mais geralmente a mentira é nos

de classe baixa, que mesmo quando parecem ser sinceros nas suas communicações, mentem ameudadas vezes. E' preciso portanto pôr de quarentena a maior parte das suas imformações.

O invertido possue, no geral, polidez affectada, maneiras adocicadas com que procura esconder a refinada velhacaria.

Tem uma vaidade inacreditavel. Nas reuniões e nos bailes o seu maior empenho é eclipsar os collegas.

E' até muito commum, com a sua vóz falsa como o sexo, perguntar requebrando-se:

—Não achas que sou *a mais bella* esta noite?

O uranista não é mais que uma mulher vaidosa, todos os defeitos que esta tem encontram-se n'elle. Procura, como ella, coisas insignificantes para fundamentar a inveja e ciume, experimenta o maior prazer, a mais viva satisfação, por ser mais elegante, distincto que outro. Passa horas inteiras mirando-se ao espelho. Para elle não ha nada mais bello que a sua pessoa.

Muitas vezes a vaidade manifesta-se-lhe d'outro modo.

Toma um certo ar fanfarrão, gaba-se d'um grande numero d'aventuras amorosas e de ter representado n'ellas sempre o papel mais distincto.

IX

Uma das propriedades que distinguem o homem da mulher é o pudôr.

Com os uranistas dá-se uma coisa interessante: possuem-n'o n'um grau mais desenvolvido que o ho-

mem normal. Muitas vezes esse pudor falso desenvolve-se-lhes na infancia, outras mais tarde. D'aqui vem a grande difficuldade que muitos teem de se despir deante d'um homem. Já lhes não acontece, porem, o mesmo quando o fazem deante d'uma mulher.

X

Que pensam os uranistas do seu estado?

Muitos tentam enganar-se attribuindo a attracção sexual para os homens a uma simples amizade. Procuram encontrar em quem os apaixona, qualidades susceptiveis de explicar a sua paixão, esquecendo-se de que assim mais se obsecam.

Contrariamente Westphall e Krafft-Ebing, pensam que a inversão sexual não torna a vida desgraçada, se não quando o invertido não póde vencer o obstaculo que se antepõe á realisação dos seus desejos, da sua paixão. E' este tambem o nosso modo de ver.

Um uranista que conhece o seu estado não o considera como normal, mas tambem não se olha como doente. Muitas vezes até, é-lhe impossivel comprehender a relação havida entre o proprio estado e a apreciação de pessoas extranhas.

Certos invertidos, como Ulrichs por exemplo, reconhecem a insufficiencia do seu amor comparado com o normal. Um grande numero tem pena de não poder crear familia e considera a vida assim, como desgraçada e incompleta.

Isto não quer dizer que não haja alguns aptos para creal-a, mas os que estão n'esse caso são principalmente hermaphroditas psycho-sexuaes.

Muitos uranistas casados sentem um grande desgosto em ser obrigados, para satisfazer a sua paixão, a ter relações sexuaes com homens; consideram isso como uma infedelidade feita ás esposas.

Outros, ao contrario, teem uma repulsão enorme por ellas e só conseguem effectuar o coito normal, pondo na mente a imagem d'um homem determinado e phantasiando que gosam sexualmente com elle.

Para estes será portanto o coito uma obrigação fastidiosa.

Nos invertidos que se queixam da sua vida infeliz, encontram-se tambem outras perturbações psychicas e physicas, como a hypochondria, a melancolia, a dyspepsia, etc.

O uranista feliz com o homem que ama, vive sempre alegre e bem disposto.

E raro, porem, que assim aconteça. O invertido queixa-se a maior parte das vezes da sua sorte, o que naturalmente se explica pela difficuldade natural em encontrar outro homem que o comprehenda e se lhe sujeite aos caprichos. Se isto é difficil quando se trata da mulher que tem a auxilial-a a força normal da natureza, muito mais o será com o uranista, aberração completa n'esta.

A obsessão amorosa na mulher é todavia muito mais intensa, mais vehemente, o que explica a frequencia do suicidio ao ver-se desprezada.

E' mais facil que um uranista se suicide envergonhado: de ver descoberta e troçada a sua perversão, pelo desprezo que vê sentir por elle a sociedade que o rodeia por assim dizer d'um cordão sanitario; que por

desprezado no seu amor, na sua paixão embora esta o obsedie muito.

Os invertidos para satisfazer o seu instincto sexual, veem-se obrigados a ter relações com homens, não é portanto para admirar que alguns vivam como que desgostosos de si mesmos, se arrependam em cada instante, sem todavia poder fugir á obsessão que os crucia.

O remorso quasi os atterrorisa mais que a doença.

Vivem assim uma vida de infelicidade a que não se subtrahem, porque lhes falta a energia.

E todavia, repetimos, se a procurassem n'um são conselho, conhecessem bem os inconvenientes e os resultados da sua horrivel doença, fossem informados da sua curabilidade, talvez conseguissem bons resultados. E' pois para esse fim que escrevemos.

Poderão chamar-nos immoraes por pôrmos a nú tantas feridas gangrenosas, mas se a immoralidade é isto, se quem condemna os pôdres da sociedade fornecendo meios para purifical-a, se póde considerar um immoral, bemdita immoralidade!

XI

Vejamos agora como é que os uranistas se comportam com a mulher. Os que não conhecem ainda bem o seu estado, tentam ter relações com o sexo contrario e ficam muito surprehendidos de se ver impotentes; os outros, conscios de que nada conseguiriam, sentindo mesmo uma singular repulsão pelo sexo fraco, admiram-se muito de que os outros homens o procurem, não possam passar sem elle.

Isto explica-se porque ainda não reconheceram que

nas suas sensações sexuaes são differentes dos homens normaes.

Ha muitos casos e mesmo Moll cita um, em que o conhecimento do uranismo só se manifestou depois dos vinte annos.

«Conheço um individuo, diz elle, que até aos 22 annos se considerou perfeitamente normal sob o ponto de vista sexual. Um dia encontrou-se em sociedade com outro, cuja imagem a partir d'esse instante o perseguiu de dia e de noite; sobrevinham-lhe erecções quando pensava n'elle, e um dia que poude abraçal-o ejaculou. A partir d'então o desgraçado tornou-se completamente impotente para a mulher.»

A descoberta da aversão á mulher repercute-se de uma maneira muito variavel nos invertidos.

Uns acceitam-n'a facilmente, não se lhes encontrando o espirito envelhecido antes de tempo, a que um auctor cujo nome nos não occorre, attribue as impotencias precoces.

O grau de aversão pode variar desde a antipathia até ao horror mais vivo.

Basta em muitos a lembrança d'uma mulher núa, para se sentirem nauseados. Pelo contrario outros manteem ligações de natureza platonica com o sexo fraco, blasonando-se mesmo fartas conquistas a resultados sexuaes, com o fim de encubrir mais facilmente o seu uranismo repugnante.

Não é raro dizer o vulgo ao vêr passar um individuo que não levanta os olhos do chão:

—Aquelle é um santo! Nem sequer olha para as mulheres!

E cria-se assim uma reputação modelo de moralida-

de a um homem que, a maior parte das vezes, ou é um refinadissimo hypocrita, ou um consummado uranista.

Não as olhava porque lhe eram odientas, ou queria apparental-o.

Existem muitos invertidos casados. Uns teem relações umas vezes com mulheres e outros com homens e são por isso chamados hermaphroditas psycho-sexuaes, outros só se relacionam com o seu sexo e são os uranistas propriamente ditos.

Não são raros os *mènages* em que tanto o marido como a mulher se consolam sexualmente, cada um pelo seu lado, com o sexo feio.

Certos invertidos são muito bem vistos pelas mulheres, passam mesmo por uns grandes conquistadores do bello sexo. Como são effeminados comprehendem melhor o seu caracter. Depois aturam facilmente donzellas pergaminhadas de velhice e outras damas egualmente desprezadas pelos homens normaes em virtude de razões que todos conhecem e elles não podem ter.

Muitas vezes o uranista é attrahido para a mulher sem que o instincto sexual a isso o môva.

Sabe conversar bem com ella, é attrahente, voluvel, espirituoso na dicção; escolhe a mais intelligente com quem se relaciona intimamente, mas sempre platonico, frio como gelo ás maiores provocações femininas. D'aqui resulta-lhe, a revêzes, uma situação critica que não previa, e o varre por completo da intimidade da pessoa com quem se liga.

Geralmente, porém, a mulher é intelligente bastante para que o não deixe chegar ao ultimo extremo da sua vergonha e se veja assim fortemente desiludida quando tanto esperava.

CAPITULO III

E' uma especie de dógma corrente entre os uranistas, a faculdade de se conhecer uns aos outros.

Um gesto, um olhar trocado, um signal particular bastam para se designar.

Quando um homem segue na rua uma mulher que lhe agrada, tenta, olhando-a insistentemente, attrahir-lhe attenção.

Os invertidos fazem o mesmo; se encontram um individuo que os seduz, voltam-se, e olhando-o, forçam-o a reparar n'elles; se o segundo é invertido tambem, percebe perfeitamente as manobras dos primeiros e corresponde-lhes; não ha n'isto nada de mysterioso ou sobrenatural!

Sabem muito bem do mesmo modo que as prostitutas, fazer-se comprehender por signaes sob o ponto de vista dos seus desejos e tendencias.

Não é raro um da classe baixa tentar dar-nos na vista, principalmente á noite, quer passando por nós e tossindo, quer dando-nos um pequeno encon-

trão, palpando-nos os orgãos genitaes, ou pedindo-nos lume para o cigarro. Em Lisboa sobretudo, onde os uranistas passivos são bastante numerosos e estacionam, principalmente nas praças, por perto dos urinóes, é uzual sermos ahi perseguidos por elles, onde nos dizem phrases lubricas d'uma obscenidade revoltante, ao mesmo tempo que nos gabam a virilidade e plastica dos attributos masculinos.

Fomos por varias vezes assim perseguido e numerosas pessoas o teem sido tambem. Além d'isso, para mais provar que não é phantasia nossa, citaremos Moll e Martineau em cujas obras se descreve o mesmo habito em Berlim e Paris.

Tanto em Lisboa como no Porto, escolhem sitios onde se reunem em conciliabulos, passêam e põem em evidencia á luz dos candieiros ou portas de hospedarias para pernoitar. Usam casacos curtos e calças justas, andam de mãos nos bolsos e quando se sentem observados voltam as costas e flectem os braços para que repuchando o *veston* exposicionem as redondezas das nadegas. Usam o—*Pst!*—da prostituta quando chama e o:—«*Adeus sympathico!*»—quando se róça por nós a deshoras em que o calor é pouco e a penuria muita.

Empregam-se em cafés onde se vestem de camareiras, como no caso da *Maria das Tairocas* e *Félinhos D. Passos*, affecto aos tribunaes; ou servem casas de prostituição de que são corretores, cosinheiros, creados, etc.

Em Lisboa é usual as casas de prostitutas terem um uranista em qualquer d'estes tres empregos.

E' rarissimo o que não tenha alcunha. Ha-as curio-

sissimas. Geralmente são femininas e seguem sempre o nome masculino do invertido.

II

O uranista é sempre muito reservado, o que se explica pela falta de confiança que tem no seu similhante. E' como um surdo-mudo, que só se deixa arrastar pelas confidencias, quando tem a plena certeza de que o amigo a quem as confia o não trahirá.

D'aqui, portanto, a grande difficuldade, para o medico, de fazer o diagnostico, sem primeiro ganhar a confiança mais completa do doente.

E' importantissimo, primeiro que tudo, convencel o do mais completo sigilo, sem o que nada conseguirá.

III

O invertido obsecado pelo amor manifesta-o a maior parte das vezes d'um modo bastante excentrico; trás sempre no pensamento o homem que ama, segue-o para toda a parte, cummula-o de declarações e pedidos d'entrevistas.

Em Lisboa, tivemos occasião d'observar bem os effeitos d'essa paixão monstruosa.

A contemplação da pessoa amada, o menor contacto com ella, a mais insignificante palavra, o mais ligeiro olhar, pintam-lhe no rosto uma expressão de felicidade tão completa que, com franqueza, não se vendo, quasi não se acredita. E, todavia, é a pura verdade.

Acontece com elles o mesmo que ao homem normal quando se avisinha da mulher que adora; á mulher, quando tem junto de si, fallando-lhe, encrustando-o por assim dizer no coração, o ente dos seus sonhos de ventura aureolados pela casta luz d'uma ignorancia de donzella.

Não ha nada mais sublime, mais poetico, mais celicolar, que o amor do homem pela amada, da mulher pela alma gemea da sua. Nada existe mais repugnante, mais ascoroso, mais desprezivel, que o amor contra natureza, a inversão de toda a poesia que liga os sexos fazendo-os volitar na fruencia de gozos illimitaveis em de redór da ventura.

E' isto que a sociedade pensa, que a sociedade diz, e todavia a maior parte das vezes o uranista não passa d'um doente que quer fugir por todos os modos á obsessão que o não deixa.

E' justo que a sociedade lhes chame ascorósos, concordamos, mas cure-os, ou tente cural-os, ministrando-lhes meios para isso.

Desde o momento que o não faça, nenhuma tem direito para censural-os. Se reincidirem, fizerem alarde da doença, sequestre-os então, envolva-os de desinfectantes como a focos de pestilencia; mas, até ahi, considere-os como doentes, que não fará senão justiça.

Muitas vezes o uranista vê-se tão obsediado pelo amor, que se sacrifica; não resiste, porque não póde, as exigencias da pessoa amada. E' um simples instrumento nas mãos d'ella, uma especie de escravo cuja escravidão classifica de ventura.

Quando um acontecimento o separa do homem que ama, as cartas trocadas conservam esse traço d'união.

E' muito curioso o seu estudo. Tudo o que uma mulher pode dizer ao seu amado, todos os juramentos, esperanças de ventura, sonhos de felicidade, o uranista descreve nas suas missivas.

«Vem, que eu quero sorver no carmim dos teus labios e no halito perfumado da tua bocca formosa, n'um longo beijo apaixonado, o arfar do teu coração, que de tão longe, atravez de mil saudades que me cruciam a mente, me envia canções dolentes de desejos mal reprimidos e eu quizera apagar n'um amplexo longo como um contacto d'annos.»

«Vem, *minha amada*, vem a meus braços! Ainda hontem foste e já parece um seculo que te perdi! Esquecer-me-hias?!»

Quem escrevia era um caixeiro de loja de modas, temperamento lymphatico, sardento e feio como noite de trovões e com as maneiras litterarias que ahi ficam, a que davam vazante os jogos floraes da epistolographia entre os dois e a gazeta d'uma terra sertaneja cujo nome occultamos.

O outro era um matulão de bigodões de porta machado, estatura gigantesca e muito notavel, diziam os entendidos, pela virilidade dos seus orgãos sexuaes.

A saudade, o isolamento e o receio da perda do ente amado são o que mais os preoccupa. Teem ciumes como raparigas, raivas de desillusão como mulheres.

Empregam, como atraz vimos, nomes femininos nas suas cartas e quando se referem a si classificam-se como mulheres chamando se «*a tua querida*, *a tua apaixonada*, etc.»

IV

A maior parte das vezes o amor nascido na mocidade do uranista é conservado toda a vida. Separem-n'o do homem que ama durante muito tempo e nada conseguirão. Logo que o veja reatar-se-hão as relações.

Pode ser ou não feliz no amor. Se é feliz, a paixão constitue para elle um periodo vivificante. O seu estado physico e psychico melhoram, a disposição para o trabalho augmenta, vive como se fosse um homem normal fruindo a ventura d'um amor retribuido de mulher.

Se é infeliz, a sua situação torna-se rapidamente das mais tristes e acaba por ser obsediado pela ideia do suicidio a que algumas vezes cede. Não tantas como a mulher, repita-se.

Todavia é muito provavel que a maior parte dos suicidios inexplicaveis nos seus motivos, tenham por causa principal o desgosto d'um uranista se ver desprezado no amor.

Um invertido pode ser completamente obsediado por uma louca paixão para o homem; não queremos com isto dizer que este amor dure em todos que o sentem toda a vida, porque não tem a auxilial-o, como o que liga dois sexos differentes, o casamento, o affecto poderoso que cria a familia—mas pode durar alguns annos, robustecer-se com a idade e assim dominar todos os sentidos, todas as impressões, fazer-se por assim dizer uma synergia da vida. Supponhamos que não é correspondido, o que acontece?

Falta a força synergica a que estão desde ha muito costumadas as funcções psychicas e mesmo physicas do obsediado, estabelece-se o desiquilibrio, a desesperança domina todo o campo, entravar-se ha todo o funccionamento normal e o individuo tomará a vida como um fardo de que estará morto por desfazer-se. Nascerão assim as tendencias para o suicidio. E' esta pelo menos a nossa opinião pessoal.

V

O amor dos uranistas entre si é muito comparavel nas suas particularidades ao do homem normal pela mulher.

Os manejos de que se servem são identicos, o que decerto resulta do seu caracter effeminado.

Sem ciume não ha amor, diz a mulher, e elles que em tudo se lhe querem identificar, buscam despertal-o no individuo que os apaixona, tentando por assim dizer prendel-o mais, prendendo se mesmo nos elos em que o queriam illaquear.

No meio normal existem mulheres lindissimas que todos aspiram possuir; no uranista, ha individuos classificados como os mais bellos, especie de bellezas profissionaes, a quem os invertidos adoram e por quem fazem as maiores loucuras. São estas as encarregadas de despertar o ciume.

Tanto o amor, como o ciume, a paixão do homem pelo seu sexo, explicam-se por uma predisposição nervosa particular a cada individuo.

A ideia de que o homem por quem está apaixo-

nado o engana torna-se pouco a pouco, no invertido, em ideia de perseguição que cada vez mais se lhe enraiza no espirito, privando-o do appetite, do somno e do gosto pelo trabalho.

A's vezes o ciume é tão intenso que pode levar ás maiores loucuras, aos crimes mais espantosos.

VI

O homem não ama sempre do mesmo modo; umas vezes entretem com a mulher relações passageiras, outras duraveis, como no casamento, por exemplo.

O mesmo acontece com o uranista, que se sente attrahido seja para uma cathegoria d'homens, seja para um só, objecto da sua paixão durante muitos annos.

No homem hygido moralmente, a paixão por uma mulher pode tornal-o impotente para outra.

No uranista, a paixão por um homem pode tornal-o impotente para outro.

No individuo normal ha a tendencia para a polygamia normal.

No pathologico, isto é, no invertido, ha a tendencia para a polygamia pathologica que se cifra em ter relações sexuaes, ora com um, ora com outro homem, não se ligando definitivamente a nenhum.

Muitos uranistas exigem ao homem que amam certas vantagens e qualidades pessoaes. Uns só teem relações com invertidos como elles, outros com individuos normaes. Os primeiros conhecem isto tão bem que, desde o momento que tenham relações com um homem, e saibam, quer espontaneamente quer por con-

fissão do proprio individuo, que não é uranista, deixam-n'o completamente e vão tentar atar relações com outro que o seja. A maior parte, porém, prefere relacionar-se com homens normaes.

Um declarou-nos até uma vez que se sentia muito mais attrahido para os homens femieiros, o que se não attrevia era fazer-lhes propostas.

Ha-os mesmo que não podem por modo nenhum relacionar-se com individuos invertidos como elles, são perfeitamente o inverso do primeiro grupo que atrás citamos. O seu numero é relativamente grande e como os homens normaes que se lhes prestam a satisfazer o appetite são relativamente poucos, d'aqui nasceu o desenvolvimento bastante pronunciado, n'estes ultimos tempos, do numero dos que fazem negocio da sua complacencia para com esses desgraçados, pondo-lhes á disposição a virilidade, uma das principaes condições que mais attrahe o invertido.

A posse moral da pessoa amada, o seu amor puramente espiritual, são muito menos vezes procurados pelo uranista que a posse physica.

Mas o facto existe, e o invertido encontra difficuldades consideraveis não sómente d'ordem social, mas tambem as que lhe podem advir de gostar d'um homem normal e este não ser capaz de ter amor ao seu sexo. A impossibilidade de realisar o seu desejo é-lhe então uma origem de tormentos e desespero. Ainda que tudo lhe parece um sonho continua a viver d'illusões, nunca se convence que o individuo escolhido o considera com indifferença senão asco.

VII

Sob o ponto de vista da idade o estudo social do uranista ainda não está bem assente.

Segundo Friedreich, entre os pederastas, é o individuo mais idoso *qui membrum immittit in anum juvenis.*

Este facto, porém, está longe de ser constante.

Algumas vezes os pederastas são ambos da mesma idade; outras, o de mais, é que desempenha o papel passivo.

O erro de Friedreich provem de que na Grecia, a pederastia praticava-se entre um adulto e um imberbe, entre o mestre e o discipulo, por exemplo.

Mesmo nos gregos, porem, encontram-se muitas excepções a esta regra. Na historia da inversão sexual dá-se conta de muitos casos em que os actos sexuaes se praticavam muitas vezes entre rapazes. Hoje nos collegios, prisões, etc., faz-se repetidamente o mesmo.

Por outro lado o uranista adulto só se sente completamente obsediado pelo individuo perfeitamente desenvolvido, adulto emfim.

Parece que o gosto tem mudado com os seculos; se os gregos amavam principalmente os rapazes, estes desempenham hoje na pederastia um papel muito secundario.

Krafft-Ebing chega mesmo, fundando-se n'esse facto, a estabelecer uma differença entre uranistas e libertinos; aquelles, sentir-se-hiam attrahidos só para os adultos, estes só para os rapazes. Isto, porem, não é geral.

O que nos parece é existirem aqui anomalias ainda mais pathologicas que as sensações sexuaes anormaes.

Do mesmo modo que ha homens, que por uma disposição morbida se sentem unicamente attrahidos para as raparigas impuberes, devem existir uranistas que prefiram ás dos adultos, as relações com rapazes.

E' muito curioso de observar que certos invertidos á medida que vão envelhecendo, vão tambem gostando d'homens cada vez mais velhos; procuram por assim dizer uma egualdade d'idade. Um de quinze annos, procura outro de quinze; um de trinta, outro de trinta. Muitas vezes tambem quando chegam á velhice retomam o seu gosto pelos rapazes, que por seu lado tambem cummummente se sentem attrahidos para os adultos.

O gosto dos invertidos é muito variavel. Uns amam especialmente rapazes que não tenham excedido 16 annos, outros operarios de qualquer idade. Uns gostam de loiros, outros dos morenos. Uns sentem-se inclinados para os que usam barba, outros para os depilados. Moll conta que um uranista lhe declarou, que quanto mais barba tinha um homem mais lhe agradava. Não podia mesmo ter relações com individuos de cara rapada.

Os invertidos buscam os seus amores em todas as classes, ha todavia algumas que preferem e entre estas avulta a militar.

Não ha quasi nenhum que não procure crear relações com um soldado principalmente de cavallaria. Isto parece dever-se em parte á influencia do uniforme.

Dá-se com elles o mesmo que com a mulher.

Em alguns até, esta obsessão vae tão longe, que não podem ter relações sexuaes com gente da classe civil.

CAPITULO IV

O uranista procura satisfazer o seu instincto genital por varios modos.

Entrega-se á *pederastia* e fal-o: ou por *gosto*, ou por *calculo*, pelo *terror* á syphilis adquirida, ou finalmente por ser o *unico meio* da sua satisfação, o que é mais frequente.

Umas vezes a pratica da pederastia é o resultado da luxuria e da depravação; outras, um mister, uma profissão; outras uma consequencia do meio social em que vive o individuo; outras o receio das consequencias que poderão advir do coito normal com a mulher.

O primeiro grupo comprehende os homens que durante uma parte mais ou menos longa da vida, possuiram aptidões sexuaes normaes, tiveram relações regulares com o sexo opposto, procrearam mesmo, e que chegados a uma certa idade, depois de ter esgotado toda a serie de voluptuosidades entre os dois sexos, por uma especie de embotamento de sensualidade, se entregaram exclusivamente aos prazeres contra natureza; o vicio instalou-se-lhes por graus.

Não eram primitivamente sãos, existia-lhes no organismo a predisposição nervosa á espreita de poder manifestar-se. Praticaram o primeiro acto pederasta e o embryão da doença achando terreno em que germinar, germinou e desenvolveu-se. A luxuria e a depravação não foram mais que causas occasionaes.

O segundo grupo comprehende a corporação de todos aquelles que põem os encantos e depravação ao dispor de quem mais dá, emfim os *homens publicos*.

Seria este o mais ignobil se os que ahi estão filiados só tivessem a movel-os a ambição do ganho. Mas não é assim. São uranistas como todos, predispostos innatos a quem um desvio muitas vezes produzido pela mizeria favoreceu a eclosão da doença. O habito foi-lhes augmentando a perversão, a depravação completou-a.

O que ha de mais repugnante aqui não é a doença, é o contagio d'ella. O prostituido não se contenta em ser só, quer ter companheiros, collegas, mais victimas para o ról. Faz-se portanto muitas vezes medianeiro, onseneiro, angariando rapazes imberbes para os invertidos que gostam d'essa especialidade, individuos adultos para os que os procuram. Ha aqui, como na prostituição feminina, o mesmo commercio de virgens.

A este arrebanhamento para o vicio, é que se não pode chamar doença, mas sim pura depravação.

O terceiro grupo comprehende os individuos, por assim dizer sequestrados ao contacto com o sexo differente, como os collegiaes, os presos, os marinheiros, etc.

O quarto, todos os que receiam adquirir syphilis e emprenhar a mulher.

E' claro que não é com o acto praticado pelos uranistas de qualquer dos grupos que se géra a doença,

apenas se arranja terreno que lhe facilita a desenvolução. Conhecemos individuos que, principalmente pelas razões consignadas no ultimo grupo, se teem entregado por varias vezes a actos communs aos uranistas, sem que todavia o sejam. O mais que podem ser talvez, é hermaphroditas psycho-sexuaes.

Nos pederastas de quaesquer dos grupos ha duas entidades, uma *passiva*, outra *activa*.

A primeira é a que *in cujus anum membrum immittitur*, a segunda a que *immittit*. Aquella é mais numerosa que esta.

II

A pederastia não é o modo mais commum dos uranistas satisfazerem o seu instincto pervertido.

Os individuos que tendem para a pederastia passiva masturbam-se muitas vezes desde a mais tenra edade, sómente em vez de friccionar o membro, introduzem no anus um objecto qualquer, o cabo d'uma escova de dentes, um lapis, uma canna, etc. No hospital de S. José, de Lisboa, existem duas cannas convenientemente polidas que foram extrahidas a dois doentes. Introduziam-nas no anus para se masturbarem, um dia escaparam-lhes da mão e não as poderam tirar. Recolheram então ao Hospital.

Ainda não ha um anno, pessoa de todo o credito contou-nos um caso identico que não deixa de ser original.

Um uranista portuense, casado, nunca exercia o coito com a mulher sem esta lhe introduzir no recto uma haste de madeira bem polida.

Um dia adoeceu com occlusão intestinal cuja verdadeira causa o medico ignorou até a esposa lhe confessar que o marido cahira sobre um pausinho que se lhe introduziu no anus. Extrahido d'este por meio d'uma pinça, desappareceu todo o incommodo.

Os onanistas recorrem tambem a meios extraordinarios de despertar o seu prazer sexual tantas vezes adormecido. Umas vezes introduzem diversos objectos no canal da urethra, como varetas de pau, de vidro, ou de arame; outras fazem incisões a começar no meato urinario e que vão pouco a pouco prolongando até ao pubis. Os casos não são raros. No hospital de S. José appareceu ha annos um individuo com ruptura de bexiga, devida á introducção brutal d'uma vareta de guarda-sol. Masturbava-se frequentemente e para ter mais prazer servia-se da vareta.

Hammond, conta que a um seu doente foi preciso extrahir por meio d'uma incisão no perineo um gancho d'arame incrustado no ischion. Masturbava-se, e como já estava gasto de prazeres venereos devido ao excesso constante a que se entregava, imaginou introduzir na urethra um arame dobrado em gancho com o fim de despertar a sensibilidade adormecida. Um dia querendo-o retirar, não poude por mais esforços que fizesse, resistindo mesmo á tracção produzida na extremidade exterior convenientemente dobrada em annel.

E' d'Hammond tambem o seguinte caso curioso. Um invertido com o fim de procurar um prazer novo ou despertar o antigo, costumava incisar o penis ao nivel do meato urinario e a cada incisão sobrevinha-lhe a erecção seguida de ejaculamento com prazer inescedivel.

Como o desejo constantemente o obsediasse entregava-se a esta operação constantemente; resultou portanto que, passado certo tempo, estava com os dois corpos cavernosos perfeitamente separados, mais desenvolvidos e semilhando dois penis. Quando a hemorrhagia era muito abundante, suspendia-a apertando o penis por meio d'um laço de cordel.

Como os corpos cavernosos estavam separados, durante a erecção, desviava-se um para a direita, outro para a esquerda. Dividido o penis até á symphise tornou-se inutil o canivete. Novos expedientes, novas desilusões, novas tentativas para obter o prazer por que suspirava lhe vieram á imaginação. Recorreu então ao seguinte: metia uma haste de madeira no que lhe restava d'urethra e conseguia assim irritar os orificios dos canaes ejaculadores e provocar uma ejaculação. Durante dez annos contentou-se com isto, até que um dia, por inadvertencia, deixou escapar um bocado de pau que se lhe introduziu na bexiga.

Exprimentou immediatamente uma dôr muito viva e todos os esforços que empregou para espulsal-o foram infructuosos. Foi consultado um cirurgião por causa d'isso e assim se chegou ao conhecimento d'este caso bastante interessante.

Ha ainda muitos bastante parecidos e curiosos que não citamos porque nos escaceia o espaço e o tempo. Enviamos portanto os nossos leitores para o bello livro d'Hammond = *A impotencia sexual no homem e na mulher.*

III

Um pederasta activo pode tornar-se mais tarde passivo, mas este nunca conseguirá ser activo.

Ha muito mais pederastas passivos que activos.

Isto admitte-se, segundo o que diz Ulrichs, porque a maior parte dos uranistas gosta mais de ser abraçado do que abraçar, o que é contrario ao que se vê no homem normal.

A tendencia para a pederastia passiva é favorecida por uma predisposição particular do individuo.

IV

A pederastia não é o processo de coito mais commum nos invertidos, ha outros mais frequentes entre os quaes avulta — *o immissio penis in os viri dilecti.* Este acto pode cumprir-se por varios modos.

Nonnulli immittunt totum membrum in os alterius ut non solum glans includatur; alii solum glandem immittunt ut lingua et labris alterius tangatur, dum membri altera pars manet extra cavum oris; sœpe hœc pars eodem tempore circuncluditur manibus viri dilecti.

Tambem aqui existem uranistas passivos e activos; aquelles gostam *membrum alterius in os proprium suscipere*, estes, *membrum proprium in os alterius imittere.*

Aos primeiros basta o acto que gostam praticar para provocar-lhes a excitação sexual. E' assim que

quando um uranista passivo tem relações com outro activo que *membrum immittit*, o prazer sobrevem nos dois, a ejaculação dá-se simultaneamente.

V

O coito uranista é muitas vezes praticado de modo que *unus juxta alterum cubet; unus ponit membrum inter femora alterius et membra fringuntur usque ad ejaculationem.*

Este acto é conhecido em França pelo verbo *enfesser*. Ha quem o pratique deitando-se simplesmente ao lado d'outro—*membrumque applicant alicui parti corporis alterius*, e quem—*semen ejaculat in axillam viri dilecti.*

A forma porém mais frequente é o onanismo mutuo, em que cada uranista *membrum alterius manu fringit usque ad ejaculationem.*

A masturbação é n'este caso praticada, ou simultaneamente, ou separadamente.

De resto, a excitação pode ser tão grande no masturbador que lhe provoca a ejaculação sem o menor contacto propriamente dito, ou por um contacto accidental.

Os uranistas praticam a masturbação mutua *stantes, vel cubantes, raro sedentes.* Algumas vezes *manus masturbantis vaselino vel oleo linitur.*

Muitos preferem masturbar-se com homens normaes; é isto até muito frequente nos mais depravados.

Não existe porém n'este caso a masturbação mutua, porque um dos individuos está no seu estado normal,

sente-se attrahido para a mulher, não lhe facilita nenhuma sensação voluptuosa o contacto com o uranista; presta-se a desempenhar o seu papel vergonhoso sómente porque lhe pagam.

VI

Muitos uranistas para satisfazer o seu instincto pervertido entregam-se ao onanismo, umas vezes por não ter facilidade de conseguir relações sexuaes com outro homem, outras por falta de dinheiro, mêdo da lei, pudôr, etc. E' especialmente nas pequenas cidades e villas, etc., que estes se encontram, o que não quer dizer que os não haja tambem nas cidades populosas e importantes.

Um homem, quando no estado normal se entrega ao onanismo, pensa sempre n'uma mulher; o invertido, no individuo que o seduziu, na imagem mascula que lhe povôa o pensamento.

Em quanto um procura para excitar-se, photographias, desenhos, livros obscenos em que se representam mulheres nuas, actos de sexualidade normal; o outro enthusiasma-se pelas photographias d'homens, desenhos anatomicos d'orgãos sexuaes masculinos, etc.

Krafft-Ebing conta o caso d'um uranista que, não encontrando um amante que lhe servisse, se masturbava colocando-se deante d'um espelho namorando a sua imagem.

VII

Os invertidos não procuram satisfazer o seu instincto sempre do mesmo modo, o que nos não deve

admirar, porque não ha aqui um unico fim a cumprir como no coito normal.

N'um grande numero até, varia com a edade.

São muito numerosos os meios de satisfação genesica que usam, mas o mais curioso é aquelle em que não é necessario o contacto do membro com o corpo do homem amado.

Para alguns é sufficiente abraçal-o para ejacular rapidamente, outros tocar-lhe, outros vêl-o completamente nú. N'estes ultimos, é a contemplação do membro viril de quem os obsedia que representa o principal papel.

Estes casos em que a satisfação sexual é conseguida sem o menor contacto corporeo, são conhecidos pelo nome de *coito ideal* que Hammond descreve e para o qual é necessario um potencial de imaginação bastante energico.

D'este processo singular não conhecemos exemplo nenhum, limitamo-nos porisso a transcrever o que apresenta Moll.

«X., um pintor, assenta-se defronte d'uma bonita mulher bem vestida e figura-se em coito com ella, esta representação mental, alliando-se á impressão real da belleza da mulher, é tão poderosa, que X. entra em erecção e ejacula sem friccionar o membro. Este coito imaginario é preferido por X. ao normal.»

Como se vê, o exemplo apresentado por Moll, refere-se ao coito ideal d'um homem com uma mulher, que até certo ponto não é raro; agora do mesmo coito passado entre dois homens, é que não conhecemos nenhum caso, o que não quer dizer que se não possa dar entre elles o mesmo que no exemplo de Moll.

Se n'aquelle, é provavel que a simples masturbação désse nascença a uma nevrose do systema genital graças á qual, o facto de contemplar uma mulher, tocar-lhe, abraçal-a, poude provocar a erecção, não é por modo nenhum para admirar que n'este aconteça o mesmo, posta em evidencia a sua anormalidade.

E' tão difficil no uranista apreciar convenientemente a frequencia das suas relações sexuaes, como no homem normal. O seu numero é variavel de individuo para individuo; uns praticam-n'as muitas vezes em 24 horas, outros só de oito em oito dias e ás vezes de quinze em quinze, ou mesmo com intrevallos maiores.

Sonham tambem só com homens e os seus sonhos são muitas vezes acompanhados de perdas seminaes.

Em quasi todos os casos é o *membrum alterius* o elemento principal de excitação, parece até que este os excitaria mais, que ao homem normal os orgãos genitaes da mulher. Moll, conta que um uranista de 10 annos se levantava de noite, n'um collegio onde se educava, e ia descobrir um dos condiscipulos para, contemplando-lhe a nudez, entrar n'uma erecção violenta acompanhada de sensações voluptuosas e muitas vezes de ejaculação. Nunca o acordava, tinha muito cuidado n'isso e quando percebia algum ruido corria para o leito receiando ser descoberto.

Legrand du Salle refere que um estudante tinha um amor extraordinario pelos homens e mesmo pelas suas estatuas nuas. O seu maior prazer consistia em examinar o penis dos homens que urinavam perto de si. Já atraz dissemos que os uranistas costumavam permanecer por perto dos urinóes e não é com outro fim. Da nossa opinião é tambem Moll que diz ver-se isso

muito frequentemente em Berlim, onde entram a urinar juntamente com os transeuntes, e lhes observam e muitas vezes gabam os attributos viris.

Os uranistas não buscam exclusivamente o acto sexual propriamente dito, gostam tambem de abraçar-se e beijar-se.

Quando se beijam fazem como o homem á mulher, buscam *contactus linguarum*, o que lhes dá vivo prazer.

4.ª PARTE

Estudo das theorias da inversão sexual. —Etiologia, diagnostico, prognostico e tratamento do uranismo.

CAPITULO I

No Banquete de Platão, Aristophanes gracejando, explica a inversão sexual pelo mytho seguinte:

Nos tempos primitivos existiam na terra tres sexos, o masculino, o feminino e um terceiro que participava ao mesmo tempo do homem e da mulher (androgyno). Estes não eram conformados como são hoje, tinha cada um quatro pernas, quatro braços, dois orgãos genitaes, etc.

Quando os homens se revoltaram contra os deuses, Jupiter resolveu enfraquecel-os e para isso dividiu cada individuo em duas partes eguaes: um homem forneceu dois homens, uma mulher duas mulheres, cada androgyno uma mulher e um homem.

Mas o que aconteceu?

Cada metade pôz-se á procura da outra. Os homens que antigamente faziam parte d'um androgyno, procuraram a sua metade feminina: d'aqui o amor pela mulher. Os que eram metade d'um antigo homem completo, buscaram unir-se á sua outra metade similhante: d'onde o amor pelos homens ou *uranismo*.

Apoz o mytho de Aristophanes aqui citado apenas por curiosidade, muitos outros psychologos e psycho-physiologistas teem tentado explicar o syndroma inversão.

As theorias são numerosissimas e se por um momento nos passasse pela ideia expol-as todas, depressa desistiriamos ante o trabalho insano de escrever milhares de paginas.

Apresentaremos apenas as principaes, a que ao mesmo tempo iremos fazendo a nossa critica imparcial forcejando sempre por tornal-a justa.

II

Parmenide, philosopho grego, explicava a inversão sexual do seguinte modo:

Quando o esperma dos paes se misturava intimamente durante o acto sexual, dava nascimento a entes normaes, quando não se misturava, produzia seres que mais tarde procuravam o que lhes faltava, isto é, pessoas do mesmo sexo.

Alguns auctores sustentam tambem que póde ser devida á influencia que a mulher, durante a gravidez, exerce sobre o féto. Se esta está muito excitada pelos desejos sensuaes e procura louca e apaixonadamente o homem tentando por todos os meios convencel-o a exercer os direitos sexuaes, se isto se dá principalmente quando no féto se formam os orgãos genitaes, pode acontecer que este, sendo rapaz, adquira o gosto pelos homens, isto é, se torne uranista.

Não nos parece nada destituida de senso esta theoria.

Um doente já em tempo deu uma explicação analoga a Krafft-Ebing que não foi muito longe d'ella. O caso contado áquelle professor foi o seguinte:

Um individuo, no acto de procrear, desejou vehementemente uma filha, a esposa emprenhou e pariu uma creança do sexo masculino que mais tarde manifestou os caracteres secundarios do feminisno e se entregou completamente á inversão sexual.

Tem-se insistido muito sobre o papel que as excitações exercidas na mulher prenha, representam na vida futura do filho e effectivamente alguma coisa se tem observado.

Victor Hugo attribuia o seu talento poetico á mãe tel-o trazido no seio durante uma viagem por paizes excessivamente bellos.

O filho de Maria Stuart não podia ver uma espada desembainhada, o que se dizia devido a Rizzio, amante da rainha, ter sido apunhalado estando esta prenha.

III

Mantegazza, tenta explicar a inversão sexual por uma theoria bastante singular. Admitte que a perversão do instincto genital é provocada por uma anomalia no trajecto dos nervos. Nos pederastas passivos os nervos normalmente destinados aos orgãos genitaes terminariam na mucosa rectal e anal, não podendo portanto as sensações voluptuosas ser provocadas senão pela excitação do recto.

Isto foi combatido por Krafft-Ebing e com muita razão, porque não explica senão a pederastia passiva

infinitamente mais rara que a activa, e mesmo aquella d'um modo muito pouco satisfatorio.

Senão vejamos:

O que excita o pederasta passivo é — *membrum virile. Immissio digitorum vel aliarum rerum* não dá o mesmo resultado senão quando o pederasta tenha diante de si a representação mental d'um homem.

Esta é a *conditio sine qua non* do prazer, e Mantegazza, nega-a completamente.

Alem d'isso ha homens que basta tocar-lhes na pelle do dorso dos pés ou da fronte, para terem sensações voluptuosas e mesmo o orgasmo venereo. Devemos por isso admittir que os nervos do penis se desviaram e foram terminar na pelle da fronte?

E' claro que não. A sêde da sensação de volupia e pode-se aqui tratar d'uma sensação geral, encontra-se *in membrum* do pederasta passivo; o acto sexual não pode repercutir-se no resto do corpo senão por via reflexa.

Depois d'esta appareceu uma outra theoria localisando no cerebro a causa da inversão. A essa já n'um dos primeiros capitulos nos referimos. Só accrescentaremos agora que, segundo Krafft-Ebing, o centro genital se encontra no cortex cerebral, perto do centro olfativo. Este, segundo Ferrier, acha-se situado no *girus uncinatus* e segundo Zuckerkand no *corno d'Ammon.*

Krafft-Ebing, admitte esta visinhança baseando-se nas relações estreitas que existem entre o sentido do olfato e o da genese, o que ninguem pode negar.

E' conhecida a influencia excitante de diversas flores sobre o amor, e mesmo do perfume particular da mulher sobre certos homens.

Henrique 3.º rei de França tendo-se limpo a uma camisa molhada pelo suor de Maria de Cléves apaixonou-se violentamente. Henrique 3.º passava e com razão por uranista.

E' indiscutivel que existem relações intimas entre a percepção de certos cheiros e a excitação do sentido genesico, mas é preciso tambem não esquecer que ha muitos que não exercem influencia nenhuma, o que nos levaria a admittir que é unicamente o centro de certas percepções olfativas que é visinho do centro genital. Isto, porem, não é verdade, porque só existe um para todas as percepções d'olfato. E' portanto a theoria falsa, por o ser tambem a sua base.

Alem d'isso o parentesco entre o olfato e o instincto sexual não é tão intimo como o d'este ultimo, com outras percepções externas como o tacto, o ouvido, etc.

O aspecto d'uma dama que nos agrada, necessariamente nos excita mais, que o perfume que se lhe evola; o contacto dos seios é muito mais agradavel que o cheiro da pelle.

Portanto, admittida essa theoria, teria tambem que admittir-se a nossa e como a excitação é maior pelo tacto, teriamos o centro que preside a este, muito mais proximo do genital que o olfativo, conclusão erronea.

Pode-se finalmente perguntar: haverá um centro autonomo que preside ás percepções sexuaes, ou residirão estas em numerosas zônas dissiminadas sobre todo o cortex cerebral?

E' uma questão ainda para resolver, como por resolver está tambem a localisação do instincto heterosexual, ou sexual normal.

Jœger, observando que para o uranista toda a mu-

lher exhala, especialmente do peito, um cheiro repellente que o impossibilita da voluptuosidade e, que, os elementos psychicos dos homosexuaes estão em harmonia com os dos outros homens, concluiu que no cheiro da mulher ha alguma coisa que repugna ao uranista.

Effectivamente a observação de Jœger apoia-se sobre factos; sómente se esqueceu de demonstrar se a inclinação sexual seria provocada pelo sentido olfativo. E nós já dissémos que o sentido genital tem egualmente relações, com a percepção do ouvido, da vista, etc.

IV

Krafft-Ebing admitte que a inversão sexual congenital se transmitte por hereditariedade. Para Moll não é preciso que o seja.

Encontra-se em muitos individuos que não são impotentes, e que tendo-a adquirido, a podem transmittil-a aos seus descendentes onde apparecerá no estado congenital.

Applica-se aqui a theoria de Darwin, que diz:

«Eu conheço casos autenticos de propensão para o roubo e mentira mesmo em familias altamente colocadas! O roubo é um defeito muitissimo raro nas classes ricas, portanto não podemos considerar como uma simples coincidencia a existencia d'esta propensão em dois ou tres membros da mesma familia».

O roubo e a mentira transmittem-se por hereditariedade e foram adquiridos por um membro da familia que se inocolou por assim dizer dos germens infecciosos d'essas propensões. Podemos pois concluir o mesmo

para a inversão sexual e dizer que não é preciso ser congenital para se transmittir, basta muitas vezes adquirir-se.

Em apoio da sua theoria, Krafft-Ebing, apresenta os seguintes factos:

Um mancebo atacado de inversão sexual sustentava que seu pae era uranista como elle. Um outro invertido sabia que o pae gostava de creados bonitos e bem feitos.

O uranismo pederasta tambem pode transmittir-se por herança, como diz Lucas. (1)

Um cosinheiro, homem muito habil no officio, tinha pela mulher uma paixão que o levava quasi ao delirio e ao mesmo tempo uma forte propensão para a pederastia; um seu filho natural que vivia longe e nunca o conhecera tinha a mesma paixão pelos dois sexos.

Mas ainda ha mais provas que nos são fornecidas, pela existencia da doença em paes consanguinios e desenvolvimento simultaneo em dois irmãos. Conhecemos dois uranistas n'este caso, e outro tanto nos affirma pessoa de todo o credito. Dois outros invertidos, têm, cada um, um irmão soffrendo do mesmo vicio. Nas irmãs d'estes doentes encontra-se muitas vezes uma indifferença e frieza singulares para os homens.

Krafft-Ebing conta que a irmã d'um uranista seu doente, não experimentava nenhuma inclinação para o sexo masculino. Ao contrario as mulheres attrahiam-n'a, sustentava até relações amorosas com algumas das suas amigas.

(1) P. Lucas — Tratado physiologico e philosophico da hereditariedade natural.

Como exemplo da transmissão da inversão sexual por hereditariedade temos ainda o papa Alexandre VI e seus filhos.

V

Postas as theorias relativas á influencia da hereditariedade sobre o uranismo, resta-nos falar d'uma opposta devida a Schopenhauer.

Segundo este auctor, os individuos de mais de cincoenta annos podendo procrear só creanças franzinas, renunciariam á reproducção. Mas como nem todos tivessem forças para isso e procreassem bastantes, veio a natureza em beneficio da conservação da especie, transformando, n'essa idade, a inclinação amorosa heterosexual em homosexual.

Para ver quanto esta theoria é falsa, basta saber-se que os homens depois dos cincoenta annos podem procrear filhos robustos. O erro principal consiste, porém, na hypothese da apparição constante das tendencias homosexuaes nos velhos.

Quando estas aberrações ahi existem, é porque datam da infancia, ou são signaes d'uma affecção cerebral que se inicia.

VI

Gyurkovechky apresentou tambem uma theoria fundando-se em que, nas condições physiologicas normaes, o gosto vae desapparecendo á medida que a edade augmenta; tornar-se-hia por isso o homem menos delicado na velhice e tomaria relações que antes não

quizera manter. Preparar-se-hia assim o terreno para a inversão sexual.

O ponto de partida d'esta theoria percebe-se bem que é tão falso como na de Schopenhauer.

VII

E' de Moll a theoria mais moderna e, parece-nos, a mais racional e aceitavel.

Escreve elle:

«Para comprehender a inclinação homosexual é preciso considerar o instincto genital, não como um phenomeno á parte das outras funcções, mas como uma função psychica.

«As modificações d'esse instincto parecer-nos-hão menos incomprehensiveis, se admittir-mos que quasi todas as outras funcções psychicas ou physicas podem ser susceptiveis de modificações analogas.»

«Se, na especie, as anomalias nos admiram tanto, é porque a percentagem de individuos do sexo masculino com inclinação amorosa para a mulher, é maior.»

Mas é preciso não nos deixarmos cahir em erro pela frequencia e regularidade com que se dá este phenomeno.

Se sob o ponto de vista teleologico, isto é, da reproducção da especie, devemos consideral-o como natural, não é menos verdadeiro que em certas condições pathologicas, os orgãos não preenchem o fim que lhes foi designado.

Os dentes são destinados a triturar os alimentos, mas ha homens que não os teem, ou muito poucos. A

função do figado é segregar bilis e derramal-a no intestino, mas em certas affecções suas ou das vias biliares, a bilis não se produz.

A fome tem por fim levar ao organismo o que lhe falta em alimentos. Encontram-se, porém, casos pathologicos em que falta, não obstante o estomago estar normal.

Na ausencia da inclinação amorosa do homem para a mulher, dá-se o mesmo, os orgãos ficam normaes.

Como já dissemos, só se pode estabelecer uma relação entre os orgãos genitaes do homem e a sua inclinação para o sexo contrario, sob o ponto de vista teleologico, d'outro modo não se veria bem porque razão o macho se sentiria impellido para a femea, podendo obter a ejaculação do semen d'outra maneira. Não se devendo considerar o instincto sexual, nem pela sua importancia, nem pelo papel social, como um phenomeno á parte, seria até muito para admirar que não apresentasse as mesmas anomalias morbidas que as outras funcções do corpo e da alma.

Se os phenomenos da inversão nos surprehendem, é porque, sob o ponto de vista social, poucas perturbações psychicas teem um papel tão importante como as aberrações do instincto genital! Este tem permanecido como que velado em todos os paizes civilisados. A especie de mysterio que o envolve é produzida pela impressão muito especial que nos produzem as anomalias em questão quando apparecem livremente.

Explica-se isto pelo facto do instincto sexual ser uma função psychica que exige o concurso d'outro individuo e adquire assim uma importancia social particular.

E' conveniente, porém, saber-se que, sob o ponto de vista physiologico, as suas anomalias não differem em nada das da função nutritiva.

Se, socialmente, não se liga uma importancia tão grande a estas, é porque não exigem concurso de individuo extranho.

CAPITULO II

A inversão sexual pode dividir-se em *adquirida* e *congenital*, conforme apparece n'uma certa edade n'um individuo primitivamente são de corpo e de espirito que possuia aptidões para um coito normal, ou se manifesta desde a infancia, desde as primeiras manifestações da vida genesica como uma tára original.

As suas causas podem dividir-se quanto á sua relação com o individuo: em *objectivas* e *subjectivas*.

As primeiras são sociaes, exteriores ao portador, como o meio, as condições d'existencia e o *entourage*.

As segundas, individuaes, proprias ao doente, nascidas de defeitos d'organisação, como os vicios e suspensão de desenvolvimento, lesões de centros nervosos, degenerações, etc.

A doença divide-se quanto á sua duração e intensidade da obsessão, quanto ao seu caracter fundamental e quanto ao numero de doenças que a podem acompanhar.

Quanto á sua duração é: *temporaria*, quando des-

apparece com a causa; *constante*, quando dura tanto como o instincto; *periodica*, quando sobrevem por accessos.

Quanto á intensidade é: *relativa* ou *incompleta*, quando permitte relações regulares; *absoluta* ou *completa*, quando intransigente, se oppõe a toda a relação sexual com o sexo contrario.

Quanto ao caracter fundamental é: *artificial* ou *ficticia*, quando é devida por completo a uma educação preliminar, aceite, senão procurada; *instinctiva* ou *espontanea* na apparencia, quando uma iniciação anterior não é necessaria, apparece subitamente, impõe-se pela realidade.

Finalmente é: *isolada*, quando constitue a unica tara; *acompanhada*, quando conjunctamente com ella apparecem outras doenças differentes, tanto de natureza physica como moral.

II

Como no principio d'este capitulo dissémos a inversão sexual divide-se em congenital e adquirida.

A adquirida parece todavia não estar provada na maior parte dos casos.

E' muito possivel até que existisse no estado latente desde a infancia e só se manifestasse mais tarde n'uma certa edade.

Krafft-Ebing, muito competente n'estes estudos, colhendo um grande numero de observações, só encontrou muito poucos casos d'inversão adquirida e mesmo esses não ao abrigo de objecções.

Assim, a observação 72.ª não prova por modo nenhum a existencia da homosexualidade adquirida, nem a sua differenciação do hermaphrodismo psychico. O doente apresentado como invertido por adquirição da doença, praticava na edade de doze annos, por consequencia antes de ter relações sexuaes com mulheres, a masturbação mutua com um irmão. Durante esta, a que se entregou por muito tempo, figurava-se uma dançarina tendo relações com um official. Quando estava muito tempo sem masturbar-se, desejava ardentemente as mulheres. Tudo isto prova pouco a favor da inversão adquirida e muito a favor do hermaphrodismo psycho-sexual, não obstante os sonhos eroticos do doente referirem-se sempre ao sexo contrario.

Outra observação do mesmo auctor, a 73.ª, tambem não está ao abrigo de duvidas, porque se encontram na historia do doente phenomenos muito nitidos de hermaphrodismo psychico. Na sua vida houve um periodo em que se sentia egualmente attrahido para o homem e para a mulher. Só mais tarde é que mostrou exclusivamente a inversão, mas ainda assim pouco nitida, porque não sentia repulsão pelo sexo feminino no sentido absoluto. Este doente não era, pois, mais que outro hermaphrodita psycho-sexual.

A observação 74.ª é mais nitida. O doente considerado, cujos desejos sexuaes eram muito vivos, procurava ao principio satisfazel-os nas casas de prostituição; mais tarde, porem, notou que a vista d'uma mulher núa por mais bonita que fosse, lhe não produzia nem erecção, nem orgasmo, mesmo quando o provocasse pela masturbação. Abandonou portanto esse meio

e procurou n'outra parte satisfação aos seus appetites genitaes, conseguindo seu fim.

Este facto não pode explicar-se senão admittindo que se trata d'um instincto sexual normal com impotencia neurasthenica consecutiva á masturbação.

A percepção d'uma sensação voluptuosa insufficiente durante o coito é, n'um grande numero de casos, um symptoma de inversão sexual.

São relativamente numerosos os homens que tendo pouca inclinação amorosa para as mulheres, quasi não teem sensações voluptuosas durante o acto sexual, apesar da erecção e ejeculação; ao contrario a volupia recrudesce quando o praticam com o seu sexo.

Depois de tudo isto, parece-nos que, a admittir-se a divisão da inversão sexual em congenital e adquirida, deve apenas considerar-se como clinica, isto é, feita para facilidade do estudo.

Com isto não queremos por modo nenhum negar que existam casos em que o desejo homosexual seja precedido pelo heterosexual, mas apenas frisar bem que a inversão adquirida é extremamente rara.

III

Para evitar confusões repetirêmos ainda:

Inversão sexual adquirida, é aquella em que a inclinação amorosa pelo homem é sempre precedida da mesma inclinação pela mulher.

Admitttindo que se encontrem ás vezes casos bem nitidos de uranismo adquirido, quasi todos os auctores estão d'accordo em attribuir-lhes as mesmas causas que ao congenital.

Podemos caracterisal-as pela palavra sobrecarga nervosa, psychica, ou antes degeneração nevro-central.

Morel, que introduziu n'este estudo a palavra degenerescencia, e Legrand du Saulle, admittem que esta se manifesta sob formas mais graves nos descendentes que nos ascendentes. Por consequencia quando nos ascendentes se encontrar uma degeneração do systhema nervoso central, a hysteria por exemplo, devem manifestar-se nos descendentes perturbações psychicas graves.

E' certo que em todos os casos d'uranismo, quer se trate d'uma perversão adquirida ou congenital, encontra-se sempre uma hereditariedade muito accusada. Quasi todos os auctores estão d'accordo sobre este ponto, apenas Westphall se pronuncia pela conveniencia de saber-se se não existirá antes um estado neuro ou psychopathico provocado por uma hereditariedade nervosa muito carregada.

A distincção não tem falta de interesse clinico, mas sob o ponto de vista etiologico não representa mais que um papel secundario, porque sabemos que a degenerescencia se observa em doenças nervosas puras, como nas affecções psychicas, e, tanto umas como outras, teem relações com a hereditariedade nervosa.

No estudo da degeneração do systema nervoso, é preciso collocar ao lado das doenças nervosas e mentaes mais conhecidas, um certo numero d'outras causas que entreveem na hereditariedade nervosa, como o alcoolismo, o suicidio e os casamentos consanguineos.

N'um caso que descrevem Magnan e Charcot, o elemento etiologico é constituido pela grande differença d'idade, 31 annos, entre o pae e a mãe.

A hereditariedade nervosa pode em certos casos manifestar-se por excentricidades, exaltação religiosa, etc.

Moll conhece muitos casos de casamentos consanguineos em que o pae d'uma creança uranista era um estravagante em toda a accepção da palavra, muito celebre pelos seus successos junto das mulheres.

Entre as causas da tara physica, conta Tarnowsky, a syphilis. Cita muitos casos em apoio da sua opinião, sem quasi nada poder provar no sentido de estabelecer o papel etiologico d'esta doença, sobretudo, quando se considera a sua grande extensão.

Deve-se attribuir na hereditariedade nervosa um papel importante ao atavismo; póde encontrar-se um pae e mãe bem conformados, mas investigando mais longe, descubrir entre os parentes uma affecção nervosa ou psychica.

Krafft-Ebing, cita ainda outros factos que veem em apoio da sua theoria, segundo a qual, um uranista transmittiria ao filho, sob fórma innata, a anomalia adquirida, como se transmitte uma particularidade physica qualquer. Para demonstrar a sua opinião indica: 1.° o facto do apparecimento precoce da vida sexual nos casos d'inversão congenita; 2.° o caracter exagerado que toma n'esta doença o lado psychico do amor; 3.° a frequencia muito grande das nevroses, hysteria, neurasthenia, etc.

Em certos casos acha-se, ao lado d'uma intelligencia muito pouco desenvolvida, um talento notavel para a musica, a poesia; finalmente, n'outros, as perturbações d'equilibrio psychico são assás longiquas para se transformarem em affecção mental passageira ou chronica.

O que é certo, é que, na maioria dos casos, se podem constatar outras perturbações nervosas ou psychicas.

Alguns imperadores romanos eram alem d'uranistas, degenerados atacados d'affecções psychicas.

Em dois casos d'inversão descriptos por Westphall, existiam, no primeiro, a loucura circular, no segundo, a idiotia.

Gock e muitos outros, observaram estados melancolicos.

Moll, conheceu um homosexual com ideias de perseguição.

IV

Mas a hereditariedade psychica ou neuropathica, não resolve ainda a questão da etiologia do uranismo. Resta um numeroso cortejo de pontos a explicar.

Por exemplo: porque é que todos os degenerados não são uranistas?

E' preciso admittir como explicação que, nos degenerados atacados d'uranismo, o instincto sexual representa o *locus minoris resistenciæ*. Assim como a hereditariedade se lhes manifestará: para um, sob a forma de loucura de perseguição, para outro sob a de epilepsia; tambem no uranista a degeneração poderá tomar a fórma da perversão sexual.

O que não se sabe é porque a degeneração se manifesta umas vezes por epilepsia, outras por uranismo; é como se dois individuos, tendo apanhado o mesmo resfriamento, adoecessem, um com corisa, outro com rheumatismo articular.

E' indiscutivel que um grande numero d'uranistas descende de familias possuindo uma hereditariedade nevropathica, mas o que é muito difficil de obter são dados precisos sobre este ponto, porque acontece repetidas vezes existir a hereditariedade nevropathica em casos onde nem por sonhos se imaginava poder descubril-a. E' muito sabido que, quando se interrogam doentes sobre as doenças mentaes e vicios dos seus progenitores, nem sempre as respostas são satisfactorias, porque procuram escondel-as ainda que as conheçam, e muitas vezes na realidade ignoram-as.

Vê-se, pois, bem por isto que nem sempre se pode demonstrar existir em todos os casos d'uranismo, uma hereditariedade nevropathica.

V

Já dissémos que a predisposição para o uranismo era quasi sempre congenital. Ha todavia causas occasionaes e é do seu estudo que agora vamos tratar.

Estas não produzem a inversão sexual, facilitam-lhe e preparam apenas a eclosão, como no uranismo adquirido, por exemplo.

Mesmo quando podemos seguil-a desde a infancia, não encontramos senão uma predisposição morbida; é preciso portanto para que a eclosão se dê, que uma provocação extranha venha incidir sobre o individuo. Na creança pode ser o contacto accidental dos orgãos genitaes do homem; a doença desenvolve-se-lhe depois pela associação fatal entre a lembrança d'esse contacto e a representação mental do mesmo homem.

E' impossivel traçar como já antecedentemente dissemos, um limite rigoroso ao uranismo congenital e adquirido.

Hammond descreve o caso de um homem que foi atacado de inversão sob a forma de pederastia, só por ter olhado, quando creança, dois cães em coito. O rapazito julgou que aquillo se fazia pelo anus e para imital-os introduziu um lapis no recto, sentindo primeiro dôr e depois uma sensação muito agradavel de que não podia indicar exactamente a séde. Quando lhe succedeu isto tinha 7 annos. Alguns dias depois recomeçou com o mesmo resultado, servindo-se do cabo d'uma escova de dentes. Experimentou então um prazer que se localisava perfeitamente no penis. Contente por isso continuou empregando o mesmo objecto e sempre com identico resultado.

Aos dez annos foi para um collegio e ahi ensinaram-lhe o onanismo e a pederastia; nem aquelle, nem esta, de que era agente activo, lhe facilitaram, porém, o menor prazer. A sua erecção era pequena, quasi insignificante para o acto pederasta.

Aborreceu-se por isso e passou a ser passivo, unico modo d'uranismo que lhe produzia o orgasmo venereo.

Passados cinco annos saiu do collegio e entrou para uma loja de tabacos com o fim de seguir o commercio. A sua saude por este tempo estava bastante abalada, o systhema nervoso muito irritavel, tinha dores de cabeça constantes e um tal grau de relaxamento do sphincter anal, que cummummente lhe era impossivel reter as fézes.

Por este tempo botou amantismo pederasta, ligan-

do-se a outro rapaz que desempenhava o papel d'activo. Um tratado se concluiu entre os dois, juraram uma fedelidade eterna tomando respectivamente os nomes de *marido* e *mulher*. Tinham uma cama cummum quando dormiam, mas para não despertar suspeitas, viam-se no seu quarto dois leitos que occupavam por algum tempo; depois, o que desempenhava o torpe papel de *marido*, ia para o leito da sua *mulher* e ali passava toda a noite.

O acto pederasta era geralmente praticado pela manhã e á noite. Muitas vezes o agente passivo revestia-se de trajes femininos para á noite, na volta, receber com todas as demonstrações d'affecto o seu associado.

As relações continuaram durante tres annos, findos os quaes o agente activo saiu da localidade por uma questão de jogo e o passivo estabeleceu-se como vendedor de charutos.

Sósinho, portanto, readquiriu os seus habitos solitarios, procurando incessantemente um homem com quem podesse estabelecer relações do mesmo genero das que vinha de concluir. Sahia para a rua, fazia por dar nas vistas, roçava-se pelos homens, finalmente imitava todas as denguices e manejos das prostitutas.

Mas tudo com receio, com cobardia, temendo ser repellido, descoberto, porque bem sabia que se o fosse teria severa correcção.

Exforçava-se todavia por justificar-se aos seus proprios olhos, tentando persuadir-se que não podia deixar de fazer o que fazia, que a tendencia homosexual nascera com elle, que o corpo era d'um homem, a alma d'uma mulher. Dava-se um nome feminino, Lida,

pedindo com insistencia aos conhecidos que assim lhe chamassem durante os actos de deboche.

Para se desculpar dizia então que este nome era uma abreviatura do seu.

Durante toda a vida nunca experimentara o menor appetite sexual por uma mulher. Chegou por vezes a passar parte da noite com uma prostituta sem conseguir a erecção.

A partir dos quinze annos teve fortes erecções durante o acto pederasta e de cada vez produzia-se uma ejaculação sem que fosse preciso o menor contacto com o penis. De facto, este, encontrava-se então n'um tal estado de hypersthesia que não podia supportal-o. Era sufficiente o mais ligeiro attricto para produzir um paroxismo semi-epileptico, durante o qual, se não perdia os sentidos, sobrevinham-lhe contracções involuntarias dos musculos da face, dos braços, das pernas e um relaxamento immediato do sphincter da bexiga com emissão de toda a urina que ahi se encontrasse. Este estado manifestava-se-lhe muitas vezes durante o somno, mas mais particularmente quando não tivera relações pederastas durante a noite.

Um dia, ávido de sensações repetidas e constantes, não tendo facilidade d'escolher melhor, ligou-se sexualmente a um individuo de cincoenta annos, não o ideal que sonhara, mas bastante para a sua obsessão. Este era muito ardente e commettia com elle actos contra natureza uzualmente tres a quatro vezes em cada dia ou noite.

O *sujet* d'este estudo, antes de dirigir-se a Hammond, tinha consultado já um cirurgião da sua terra

para o tratar d'umas fissuras no anus, mas nunca lhe descobrira o seu vicio.

«Um anno antes d'aquelle em que comecei a observal-o, escreve Hammond, tinha um attaque d'epilepsia em cada acto pederasta. Aconteceu-lhe a primeira vez isso n'uma noite em que se prestou quatro vezes consecutivas ao uranismo passivo. Ficou muito cançado, sobreveio-lhe um estado extraordinario de hypersthesia e mordia a lingua durante os accessos.

«Depois vieram-lhe muitos, uns durante o acto pederasta, outros em seguida a concluil-o.»

«Todos pareciam estar em connexão directa com estes, salvo os dois ultimos que se produziram quando já estava no armazem occupado nos negocios. Foi para tratar-se d'estes accessos que me procurou.»

«Logo que entrou no meu gabinete, continua Hammond, convenci-me pela sua apparencia, pelos seus modos, que havia alli qualquer perturbação no systhema genital, mas nunca julguei achar-me em presença da horrivel depravação que acabo d'esboçar e cujos detalhes me foram fornecidos pela propria confissão do doente.

«Este tinha então 23 ou 24 annos proximamente e, durante 20, experimentara o orgasmo sexual da maneira estranhamente anormal que descrevi, em media mais que uma vez por dia. Disse-me até que fizera um calculo e estava certo de ter sido agente activo e passivo pelo menos umas dez mil vezes!!»

«Estava extremamente magro; os olhos encovados nas orbitas, os cabellos negros, raros e seccos; não tinha barba: um pequeno buço sombreava-lhe o labio superior, a pelle era terrosa, a expressão physionomica

d'um individuo que commette um crime e receia ser descoberto. Fallava com os olhos no chão e a sua temidez era excessiva.»

«Depois de me contar a historia que reproduzo, julguei do meu dever examinal-o minuciosamente. Descobri que tinha dores de cabeça frequentes com attaques de vertigem, pouco appetite, umas vezes despeptico, outras constipado ou dearrheico. Soffrera de rachialgia; havia muitos mezes, dores agudas, lancinantes como que electricas, percorriam-lhe as pernas, e caimbras nevralgicas que fundando-me na marcha especial, na ausencia do reflexo patellar e na presença d'outros symptomas, considerei como indicando, sem hesitações a existencia d'uma ataxia locomotora, sobrevinham-lhe a meudo.»

«Apresentava ainda a incontinencia d'urina e os phenomenos da falta de coordenação que caracterisam esta doença. Tendo-o examinado ao ophtalmoscopio vi que a pupila esquerda estava muito mais dilatada que a direita e havia muitas hemorrhagias retineanas. O campo da visão achava-se diminuido no olho esquerdo. Diplopia se apresentava por occasiões.»

«Passando em seguida ao exame dos orgãos genitaes, encontrei o penis muito pequeno, mas no momento em que lhe toquei, um fremito involuntario percorreu o paciente, que por um pouco não perdeu os sentidos: era certamente um attaque epileptico. Bem que com uma impunidade relativa elle lhe mechesse, bastava outra pessoa tocar-lhe para ter immediatamente manifestações d'epilepsia. Não tinha phimosis. No estado de flacidez, o membro viril, tinha o diametro do dedo minimo e o comprimento de 7 centime-

tros e um quarto. Os testiculos eram da grossura normal, mais moles, porem, que no estado hygido. O anus tinha o sphincter de tal modo relaxado que se introduzia perfeitamente a mão no recto!»

«O seu desejo de ser mulher era tal que fora tentado a amputar os orgãos sexuaes; o que o suspendeu no seu designio, foi os numerosos amantes terem-n'o convencido que com elles se lhe ia o prazer. Não gostava de mulheres, nunca sentira uma excitação qualquer na sua presença e nas condições proprias para produzir o orgasmo no homem normalmente constituido.»

Posto isto, poderemos dizer que n'este individuo a perversão sexual se declarou sómente em seguida a ter observado dois cães em coito?

Parece-nos que não, porque, sendo assim, como se poderia explicar a sensação de volupia que experimentava quando introduzia no recto um lapis ou o cabo d'uma escova de dentes e o induzia a porfiar nas experiencias?

E' claro que outra qualquer causa occasional exerceria sobre elle o mesmo effeito, visto nunca ter sentido a menor inclinação para as mulheres.

Uma creança, um homem, no seu estado normal, poderiam todos os dias introduzir um lapis ou o cabo d'uma escova de dentes no recto, sem que por isso se lhes manifestasse o uranismo.

Aconteceu o contrario no caso que temos vindo observando, porque o individuo ali descripto era um ser anormal, um predisposto.

Não queremos com isto dizer que as causas occasionaes tenham em si uma grande importancia, mas

apenas frizar bem, que, nos casos de hermaphrodismo psycho-sexual, são quem determinará a direcção da vida sexual do individuo, pelo menos um certo tempo. O uranismo não nasce de repente, existe, por assim dizer no estado latente, á espera que alguma coisa o desperte, e um homem com quem se sympathise pode muito bem sel-o.

IV

Como hoje se admitte que as causas occasionaes favorecem immenso o desenvolvimento do uranismo e estas são extremamente numerosas, não se pode, para prevenir a eclosão da predisposição morbida, esperar grande resultado das medidas prophylaticas.

E' certo e bem certo, embora leigos presumam o contrario, que por um ou mais actos perversos não se provoca systhematicamente a inversão. Admittindo mesmo que os maus exemplos, a curiosidade doentia, possam influir até certo ponto n'este assumpto, é muito difficil d'acreditar como por uma prophylaxia bem encaminhada possamos impedir, n'um grande numero de casos, o desenvolvimento do uranismo em individuos já predispostos.

O que nos parece mais possivel é, aqui, as causas occasionaes distribuirem o papel que o instincto tem a representar.

Por outro lado existe já na predisposição, como que uma indicação para o acto sexual pervertido futuro, como na pederastia passiva. Como isto se explica é que se não sabe.

E' preciso tambem não confundir as causas occa-

sionaes que conduzem á perversão com as que provocam a eclosão da doença.

Será conveniente até dividil-as sob este ponto de vista em dois grupos: o 1.° chamado das *causas conductores* que, como o seu nome indica, levam á realisação do acto uranista; o 2.°, das *causas provocantes*, que provocam a eclosão do uranismo.

Quando um individuo ha muito tempo preza da inversão, encontra occasião de satisfazer a paixão por outro homem, é preciso não considerar este encontro como a causa occasional provocante da eclosão da inclinação sexual, mas sim como uma predisponente conductora.

Esta confusão é, porem, um erro urgente de reparar que se commette repetidas vezes.

Vejamos se por um exemplo, poderemos mostrar bem, o que se deve entender por causa occasional n'um individuo predisposto. Um homem absolutamente normal sob o ponto de vista sexual, que tivera bastantes relações sexuaes com mulheres, tendo ido uma vez a Paris, encontrou, n'uma rua, uma mulher que lhe agradou e a quem seguiu até casa. Ella, chegados ahi, mandou-o subir, entrar para um quarto, fechou a porta e começou a despir-se.

O individuo que a seguira e estava ainda bastante excitado pela sua belleza e elegancia, viu então surprehendidissimo que em vez de ter seguido uma mulher, seguira um homem. Nas condições normaes a unica ideia de que pertencia ao seu sexo bastaria para affastar para longe o menor contacto physico. Aqui, porém, não se deu isso, deixou-se masturbar pelo outro e a partir d'então, tornou-se prêza do uranismo mais completo.

VII

As causas occasionaes que favorecem a eclosão do uranismo são muito numerosas.

Em primeiro lugar temos o *contagio moral* e o *máu exemplo*.

Tarnowsky, attribue-lhes uma grande importancia e admitte que um rapaz atacado d'uranismo e educado n'um collegio, pode propagar esta affecção em volta de si. O que não poderá, é arrastar a esse vicio os que não quizerem. Como o habito do acto sexual não é devido senão á sensação de volupia que provoca, é evidente que só será praticado por aquelle que a tiver. Creanças ha que se dão muito frequentemente á masturbação mutua, mas quando chegam a homens e conhecem os prazeres que a mulher dá, esquecem-se logo d'esse vicio e d'ahi por deante é só o sexo contrario que procuram, as relações com o seu tornam-se-lhes impossiveis. Conhecemos muitos casos d'este genero, é até bastante raro que a masturbação infantil se transforme mais tarde em uranismo.

Tarnowsky, admitte que o desejo de imitar uma pessoa determinada, a curiosidade doentia, a procura dos prazeres novos, podem impellir os individuos de caracter fraco a praticar actos anormaes e a habituar-se-lhes, sem que exista uma predisposição innacta.

VIII

A *litteratura* exerce tambem um papel etiologico na propagação do uranismo.

E' certo que os livros que se occupam da inversão sexual, romantizando-a, tornando-a attrahente e nunca condemnando-a como um vicio deprimente, actuam de modo a desenvolver o gosto pelos prazeres contra natureza. Quando, porém, apresentam a inversão — vicio e a inversão — doença com toda a hediondez, com todos os inconvenientes para o corpo, para o espirito e para a sociedade, procuram provar bem quanto repellentes e ascorosos são os vicios da pederastia, onanismo, sadismo, tribadismo, etc., — em vez de promover a eclosão da doença, o progresso do vicio, tenderão pelo contrario a deprimil-o, fazendo com que os viciosos se enojem de si mesmos, e os doentes, os predestinados, se cohibam mais e mais até uma cura senão radical pelo menos temporaria.

E' pois com este fim que escrevemos. Em Portugal, nada havia ainda feito sobre o assumpto, seduziu-nos a novidade e a precisão d'um estudo assim; fomos ousado e tentamol-o. Sirva-nos a ousadia para encobrir a incompetencia.

IX

A privação das relações sexuaes com a mulher pode considerar-se como uma das causas do uranismo.

Encontrar-se-hia, portanto, este, em todas as aggremiações d'homens muito tempo separados do sexo contrario. Effectivamente assim succede, mas a fórma adquirida é apenas passageira; logo que se removam as condições do meio, o instincto sexual normaliza-se.

E' o que se dá vulgarmente no exercito, na marinha, prizões, collegios, hospitaes, etc.

Nem todos os auctores estão, porém, d'accordo na importancia do contagio moral que aqui se dá.

Uns admittem como uma das causas principaes do uranismo a separação rigorosa dos sexos, principalmente durante a puberdade. Outros consideram-a como uma causa muito secundaria, que só poucas vezes occasionaria a doença e mesmo assim temporaria.

Se se conseguisse provar por factos, que a separação rigorosa dos sexos conduz infalivelmente á inversão, desde o momento que seja effectuada na puberdade, e, se por outro lado, se conseguisse tambem demonstrar que não existindo essa separação não existia a doença, dariamos por completo razão aos auctores que a classificam como uma das principaes causas da inversão sexual. Nada d'isto, porem, está hoje assente definitivamente. E' verdade que, na America, a separação sexual é tão pouco rigorosa que creanças de sexo diverso são educadas no mesmo collegio, conservando-se ahi até aos 16, 17 annos e mais.

Cada educanda tem, nas escolas d'Oeste, o seu *querido*, um rapazito de 14 a 17 annos, sem que lhe resulte inconveniente desagradavel. O que não se sabe, por emquanto, é se o uranismo ahi está menos desenvolvido que na Europa.

Seja como fôr, o que é indiscutivel é que a inversão sexual se dá mais commummente entre pessoas que estiveram muito tempo separadas do sexo contrario; mas tambem é indubitavel que é a maior parte das vezes temporaria, dura tanto como a separação.

O mau exemplo e a imitação pervertem sem duvida nenhuma e por isso devemos banir por completo to-

das as occasiões, todos os modos de poderem fortalecer a sua acção. Os collegios, os conventos, os hospitaes etc., todas as casas onde os sexos estejam rigorosamente separados, são fócos de polulação d'esses maus exemplos, d'essas imitações desastrosas.

Com isto não queremos por modo algum condemnar estas casas cuja existencia é necessaria, principalmente os hospitaes, mas apenas lançar o fermento d'uma ideia: a de ahi acabar com a separação dos sexos. Augmente-se a vigilancia para que não haja abusos, mas facilite-se-lhes o contacto moral. Assim, estamos convencido, diminuirá a inversão temporaria e mesmo a constante.

A predisposição para o uranismo nasce com o individuo, não se adquire, é um facto; mas para os predispostos basta — é um facto tambem — uma imitação, uma curiosidade indiscreta, um mau exemplo, um desejo de experimentar, para despertar a eclosão d'uma doença que só mais tarde e talvez nunca se manifestasse na vida do individuo.

E' o que acontece nos collegios, conventos, prisões etc.

Um individuo commette um acto perverso, outro vê, quer imitar e pratica o mesmo acto; até aqui era um predisposto, depois será um doente.

A importancia da separação dos sexos sobre o progresso do uranismo, não é uma phantasia nossa. Meier sustenta que fôra uma das causas, senão a principal, da pederastia na Grecia. A mulher conservava-se todo o dia separada do homem; alem d'isso a sua educação n'essa epocha, era de tal ordem, que impossivel seria para o homem poder encontrar mulher que o sa-

tisfizesse physica e moralmente. Hoje felizmente já assim não acontece.

Moll, diz ter conhecido um hermaphrodita psychosexual que attribuia o seu uranismo exclusivamente á educação que tinha recebido. Confessava que o instincto sexual se lhe tinha desenvolvido em tempo competente, mas como estava privado do menor contacto feminino, os desejos voltaram-se-lhe para o homem; mais tarde a mulher conseguia excital-o um pouco, mas nunca se curou da inclinação homosexual.

X

A masturbação mutua gosa tambem dos creditos de ter um papel etiologico na propagação do uranismo. Este vicio encontra-se repetidas vezes nos collegios, recolhimentos, prisões etc.

Theoricamente, pode-se perfeitamente admittir que o uso continuado do uranismo mutuo, possa levar ao uranismo; praticamente, porém, não, porque como já dissemos, é preciso que o individuo seja um predisposto. Esta predisposição não se cria, herda-se. O uranismo não se faz quando se quer, vem só por herança; o onanismo mutuo o que póde é facilitar a eclosão da doença e mais nada.

XI

Chevalier e outros auctores, consideram como causas occasionaes da inversão o medo de adquirir syphilis e o receio d'emprenhar a mulher.

Effectivamente alguns casos se teem dado.

Mezeray, conta que o rei Henrique 3.º, de França, adquirira a obsessão pederasta em seguida a ter-se inoculado de syphilis em Veneza.

Hoffmann, diz ter conhecido um pederasta cuja doença sómente lhe appareceu depois de syphilisado.

O receio de emprenhar a mulher tambem é uma causa importante. Um uranista disse uma vez a Hoffmann que se entregava ao vicio, porque com rapazes não havia receio de fazer filhos.

O celibato tambem é uma causa occasional de consideração e a esse se deve attribuir a frequencia da inversão nos clerigos catholicos, accrescendo tambem o receio da fecundação do sexo fraco. O clerigo é um homem normal como todos os outros, tem as mesmas necessidades organicas, é pois da mais integra justiça facilitar-lhe a satisfação d'ellas.

Prohibido o padre de casar mas tendo um instincto que o incita á sexualidade, instincto que não conhece gerarchias nem posições, obsediado por uma ideia que o persegue, sympathica indiscutivelmente, porque não se lhe concretisa sómente o prazer do corpo mas a esperança d'uma geração futura, hade necessariamente ser levado a crear uma ligação sexual com a mulher. Constituido um orgão para determinada funcção, não se execute esta e perecerá ou perverte-se. Atraz da perversão o desequilibrio, atraz do desequilibrio a morte. A religião catholica retira ao padre um direito inherente a todo o homem, direito sagrado que santifica na sua escriptura, faz d'elle um ser áparte, um homem sem sexo, uma individualidade nulla para a reproducção. Fará n'isto bem?

Não. Commette um erro crassissimo. Quer comba-

ter a immoralidade e fomenta-a, quer mostrar exemplos de continencia pura e cria uma incontinencia immensa. Os padres procuram a satisfação do seu instincto genital, porque lhe não podem fugir, é isso condição inherente á sua saude e bem estar physico e moral. Creadas as difficuldades que os affastam da mulher, não lhes morre o instincto com ellas, pelo contrario, o desejo augmenta e a irritação organica produzida pelo semen accumullado tambem. Que hão de então fazer? Ou este é escretado involuntariamente por meio das polluções nocturnas, ou voluntariamente pelo onanismo, nos que querem manter o voto de castidade; ou, então, põem de lado o celibato e preoccupando-se mais com a saude que com a religião, criam ligações com a mulher d'onde nascem filhos que depois não podem perfilhar.

Os primeiros, encontram na continuação do onanismo e muitas vezes no uso da pederastia mais completa, a unica satisfação dos desejos de predispostos innatos a quem a difficuldade e prohibição de relações com a mulher e o acanhamento exaggerado, provocaram a eclosão do uranismo.

Os segundos, são uns fócos de immoralidade, porque escondendo as relações sexuaes sob a capa de incognito, obsecando as victimas pelo terror das penas religiosas, vão-n'as submettendo aos seus caprichos de volupia, empurrando na senda do vicio e da prostituição centenas de mulheres. E todavia era tão facil o remedio! Não será o padre um homem como outro qualquer? Não tem a mesma organisação physica? Porque se lhe nega pois o direito de casar e tratar da educação dos filhos? Prohibe-se-lhe a familia e confia-se-lhe a educação das creanças!

Bonita ideia! Facilita-se a um homem toda a occasião de transformar-se n'um invertido, percorrer todas as gamas da perversão mais hedionda e depois de completa, depois de inveterada, diz-se-lhe:

—Toma os meus filhos e educa-os!

Porque não lhe dizeis antes!...

—Perverte-os!

XII

Tarnowsky admitte que o uranismo poderá desenvolver-se em individuos que d'elle façam profissão. Um individuo normal, com o fim de ganhar dinheiro, offerece-se a um uranista e perpretra com elle actos d'inversão. Isto sendo feito muitas vezes, diz o auctor citado, transformará o individuo normal n'um invertido. Poderá ser, dirêmos, mas é preciso possuir a tara inicial.

O abuso do coito e uma vida debochada são considerados tambem por alguns auctores, entre elles Cofignon, como causas da inversão sexual, sendo especialmente nos meios ricos que mais facilmente entreveem.

Não nos parece que seja bem verdadeiro, porque custa a admittir que debochados, pelo simples desejo de crear prazeres novos, se entreguem ao uranismo tantas vezes como se tem dito. Theoricamente, não sabemos como se possa encontrar uma relação entre o abuso do coito com a mulher e a desenvolução do appetite carnal pelo homem.

Para nós é tão impossivel que um homem heterosexual nos gostos, se torne homosexual pelo simples abuso muitas vezes repetido do coito com a mu-

lher, como ao saciado de bons bocados desejar a vasa ou lama das ruas.

Alem d'isso, se o abuso do coito normal conduzisse ao uranismo, tambem se devia dar o contrario, o que infelizmente não acontece. Não se conhecem nenhuns casos d'este genero,

A diminuição da sensação voluptuosa provocada pelo coito e o desejo experimentado por alguns de sentir o membrum *circunclusum* no mais alto gráu, são considerados por Stark e Mantegazza como causas occasionaes do uranismo. O desejo do membro *circunclusum*, leval-os-hia a preferirem o anus muito mais estreito que a vagina.

Gley, insiste muito particularmente sobre a influencia de certos prazeres. Assim diz que para a satisfação sexual, se procuram sempre prazeres novos, que pelo habito em que nos podemos pôr, desenvolverão um estado anormal que pode muito bem ser o uranismo, quando se inclinam a contactos voluptuososos com o mesmo sexo.

Isto é possivel mas não certo, porque não conhecemos factos em que se apoie.

Chevalier e Gley, sustentam que existe relação entre o hermaphrodismo physico e a inversão sexual, creando até um grupo particular d'invertidos provocado por este hermaphrodismo.

Em apoio da sua theoria citam um caso publicado por Magitot em 1881.

Trata-se d'um individuo que sendo examinado foi reconhecido como homem, os seus orgãos genitaes, porém, pareciam-se tanto com os da mulher que no registo dos nascimentos foi inscripto como pertencendo ao sexo fe-

minino. Depois cresceu e casou-se mantendo relações sexuaes com o marido e, conjunctamente, com mulheres.

Segundo Moll, Gley e Chevalier, antes de crearem este novo grupo etiologico constituido pelos hermaphroditas physicos, deviam investigar o lado psychico da vida sexual dos individuos que ahi incluiam, afim de bem determinar se se tratava d'uma obsessão amorosa declarada para o homem, ou d'uma simples indifferença.

XIII

O uranismo, segundo um grande numero d'auctores, encontra-se a meudo no decurso de certas doenças.

A epilepsia é a principal.

Tarnowsky, sustenta que n'esta, a inversão do instincto genital é muito frequente; creou até, fundamentando-se nas relações da epilepsia com ella um grupo morbido particular. Acredita que em alguns doentes a apparição do uranismo deve ser considerada como equivalente de epilepsia e assim se julgou auctorisado a falar do *uranismo epileptico*, citando em apoio da sua theoria, o caso d'um homem que nunca tivera relações com mulheres, e nunca apresentara o uranismo. Um dia, durante um accesso de epilepsia, e encontrando-se sob a influencia de bebidas alcoolicas, violou um rapaz de 14 annos.

Quando voltou a si não se lembrou de nada e mais tarde nunca se lhe manifestou nenhum symptoma d'inversão.

Na demencia senil tambem se constata repetidamente a existencia da pederastia, que Tarnowsky chamou *senil;* esta constitue mesmo em certos casos o

symptoma predominante. Principiaria por expressões grosseiras e obscenas nas conversações eroticas, principalmente entre rapazes.

E' sabido que muito commummente os velhos ensinam ás creanças o papel passivo da pederastia, quando, não raramente, o não preferem para si.

A pederastia senil póde impellir á violação. O seu diagnostico permanece ás vezes incerto, sobretudo quando faltam as perturbações da intelligencia, o que faz com que a meudo se considere criminoso quem não é mais que um ser pathologico.

A revêses, observa-se ainda na demencia senil o *sadismo* ou excitação sexual produsida pelos maus tratos infligidos a alguem.

O uranismo apparece tambem na paralysia geral, n'uma epocha em que o seu diagnostico não é ainda possivel.

Segundo Tarnowsky, o caso deve considerar-se como suspeito quando o individuo falla abertamente da vida sexual e não toma nenhum cuidado em esconder-se quando pratica actos genitaes. Parece que se deve aqui pensar n'uma affecção psychica.

Chevalier, admitte a existencia da inversão nos principios da paralysia geral, na demencia senil e n'um certo numero d'outras affecções cerebraes em que o uranismo não apparece senão d'uma maneira passageira. N'estes casos constata-se uma verdadeira impulsão a que o doente não pode resistir.

São, porém, tantas as affecções mentaes em que se encontra o uranismo, que resistimos ao desejo de descrevel-as, porque ainda que escrevessemos um grosso volume não conseguiriamos estudal-as todos.

CAPITULO III

O diagnostico do uranismo ou d'outra qualquer especie d'inversão sexual, não é tão simples como parece á primeira vista, isto percebe-se bem se attendermos á grande difficuldade que a humanidade tem em confessar os seus vicios, principalmente sendo tão repugnantes e hediondos como os da jaêz de que vimos tratando.

E' muito mais facil um homem declarar-se ladrão ou assassino, do que confessar-se invertido. E mesmo assim, quando o faz, as confidencias são de tal modo obscuras e incompletas, que o medico vê-se a meúdo indeciso, sem balizas seguras em que fundamentar a sua opinião.

Ha doentes que só muito difficilmente confessam a sua syphilis, as suas blennorrhagias; ora, quando assim praticam com doenças d'estas, imagine-se a difficuldade que terão em declarar-se invertidos. Um sentimento de falsa vergonha obriga-os a esforçar-se por encubrir a vida sexual ou não entrar em particula-

ridades. Depois as suas declarações são sempre imperfeitas, incompletas, dando margem a duvidas, ás vezes, de bem difficil solução. Um invertido pode ser um vicioso ou um doente; e ao medico compete estabelecer esta differença com os dados fornecidos pela observação do caso. Estes falham ameúdadamente.

O invertido recusa-se quasi sempre a confessar a sua impotencia para as mulheres e quando o faz altera sempre a causa, que na maior parte dos casos é o uranismo.

Por mais que o medico saiba disfarçar as perguntas de modo que o doente lhes não perceba o alcance, elle, que por falso pudor tenta enganar-se sobre a gravidade do seu estado, inventa, modifica, nega e o medico nada conseguirá. Depois tem muito pouca confiança na sua descrição, teme o ridiculo que lhe possa advir da publicação dos seus vicios. As confidencias intimas muito difficilmente se fazem a estranhos.

De resto a maior parte dos uranistas está convencida que nada conseguirá da medicina.

E' preferivel, portanto, que o medico seja claro no interrogatorio, vá direito ao fim sem tergiversar.

Pergunte ao doente:

Sente alguma inclinação amorosa para os homens? ou: *Gosta d'homens?;* ou: *Gosta mais d'homens que mulheres?* e assim obterá muitas vezes respostas que o guiarão na classificação e descoberta da anomalia genesica que procurava. E' conveniente tambem convencer o doente de que o uranismo é uma doença que toda a gente pode ter, e facilitar-lhe as declarações pela narração d'alguns casos.

II

O interrogatorio do doente sobre os seus sonhos, é um outro meio de conseguir chegar ao conhecimento da verdade.

E' um caso assente que o uranista sonha sempre com erotismos masculos acompanhados de polluções nocturnas.

Comprehende-se pois, que interrogando-o n'este sentido, se possam obter dados muito preciosos, tanto mais que terá menos difficuldade em contar os sonhos que os factos da vida real.

E', portanto, muito conveniente começar o interrogatorio pelos primeiros e só depois passar aos segundos, tendo sempre em vista não nos contentarmos senão com respostas precisas e claras, unicas que nos poderão levar ao caminho da verdade.

A experiencia goza aqui, como no diagnostico de todas as doenças, d'uma importancia consideravel. Um medico experiente, por meio d'um interrogatorio habil, conhecerá logo a doença, o que não acontecerá a um inexperiente. Em certos casos não é difficil reconhecer um uranista, n'outros, porém, mesmo aos especialistas, não é facil conseguir rapidamente um diagnostico seguro; é preciso uma observação cuidada e algo prolongada.

III

Existem signaes determinados que indicam, quasi sem hesitações o uranismo do individuo.

Os antigos não ignoravam a sua existencia, porque em Aristoteles, Aristophanes e outros, encontram-se informações relativas ao seu modo d'andar, voz, olhar etc.

Quando tratámos do uranismo moderno vimos a importancia d'estes symptomas em geral, e em particular da attitude e movimentos do uranista.

Para se fazer o diagnostico d'um invertido pelo estudo dos seus movimentos, é preciso escolher um momento em que se não julgue observado.

Um dos signaes mais importantes é o olhar que então dirige de preferencia *in eam directionem ubi membrum virile est, praesertim cum vestes solum membrum non formam obtegunt.*

Moll, attribue a este habito uma importancia muito particular.

IV

O uranismo será um phenomeno morbido?

A resposta é mais facil, se se trata de inversão sexual pura, isto é, com ausencia de inclinação sexual para a mulher.

Mas ainda assim cahimos n'outra interrogação:

Será essa ausencia tambem pathologica?

Hammond, diz que existem homens normaes que nunca tiveram desejos sexuaes.

Parece-nos, porém, que esta affirmação é um pouco pessoal e arbitraria.

A noção de saude deve necessariamente involver a existencia dos factores psychicos e physicos necessarios para a conservação do individuo e da especie. Não nos parece coherente que se classifiquem como hygidos,

individuos que psychica e physicamente são insufficientes para a manutenção da vida.

Quando se não tem appetite dizemo-nos doentes, porque não podemos comer; quando não reproduzimos, somos pathologicos, porque não podemos reproduzir.

Lauer, diz que todo o individuo com saude, tem por principal dever fomentar a desenvolução da especie durante a vida, e devemos considerar doente todo o homem incapaz de cumpril-o.

A impotencia seria, portanto, sufficiente para classificar um individuo como pathologico, desde o momento que se realise n'uma idade em que o homem póde reproduzir.

De tudo isto se deprehende que só poderemos classificar a ausencia do desejo sexual normal como morbida, no caso da reproducção ser impossivel; ficariam, portanto, sendo hygidos os uranistas que sentindo-se obsediantemente inclinados sexualmente para o homem, são casados e sustentam com as esposas, em virtude de razões puramente sociaes e mesmo com o fim de ter filhos, relações de coito normal, o que nos parece impossivel.

E' preciso pois, elucidar bem a questão e marcarmos limites definitivos e assentes aos termos *saude* e *doença*.

A conservação da especie é uma funcção do organismo são; a conservação d'este, a d'uma alimentação normal.

A necessidade da conservação da especie manifesta-se pelo instincto sexual; a de comer, pelo instincto alimentar, isto é, o appetite.

Falte este e o individuo diz-se doente, uma alte-

ração se dá no mechanismo organico, a que se chama doença.

Falte o instincto sexual e o individuo será tambem um doente, porque não póde cumprir o seu dever para com a especie.

Quando o appetite está alterado, fóra do normal, a funcção nutritiva tambem se altera e o individuo adoece.

Quando o instincto sexual está pervertido, não cumprirá o fim para que foi creado e o individuo será um doente.

Ora, na homosexualidade, ha uma perversão do instincto genital, portanto, um uranista é um doente.

V

Ha, porém, um caso em que os uranistas podem, á primeira vista, deixar de ser considerados como doentes.

Sabe-se que um grande numero experimenta durante a realisação do acto homosexual o mesmo bem estar, a mesma voluptuosidade que os homens normaes durante o coito, e que, ao contrario, no acto heterosexual, usa de certos artificios, como por exemplo, o de pensar n'um homem que lhe agrade. Isto, segundo Krafft-Ebing, determinar-lhe-hia uma grande fadiga.

Este coito forçado pode mesmo reflectir-se de tal modo sobre a sua suade que a vida perigue; portanto, sob o ponto de vista da conservação do individuo, são, nos invertidos, muito mais salutares as relações homosexuaes que os heterosexuaes.

Para favorecer o individuo prejudica-se a especie.

Será por isso o seu estado pathologico?

A' primeira vista parece que não, mas, se se pozer de lado a confusão que geralmente se faz entre instincto e acto sexuaes, e se reparar bem que n'este nosso raciocinio temos considerado apenas o instincto sexual, ver-se-ha que a contradição é apenas apparente.

O acto resultante d'um instincto morbido, pode, n'um caso particular, ser considerado como favoravel á saude. A ingestão d'alimentos apimentados pode despertar o appetite em certas dyspepsias sem que deixem de ser doenças.

Pela mesma razão um acto baseado sobre um instincto sexual morbido, pode favorecer a saude do individuo sem que o instincto se torne normal.

Considerando, portanto, o instincto sexual como uma força presidindo á conservação da especie e não unicamente á do individuo, vêmo-nos obrigado a admittir o uranismo como pathologico e os uranistas como doentes.

CAPITULO IV

Como acabámos de dizer no capitulo antecedente o uranismo é um estado morbido; um uranista um doente.

E', portanto, dever de todo o medico, estudal-o, diagnostical-o e tratal-o se fôr susceptivel de cura como em muitos casos.

Nem todos, porem, assim comprehendem e por uma intolerancia que nada desculpa, affastam-se de esclarecer este assumpto, em que ha ainda muito a descobrir, muitos problemas a resolver.

Que importa que a doença seja immunda, se com a sua cura se consegue um bem para a hygiene da sociedade!

Existem outras muito mais immundas, muitissimo mais nojentas, que os medicos tratam, estudam, investigam, sem a mais pequena repugnancia; porque não fazem o mesmo com esta?!

E' porque, quasi até nossos dias, tem sido considerada como um vicio, como um acto dependente da von-

tade do individuo e por isso d'uma repugnancia moral em ser tomada a serio, considerada scientificamente. Ninguem se atrevia a consultar um medico n'este sentido, nem este queria ter as mais pequenas relações com um uranista, receiando ser considerado vicioso tambem.

Mesmo hoje que essa intolerancia vae desapparecendo do mundo scientifico, que se sabe perfeitamente que um uranista é um doente, como o é um dyspeptico, um tuberculoso, etc., nem todos os medicos se sugeitariam a tratal-o, do mesmo modo que ainda ha muitos que se recusam a fazer um toque rectal, porque se enojam. E' pois conveniente pôr de banda todas estas susceptibilidades que não teem razão nenhuma de ser e convencer-se o medico de que a sua unica missão, é curar tudo que seja susceptivel de cura, quer a doença seja repugnante ou não. Todo o acto que tenha em vista o completo cumprimento d'um dever profissional, é sempre nobre. Tanto vale curar um demente como um invertido sexual, ambos são doentes, por ambos será bem recebida a cura.

Liberte-se de preconceitos seja que medico fôr e repudiando a pudicicia—se é que o medico póde ter pudicicia!—aborde a questão por todos os lados, estude, analyse, perscrute, accummulle os casos, compare-os, discuta-os na certeza, que do estudo comparativo d'elles, e dos que outros medicos e professores, verdadeiras summidades, teem apresentado, resaltarão novos elementos para a sciencia—e contribuirá para que um assumpto tão importante, não só sob o ponto de vista do individuo, mas da sociedade, seja mais profiquo, mais completo.

Felizmente alguns distinctos clinicos, especialmente francezes e allemães, teem feito alguma coisa n'este sentido, de modo que hoje já mais ou menos se pode dar um passo no estudo d'esta doença. Estamos, porem, ainda quasi na infancia, o que não quer dizer que desde o momento em que desappareça um pouco mais a repugnancia que muita gente tem por este estudo, nós não possâmos avançar, e avançar muito em pouco tempo.

Postas estas pequenas considerações entremos no assumpto.

II

O prognostico da inversão sexual está longe de ser favoravel, o que por modo nenhum quer dizer que esta doença seja incuravel, como antigamente se acreditava.

Os uranistas é que estão perfeitamente convencidos de que não melhorarão, d'aqui a grande repugnancia que teem em consultar o medico, a que accresce o pudor ficticio de receiar a confissão d'um vicio que os envergonha. Este, porem, é que não pode pensar do mesmo modo, porque tem a indicar-lhe a norma de proceder, as numerosas curas viaveis obtidas.

O prognostico da inversão depende d'um grande conjuncto de circumstancias, assim varia: com a duração do estado morbido — o uranismo antigo é muito mais grave — com o meio, principalmente quando o doente tem facilidade de relações com os outros homens e quando o liga a um, uma paixão violenta. Um uranista no meio d'uma sociedade d'homens, é muito mais difficil de curar que no meio d'uma de mulhe-

res. E quando, como acima dissémos, está apaixonado por outro, pode-se quasi dizer que o medico nada conseguirá. Ha casos em que o tratamento pelo hypnotismo tem dado resultado.

A neurasthenia e as affecções analogas prejudicam muito o prognostico, tornando-o grave. Finalmente muitas outras causas podem entrevir; estudámol-as no capitulo—*Etiologia*—, (1) enviamos, portanto, para lá o leitor amavel.

III

Ao começarmos o estudo do tratamento, uma pergunta nos vem á mente:

A cura do uranismo será prejudicial ao uranista?

Se considerarmos que nos homosexuaes, a vida psychica é toda feminina, desde a infancia todos os seus pensamentos, inclinações, foram para o homem e nunca para a mulher, a resposta á pergunta que formulámos tem serias difficuldades.

Toda a constituição do individuo está por tal modo adequada e adaptada á inversão sexual, os seus sentimentos são tão femininos, a sua preferencia pelos trabalhos mulheris e tal, tem um horrror tão pronunciado, aos vestidos masculinos, considera o amor pelo homem tão natural, que a therapeutica seguida nos invertidos fundamentada na mudança de direcção do instincto, incidindo sobre um organismo de tal modo desviado dos caracteristicos do seu sexo, iria produzir um desiquilibrio psychico grande que podia muito bem ser

(1) Vide pag. 223.

prejudicial ao doente em vez de favoravel como queriamos.

E' claro que uma pessoa feminina completamente nos sentimentos e ideias, não pode ter um desejo, uma inclinação desharmonica com as disposições do seu espirito, sem que um grande desiquilibrio psychico se manifeste.

E nós, estarêmos no direito de crear essa situação?

O que se deve fazer quando queremos trazer ao normal o instincto invertido d'um individuo effeminado, é conjuntamente masculinisar-lhe o estado psychico em geral.

Theoricamente, não parece inadmissivel que tomando o instincto sexual a normalidade d'acção, a natureza do individuo tome espontaneamente o typo masculino; ainda que seja pouco provavel principalmente depois de completo o desenvolvimento.

Krafft-Ebing, conta um caso em que houve modificação expontanea. Convém, porém, dizer que o individuo era primitivamente um heterosexual que se converteu aos 20 annos n'um homosexual, apparecendo-lhe expontaneamente todos os caracteres da effeminação; penteava se como as mulheres, espartilhava-se, vestia saias, modificou-se-lhe a voz, etc. Tornou-se emfim psychicamente uma mulher.

Posto isto, não nos repugna admittir, ainda que por emquanto não haja factos a comproval-o pelo menos por nós conhecidos, que um individuo psychicamente mulher se possa transformar expontaneamente n'outro psychicamente homem.

IV

Uma outra objecção se pode fazer ao tratamento. E' a seguinte:

Deverêmos renuncial-o porque o perigo da hereditariedade nervosa continua a subsistir?

Se se considera o modo de ver de Krafft-Ebing que admitte a transmissão do uranismo por hereditariedade dos paes aos filhos e se acceita d'um modo geral a hereditariedade das inclinações e finalmente se classificam os uranistas no grupo dos degenerados, não devemos pôr de lado sem preliminar exame essa objecção.

V

Deve permittir-se a procreação aos uranistas?

E' conveniente que o medico lhes faça algumas reflexões n'este sentido, mas do que deve tratar primeiro, e mesmo o doente quasi a isso obriga, é da suppressão dos symptomas morbidos. Mais tarde se o invertido quizer casar e ter filhos, poderá intervir com os seus conselhos, mas nunca deixará de combater como deve a existencia da doença.

A tarefa que um medico tem a effectuar em presença d'um caso d'uranismo não é sempre a mesma: umas vezes tracta de fazer desapparecer os actos a que o doente é impellido pelo instincto sexual, outras, modifica-lh'o, quando o não supprime.

Muitos uranistas quando o mandam chamar não lhe pedem, porque julgam impossivel, o restabelecimento

da inclinação sexual para a mulher, mas a diminuição do impulso anormal para o homem por que se veem constantemente obsediados. E como a hypersthesia do instincto sexual dos invertidos se póde combater com todos os meios empregados contra a hypersthesia do instincto heterosexual: os bromêtos, a hydrotherapia, as influencias psychicas, etc., serão esses que o medico deverá empregar. Das influencias psychicas as mais importantes são: a suggestão, a suppressão das preocupações sexuaes a applicação ao trabalho, etc.

A suggestão hypnotica provoca o esquecimento e permitte orientar o esforço da vontade n'um sentido determinado.

Supponhamos um homem que é atormentado por uma obsessão amorosa qualquer e róla de precipicio em precipicio.

Grita por soccorro e pede-nos auxilio, se não lhe acudimos, está perdido, é um homem morto, um homem ao mar. Mas não acontece assim, somos generosos e acudimos-lhe, persuadimol-o que por um processo inoffensivo podemos salval-o e restituil-o á sua vida de felicidade.

Escutar-nos-ha confiado, cheio de esperança no futuro. Está então no caso de experimentarmos uma sessão d'hypnotismo. Conduzamol-o pouco a pouco, gradualmente, a um estado sufficiente d'hypnose, adormeçamos-lhe a vontade e substituamol-a pela nossa. Depressa governarêmos absolutamente no seu cerebro d'onde expulsámos a iniciativa pessoal.

Isto feito, ordenêmos, intimêmos silencio ás suas paixões; os conselhos d'amigos transformar-se-hão em ordens na bocca do hypnotisador. Apresentemos-lhe o

ente amado sob o mais horrivel aspecto, transformèmos o idolo d'ouro n'outro de barro, a belleza em fealdade; redicularisêmos-lhe o pórte, os modos de vida; convertâmos-lhe emfim o objecto idolatrado, conjuncto de perfeições, n'um outro tôsco, brutal, repellente até. Estingamos-lhe todas as recordações referentes á obsessão e o insensato apaixonado, o louco amoroso, verá esvahir-se como fumo, ou luz ephemera d'um meteoro, a sua obsessão, só porque o predominio energico d'uma vontade estranha soube dominar a sua. Agora podereis dizer: Chimeras! Vãs chimeras tudo isto! Litteratices, phantasias, devaneios e mais nada!

Pois não é assim. Tudo quanto dissémos é apenas uma realidade.

O amor heterosexual tem-se curado pelo hypnotismo; ha pelo menos um caso que o prova. Não nos repugna admittir, e mesmo todos os livros que tratam d'este assumpto o admittem, que o amor homosexual possa ser curado pelo mesmo processo.

Laurent e Berrillon observaram o seguinte caso a que o lado jocoso não tira por motivo nenhum a veracidade.

Um estudante de medicina da Escola de Paris, apaixonou-se por uma servente d'uma cervejaria do bairro latino. Apóz varias peripecias que não vem para aqui narrar, conseguiu que a rapariga fosse viver comsigo; não lhe offereceu um paraiso luxuoso e elegante, porque não o tinha nem podia adquiril-o, nem a seduziu pela elegancia de maneiras ou belleza physica; o pobre rapaz nada d'isso possuia. A cervejeira seguiu-o porque estava farta de aturar os dichotes e vaias da freguezia embriagada e queria experimentar as sensações inolvi-

daveis d'uma affeição pura e sincera. O estudante não era attrahente nem pelo physico nem pela moral, nem bonito nem aceiado em demasia, mas era um homem que dizia amal-a e isso lhe bastava. D'aqui havia necessariamente nascer um tanto ou quanto retrahimento, da parte da rapariga, na permuta dos affagos. O rapaz, amante enlevado na belleza da amada de que se orgulhava, exigia-lhe caricias repetidas e apaixonadas, queria intimidades continuas sorvidas em longos beijos, fruidas em longos contactos; ella, porém, que apreciava muito mais o descanço relativo do *ménage*, o imprevisto d'uma ligação mais ou menos duradoura, porque fora isso que principalmente a seduzira, recusava-lhe os affagos que lhe exigia, tinha momentos de indifferença, arremessos de tedio, bocêjos d'aborrecimento que o traziam desolado.

A cervejeira hypnotisava-se facilmente. Um dia o amante hypnotisou-a e suggeriu-lhe a ideia de quando despertasse ficar apaixonada por elle; anhelaria abraçal-o constantemente, beijal-o douda d'amor, apertal-o contra si n'um fremito de enthusiasmo. Assim foi; a suggestão realisou-se por completo e o bretão rejubilou.

Não contente em saber só o resultado da experiencia, contou-a a alguns amigos; um d'estes, não sabemos se por partida ou por inveja, resolveu acabar com esse estado de coisas.

O processo de que se serviu foi simples. Hypnotisou a rapariga e suggeriu-lhe a ideia de que o amante andava sempre com as orelhas porquissimas, era um ser repugnante que toda a gente tinha nojo em abraçar.

Passado o somno hypnotico a suggestão fez effeito

e a rapariga nunca mais poude ver o amante, de quem se retirava enojada, dizendo:

—Porcalhão! Olha que orelhas aquellas!... Parece que não tem agua para laval-as! Sume-te!

Por este exemplo concebe-se bem como, por meio d'uma suggestão bem dirigida, se pode tornar, de adoravel que era para o nosso pensamento um individuo qualquer, n'um ser desprezivel que nunca mais se quer ver. Ponhamos no lugar da servente da cervejaria, apaixonada, um invertido sexual e no do estudante um outro invertido de nome contrario; hypnotisêmos um e suggirâmos-lhe a ideia da maxima repulsão pelo outro individuo; quando accordar realisará o mesmo que a servente citada no exemplo, isto é, a ideia que lhe foi suggerida.

Temos portanto na suggestão um poderoso elemento para a cura da inversão sexual.

VI

Tem tambem importancia como meio therapeutico contra o uranismo a applicação ao trabalho.

Moll conta que um uranista, homem intelligente, vendo-se obsediado por uma paixão violenta por outro individuo do mesmo sexo, procurou com bastante successo, no excesso de trabalho, o allivio da sua paixão.

Todavia para que esta medida therapeutica surta o effeito desejado, é absolutamente preciso que o individuo nunca se entregue ao onanismo psychico, nunca condescenda com os pensamentos e só procure no trabalho e na actividade as suas distracções.

Se assim fizer, se seguir á risca estas prescripções, pode ser que não se cure completamente, mas com certeza será d'ahi por deante menos obsediado pelo instincto invertido, combaterá com mais efficacia a hypersthesia do sentido genital.

VII

Um segundo grupo de doentes reclama muitas vezes a transformação do instincto pervertido n'outro normal.

Para que esta modificação se possa conseguir é necessario que o medico seja consciencioso, habil e infatigavel. A primeira coisa que deve obter do doente é uma confiança illimitada, tornar-se-lhe sympathico, porque este, sendo-lhe muito difficil encontrar, além dos seus companheiros de infortunio, quem o comprehenda, será sempre desconfiado, duvidará de tudo que lhe dizem. E' preciso, portanto, que o medico veja bem, se aposse de todos os elementos que o levem a uma opinião segura antes de expol-a ao doente. A sua influencia só se exercerá completamente á custa d'um diagnostico bem feito.

A therapeutica não deve visar sómente as causas occasionaes e o symptoma morbido, mas ainda a predisposição.

Em quasi todos os uranistas existe uma predisposição nervosa que precede a meúdo a eclosão da doença; o uranismo, como já antecedentemente demonstramos, evolute de preferencia n'um terreno nervoso, devemos, por isso preferir na sua cura todos os agentes

therapeuticos geraes e especificos empregados contra a predisposição nervosa.

Evidentemente o tratamento deve incidir sobre a constituição do individuo; prescreva-se sob este ponto de vista, uma boa e sadia alimentação, ar franco e puro e a gymnastica, que exercem uma excellente acção tonica. Não são todavia mais que elementos accessorios do tratamento.

VIII

As pessoas que cercam o doente exercem sobre elle grande influencia sob o ponto de vista prophylatico. E' sufficiente muitas vezes o *entourage* apenas, para desviar n'um sentido ou n'outro a actividade sexual. E' conveniente que os paes e preceptores nunca tomem pelo lado agradavel e engraçado as tendencias que teem certos rapazes para se vestir de mulher, e pelo contrario investiguem se por detraz d'esse desejo, d'essa queda especial para os trajos femininos, não existe um fundo mais serio, um phenomeno morbido.

Refreiem-se, pois, por meio de castigos e reprehensões as tendencias d'esse genero, afim de evitar-lhes o desenvolvimento no geral muito rapido, diz Westphall, e conta que curou por meio d'asperos castigos um doente que desde a edade de oito annos costumava usar os vestidos da mãe.

Quanto a nós, porém, não nos parece muito efficaz o castigo violento; ás vezes a obsessão é tão forte que raro será o que lhe sobrepujará a acção. Achamos muito mais razoavel ridicularisar as creanças desde a primeira manifestação das suas tendencias, fazer-lhes

ver por meios suasorios que o fato do sexo contrario lhes fica mal, que é muito feio meninos usarem vestidos de meninas, emfim ha mil meios de lhes fazer comprehender que não é bonito usar fatos d'um sexo differente do seu.

E' conveniente, tambem, remover todas as causas occasionaes que podem provocar a eclosão da doença, como o onanismo mutuo e o contagio moral de que já tratamos no capitulo—*Etiologia.*—

IX

Será conveniente ensinar ás creanças os perigos do onanismo mutuo, ou deixal-as ignoral-o completamente?

Comprehende-se bem a difficuldade que um pae ou um professor devem ter em conversar com filhos ou educandos a esse respeito; não ha nada mais difficil de tratar com creanças que as questões sexuaes. Comtudo, desde o momento que o maior empenho seja procurar por todos os meios ao seu alcance promover o desapparecimento da inversão sexual e sabendo, como se sabe, que quanto mais arreigado está um habito mais difficilmente dasapparece, na therapeutica da inversão quanto mais cedo se opera, mais facilmente se cura—não devem esperar pela maioridade para lhes fazer comprehender os inconvenientes de todos os vicios sexuaes, mas ir abordando pouco a pouco essa questão de modo que os comprehendam e ganhem pelas praticas contra natureza, uma aversão necessaria para a perfeita saude e completo desenvolvimento da sua organisação.

X

A maior parte dos uranistas ligam muito pouca importancia ao tratamento prophylatico.

Segundo Tarnowsky, nos casos de tendencia para a inversão, deve-se retardar quanto possivel a passagem effectiva á acção sexual, por ser uma boa condição sob o ponto de vista do diagnostico. Hartmann, sustenta que por este processo se consegue impedir a eclosão precoce da doença.

Um meio desfavoravel desenvolve immenso a tendencia para o uranismo. A maior parte dos uranistas dizem que as primeiras manifestações da sua affecção lhes appareceram na infancia, antes da puberdade, principalmente durante a epocha em que mantinham mais relações com rapazes da sua idade. São, pois, muito condemnaveis os collegios e as casas de correcção, onde creanças de numero approximado d'annos e do mesmo sexo se veem constantemente juntas.

Mas não é só preciso subtrahir o uranista creança ao contacto d'outro da mesma idade, é necessario fazer o mesmo aos adultos com o fim de evitar-lhes relações que dispertem pensamentos sexuaes.

Como no tratamento da inversão tentamos muitas vezes modificar o instincto do invertido, devemos aproximal-o das mulheres; servimo-nos para isso d'uma que tenha o condão de agradar-lhe, o poder de captival-o. Tentaremos costumal-o ao coito normal, forçando-o a uma funcção sexual normal com ella e assim se conseguirá muita vez curar um individuo naturalmente predisposto para a inversão. E' Tarnowsky quem o diz, mas dispensa-se de dar uma prova do que avança.

Evitaremos ao uranista todos os pensamentos d'actos sexuaes com homens. Para conseguir-mos esse fim é absolutamente necessario proceder de modo que nos acceite os conselhos.

Não se lhe dirá sómente:

—Você não pense no acto sexual praticado entre homens...

E' preciso explicar-lhe, ao mesmo tempo, como poderá chegar a não ter taes pensamentos morbidos.

XI

Encontra-se geralmente nos uranistas uma hypersthesia extraordinaria do instincto genital, por conseguinte, o seu espirito deve ser muito mais assaltado por pensamentos sexuaes, que no individuo são.

A sua ideia fixa nunca os abandona, perturba-os, durante o somno, por sonhos eroticos em que só entram homens, nas vigilias, por pensamentos e visões impudicas a que só a inversão preside.

No meio mesmo d'occupações em que um homem normal se absorveria completamente, o uranista sente-se de repente obsediado pela ideia sexual a que se abandona por incapacidade de affastal-a.

Quanto mais defezo e difficil é o fructo prohibido mais porfia em alcançal-o. Dá-se n'elle, o mesmo que no amor normal do homem para a mulher: quanto mais esta resiste e se difficulta, mais cresce o desejo de possuil-a.

Todavia, se o invertido se esforçar por combater os pensamentos, é possivel que obtenha algum resultado.

E' preciso, primeiro, tentar fazer-lhe comprehender

que se exercer a sua vontade fortificando-a constantemente, chegará a desfazer-se, senão completamente, pelo menos em grande parte, do estado de hypersthesia. Deve esforçar-se por fugir ás ideias homosexuaes e nunca comprazer com ellas voluntariamente.

Não se lhe deve tambem aconselhar o uso do coito normal, sem lhe explicar a razão. O uranista propriamente dito não o poderia praticar sem uma sensação de repugnancia bem manifesta. Muitos mesmo teem experimentado e renunciado immediatamente a elle por causa do nojo insuperavel que lhes produz o menor contacto com a mulher. N'estas condições se o medico lh'o aconselha sem outra explicação, o invertido persuade-se logo de que este não tem conhecimento nenhum da sua doença. Dá-se com elle o mesmo que se daria com um homem normal a quem se aconselhasse o uso das praticas homosexuaes.

O invertido não tem erecção para a mulher, a simples vista do corpo nú d'uma d'ellas, nauseia-o; falta-lhe, portanto, uma das condições principaes para poder realisar o coito normal.

Alguns mesmo, sem terem consultado um medico, teem querido curar-se pelas relações sexuaes com o sexo feminino, sem nada conseguirem; caem então n'um aniquilamento profundo e convencem-se de que a doença é incuravel, o que não é verdade.

Se se quizer curar um uranista, é o seu instincto desviado da normalidade que devemos combater e não os actos contra natureza; operaremos na causa e não nos effeitos. E' preciso, portanto, em primeiro lugar, substituir o desejo morbido pelo normal; quanto ao acto normal deve attribuir-se-lhe uma importancia muito

secundaria. Pode-se conseguir que um invertido pratique o coito sem que ainda o seu instincto sexual esteja normal. Para isso é necessario preparar o uranista pouco a pouco, ir-lhe por assim dizer inoculando no cerebro, por pequenas dózes, o gosto pela mulher, que, augmentando progressivamente, o vá dispondo a mais tarde exercer o coito com ella.

Tem-se tambem empregado a suggestão e já antecedentemente a isso nos referimos. Quanto mais prolongada, melhores os seus effeitos.

Moll, fundando-se nas suas experiencias, sustenta, que desde o momento que a hypnose seja profunda, se consegue, por meio da suggestão post-hypnotica, diminuir a influencia da obsessão morbida, expulsar incompletamente do espirito do doente a imagem constante e voluptuosa do homem, e por conseguinte crear uma necessidade mais rara da pratica do acto anormal.

Moll diz que poude, pela suggestão habilmente dirigida, provocar ideias heterosexuaes.

Os partidarios mais declarados da medicação d'esta doença, concordam que o uranista deve ser tractado, não com medicamentos, mas com meios psychicos. As inclinações e os sentimentos, não se combatem com alóes ou acido chlorhydrico, dizem, é preciso oppor-lhes elementos de natureza psychica como ellas.

Tem-se perguntado se a castração desembaraçaria o invertido da sua homosexualidade. Westphall, diz que não; Meyer, que sim. Theoricamente, não parece a Moll que se conseguisse tirar bom resultado da castração. Em todo o caso, como não ha experiencias feitas n'este sentido, nada se pode dizer, por emquanto, de positivo.

5.ª PARTE

Lesbianismo.—Seu estudo social, etiologia, diagnostico, prognostico e tratamento.

CAPITULO I

A inversão sexual não se limita ao homem, não é monopolio seu.

O amor grego tem um irmão gemeo — o amor lesbio.

As suas causas são identicas, os caracteres fundamentaes os mesmos.

Abrindo sobre o lesbianismo alguns capitulos especiaes não lhes daremos desenvolvimento egual aquelles em que analysámos o uranismo, não só porque pouco poderiamos accrescentar ao já dito, mas porque a pesquiza d'observações n'este campo é difficil, poucos dados possuimos para balisar as nossas conclusões.

Scindindo o estudo, um unico fim miramos, evitar confusões e fazer resaltar, ainda que pallidamente, algumas particularidades interessantes.

A homosexualidade da mulher existe, é um facto, desde ha muito, desde Sapho e se não temos numerosos factos nitidos a comproval-a, é unicamente pelo pudor proprio do sexo fraco que se oppõe á confissão dos seus vicios.

O lesbianismo é vasto, numeroso, desenvolvido em larga nodoa pelo universo. Se não dá tanto nas vistas como o uranismo, é porque mais facilmente o vulgo tolera uma ligação entre mulheres, sempre propensas ás meiguices e affagos communs, que entre homens, mais frios nos cumprimentos, menos impressionaveis a uma ligação duradoura da intimidade mais completa.

As mulheres, quando se encontram, teem expansões intimas que se concretisam em beijos, movimentos d'amisade que se definem em amplexos.

Os homens já assim não são, trocam apertos de mão e, abraçando-se, fazem-no indifferentes, mais pela conveniencia de aparentar amisade, que pela necessidade d'espandil-a.

E' natural, portanto, que na mulher se dê commummente a inversão, porque, imperando n'ella mais o sentimento, e facilitando-lhe a sociedade a creação d'uma ligação anti-physica pela tolerancia com que a vê crear relações d'intimidade com o seu sexo e as attribue quasi sempre a uma amisade profunda, necessariamente sendo uma predisposta e tendo á mão com que fazer explodir uma doença que embryonariamente possue, quer pelo desejo d'um prazer novo, quer pelo contagio d'um máu exemplo, d'uma imitação desastrosa perpetrará o acto condemnavel, inicio indiscutivel de uma affecção que, sem elle, talvez não se desenvolvesse.

E' por isto que embora os casos observados e definitivamente estudados não sejam muitos, numerosas devem ser as mulheres invertidas.

II

Lesbianismo é o conjuncto de beijos, caricias, palpações diversas e differentes praticas de manualisação reciproca, trocadas entre pessoas do sexo feminino

Pode-se satisfazer de tres maneiras principaes: o *tribadismo*, o *clitoridisma* e o *saphismo*. Esta enumeração, não tem, porém, nada de limitada; ha outros meios de praticar o lesbianismo, a sua terminologia é que ainda não está bem assente. Limitamo-nos portanto a descrever sómente os principaes.

Tribadismo, consiste no coito simulado por meio d'attritos e simples contactos dos orgãos genitaes externos.

Clitoridismo, é o mesmo processo com mais um tempo, consistindo na intromissão vaginal d'um clitoris exagerado, desenvolvido até á anomalia; d'aqui a raridade d'este *modus faciendi*.

Saphismo, é o coito buccal, o processo mais commum.

III

Presentemente, nas classes medias, as mais ambiciosas, mais avidas de ganho, mais ardentes na lucta dos interesses, graças á instrucção profusamente espalhada, a mulher, desertando do lar, pertende obtem e occupa situações que só outr'ora o homem unicamente era capaz de cumprir. Persevera em excedel-o, sobrepujal-o. Nos misteres mais diversos, nas profissões mais liberaes, na arte, na politica, quer ter um lugar

e cria-se-lh'o. As mulheres typographas, desenhadoras, guarda-livros, caixeiras, correctoras, etc., contam-se nos diversos paizes por centenas. Nas carreiras liberaes a mesma concorrencia; temos a mulher jornalista, medica, a engenheira se annuncia para breve e a advogada não tardará que appareça.

Na arte é peor, a mulher prejudica-lhe o progresso.

Como o facto principal da vida social da mulher é conseguir para os dois sexos uma egualdade absoluta, procura todas as occasiões de se poder approximar intellectualmente do homem, fazer tabua raza de todas as suas profissões. A pintora, esculptora, compositora, romancista, etc., são outras tantas maneiras de ser em que se manifesta essa pretenção.

Inutil insistir: pela independencia de profissão e do talento, a mulher está chegada a poder viver independente; emancipou-se da tutela e da protecção do homem, libertou-se de toda a sujeição, conquistou inteira liberdade de dispor de si.

Mas era pouco ainda: depois da emancipação social, quiz a egualdade perante a lei e reclama direitos politicos, individualidade civica, o direito de voto e elegibilidade, o direito de exercer funcções publicas, etc. Estas reivindicações teem até dado nascença a uma geração de reformadoras e mulheres politicas, que organisam conferencias, presidem a reuniões publicas, peroram e arengam ao publico. Ao lado da conferente socialista ha a mulher tribuno. Nada falta em alguns paizes nem mesmo a candidata á representação legislativa.

E' conveniente conhecer bem que a maior parte d'estas reclamações permanecem nos dominios da theo-

ria, mas juntas aos incessantes assaltos da mulher ás occupações proprias do sexo forte, constituem um signal sempre dos mais significativos. Registemol-o assim: a mulher faz mais que emancipar-se, masculinisa-se.

N'um meio por completo differente, nas classes ricas e elevadas, nobreza, finança, burguezia, a mesma evolução parece reproduzir-se: pouco a pouco a mulher tende a approximar-se do homem, apropriar-se dos seus modos negligentes d'andar, seu genero d'existencia livre e independente. Em vez de ser, como ainda ha pouco, feita de calma, d'interior, d'intimidade, a vida da mulher moderna passa-se fora de casa, em preoccupações que não teem nada com a familia. Mas se a mulher deserta do lar não é pela concorrencia vital, mas pela educação especial que é moda dar hoje ás filhas no mundo aristocratico em particular.

Artistica e foliona, além d'isso d'origem mais ou menos exotica, esta educação desde uns trinta ou quarenta annos, vem fazendo da donzella um ser que está longe de realisar o typo virginal classico que a todos agrada. Retrocedei, se poderdes, a imaginar que n'ella tudo é simplicidade e graça, candura e reserva; attribui-lhe sem duvida e generosamente aspirações ethereas, vôos romanescos para um ideal d'amor tão casto que cuidadosamente esconde no fundo do coração; crêde ainda que a sua iniciativa consiste em nada mostrar, e que as suas opiniões e vontade são as de seus paes e quem a cerca.

Mas como vos enganaes!

Como as novas camadas teem sabido fazer tabua raza de tudo isto! Tem-se dito e redito, a verdadeira donzella, *virgo casta et intacta*, é extremamente rara.

A mulher educada á moderna é um ser complexo de pouca innocencia, quasi sem pudor, ingenuidade; da frescura e timidez só conhece os nomes. O seu rosto é atrevido, o olhar seguro, a conversação livre e cortante, o senso pratico accommoda-se-lhe pouco aos sonhos e ás chimeras. Sua ignorancia é cheia d'adivinhações; em amor experimentada, salvo na sua realidade physiologica. Tem sobre tudo impressões pessoaes, ideias definidas que sublinha pelo atrevimento da expressão. A' originalidade do espirito junta a vivacidade da critica e a brusquidão da vontade. A curiosidade não lhe falta. Resoluta, affecta em tudo a independencia, a audacia turbulenta, a confiança em si d'um rapaz. Admira e confunde sem s'admirar e confundir-se.

Na vida domestica, sob os olhos maternaes as tapessarias e bordados, que não exigem nem grande trabalho de musculos nem grande esforço de pensamento, não lhe prendem a attenção.

Devorada d'uma actividade toda masculina, partilhada entre o mestre d'armas e o professor de pintura, a donzella contemporanea não cura d'essas puerilidades.

Aborda todos os exercicios violentos, cultiva com egual successo todos os generos de sports, as armas, a natação, a equitação, o cyclismo, a gymnastica, a caça, etc. Guia trens e monta a cavallo, rêma como um marinheiro e trabalha com alteres como um *clubman* que saiba do seu mister. Estes gostos arrastam-na forçosamente a *travestis* de costumes que a aproximam mais e mais do homem.

Fala giria e fuma, emprega technismos de linguagem a revêzes, discute arte para se dar tom, architeta

theorias para explicar impossiveis, phrases para correr mundo como ditos d'espirito.

E eis como, sob o pretexto de educação viril e artistica, por desdem affectado de rotinas e prejuizos, por cabotinagem e mania d'exotismo, a mulher, no que se convencionou chamar aristocracia, se prejudica e affasta do seu sexo, e sem nada adquirir, perde o que tem de mais invejavel e precioso, a delicadeza, a graça das formas plasticas, sua ignorancia adoravel de coisas technicas, sua negligencia risonha pelas questões especulativas, tudo n'uma palavra, que constitue a femenilidade, ou antes a sua força.

Physica e moralmente desexualisa-se.

IV

Ao lado d'este typo existe um outro, menos espalhado indiscutivelmente, mas inevitavel n'estes tempos de mal estar, complexidade intellectual e cerebração geral, o da mulher attacada d'um mal novo no quadro nosologico e que os observadores psychologos chamam a *doença das almas* ou *fim de seculo*, bem que date de Werther. Excesso d'analyse no fundo. Cheia de psychologias dolosas e sabiamente pessimistas que se crê do bom tom professar, instruida pelo romance ou theatro, pela conversação ou jornal, tendo sob os olhos o espectaculo da elegante corrupção do meio que a cerca, conhece muito todas as fraquezas, todas as loucuras, todas as nevroses modernas, d'onde lassidões e desesperanças precoces.

Desabusada antes de o ter conhecido, imaginação

desflorada n'um corpo, talvez de virgem, aspira á sciencia da vida, ao tedio de todas as coisas. Escutae-a. A arte é um commercio; a belleza um artificio; virtude, uma burla; talento, um processo; a lei, um engodo; o enthusiasmo, uma engenuidade; mentira e vulgaridade em tudo, por toda a parte deformidade e burla.

Encontrará, porém, uma compensação e um refugio ao menos no amor? Nem isso. A esse respeito cita-vos axiomas de gosto d'estes:

O amor é o choque de duas depravações d'um egoismo feróz;

Um dos numerosos desfarces d'aquelle instincto destruidor que habita no interior de todo o animal humano.

Alem d'isso a noção physica do sexo contraria esta natureza quintessenciada; a sensibilidade levada até á dôr assusta-se da materialidade e bruteza das coisas sexuaes, do papel d'esposa tanto como do papel de mãe.

Como admirar pois que um estado tal d'intangismo d'alma complicado d'uma etherea contemplação do amor, affaste a mulher da sua verdadeira missão genesica e a impilla a transgredir as boas leis naturaes?

Qualquer que seja a razão da pseudo-virilisação da mulher contemporanea, lucta pela vida ou educação defeituosa, esta transformação de costumes é tão caracteristica como innegavel. Sem procurarmos dar-lhe, sob o ponto de vista da etiologia do vicio, a importancia d'um factor immediato, cremos conveniente consideral-a sob uma certa medida. Subtraia-se a mulher ao jugo do homem, emancipe-se e passe a supprir as suas necessidades por si mesma, que o amor pelo sexo differente desapparecer-lhe-ha.

CAPITULO II

O segredo rigoroso que a maior parte das mulheres guarda dos seus vicios, difficulta immenso a selecção das camadas sociaes mais communs ao lesbianismo.

Alguma coisa, porém, se tem sabido e sem receio de errar poderemos dizer que é sobretudo no *high-life* onde a arte de seducção, os costumes do theatro e a galanteria teem modificado em tudo que respeita ao amor, o senso moral, que commummente se desenvolve mais a inversão lesbica. E' n'esta sociedade elegante que se observam os laços suspeitos da mulher do grande mundo com a do pequeno, actrizes, bailarinas, pintoras de cotação, ou obscuros modelos. A protecção da arte não é mais que um pretexto. Não é muito raro que os chronistas mais ou menos indiscretos descrevam nas suas gazetas escandalos d'este genero em que o ciume leva a scenas de pugilato, e o amor a raptos mais ou menos romanescos que o codigo não prevê. Estas ligações tão disparatadas, esta obsessão constante da mulher pelo seu sexo, que a leva a com-

metter os maiores escandalos e loucuras, torna-se n'uma amizade frenetica e constante que lembra os amores terriveis das cortezãs gregas, as *auletridas* e as *callipygias*. A sua vida era um estudo assiduo de belleza physica, uma lucta perpetua de lascivia. Admirando incessantemente a propria nudez, comparando-a com a das companheiras nos lautos banquetes em que havia concursos de belleza, creavam o gosto pelo *contra amor* de que Luciano nos deixou deliciosas descripções nos seus dialogos.

Hoje a dançarina sempre nos braços d'um dançarino do seu sexo nas mimicas do amor, a actriz desenrolando em gestos meigos, caricias apaixonadas, expressões encantadoras, cantos d'alma evolada ás regiões d'um empyreo em que tudo é poesia e ciume, affecto e illusão, o amor a uma sua companheira em *travesti* d'homem, isto passado todas as noites, os beijos seguindo os abraços, os abandonos seguindo os beijos e depois no conchego do *ménage* uns sonhos eroticos e uns pensamentos lubricos, a pintora e a esculptora na constante preocupação da belleza plastica, na pesquiza ardente da perfeição da forma exterior, toda a intelligencia voltada para o bello em face d'um modelo feminino—vêem pouco a pouco obscurecer-se o sentimento da sua individualidade sexual. Uma, encarnando-se no personagem que representa, enamora-se de quem diz amal-a, a outra, do que admira. Depois bem depressa vem o desregramento d'espirito, a sollicitação do temperamento, o capricho da curiosidade, qualificae como quizerdes, que lhes engrandece o desejo d'amar e ser amadas no sentido mais lato da realidade. D'aqui a embarcar para Lesbos—como prova

de que não inventamos nem palavras nem coisas, os romanos diziam aos anti-physicos seus contemporaneos: *Navigatio in Massiliam*—não é mais que um passo. Este é tanto mais facilmente dado quanto ao conjuncto d'excitações se junta a seducção do fructo prohibido e a doentia necessidade de bravata.

Sair do burguezismo dos prazeres permittidos, desdenhar os gosos mediocres do amor são, conhecer todos os requintes da lascivia, todos os recantos da volupia mais desenfreada, todos os escanhinhos do vicio, attrahe. E' chic ser vicioso, é moda a prostituição da alma.

II

A mulher é ainda levada a engrandecer o dominio do amor pela saciedade das voluptuosidades naturaes.

O desgosto é o castigo do excesso. Uma vez contrahido o habito, lançada no declive, a mulher não pode recuar. Sempre sequiosa do imprevisto, sempre sedenta de novidades no campo infinito do prazer, quer fruir toda a embriaguez, saborear todos os beijos, cantar toda a lyra, e vae longe, ainda mais longe, até ao illicito.

A maior parte das vezes, porém, o verdadeiro, o unico culpado, é o homem.

E' quem desperta na mulher a curiosidade pelas sensações ignoradas, enganando-a na espectativa pela brutalidade ou impotencia perversa, não se servindo d'ella senão como um instrumento de prazer, iniciando-a nos mysterios do amor unilateral, quando não lhos desenvolve directamente conduzindo depois de

beber, sua companheira d'uma hora, sua amante ou esposa legitima, a uma casa publica ou especial para lhe offerecer o espectaculo de quadros vivos obscenos, durante os quaes, diz Jeannel, um amplo tapete de velludo negro se desenrola sobre o soalho, um sadismo repugnante se pratica, e sugeitando-a mesmo a elles.

Desde então a queda é irremediavel; a mulher tomando horror ao homem e ao amor, acaba por engrossar o batalhão das lesbias. Recusar-se-ha a seguir seu marido n'uma mudança de residencia, não se prestará aos actos conjugaes, e não o consentirá no seu leito.

Estes gostos implicam forçosamente a existencia d'uma prostituição *ad hoc — a lesbia.*

III

Entregam-se ao saphismo por mister, duas especies de prostituidas: as menores e as prostitutas livres.

Nas casas de tolerancia, o saphismo é cousa commum, banal mesmo. E' natural que a prostituta entregando-se aos prazeres sexuaes não por gosto mas por necessidade, habituada a ter contactos com homens bebados, brutaes, impotentes ou viciosos, crie um tedio enorme por essas relações em que apenas desempenha um papel de machina e busque o seu ideal de amor n'uma companheira ou collega na desgraça. Em Portugal, onde a prostituição é numerosa e onde se cultiva a sensualidade com todos os requintes, são numerosas as prostitutas lesbianas, constituem talvez mais d'um quarto do numero geral.

O saphismo é até muito apreciado pelas proxonetas donas dos alcouces, porque estas não negoceiam só com o corpo das pensionistas, exploram-as egualmente na venda de vestidos, joias, arrebiques e enfeites, que fazem a prestações com augmentos de preço de bandidos. As prostitutas com amantes d'outro sexo não lhes conveem, porque alem de sahirem com elles a passeio vezes repetidas em dias proximos, o que lhes prejudica os proventos, gastam fóra todo o dinheiro que conseguem ajuntar, em detrimento da patroa que nada lucra.

Sendo porém saphistas o seu deus é a sua apaixonada, passam horas e horas metidas nos quartos em extasi de volupia, tudo quanto ganham empregam em dadivas ás amantes. Lucra então a proxoneta que tudo lhes fornece.

Assignala-se tambem a proposito d'estas *ménages* de bordel a differença d'edade e o encanto notavel que existe nas duas mulheres que se unem d'esta maneira. As mais velhas seduzem por meio de cuidados, attenções, liberalidades e dadivas de todas as especies; estabelecida a intimidade é a mais nova e mais bella que mais se prende. O seu amor é exaltado, tem um tanto de frenesi. Quando se separam, a correspondencia trocada é cheia de phrases d'uma paixão incandescente.

Devora-as o ciume. Para não se separar inventam doenças que as levem ao mesmo hospital, juntam-se no mesmo bordel, só podem viver uma á beira da outra.

Commettem a meudo infidelidades de que resultam disputas e contendas ás vezes sangrentas. Todo o abandono é seguido d'uma violenta vingança; d'aqui ao crime pouco é. M. Chefdeville, director da prisão

Force, logo que conhecia alguma infidelidade d'uma das pensionistas feita á outra com quem vivia em *ménage*, separava-as immediatamente.

As outras raparigas teem tanta consciencia da inutilidade da sua intervenção n'estes casos de paixão contra natureza, que nunca se interpõem.

A prenhez é um objecto de brincadeira, não lhe ligam a mesma attenção que a mulher normal.

Em Pariz, conta Martineau, existem casas onde damas casadas ou amigadas vão entregar-se ao mais descarado lesbianismo com pensionistas ali existentes. Mediante determinada quantia, libertinos velhos e novos, devassos inveterados na senda do vicio, assistem por intermedio d'oculos convenientemente imbutidos nas paredes dos quartos a estas scenas de luxuria exotica e monstruosa em que a humanidade se esgota e desorganisa.

A's vezes a visitante apaixona-se por uma pensionista e leva-a para casa, onde a faz sua dama de companhia, se lhe entrega por completo na sua obsessão doentia; outras é a prostituida, que obriga a inscrever-se no livro do vicio o objecto da sua paixão.

Ainda segundo Martineau existem casas em Pariz onde é vedada a entrada ao homem, as mulheres entregam-se ali ao saphismo mais desaforado. A clientella d'estes antros de deboche é especialmente de estrangeiros:

Em Portugal ainda que, felizmente, por emquanto não tenhamos bordeis de saphicas com quartos convertidos em cycloramas, possuimos centenares de alcouces onde o lesbianismo é cultivado á *outrance*, quer a sós, quer perante debochados avinhados e impotentes

que buscam n'essas scenas aperitivo aos prazeres genitaes.

Se não chegamos por emquanto ao grau de aperfeiçoamento do vicio francez, se não possuimos ainda bastante desenvolvida a classe de prostitutas livres que em vez de caçarem homens ás noites e tardes pelos passeios, praças, theatros e jardins, buscam entrevistar mulheres, attrail-as a casas de passe proprias, vêmos todavia que o vicio caminha e lá chegaremos ou passaremos ávante se não conseguir-mos vedar-lhe o caminho com uma forte barreira.

As mulheres invertidas fazem um grupo á parte, occupam todo um immovel, reunem-se em grupos algumas vezes rivaes e formam verdadeiras academias de saphismo.

Reconhecem-se facilmente. Vivem aos pares, vestem-se do mesmo modo, nunca se separam. Teem sitios especiaes que lhes servem de *rendez-vous*, frequentam determinados cafés, theatros, jardins, passeios, etc. Dão a meudo reuniões onde se entregam á paixão do jogo mostrando-se ambiciosas e ávidas do ganho.

São ciumentas em extremo se a infidelidade tem por movel outra paixão; tolerantes, mas tristes, se constitue uma ligação com outro sexo necessaria para a vida do *ménage*.

Não é raro certas damas aristocraticamente cotadas terem lesbianas por creadas de quarto a quem pagam generosamente os seus favores.

A correspondencia trocada entre as lesbianas é interessantissima no seu estudo comparativo com a do homem normal e uranista. Reservamos esse trabalho para mais tarde.

IV

Emquanto a lesbiana por gosto procura esconder e nega energicamente o seu vicio, a saphista de profissão confessa-o arrojadamente, dá voluntariamente informações, gaba-se de numerosas conquistas. Procura pelo seu feitio, pelos modos d'andar, pelos seus costumes, infocar a perversão e assim ser mais procurada, tornar-se mais conquistadora. Imita o homem no que é ajudada pela natureza mascula; é livre na phrase e no gesto, no vestuario e nas acções. Usa chapeu quasi masculino, foge ás rendas e arrebiques, fitinhas e laços, traz os cabellos curtos, camisa com *plastron*, colarinhos direitos e espartilho similhando colete d'homem, saia colada ao corpo como calças, a revêzes monoculo e flor na botoeira, mãos nos bolsos e passo varonil. Correcta e resoluta, serena d'impudor, chata e strita, tal é a physionomia estranha, enygmatica e perturbante que trahe a lesbiana inveterada.

Dizia Gauthier:

> Est-ce un jeune homme, est-ce une femme
> Une déesse ou bien un dieu?
> L'amour, ayant peur d'etre infâme,
> Hesite et suspend son aveu. (1)

Neo-homem, esphinge ambigua, protheu sexual, repugna egualmente a um e outro sexo.

(1) Th. Gautier — Emaux et Camées.

V

O amor lesbio encontra-se quasi fatalmente em toda a reunião de mulheres, nos hospitaes, penitenciarias, collegios, etc.

Os hospitaes ou enfermarias especiaes onde são tratadas as raparigas attacadas de doenças venereas, estão por tal modo infectados, que, em Paris, segundo Bourneville, 75 por cento das pensionistas são lesbianas. Por cá, estamos convencido, se a percentagem não for tão grande, pouca differença poderá haver. Estes hospitaes ou enfermarias seriam mesmo, segundo alguns auctores, verdadeiras escolas de depravação; quem ali permanecesse sahiria mais corrompido do que tinha entrado. Criam-se relações, atam-se laços e com ellas o augmento do amor pela mulher anormal em todas as praticas e theorias. E' bastante frequente mulheres sãs fingirem feridas e outras doenças mais ou menos repellentes com o fim de conseguir juntar-se ás companheiras de lesbianismo.

O saphismo não é porém só exclusivo das enfermarias ou hospitaes de syphiliticos; encontra-se tambem nos outros; Lacassagne possue d'isso provas e mesmo no Porto e Lisboa não é desconhecido.

A mesma depravação grassa endemicamente, como de resto é natural, nas prisões de mulheres, gyniceus, harens, etc.

N'uma communicação feita por Meyer, o dr. Fischer, medico da casa de correcção de Saint-Georges, refere que não é raro ver jovens habituadas aos prazeres sexuaes estabelecer relações na mesma casa e sa-

tisfazer a sua paixão logo que para isso tenham occasião.

Esta é tão extraordinariamente exaltada que experimentam todos os soffrimentos e ciume que se dão no amor normal pelo homem.

Krausold, citado por Krafft-Ebing, observou n'estes estabelecimentos as mesmas *amizades defezas*, e, diz: «se a amiga d'uma prisioneira é objecto d'um simples sorriso d'outra, seguem-se-lhe scenas do mais violento ciume e até desordens ás vezes graves. Se acontece, segundo o regulamento da prisão, a que foi levada a um acto de violencia, ser posta a ferros, diz que a amiga lhe *fez um filho.*»

VI

Uma testemunha ocular affirmou a Chevalier, que as petroleiras da Cummuna, presas e em massa collocadas sob a guarda de sentinellas, vendo ficar sem effeito as suas provocações, se entregavam publicamente entre si ás mais requintadas lubricidades.

VII

O vicio escolar é talvez mais para recear nas raparigas que nos rapazes, considerada a sensibilidade amatoria da mulher. Aquellas são geralmente amantes, cheias d'abandono, se prodigalisam a cada passo caricias e affagos; o mysticismo e a curiosidade são-lhes peculiares.

Concordamos que, n'um grande numero de casos, as ligações tão ternas, tão demonstrativas de que os pensionatos nos offerecem tantos exemplos, não se inquinam de sensualidade, podem sem ingenuidade poetisar-se como Lamartine fez na sua *Regina*.

Não é bom, porém, confiar demasiado, mas preciso estar sempre possuido d'uma pontinha de desconfiança.

Estas relações prolongam-se muitas vezes fóra do collegio ou pensionato; mais d'um pretendente á mão d'uma menina, tem sido, apoz outro, repellido sem saber como explicar a sua desventura, que não póde deixar de ser attribuida ao lesbianismo da pretendida.

VIII

O receio da prenhez em solteira e da maternidade em casada, impelle uma mulher ao vicio, é um facto averiguado e não dos menos frequentes.

Todo o celibatario—e o seu numero é avultado—presentemente faz uma donsellona; mas se em geral, para o homem, o celibato não é senão uma palavra, para a mulher não é o mesmo: o medo á maternidade constitue uma cruel realidade. Combustão sensual sem objecto, ociosidade do coração, tal é a sua sorte. Mas, não ser amado deprava, perverte, desexualisa.

A abandonada voltará para o seu, o amor do sexo contrario que lhe foge, que a não procura, creando uma *alma irmã*, que a acompanhe nos seus extasis de volupia, lhe comprehenda os desejos e adivinhe os pensamentos, seja uma fonte perenne d'encantos, um manancial rico de ventura fruida n'um duetto longo como

uma vida, formoso como um ceu sem nuvens. Na falta d'um marido, terá uma amante que a satisfará, e a segurança de não ser mãe. Corre (1) affirma ser isto muito commum nas Antilhas, entre as creoulas.

IX

Ainda que bastante desenvolvido presentemente o numero das sacerdotisas da *luxuria branca*, estamos felizmente ainda muito longe da realisação da terrivel prophecia de Vigny:

Bientot, se retirant dans un hideux royaume,
La femme aurá Gomorrhe et l'homme aura Sodome;
Et se jetant de loin des regards irrités
Les deux sexes mourront chacun de leur côté.

Não, o mundo não acabará pelo odio dos sexos; a humanidade burgueza e rotineira até ao fim, apesar de tudo, continuará a amar segundo o antigo e bom methodo; os homens porfiarão em amar as mulheres e estas aquelles.

O que é verdade, é que o saphismo raro na aristocracia, nobreza ou finança, excepcional na burguesia, em horror nas classes operarias, nem suspeitado nos campos, é o vicio do mundo das ruas, do theatro, da falsa arte,—que não é mais que um pretexto e uma facilidade—e da galanteria, pólos onde convergem todas as corrupções nacionaes e exoticas; é tambem, como diz Tarbe, a flora infecta das casas de tolerancia.

(1) O CRIME NO PAIZ CREOULO.

X

Não é raro ouvir dizer-se o lesbianismo um artigo de Paris, só a principio com curso em França. Tal asserção é falsa e má porque as principaes capitaes da Europa, Londres, Berlim, Vienna, Pesth, Christiania, S. Petersbourg etc. aproximam-se bastante da que os seus habitantes chamam muito voluntariamente a *Babylonia moderna.*

Além d'isso o que dá mais incremento á prostituição saphica em Pariz é o estrangeirismo. Em Roma o cosmopolismo motivou a corrupção dos costumes; na capital franceza tambem.

Não constitue esta uma excepção, porque, ainda que menos intensamente devido á sua menor população, nas duas principaes cidades portuguezas, Lisboa e Porto, se dá a mesma coisa.

XI

As lesbianas teem como os uranistas um faro especial para conhecer-se embora nunca se tenham visto.

Chevalier cita a seguinte carta de que garante a autenticidade:

«Mais n'est-ce pas une fatalité que je ne puisse me soustraire á cet envoutement?»

«Figurez-vous qu'*Elle* m'a avoué que du primier jour que j'etais venue chez elle, elle avait deviné que j'etais prêtresse de ce doux culte et la crainte seule de se voir repoussée l'a empêchée de me faire une

déclaration (et repoussée á cause d'une autre passion, car cela ne faisait aucun doute pour elle que j'en etais.) N'est-ce pas de la franc-maçonnerie, cette intuition entre deux femmes complètement inconnues entre elles jusqu' alors?»

Independentemente da confissão note-se o estylo, não denota o sexo.

O estylo é o homem. Porque é incontestavel que ha alguma coisa musculina na lesbiana de que forceja por arrojar-se ainda que muitas vezes d'um modo inconsciente. Adquire a rudeza dos sentimentos, o desprezo pelos detalhes, tenacidade de convicções, cyclo d'ambições mais vasto, respeito pela palavra dada e ignorancia das perfidias femininas. O instincto constructor predomina muitas vezes sobre o destruidor.

Um inquerito sobre os costumes privados das escriptoras do seculo seria dos mais instructivos sobre este ponto de vista.

As lesbianas masculinisam-se não ha duvida nenhuma, mas d'ahi até á virilidade verdadeira ha um abysmo insondavel e intransponivel: a mulher invertida não é mais que um ser sem sexo

XII

Como os uranistas, as prostitutas saphicas usam tatuagens reveladoras da sua profissão. Os primeiros usam desenhos, de mãos entrelaçadas, de corações com o nome ou iniciaes do *amigo*, d'uma bota sobre o membro viril, etc.; as mulheres, o retrato ou o nome da *amiga*.

Se a prostituta é nova este será d'homem, se de certa edade, de mulher.

N'este ultimo caso, o nome é sempre colocado no espaço que separa o pubis do umbigo.

Parent-Duchatelet teve occasião de observar pessoalmente uma meretriz lesbiana, que trazia o nome da sua amiga escripto longitudinalmente na face antero-interna da coxa esquerda.

CAPITULO III

A physionomia e as maneiras exteriores das lesbianas não apresentam geralmente nada de particular. Moll acredita mesmo, fundando-se nas observações que poude fazer, que as mulheres cujo rosto é barbado como o do homem não são mais predispostas para a inversão. Sem que não deixem de apresentar algumas vezes o typo masculino assáz pronunciado na sua maneira de ser geral e principalmente nos traços physionomicos, as suas partes genitaes não tem nada d'anormal.

Quanto á evolução da perversão sexual, varia muito segundo os individuos.

Um grande numero de lesbianas ficam por muito tempo inconscientes do seu estado.

Na infancia apreciam muito vestir-se com fatos masculinos, habito que lhes fica inveterado para muito tempo e que lhes facilita um bem estar indefinivel segundo a sua opinião.

Julgam que a maior ventura na satisfação genésica

se passa entre mulher e mulher, que o homem é um ser desnecessario, incorrecto, rude, sem requesitos para saber apreciar a poesia do amor, divinisal-a nos requintes de meiguice e candura que tão bem sabem praticar no remanço dos seus *boudoirs*, cellas ou alcovas.

As donzellas na sua ignorancia tão erradamente mantida da sexualidade normal, ante o desconhecimento completo dos pormenores devidos a um acto que segundo as leis regulares da natureza mais tarde teem de praticar, ante os conhecimentos d'outras já pervertidas e com vontade de ensinar, fazer victimas que lhes deliciem os sentidos, porque nas lesbianas ha o mesmo desejo das primicias, dos desfloramentos que na sexualidade normal, vão arrastadas na torrente do vicio, inconscientes, presumindo que não existe nada mais natural, nada melhor. D'aqui á indifferença pelo homem pouco é.

Mais tarde, porém, quando mais entradas no mundo, quando desenrolado o veu que lhes vedava o conhecimento da normalidade, vem-lhes a desesperança, o desconsolo, a tristeza, a melancholia, o desgosto mais profundo. Ouvindo as amigas contar os amores, as esperanças de ventura, o seu futuro coberto de rosas como em abril uma roseira em flor e os extasis divinisados pela creação mental d'uma imagem d'homem amado, sentem que nada d'isso poderão gozar, que são uns entes á parte, excepções á natureza, umas infelizes emfim. Enojar-se-hão então do vicio se poderem, e por tentativas entrarão na normalidade do seu sexo.

Mas succederá sempre assim? Não. Ao lado das

viciosas ha as doentes, as predispostas innatas que não conseguirão fugir senão difficilmente á obsessão. O mesmo que se dá entre os uranistas aqui acontece.

Sentem a mesma obsessão amorosa, a mesma felicidade na partilha do affecto, a mesma pena de não poder crear familia.

Nos seus amores anti-physicos nas suas estranhas aberrações, ostentam ás vezes uma tal energia de sentimentos, uma paixão tão vehemente e tão profunda, uma tão violenta explosão de ciume, que Parent-Duchatelet não poude resistir ao desejo d'estudal-as.

Eis como descreve o seu estado psychico:

«Procurei na prisão a correspondencia das tribades, achei-a sempre romanesca, contendo as expressões familiares aos amantes, indicando uma imaginação exaltadissima.»

«O que vi de mais curioso a este respeito foi uma serie de cartas escriptas por uma rapariga a outra detida; a primeira d'essas cartas continha uma declaração d'amor, mas em estylo velado, em termos reservados, a segunda era mais espansiva, as ultimas exprimiam em termos ardentes a paixão mais violenta e desenfreada. O homem abandonado pela amante procura facilmente uma outra que a substitua. Com as tribades não succede o mesmo. Sua ligação approxima-se antes do frenesi que do amor. O ciume devora-as; o receio de serem supplantadas e perder por isso o objecto da sua affeição faz com que nunca se separem, se sigam passo a passo; se uma é preza, a outra faz-se logo prender pela mesma causa e acham sempre meio de sair juntas da casa de detenção.»

«O abandono d'uma tribade por aquella que amava

constitue nas prisões um acontecimento grave que merece dos guardas particular attenção; a abandonada quer vingar-se immediatamente da ingrata que a abandonou e da sua rival feliz. D'ahi o nascerem verdadeiros duellos, em que servem d'armas pentes, utensilios de meza e até facas, e que dão origem, a revêzes, a algumas feridas graves e mortaes.»

«A maior offensa que uma tribade pode fazer a uma sua companheira é abandonal-a por um homem. Este crime é imperdoavel; nada o pode fazer esquecer. Pobre da mulher que se torne culpada d'elle! Se não for mais robusta será sempre batida por aquella a que infligir tamanha affronta. Esta vingança da tribade abandonada offerece uma particularidade notavel; é que n'estes casos nunca as prostitutas interpõem os seus bons officios e procuram separar as combatentes, como fazem quando as disputas se elevam por motivos ordinarios. Consideram a briga com indifferença e sangue-frio, deixando ás combatentes esmurrar-se á vontade.»

«Quando uma prostituta já velha consegue conquistar uma moça, desenvolve todos os recursos da seducção para reter a conquista, trabalha com ardor extremo para augmentar os ganhos e poder assim dispensar liberalidades de dinheiro, offerece-se para fazer o seu trabalho nas officinas das prisões, emfim procura substituir em agrado e utilidade o que lhe falta de mocidade e belleza.»

II

Não é sómente no lesbianismo das prostitutas que se encontra o ciume violento e brutal, a classe aristo-

cratica não é immune. A prova está no drama que se desenrolou a 17 de dezembro de 1891, no tribunal de Angouleme, em que foi protogonista a celebre princeza Ratazzi.

O coronel Mortier, morto em Nice em 1882, confiou no testamento sua filha Carlota aos cuidados de M.me Ratazzi, rogando-lhe que a conservasse em sua companhia e a casasse depois honestamente. M.me Ratazzi empregou primeiramente Carlota na redacção do seu jornal—*Les Matinées Espagnoles*, mas depois fez da donzella sua secretaria particular, sua confidente, amiga, obrigando-a a partilhar o seu leito.

Carlota era uma rapariga de 23 annos, hysterica, desiquilibrada, mas d'um espirito muito cultivado e d'uma intelligencia superior. Apezar da desproporcionalidade da idade, as duas amigas viviam como dois apaixonados, e se ás vezes Carlota mostrava algumas velleidades de revolta a princeza chamava-a á ordem pelos argumentos persuasivos da bofetada e do socco. Carlota era d'uma dedicação immensa, servil, pela princeza. Um dia salvou-lhe uma filha d'um cão hydrophobo, agarrando o animal pela garganta. D'outra vez, essa mesma creança soffrendo d'um attaque de crup, Carlota salvou-lhe a vida sugando espontaneamente e sem temer o risco, as mucosidades que a suffocavam. A princeza Ratazzi amava Carlota d'um modo bestial, furioso, quasi allucinado, onde se confundiam ternuras de noivo, crueldades de marquez de Sade, requintes lubricos de devassos gastos.

Chamava Carlota pelo nome infame de Gabriella Bompard, alcunhara os dois pés da donzella de Messalina e Naná e nas suas cartas lidas no tribunal, ao lado

de expressões ardentes de luxuria, de declarações incendiarias de amor, havia ameaças positivas de martyrio e de morte.

Em uma d'ellas dizia: «*Je te tuerai, sans doute, je te martyriserai, c'est probable, je te chourinerai peut-etre dans un moment d'irritation. Mais je t'aime, tout est là.*»

Em certa occasião obrigou Carlota a assignar um bilhete declarando que se a encontrassem morta, não accusassem ninguem, pois que voluntariamente tinha posto fim aos seus dias.

Não tendo podido rehaver este bilhete, não obstante os seus reiterados pedidos, e temendo que se realisassem as ameaças repetidas da princeza, Carlota escreveu em abril de 1891 ao procurador da republica, prevenindo-o que se lhe acontecesse alguma desgraça não ligasse importancia a esse bilhete, que lhe fora extorquido. Entretanto, em 1886, a princeza havia casado Carlota com mr. Bouly de Lesdain. Mas que união tão singular!

Marido e mulher viviam separados e durante cinco annos, sómente se encontraram rapidas e fortuitas vezes. O perigo que a princeza julgava ter affastado com esse casamento, mais apparente que real, appareceu d'um outro lado.

Empregado no seu jornal havia um rapaz de nome Regis Delbeuf, de exterior muito pouco sympathico, pedante e brutal, mas que conseguiu conquistar Carlota e tornal-a sua amante lisongeando-lhe a vaidade litteraria e applicando-lhe tambem soccos e bofetadas, o que parece ser um argumento bem poderoso para as mulheres hystericas.

A princeza Ratazzi despediu logo de seu serviço este perigoso rival.

Mas Carlota, muito apaixonada, conseguiu que seu marido acceitasse o divorcio e partiu para Paris em companhia de Delbeuf afim de propor a necessaria acção.

A princeza, mordida de despeito, de ciume e raiva por assim perder a amante idolatrada, soube tão bem pelas suas intrigas accender o amor proprio do marido, que Bouly de Lesdain veio ao encontro de sua mulher e no comboio metteu duas ballas em Delbeuf.

Os ferimentos não foram mortaes, e o jury absolveu o marido, convencido muito justamente de que em todo este drama o seu papel foi sempre de instrumento docil nas mãos da princeza Ratazzi.

Marido, não cohabitava com sua mulher, não tinha direitos sobre ella e quando se apresentava no palacio da princeza, era maltratado, comia na cosinha entre os creados, despedido como importuno, emquanto Carlota brilhava nos salões e de noite partilhava o leito da fidalga lesbia. Quando Carlota se cançou de aturar os transportes lubricos d'essa velha insaciavel, é ainda este pobre homem quem serve ao odio da princeza. Armou-lhe o braço para matar o rival como antes lh'o atára no casamento que encubria aos olhos do mundo os segredos do seu vicio.

III

Geralmente as tribades não usam, como os uranistas, nomes masculinos. Existem todavia algumas excepções.

Uma lesbiana bem conhecida em Berlim, de que Moll calla o nome e altera o pronome, é conhecida por *Fritz dos punhos*, em virtude de os uzar sempre muito compridos. Fritz é um nome supposto por que Moll substituiu o verdadeiro, o que em nada altera a verdade do facto nem o valor da observação.

Durante a exposição de Paris de 1889, fez bastante furor no mundo lesbiano d'aquella cidade uma prostituta que usava, d'uma maneira arrebatadora, roupas d'homem e na intimidade collocava uma barba loura e pontuda que lhe dava um tanto ou quanto de similhança com o general Boulanger. Chamavam-a o *bello Ernesto*.

A's lesbianas travam entre si conhecimento por maneiras muito diversas, a principal, porém, é o annuncio.

Quando uma mulher pede por intermedio d'um jornal uma amiga, uma dama de companhia, deve desconfiar-se sempre das suas intenções.

A's vezes as relações iniciam-se na rua, n'um olhar, n'uma admiração de belleza resumida n'uma exclamação ao passar, ou n'uma contemplação prolongada em que os olhares se confundem e os corações s'emocionam.

Outras, entram em scena as medianeiras, lesbianas aposentadas ou creadas de bordeis que procuram ganhar a vida arrebanhando gente para o vicio. Estas, levam os recadinhos, as missivas, as flores, de parte a parte. Ajustam as entrevistas e tratam das condições da entrega.

Do mesmo modo que nos uranistas, existe n'ellas uma especie de maçonaria que faz com que se conheçam ao primeiro signal; basta unicamente um pequeno

movimento de labios para desvelar, sem pronuncia da mais pequenina palavra, a natureza do acto que se propõem praticar e qual dos dois papeis, activo ou passivo, desempenham n'elle.

Umas sentem-se attrahidas para uma determinada cathegoria de mulheres, outras para outra. Umas gostam só das loiras, outras só das morenas e castanhas.

Umas são muito voluveis, procuram todos os dias crear relações novas em detrimento das antigas; outras só pertencem a uma unica amante que consideram como parte integrante da sua vida e felicidade, unindo-se a ella por uma especie de casamento intimo d'almas, e creando um *ménage* que pode durar muito até á morte d'uma das duas.

Moll cita dois *ménages* similhantes que duraram um sete, outro desessete annos. Pela nossa parte conhecemos um que dura ha doze e promette continuar. As duas lesbianas tratam-se na intimidade por marido e mulher. A activa anda frequentemente em casa com fatos masculinos. Possuem um pequeno manequim, um primor de execução feito por uma d'ellas para desempenhar o papel de recemnascido, que ás vezes mettem na cama entre as duas, executam finalmente tudo quanto é d'uso nos *ménages* normaes, excepção feita já se vê, á physiologia genital.

O ciume é muito commum em todos estes casamentos lesbios, dá mesmo origem a disputas e amuos, separações e zangas que geralmente terminam pela reconciliação.

E. Zola, no seu romance *Naná*, descreve brilhantemente a scena d'esta, tentando esbofetear madame Robert, com ciumes de Satin.

Muitas vezes o ciume reflecte-se-lhes por tal modo sobre todo o organismo que perdem completamente o somno e o appetite. (Westphall). Despedaçados os laços que os unem cáem n'um desespero profundo.

IV

Ainda que a maior parte das lesbianas não mostre grande queda para o casamento, existem muitas casadas. Algumas casam para se dar ares de senhoras sérias, honradas, de costumes puros e inatacaveis. Outras porque precisam quem lhes pague as estravagancias e a ociosidade. Outras finalmente obrigadas pelas conveniencias sociaes e sujeição a paes e a mães.

E' natural que o casamento não lhes convenha, porque não sentindo a menor attração para o marido, ou hão de pôr este ao facto da sua inversão, o que lhes prohibe o pudôr, ou se sujeitarão ao resultado da sua posição falsissima que pode leval-o a phantasiar absurdos, supposições compromettedoras para a sua fidelidade.

Uma serie de dezaguisados, uma continua lucta de desconfianças, uma incerteza permanente d'affecto, nascerão de tudo isso, e a vida conjugal, feita para fruencia de ventura, transformar-se-ha por completo n'um cháos dos mais horriveis.

Ha só um caso especial em que o casamento é bem supportado pelas lesbianas; é quando estas são mais particularmente hermaphroditas psycho-sexuaes. Attrahidas igualmente para o homem e para a mulher, podem encontrar n'um e n'outro entes dignos d'amar.

Esposarão o homem, amal-o-hão, e ao mesmo tempo tambem a mulher que as obsedia.

Não são raros estes casamentos de tres, em que a mulher tem uma dama de companhia que se lhe sujeita aos prazeres genitaes. Alguns maridos estão até ao facto d'isso e não o levam a mal.

Muitas vezes tambem a mulher sentindo-se obsediada pelo seu sexo sob o ponto de vista da sensualidade, aborrecida d'isso, querendo por todos os meios ao seu alcance livrar-se do vicio que tanto a debilita e critinisa, busca um alivio no casamento, porque se persuade que experimentando a normalidade do acto e porfiando na sua pratica, desapparecerá o incentivo á anormalidade. Effectivamente assim acontece durante algum tempo, emquanto lhes impera no espirito o sabôr da novidade, bem depressa, porém, volta a obsessão contra natureza, e a mulher entrega-se novamente ao seu violento lesbianismo.

V

O coito normal não é sufficiente para a satisfação das necessidades sexuaes das lesbianas. Moll conhece uma que se faz *lingua genitalia lambere* por seu marido afim de conseguir prazer; *immissio membri* deixa-a absolutamente indifferente. O *cunnilingus* praticado por elle é-lhe menos desagradavel; a meudo encontra-lhe mesmo voluptuosidade, sem que a sua imaginação trabalhe pensando n'uma mulher e invocando a sua imagem.

Moll conhece exemplos em que o *cunnilingus* d'um

homem não dá á lesbiana a mesma sensação de volupia que o da mulher.

Uma mulher do seu conhecimento separou-se do marido, porque reconheceu que por qualquer dos modos que as relações conjugaes fossem praticadas, nunca lhe dariam prazer.

Mantegazza, acredita que a maior parte dos *ménages* desgraçados cuja desunião não tem nenhuma causa apparente, se devem á homosexualidade da mulher.

Parece-nos isso bem provavel tanto mais que sabemos perfeitamente que mulheres casadas entretoem relações intimas com lesbianas inveteradas.

Martineau, no seu bello livro sobre a prostituição clandestina, cita tambem exemplos; e Duhousset, em 1877, publicou um caso d'inversão sexual tão extraordinario, que quasi não se acredita. Duas amigas mantinham entre si relações sexuaes. Uma casou e apoz o casamento continuou-as com a outra que emprenhou. Quanto a nós, ou esta historia apresentada por Duhousset, é uma completa mystificação, ou a que casara transportou indo dos braços do marido para os da amiga, o espermatosoide fecundante.

CAPITULO IV

O lesbianismo pode ter como causas o desiquilibrio mental, uma inversão congenita ou vicio.

Um dos symptomas que assignalam a loucura na mulher é a inversão sexual; Krafft-Ebing narra uma observação typica: M.me C..., mulher d'um empregado publico, tem 32 annos. Estatura elevada, apparencias femininas. Mãe nevropatha, irmãos e irmãs nevropathas ou irritaveis. Desde os treze annos, manifesta indicios d'uma grande excitabilidade sexual, ligando-se em amizades mysticas com as suas companheiras de collegio. Casada aos 18 annos, teve tres filhos. Detestava o marido, submettia-se constrangida aos deveres matrimoniaes, evitava os bailes, animava-se vendo estatuas de mulheres e aprazia-se em imaginar que estava casada com uma mulher.

Pouco a pouco tornou-se neurasthenica. Iniciou em uma estação d'aguas ligação com uma tribade. Paixão reciproca ardente, relações sexuaes repetidas, correspondencia inflammada, as uniram. O marido prohibiu a entrada em casa d'essa amiga. M.me C..., fêz scenas

violentas, seu caracter até então meigo tornou se irritadissimo, aborreceu seus proprios filhos.

Para substituir a amiga perdida, ligou-se á ama de um de seus filhos e a uma governanta de 60 annos, cujas complacencias pagava.

Fazendo uma viagem ao sul para tractar-se d'uma tuberculose incipiente, apaixonou-se por uma senhora de 40 annos, russa. Não sendo correspondida, a loucura até então no estado latente explodiu, julga-se magnetisada, perseguida pela russa que é nihilista.

Foje, é preza na Italia e posta n'um hospital. Acalma-se pouco a pouco, mas torna-se triste e forma projectos de suicidio.

Regressando a casa, sobrevem-lhe um delirio erotico, acompanhado de gritos, de danças, julga-se homem, pede suas amantes. Foge de novo do domicilio conjugal, vestida d'homem. Collocada pela segunda vez no hospital, apresenta profunda tristeza e projectos de suicidio. Morre pouco depois de tuberculose pulmonar. Nada d'anormal no cerebro. Ligeira asymetria craneana, orgãos genitaes internos e externos normaes.

Cantarano refere uma outra observação interessante d'uma rapariga de 20 annos. Mãe tuberculosa, irmão alcoolico. Desde a infancia, caracter caprichoso e irascivel. Foge muita vez da casa paterna. Inapta para os trabalhos intellectuaes, nunca poude apprender a ler.

Recolhida n'um asylo de meninas viciosas ligou-se intimamente com uma d'ellas, praticando o saphismo. Vestida d'homem evade-se do asylo, entra na casa paterna, fica ahi um dia, e sem causa, sem motivo, deita fogo á casa e accusa seu irmão. Novo encerramento, nova fuga.

Corta os cabellos e veste-se d'homem. Preza, constata-se então que é virgem. Recolhida a um hospicio de alienados, entretem namoros sentimentaes com enfermas e guardas. Tem consciencia do seu estado e deplora amargamente ter nascido mulher. Nenhum sentimento de familia, de pudôr, de religião. Nunca corou. Memoria fraca. Nenhuma aptidão feminina, veste mal as roupas de mulher.

Vóz feminina, peitos volumosos e firmes, menstruação irregular, clitoris normal coberto pelo prepucio, hymen intacto, craneo pequeno, prognathismo.

II

O illustre psychiatra austriaco Krafft-Ebing demonstrou luminosamente que ha mulheres congenitamente invertidas. Não são loucas nem viciosas, teem intelligencia lucida e sã, sentimentos nobres e puros, mas sentem pelo homem o mesmo horror, a mesma repugnancia invencivel que uma pessoa normal tem pelas relações anti naturaes. Só a mulher a provoca, só esta excita n'ella os desejos genitaes. Se vão a um theatro extasiam-se na contemplação das actrises; se visitam um museu, só estatuas e quadros femininos attrahem-lhes os olhares. E' inutil luctar contra similhante tendencia. A inversão sexual faz parte integrante da sua personalidade psychica. Aos seus olhos, a perversão não constitue uma immoralidade, uma paixão execranda; é immoral só o que é normal, o amor da mulher pelo sexo contrario.

Do mesmo modo que nas mulheres normaes é só

o acto sexual normal que lhes dá prazer, nas anormaes é só a anormalidade d'esse acto que as satisfaz. N'umas como n'outras apoz a satisfação e saciedade vem o allivio, o sentimento de bem estar e o repouso.

O grande professor da universidade de Gratz explica este phenomeno physio-psychico por uma tendencia dos ascendentes transmittida pela hereditariedade e aggravada pela degeneração.

Mas ao lado das loucas e das predispostas congenitáes, ha as viciosas, cujo numero quotidianamente cresce.

III

Etiologicamente falando o lesbianismo é devido:

—Nas prostitutas, ao desgosto das relações com o homem, e ao isolamento moral a que se veem obrigadas.

Tanto nos lupanares aristocraticos, como nos plebeus, esgotados, *blasés*, os frequentadores exigem requintes de devassidão, que rebaixam e degradam a mulher. E' natural portanto que as victimas aborreçam os algozes.

Alem d'isso o homem que paga á mulher o prazer que d'ella recebe, não lhe pode ter affeição tambem, despreza-a e faz-lhe sentir d'um modo humilhante este desprezo; d'aqui o isolamento a que se vê sujeita a prostituta.

Repellida, ávida d'uma affeição sincera, sequiosa d'amor, é naturalmente impellida a procurar em alguma companheira d'infortunio o sentimento que o homem lhe recusa. Esta razão é tanto mais procedente, quando se observa que nos bordeis baixos o tribadismo é mais

raro, porque a meretriz encontra no *souteneur* um amigo, que a explora, é certo, mas que finge respeital-a e amal-a.

—Na sociedade elevada:

Aos internatos, ao receio da gravidez nas viuvas lascivas, ao temôr de prôle numerosa em mulheres casadas, á educação moderna e á litteratura.

Se a vida em commum é perigosa aos rapazes, ainda mais terrivel se torna para as raparigas por causa da sua natureza essencialmente affectiva. Ligações intimas e estreitas, apaixonadas e vivas, se iniciam. São a principio platonicas e innocentes, mas mais tarde, com o despertar dos sentidos, com a curiosidade sexual que a puberdade accende, podem facilmente degenerar em lesbianismo. Basta n'um collegio uma menina pervertida para contagiar o vicio, por mais severa que seja a vigilancia. A infancia é principalmente curiosa e atormentada pelo desejo de ser considerada já experiente e sabida. Todas as creanças, por esse motivo, querem experimentar a sensação nova, que incendeia e abraza, afim de serem logo consideradas mulheres.

O receio de gravidar nas viuvas de temperamento lascivo e o temôr de prôle numerosa em mulheres casadas, que, ou não querem perder em partos successivos os encantos da mocidade e da belleza, ou diminuir pela divisão a fortuna dos filhos, são como já acima referimos, causas da inversão sexual feminina.

Em França tem preocupado a attenção publica o decrescimento constante da natalidade. A lei Javal isentou até do pagamento de toda e qualquer contribuição o casal que tivesse mais de sete filhos. A causa d'essa esterilidade é devida ás diversas fraudes matrimoniaes,

e ao desenvolvimento excessivo do lesbianismo. Para não ter filhos o marido procura fóra do lar uma amante, emquanto a esposa no conchego dos penates sacrifica a Sapho com alguma das suas amigas.

A educação moderna é tambem uma das principaes causas e já a ella nos referimos n'um dos antecedentes capitulos.

Desde o seculo passado que o lesbianismo tem provocado a attenção dos romancistas e poetas como um assumpto digno d'observação e estudo.

Diderot occupou-se d'elle na *Religieuse*, Balsac na *Fille aux yeux d'or*, Ernesto Feydeau na *Contesse de Chalis*, Theophilo Gauthier na *Mademoiselle de Maupin*, Emilio Zola na *Naná*, Paulo Bourget na *Physiologie de l'amour moderne*, A. Belot, na *Mademoiselle Girand, ma femme*, Baudelaire nas *Fleurs du mal*, *Femmes damnées-Delphine et Hippolyte*. C. Mendès descreve-o nos seus explendidos contos, *Jô*, *Zô*, e *Lô*; Verlaine nas suas *Amies*.

A litteratura allemã tambem se occupou da inversão lesbia, pois possue, versando sobre esse assumpto, as seguintes obras: *Amour secret de Fridolin*, por Wildebrand; *Brick and Brack* ou *La lumiere dans l'ombre* pelo conde Emerick Stadion; *Venus im Polz* por Sacher-Masoch, etc.

O illustre romancista russo Dostoïewsky estuda no seu bello livro *Ame d'enfant* o amor ainda casto de duas creanças.

O magnifico escriptor brazileiro Aluizio Azevedo conta em phrases d'uma sonoridade de bronze e d'uma opulencia de marmore, no seu *Cortiço*, livro que hade sobreviver a muitas gerações, a conquista d'uma ra-

pariga, ainda virgem e pura, por uma franceza dissoluta.

Estes livros dispertam na mulher uma curiosidade terrivel. Duas amigas encontram-se, fallam do romance que ambas lêram, experimentam ao vivo a sensação que o escriptor tão ardentemente descreveu, gostam do ensaio, transmittem a descoberta, iniciam outras no segredo.

Ao lado d'obras de mestre escriptas com saboroso criterio e com o fim de moralisar a sociedade, ha os escriptores d'exploração d'escandalo, de narrações eroticas com o unico fim de ganhar alguns vintens; estes, sem pejo, nem pela grammatica, nem pela seriedade da imprensa, fazem mercancia do seu descaro, pintando quadros idealisados da luxuria mais requintada, adubam as suas ideias dos deboches mais baixos e despreziveis. Fundamentando-se na curiosidade innata na mulher, fornecem-lhe aperitivos para a sua desmoralisação que ella compra ás escondidas e lê a horas mortas no conchego de linhos e rendas, ensaiando os actos descriptos e praticando-os depois em detrimento da sua saude. São pois muito bem prohibidos estes livros, e quanto maior rigor se mantiver na sua prohibição melhor.

IV

Tudo quanto, sob o ponto de vista medico, temos escripto ácerca do uranismo, applica-se egualmente ao lesbianismo.

O diagnostico apresenta ainda muito maiores difficuldades, porque as mulheres confessam muito menos

frequentemente as suas culpas, os seus vicios, que o homem, decidem-se raramente a consultar um medico por causa d'uma perversão sexual. Porém, como a inversão se pode dar tanto no homem como na mulher deve o medico estar habilitado a cural-a n'um e n'outro.

O assumpto comprehende-se bem quanto delicado é de tratar em presença d'uma mulher. O medico pode no entanto obter respostas da sua doente conversando com ella a sós, á similhança do que pratica com o uranista. Fará bem quando se tratar d'uma senhora casada, affastando o marido, porque é natural que esta só queira confiar ao medico os seus desvios genitaes, em que o marido seria um mau juiz.

O medico deverá logo desde o principio advertir a mulher de que o unico tratamento possivel é o psychico. Como já vimos a proposito do uranismo, Krafft-Ebing demonstrou que se podia por meio d'uma suggestão bem encaminhada enfraquecer consideravelmente a propensão para o peccado contra natureza.

Mantegazza, pelo seu lado, sustenta que se poderá obter a cura facilmente se o processo citado se praticar pouco tempo depois do casamento. Esta opinião não nos parece bem fundamentada. Theoricamente, a inversão não se pode considerar como incuravel, mas tambem fazer a cura tão facil em determinados casos, é bastante duvidoso.

PROPOSIÇÕES

Anatomia.—A constituição anatomica do individuo é que faz o sexo.

Physiologia.—Genesicamente, os sexos de nome contrario attrahem-se, os do mesmo nome repellem-se.

Anatomia pathologica.—As lesões do cerebelo provocam a atrophia testicular.

Therapeutica.—O emprego dos meios psychicos é o mais efficaz no tratamento das perversões sexuaes.

Pathologia medica.—O abuso do onanismo produz a impotencia.

Pathologia cirurgica.—A gynescomatia predispõe para a homosexualidade.

Pathologia geral.—O *Mojerado* é um ser pathologico.

Hygiene.—Reprovo nos collegios a separação dos sexos.

Medicina operatoria.—A thoracentese por aspiração é um excellente meio curativo dos grandes derrames pleuriticos.

Partos.—Para o emprego seguro do forceps, é indispensavel um bom diagnostico da apresentação.

Vista.
O Presidente,
Dr. Souto.

Pode imprimir-se.
O Director,
Wenceslau de Lima.

ERRATAS

Pag.	linhas	onde se lê	leia-se
8	23	precepções	percepções
31	5	Randohr	Ramdohr
47	1	na	da
48	12	postado	prostrado
55	3	. A	: as
62	10	cuises	cuisses
62	13	ven	vers
62	18	il a	il y a
96	28	perfeito	prefeito
101	18	pholosopho	philosopho
109	27	sedomitas	sodomitas
175	1	é uma	como uma
199	9	é a que	é a
202	14	avulta-o	avulta —
213	10 e 18	prenha	prenhe
235	7	despeptico	dispeptico
243	17	uranismo mutuo	onanismo mutuo
245	10	escretado	excretado
249	32	todos	todas
262	22	e	é
281	24	, pertende	pretende,

ACABOU
DE IMPRIMIR-SE NA
TYPOGRAPHIA GUTENBERG
NO DIA 14 DE DEZEMBRO
DE 1895